

MAIS DE 1 MILHÃO E MEIO DE EXEMPLARES VENDIDOS

ESTELLE MASKAME

AUTORA BESTSELLER INTERNACIONAL DE *JÁ TE DISSE QUE TE AMO?*

Algures no Pôr do Sol



E SE DOIS CORAÇÕES PARTIDOS
FORMASSEM UM SÓ?

 MARCADOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

MAIS DE 1 MILHÃO E MEIO DE EXEMPLARES VENDIDOS

ESTELLE MASKAME

AUTORA BESTSELLER INTERNACIONAL DE *JÁ TE DISSE QUE TE AMO?*

Algures no Pôr do Sol



**E SE DOIS CORAÇÕES PARTIDOS
FORMASSEM UM SÓ?**

 **MARCADOR**

*Algueres no
Pôr do Sol*

ESTELLE MASKAME

*Algures no
Pôr do Sol*

TRADUÇÃO DE ANA SALDANHA

 MARCADOR

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2024

Todos os direitos relativos à chancela Marcador encontram-se reservados para a Editorial Presença, S. A.
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © Estelle Maskame 2024

Edição original publicada por INK ROAD, uma chancela e marca de Black & White Publishing Ltd, uma divisão de Bonnier Books UK Limited, Londres

Os direitos morais da autora estão certificados.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título: *Algures no Pôr do Sol*

Título original: *Somewhere in the Sunset*

Autora: Estelle Maskame

Tradução: Ana Saldanha

Revisão: Florbela Barreto/Editorial Presença

Composição: Fotocompográfica, Lda.

Design da capa © Lisa Horton 2024

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

1.^a edição em papel, Lisboa, agosto, 2024

Para C.

GRACIE

Talvez eu devesse incendiar o apartamento.

Empilhar as roupas dele em cima da mesa de apoio aos sofás, encharcá-las em gasolina e pegar-lhes fogo.

Talvez me ponha a ver este sítio arder. A ver as chamas alastrarem-se ao tapete, galgarem o sofá, treparem pelas cortinas. Suponho que se alastrarão rapidamente e que, em breve, a nossa casa não será mais do que paredes a desmoronarem-se, móveis queimados e pertences transformados em cinzas, tudo coberto por um manto de fumo tóxico. E, se eu não tiver desmaiado até lá e a porta não tiver derretido, talvez até a feche com força enquanto me afasto da vida maravilhosa que tínhamos construído juntos.

Contudo, também estou no quarto andar deste prédio, com vizinhos fantásticos de cada lado, e suponho que não seria justo arriscar as casas e as vidas deles só porque não consigo controlar o meu estado mental.

Acendo a vela com aroma a laranja e baunilha que está em cima do fogão e depois guardo o isqueiro no fundo de uma gaveta, a salvo dos meus pensamentos perigosamente intrusivos. Esta *não* sou eu. A minha mente não se desmancha desta maneira.

Portanto, ele que se lixe.

Que se lixe por me fazer questionar a minha sanidade mental.

Respira fundo, Gracie. Já choraste mil lágrimas por causa dele. Ele não merece nem mais uma.

Puxo o lustro ao lava-louça até ficar cintilante, rego o fabuloso arranjo de lírios

que a minha mãe enviou no princípio da semana, até me ponho em cima de uma cadeira para limpar o pó por cima do frigorífico. Porém, há um limite para o que posso fazer para manter as mãos ocupadas — o apartamento está mais limpo do que nunca, e isso é dizer muito. Inegavelmente, sou uma maníaca compulsiva da limpeza. Se a minha casa estiver desarrumada, o meu cérebro também estará. Talvez seja por essa razão que me convenci de que limpar a casa de banho três vezes por dia poderia ajudar-me a sentir-me melhor.

Bem, não ajuda.

Admito a derrota. Tiro um pacote de batatas fritas do armário e, de seguida, instalo-me no sofá em frente à televisão, que não ligo. Embrulho-me numa manta, ponho o pacote de batatas fritas entre as pernas cruzadas e permito-me sentir o peso intransponível do meu coração partido aninhado no fundo do peito.

É uma agonia, senti-lo. Sempre que me sento e me concentro no vazio dentro de mim e nos ecos de mil recordações, fico sem fôlego. Sinto um aperto nos pulmões, um nó no estômago; é tão tangível, tão real. Dor. É o que é um coração partido: uma dor física insuportável.

Mas não existe nenhum penso rápido para a resolver. Não existem comprimidos para suavizar o golpe.

Tem apenas de se aguentar. Talvez até para sempre.

E não consigo lidar com essa ideia. Esta dor latejante, esta agonia lancinante, esta falta de ar... Não posso sentir-me desta maneira para sempre, porque, a ser assim, vai matar-me.

Escapa-me um gemido dos lábios e dou um soco na almofada ao meu lado. Quem disse que chorar é terapêutico estava a mentir. Chorar dói como tudo. Aquele nó no fundo da garganta, o ardor nos cantos dos olhos, a tensão nos ombros... Tudo isso dói. E é tão implacável.

Devíamos ter um «para sempre». Devíamos *querer* ter um «para sempre».

Há uma semana, nunca teria passado uma noite de sábado sentada no sofá, sozinha, a comer batatas fritas. Estaria dobrada sobre o sofá, com a boca quente dele contra a minha orelha e as suas mãos a puxarem-me o cabelo.

Uma pancada atroadora na porta afasta essa imagem.

— Abre! — A voz da Elena ribomba pelo apartamento. — Estamos aqui para uma intervenção!

Limpo as lágrimas à manta e, com o pacote de batatas fritas na mão, vou à porta. Como as minhas melhores amigas têm tido de lidar com a minha falta consistente de cuidados pessoais durante toda a semana, já não tenho vergonha de abrir a porta e me revelar. O apartamento pode ter o aspeto de um andar-modelo, mas eu pareço uma ocupa desleixada.

— Oh, não — diz a Madison.

Compadecidas, ela e a Elena inclinam as cabeças em sincronia antes de

passarem por mim e entrarem no apartamento. Observo-as com alarme. Estão vestidas para sair. Minivestidos, saltos de doze centímetros e meio, cabelo ripado, pestanas postiças. Estão vestidas para *sair-sair*.

— Pensei que tinha deixado claro que a última coisa que quero fazer hoje à noite é sair — digo enquanto fecho a porta. A minha voz já nem sequer parece a minha. É monótona, baixa, sem a sua vivacidade habitual.

— E achas que isto é melhor? Estar de calças de fato de treino a comer comida de plástico e a chorar? — pergunta a Elena, fechando os lábios brilhantes e desafiando-me a negar que é exatamente o que tenho estado a fazer. — É o teu aniversário!

Olho de relance para os postais de aniversário que fiz um esforço por perfilar na mesa de apoio aos sofás. Ela e a Madison já tinham vindo cá a casa esta manhã para deixar presentes e me dar abraços mais apertados e mais prolongados do que o habitual. Mais carregados de sentidos. É toda a celebração de que preciso. Este não é um aniversário que queira recordar.

A Madison acena com a garrafa de vinho que tem na mão.

— Pensámos no assunto durante o dia todo. Devíamos fazer o que queres ou aquilo de que *precisas*? E do que precisas é de sair deste apartamento para te descontraíres e passares um bom bocado com as tuas amigas. Não vamos deixar-te aqui a chorar pelos cantos numa noite de sábado, aniversário ou não. Onde está o saca-rolhas?

— Meninas. Meninas!

As duas ignoram os meus apelos enquanto procuram copos de vinho e um saca-rolhas na cozinha. Eu sabia que devia ter pegado fogo ao apartamento quando podia. Quando me aproximo, a Elena tira-me o pacote de batatas fritas das mãos e substitui-o por um copo de vinho branco. O meu copo está visivelmente mais cheio do que os delas. É óbvio que acham que preciso mais de álcool do que elas. E têm razão.

Bebo um gole. Mais do que um gole. Um grande gole.

— Estás a ver? Tu precisas disto — diz a Maddie.

— Preciso, mas...

— Um brinde — interrompe a Elena, estendendo o copo. A Maddie imita-a e as duas olham-me fixamente até eu estender também o meu com relutância, nós as três num círculo perfeito. — Um brinde à Gracie, por ser uma pessoa fantástica que não merece que lhe partam o coração. Um brinde à noite das raparigas. A sermos solteiras e independentes. A aceitarmos bebidas de solteiros sensuais, porque *não* namoramos com rapazinhos patéticos. Só queremos *homens*.

— Apoiado, apoiado! — aplaude a Maddie, e batem com os copos com força contra o meu.

Forço uma pequena gargalhada, mas estou a fazê-lo de novo. A concentrar-me

demasiado nas bordas cortantes do meu coração. Respiro fundo. A Elena tem razão — preciso mesmo disto. De uma noite com as minhas amigas, a rir e a beber vinho barato na discoteca enquanto a música ensurdecadora abafa todos os pensamentos dolorosos. No final da noite, estarei a abraçar uma piza barata no banco de trás de um Uber.

— Há cinco dias que não lavo o cabelo — admito.

— Nota-se. Toma um duche. Agora — ordena a Elena. Põe-me a mão no ombro e vira-me na direção da casa de banho. — Vamos procurar um vestido no teu armário. Só tens de... tirar essas calças de fato de treino. — Enruga o nariz na brincadeira e empurra-me para a casa de banho, fechando-me a porta nas costas.

Toco no meu *smartwatch*. São só oito horas. O meu dia de anos ainda não acabou e, se há uma hipótese de salvar o dia, tenho de a aproveitar. A Elena e a Maddie estão a dar o seu melhor para me fazer sentir um nadinha mais humana. Tenho de colaborar, o que requer esforço.

Descarto as calças de fato de treino no chão e, quando estou a abrir a torneira do chuveiro, a canção «22» da Taylor Swift atoa no apartamento. É claro. Que outra canção é que as minhas amigas poriam a tocar no dia em que faço vinte e dois anos?

Ao que parece, *todos* os álbuns da Taylor Swift. «We Are Never Ever Getting Back Together» ressoa a seguir, e tanto a Elena como a Maddie berram a letra a plenos pulmões. Imagino-as agora, a dançar na zona de estar, com os copos erguidos.

Talvez esta noite seja *exatamente* aquilo de que preciso.

WESTON

Detesto o Zeitgeist aos fins de semana.

Merece a reputação de ser o bar duvidoso mais popular da Baixa de São Francisco. É descontraído como tudo e um bocado perigoso, e tem as regras mais bizarras que se possam imaginar. Quem nunca foi agarrado pela gola e arrastado para fora por um segurança alguma vez terá verdadeiramente estado no Zeitgeist? É um rito de passagem, dado que é famoso por expulsar pessoas por tirarem uma fotografia ou se sentarem em cima de uma mesa, mas é exatamente o tipo de confusão de que preciso esta noite.

São quase dez horas e o pátio está cheio. Todas as mesas de piquenique transbordam com clientes já bem bebidos, e também não há muito espaço para ficar de pé. De cabeça baixa, abro caminho por entre a multidão apinhada e esgueiro-me para dentro do bar. O *punk rock* ruge-me nos ouvidos, mas continuo a avançar, passando pelo balcão comprido com uma infinidade de torneiras de cerveja e pelas máquinas de flíperes, e saio para a rua. Há agora uma pequena fila para entrar no bar.

Cambaleante, dobro a esquina e encontro um lugar sossegado. Encosto-me à parede grafitada, deslizo até ao chão e pressiono os joelhos contra o peito. Aqui fora, sozinho, as cervejas que já bebi sobem-me à cabeça. Pestanejo para deixar de ver estrelas e tiro o telemóvel do bolso.

Há uma distinta ausência de notificações no ecrã inicial. Nem uma única mensagem de texto, nem uma chamada perdida ou uma mensagem de voz que seja. Apenas um silêncio retumbante em resposta às minhas súplicas.

Sei que não devia fazê-lo *outra vez*, mas o meu desespero intensifica-se, dominando-me por completo. O número dela está no topo do registo de chamadas, sublinhado a vermelho, e ignoro (ao que parece) ter-lhe ligado dezanove vezes hoje. Volto a ligar.

Nem sequer chega a tocar. Vai diretamente para o correio de voz. Ela bloqueou-me? O telemóvel dela avariou-se? Mas que raio?

Inspiro uma lufada de ar fresco e digo à caixa de correio de voz: «Ei, ouve, estou um bocado bêbedo. Mas eu só... eu só quero mesmo ouvir a tua voz, querida. Por favor, liga-me para falarmos sobre isto. Eu amo-te. *Amo-te. OK?* Estás sequer a ouvir as mensagens ou limitas-te a apagá-las assim que te aparecem no telemóvel? Porque não me importava se apagasses as mensagens de voz que deixei por volta da hora do almoço. Estava a ser um filho da mãe chorão nessa altura. Foi uma crise. Desculpa. É só que te amo mesmo. Posso ser melhor.»

— Pá, estás a assustar-me pra caraças. Estás mesmo *desatinado*.

Afasto o telemóvel da orelha e olho para cima. O Cameron seguiu-me até cá fora e está agora a olhar para mim com as sobrancelhas franzidas. Terá ouvido tudo? Provavelmente. Estou demasiado bêbedo para ter reparado.

Levanto-me do chão e enfio as mãos nos bolsos do casaco, abanando a cabeça com impotência.

— Que é que eu hei de fazer?

— Para começar, tens de parar de a assediar — diz o Cameron, e acende um cigarro enquanto se encosta à parede ao meu lado. Dá uma passa e exala uma nuvem de fumo para o ar da noite. — Para de lhe inundar o telemóvel. Só passou um dia. Ela precisa de tempo antes de *pensar* sequer em reconsiderar a decisão que tomou.

— Mas eu não devia lutar por ela?

— Não assim — diz ele, acenando-me com o cigarro como se eu fosse uma triste amostra de homem. O Cameron é o meu melhor amigo, o que significa que me diz sempre as coisas como elas são. Sem tretas. — E não estou a recomendar-te que sigas o conselho de descarrilares que o Adam te deu, porque isso também não vai ajudar, mas tens de relaxar um pouco, pá. As coisas acontecem por uma razão, Weston.

Não dizemos muito mais enquanto ele fuma o resto do cigarro. Fito o passeio, toda a pastilha elástica incrustada no cimento, e não consigo imaginar que *alguma vez* consiga esquecê-la. Ela faz parte da minha vida há quatro anos, e tomei como certo que sempre faria. Ela também o sabe. Foi por isso que me deixou.

Voltamos a atravessar o Zeitgeist para ir ter com o Adam e o Brooks à mesa no pátio, onde nos espera uma nova rodada de *shots* de tequila. O Adam já está com os copos, mas também é sobre-humano, porque consegue beber até cair todos os fins de semana e não ter sequer uma dor de cabeça na manhã seguinte. Tem o

corpo de um tipo de dezasseis anos. Para mim, uma cerveja a mais resulta numa sensação de grande fragilidade no dia seguinte.

— Foste telefonar-lhe às escondidas, *outra vez*? — pergunta o Adam com um revirar de olhos. Empurra um dos *shots* de tequila sobre a mesa de piquenique na minha direção.

— Não, ele só precisava de ficar sozinho por um segundo — responde o Cameron, e trocamos um olhar.

Fico sempre grato por ele me apoiar. Não que o Adam e o Brooks não o façam, mas o Cameron é sempre o amigo a quem recorro quando tenho alguma preocupação. Aquele com quem posso falar sem medo de ser julgado.

Emborco o *shot* de tequila sem hesitar. Se ficar perdido de bêbedo como o Adam, talvez a esqueça. Os outros seguem-me o exemplo, e depois batem com os copos de *shot* na mesa.

O Brooks engasga-se sem querer.

— É oficial. Já não posso beber como antes.

— Basta-me que estejas aqui — digo, apertando-lhe o ombro.

O Brooks é agora o único de nós os três numa relação séria, e só se junta a nós para beber umas cervejas em ocasiões especiais. É difícil marcar encontro com ele, porque a namorada está primeiro. A minha não estava.

— Ei, tu precisas de nós para te dar apoio moral esta noite. Eu tinha de estar aqui. Mas tu... — O Brooks mostra o dedo médio espetado ao Adam, que está sentado do outro lado do banco. — Para de mandar vir a porra dos *shots*.

O Adam sorri daquela sua maneira habitual, excessivamente autoconfiante.

— Oh, pequerrucho, isto ainda é só o princípio! A noite ainda é uma criança. O Temple está a chamar pelos nossos nomes! — Vira-se para o grupo de raparigas universitárias que partilham a outra metade da nossa mesa de piquenique. — Para onde é que vão a seguir? Querem vir connosco ao Temple? O nosso amigo ali — aponta para mim — tem o coração partido porque a namorada acabou de o deixar.

— Ele é tão insensível às vezes — murmura o Cameron, e o Brooks acena com a cabeça em concordância.

As raparigas soltam um coro de «oh» e fazem-me beicinho, a indicar que sentem pena de mim.

— Lamento muito isso da tua namorada — diz uma delas, e respondo com um sorriso de lábios fechados antes de beber o resto da cerveja que tinha deixado. Está morna e é repugnante.

— Então, onde é que estudam? — pergunta o Adam ao grupo das raparigas, levantando-se do banco para ir até à outra ponta da mesa.

Contenho uma gargalhada; como são previsíveis as manobras dele. Só quer aproximar-se da baixinha de cabelo castanho que está sentada na ponta da mesa.

E é então que ele faz aquilo — senta o rabo no canto da mesa. Um pecado no

Zeitgeist.

— Ah, porra — diz o Brooks, tapando o rosto com a mão.

Daí a um nanossegundo, o segurança está a agarrar o Adam para o retirar do pátio. O Cameron, o Brooks e eu terminamos calmamente as nossas cervejas, pegamos nas nossas coisas da mesa e seguimos o Adam para a rua. É sempre desta maneira que saímos do Zeitgeist — na sequência do comportamento descuidado do Adam, e, como sempre, nem um pedido de desculpas sai da boca dele. Limpa as mãos às calças de ganga e aponta para o fundo da rua, resmungando qualquer coisa sobre a discoteca para onde nos dirigimos ter, de qualquer forma, um público mais interessante.

Fico um pouco para trás, mas o Cameron espera por mim e acerta o passo pelo meu.

— Cabeça erguida, Weston. Ainda nos tens a nós, embora o valor do Adam seja questionável. — Ri-se e acotovela-me nas costelas. — Esquece-a e tenta divertir-te esta noite, para teu próprio bem. Vais sentir-te muito melhor se conseguires passar o resto da noite sem pensar nela.

Inclino a cabeça para trás, a olhar para o céu escuro. O Cameron tem razão, tem muitas vezes razão. Já estou fora, e posso continuar a sentir-me triste como tudo ou posso empurrá-la para o fundo da mente e começar a aceitar esta nova vida sem ela. Mesmo que tenha de fingir no princípio.

Olho para o Cameron pelo canto do olho e forço um sorriso.

— As miúdas no Temple *são* mais giras.

Ele dá-me uma palmada nas costas e diz:

— Assim é que é!

Consigo sobreviver sem a Charlotte.

Tenho de conseguir.

Vou conseguir.

GRACIE

Está uma noite fresca e ventosa em São Francisco e, quando saio do Uber, cerro os dentes e cruzo os braços no peito. Como nunca quero ceder e trazer um casaco, tenho de suportar a frialdade no ar para evitar o incómodo de ir ao bengaleiro deixá-lo.

É assim que se sabe quem é da cidade e quem está de visita. Nós, os de cá? Temos frio, mas não nos queixamos. As pessoas que estão de visita? Ficam na fila para a discoteca, a bater os dentes, baralhadas. Pensaram: *Califórnia? Em julho? Vão estar trinta e dois graus!* E, portanto, saem do avião de calções e chapéus de sol e correm imediatamente para a primeira loja que encontram para investir em calças de ganga e *sweatshirts*. Podem culpar o ar marítimo da Bay Area. É por isso que temos tanto nevoeiro.

Ajusto nervosamente a bainha do vestido. Empenho-me um nadinha excessivamente no dia das pernas no ginásio, mas compensa — *gosto* das minhas pernas, apesar de serem sete centímetros e meio mais curtas do que gostaria que fossem. O vestido que a Elena e a Maddie escolheram para mim é, obviamente, o mais sensual que tenho. Justo, com alças finas e um recorte mesmo abaixo dos seios, a revelar um pouco de pele. Todo preto, porque há alguma coisa mais *sexy* do que um minivestido preto para aumentar a confiança quando a autoestima está em baixo? Já me doem os pés com os sapatos de salto alto, mas também me fazem ter um metro e setenta em vez de um metro e cinquenta e sete, portanto, as bolhas são um preço justo a pagar.

— Aonde é que vais? — pergunta a Elena, agarrando-me o cotovelo.

Aponto para o fundo da rua, para lá da fila de entrada geral que serpenteia pelo passeio e dá a volta à esquina. O Cheat Codes é o DJ convidado desta noite. Provavelmente, nem vamos conseguir entrar.

— A fila começa ali atrás.

— Ficar na fila? No dia dos teus anos? — resmunga a Elena, bufando, e a Maddie sorri como se estivessem a balançar um segredo por cima da minha cabeça. — Por aqui!

Rodeiam-me, dão-me um braço de cada lado e passamos pela fila de admissão geral e pela fila de quem tem bilhete, na direção da entrada para o serviço à mesa. Dirigimo-nos diretamente ao rececionista dos clientes VIP.

— Olá, minhas senhoras! Temos uma mesa esta noite?

— Temos! Está em nome de Elena Morales. O resto do nosso grupo já deve estar lá dentro.

Semicerrando os olhos com desconfiança, fito a Elena, que faz um esforço consciente para me ignorar completamente enquanto o rececionista verifica a reserva no *tablet*, portanto, viro-me para a Maddie, que não consegue apagar o sorriso estonteado do rosto.

— Que raio fizeram vocês?

— Precisas de que este seja o melhor aniversário de *sempre*. Só queremos que tenhas uma noite inesquecível.

Aperta os nossos braços com mais força e depois solta-se para procurar o documento de identificação na mala. Eu imito-a, e apresento o meu. Quanto mais velha fico, mais embaraçoso é que ainda não tenha carta de condução.

— Feliz aniversário! — diz o rececionista quando nos devolve os documentos de identificação, e solta o cordão vermelho que bloqueia a porta. — Acompanhem-me, minhas senhoras.

O meu estômago dá cambalhotas com a apreensão. O serviço à mesa no Temple é ridiculamente caro. Tipo, mil dólares, *no mínimo*. Sei que é o meu aniversário, sei que o amor da minha vida acabou de me deixar, sei que estou a ter um colapso existencial, mas não posso crer que as minhas amigas tenham gastado tanto dinheiro comigo. Graças a Deus que me recompus o suficiente para vir, para que esta surpresa não fosse desperdiçada.

Dentro, a discoteca estremece com o baixo pesado da música e o brilho do néon de mil lâmpadas LED a chispar imprevisivelmente ao seu ritmo. O Temple é a nossa discoteca favorita na cidade, e nós as três já passámos inúmeras noites de sábado apinhadas nesta pista de dança desde que fizemos vinte e um anos, no ano passado, mas nunca tínhamos experimentado o luxo de um pacote VIP. O rececionista acompanha-nos ao longo da orla da pista de dança lotada, e dá uma sensação fantástica não ser, por uma vez, uma das pobres almas enterradas entre estranhos suados. Depois, chegamos à cabina privada onde cinco das nossas amigas

comuns gritam:

— SURPRESA!

— Desfrutem da vossa noite! A vossa empregada de mesa já cá vem — diz o rececionista, mas vejo o divertimento nos seus olhos quando se afasta.

Estou paralisada com o choque, com os ombros muito encolhidos. Ver todas as minhas amigas aqui, a música ensurdecedora, as luzes brilhantes... É demasiado intenso, depois de me ter sentido como a única pessoa no mundo durante toda a semana.

— Eu bem vos disse que a trazíamos aqui! — exclama a Elena, e puxa-me para dentro da cabina, onde sou imediatamente envolvida em abraços e beijos. Os parabéns misturam-se com as condolências.

Recomponho-me minimamente, tento ignorar as expressões de pena e focar-me em que *é* o meu aniversário, nas minhas amigas que estão todas aqui e que esbanjaram uma quantidade ridícula de dinheiro para tornar esta noite especial para mim. Sinto-me tão sortuda por ter pessoas à minha volta que se esforçam tanto para trazer alguma alegria à tragédia que é atualmente a minha vida.

— Detesto-vos a *todas*! — digo na brincadeira, rindo-me ao mesmo tempo que tapo o rosto com as mãos para esconder que estou a corar.

Tiramos algumas fotografias das oito juntas enquanto estamos todas mais ou menos sóbrias e antes que alguém inevitavelmente entorne a bebida e estrague a indumentária, e, de seguida, instalo-me no conforto da nossa cabina. Todo este espaço, só para nós. Sem estranhos a respirarem por cima do meu ombro. Sem ter de inalar o odor corporal de ninguém. Porque nunca fizemos isto?

A Camila aproxima-se e inclina-se para que eu a possa ouvir mesmo com a música alta.

— Lamento muito aquilo do Luca.

Fico tensa ao ouvir o nome dele. Costumava dar uma sensação tão calorosa, reconfortante e segura; costumava dar a sensação de ser o meu lar. Agora, a sensação é a de facas acabadas de afiar.

— Não consigo acreditar que alguém possa simplesmente mudar de ideias assim depois de tanto tempo. Seria de esperar que ele tivesse percebido mais cedo — continua ela, mas, enquanto as suas palavras ecoam tudo o que já pensei mil vezes, olho para a Georgia do outro lado da cabina.

O anel de noivado dela cintila sob as luzes. Só conheceu o David há dois anos e já estão a planear o casamento para o outono. Sete *anos*, e, em vez de um noivado, tudo o que consegui foi o raio de um coração partido. Ele deu-me sequer os parabéns hoje? Oh, meu Deus. Não. O Luca importar-se-á *minimamente* comigo?

— Não vou pensar nele esta noite — digo à Camila, interrompendo-a delicadamente.

Não quero discutir o meu relacionamento em ruínas no meio desta discoteca.

Quero embebedar-me. Quero ficar de tal maneira bêbeda que consiga enviar uma mensagem ao Luca às quatro da manhã a dizer-lhe umas verdades. Foi por essa razão que cedi e saí. Para lhe espetar um gigantesco dedo do meio metaforicamente, para provar que posso sobreviver perfeitamente bem sem ele.

Contudo, também acho mesmo, mesmo que não consigo.

Oh, meu Deus, sinto outra vez uma dor no peito.

A Elena senta-se do meu outro lado e aponta para a pista de dança cheia.

— Se alguém te chamar a atenção, vou lá e convido-o a vir para aqui. E, com sorte, ele tem uns amigos giros, um dos quais pode levar-me para casa hoje à noite se jogar as cartas certas. — Meneia os ombros, e os seus caracóis castanhos saltitam.

Ao contrário da Maddie, que sai com uma data de rapazes, mas nunca encontra a ligação certa, a Elena sente-se perfeitamente satisfeita com ser solteira. É uma *escolha* sua.

E, talvez porque estive numa relação desde os quinze anos, não consigo imaginar-me a escolher estar sozinha. Nunca estive sozinha. Sempre fui parte de um «pacote». Nunca foi só *a Gracie*, foi sempre *a Gracie e o Luca*. Penso que nem sequer sei como me orientar na vida como uma entidade que existe por si só.

Começo a sentir dificuldade em respirar. Estou a ter outra crise. Sinto-me tão sem pé, a tentar manter-me à tona, quando nunca me ensinaram a nadar. Vou afogar-me. Vou literalmente afogar-me sem o Luca a segurar-me.

— Ela parece aterrada — ouço a Camila dizer.

— Estava só a brincar! Bem, um bocadinho — diz a Elena com um piscar de olhos. — Eu sei, eu sei, conhecer alguém é a última coisa que te passa pela cabeça agora, blá-blá-blá, mas essa opção mantém-se se por acaso sentires que queres. Olha como eles nos querem tanto.

Acena com a cabeça para os homens que pairam desesperadamente à volta da nossa cabina, dando goles nas suas bebidas enquanto nos lançam olhares cobiçosos, a implorarem que uma de nós lhes dê alguma atenção. Mal eles sabem que o *flirt* é o desporto preferido da Elena. Ela sopra um beijo para um dos tipos, e ele encosta-se ao lado da cabina e, sedutoramente, faz-lhe um sinal para que ela se aproxime.

— Uma vodca grátis espera por mim — diz ela, e sai para falar com ele.

Observo a discoteca desta nova posição elevada. Parece tão diferente quando se pode ver algo mais do que a parte de trás da cabeça de alguém. O DJ desta noite é mesmo o Cheat Codes, e o trio balança-se dentro da cabina do DJ, à frente, ao mesmo tempo que a multidão avança para se aproximar da ação. Na parte de trás da discoteca, a fila para o bar é enorme. Está mesmo a bombar aqui esta noite.

Passo os olhos pela multidão, selecionando indivíduos em quem me focar, todos homens. Mesmo pelo mais *sexy*, mais atraente, mais parecido com um deus grego que consigo encontrar, não sinto nada. Haverá algo errado em mim? Porque

é que nem sequer consigo *apreciar* um homem atraente? Estou quase preocupada com o meu desinteresse, mas de que outra forma deveria sentir-me? Nunca olhei uma única vez para outro homem. Foi sempre o Luca. Durante sete anos, desde que tínhamos os dois quinze anos e éramos estudantes no liceu, ele é a única pessoa para quem eu alguma vez tive olhos. Foi todos os meus primeiros, e ia ser todos os meus últimos. Íamos ficar juntos para sempre. Era para ser *sempre* ele.

Mas e se ainda for esse o caso? E se, apesar de ele se ter afastado, o meu coração o escolher sempre? Pensava que o meu futuro estava gravado na pedra, portanto, vai ser preciso muito tempo para desfazer tudo o que pensava que sabia para reconstruir uma vida nova sem ele.

Fogo. Estou quilhada. E não como a Elena quer que eu esteja.

WESTON

Não posso acreditar que ficámos na fila durante quarenta minutos, pagámos cinquenta dólares de entrada e agora não conseguimos chegar nem perto do raio do balcão do bar para pedir uma cerveja. Normalmente, adoro ir a discotecas ao fim de semana, mas quando há um DJ famoso e o espaço está perigosamente cheio de parede a parede como hoje? Sim, esquece. Este sítio está claramente lotado, e tomo uma nota mental da localização de todas as saídas de emergência. Isto não está nada agradável. Estão uns trinta e oito graus aqui, o Brooks está sempre a pisar-me e não consigo ouvir nada. Pelos meus manos, tento convencer-me de que isto é muito divertido.

— Devíamos ter ido ao DNA — berra-me o Cameron ao ouvido, e aceno em concordância, derrotado. Devíamos ter ido, mas não fomos. E agora estamos aqui apertados como sardinhas, sem avançar na direção do balcão.

O Adam tenta abrir caminho, mas é justamente posto no seu lugar por um tipo com o dobro do tamanho dele. Resmunga de frustração — não bebe há uma hora e fica impaciente quando sente que o efeito do álcool se está a desvanecer.

— Plano B — diz ele.

Considerando que este é o único bar neste andar, o Brooks parece cético.

— Qual é exatamente o teu plano B, Adam?

O Adam estica-se para apontar por cima das cabeças dos que estão à nossa volta. Seguimos a direção do seu dedo, até às cabinas VIP na extremidade da pista de dança. Algumas estão ocupadas por grupos de tipos com camisas caras e relógios de marca, mas a maioria está cheia de mulheres. E, provavelmente, todas parecem supermodelos, porque são *sempre* as raparigas lindas que têm serviço à

mesa, mas todas as caras das raparigas nesta discoteca são um borrão para mim. Não reparo no pormenor dos olhos, na forma do nariz, na cor pintada nos seus lábios. Todos os rostos são comuns. Não vejo supermodelos, só vejo pessoas que *não são* a Charlotte.

— Encontramos algumas raparigas que nos convidem para a cabina delas e usamos o serviço à mesa — explica o Adam. — Ficamos com miúdas *e* com bebida. É só faturar... Brooks, não digas que és casado. Cameron, mostra os bíceps. Weston, faz parecer que tens algemas lá em casa. Algumas raparigas gostam disso.

Inclino a cabeça para o lado.

— E tu?

— Vou usar o meu charme, obviamente.

O Cameron revira os olhos.

— Que charme?

— Achas que é com este meu nariz que engato as miúdas todas? É o meu charme cativante que faz todo o trabalho.

Pestaneja com um ar romântico, a olhar para nós os três à vez, e rio-me. Tenho de admitir que é mesmo hilariante. Não corta o cabelo há meses, tem o nariz torto desde que o partiu numa briga no liceu, e está com uns dez quilos abaixo do peso. Contudo, a confiança dele é estratosférica, e isso faz toda a diferença. De nós todos, é o que tem mais sucesso.

— Como queiras. Estou farto de ficar aqui parado. Vamos experimentar a tua tática — diz o Brooks, esfregando o pescoço ansiosamente.

Não sei se a ideia de ele passar a noite na companhia de outras mulheres vai agradar à namorada.

À Charlotte, nunca agradou.

Passei mais tempo a ser o parceiro do Adam para o engate do que a tratá-la como devia. Devia ter sido melhor, tê-la posto em primeiro lugar antes de mim próprio e amá-la mais do que ela alguma vez pensou ser possível. Há algumas semanas, foi preterida numa promoção no trabalho. Estava perturbada nessa noite, e eu *sabia* que ela estava perturbada, mas, mesmo assim, saí, porque o Adam não tinha mais ninguém com quem ir aos bares. Agora, recrimino-me por isso. A Charlotte precisava de ser consolada e tranquilizada, e eu era a pessoa indicada para o fazer. Nunca estive lá para ela de todas as formas que ela sempre esteve.

As palavras dela ressoam-me na cabeça: *Eu sei que me amas, Weston, mas não me fazes sentir amada.*

Sinto a garganta seca, se por desidratação ou por culpa, não sei, mas sei que me apetecia mesmo outra cerveja neste momento.

O Adam abre caminho pela pista de dança, porque é o único que não tem escrúpulos quando se trata de empurrar as pessoas para fora do seu caminho. Eu, o

Cameron e o Brooks enfiamo-nos por entre as pessoas atrás dele, sem que os nossos pedidos de desculpa quando chocamos com inúmeros estranhos sejam ouvidos por causa da música a bombar.

Um grupo de empregadas de mesa aproxima-se de uma das cabinas VIP mais perto do palco, algumas com grandes cartazes a dizer «Feliz Aniversário», outras a acenar com estrelinhas e uma com um balde de gelo ao ombro dentro do qual traz uma enorme garrafa de vodka *Cîroc*. As raparigas que estão na cabina dão vivas e dançam, os *flashes* dos telemóveis brilham como uma dúzia de holofotes enquanto fazem vídeos. Deve ser bom, não estar preso nesta pista de dança suada, sem poder sequer arranjar uma bebida no bar.

O Adam para abruptamente.

— Ela — diz. — Olha para *ela*. Cum caraças.

Não tem de a identificar. Quando as empregadas de mesa se retiram, uma baixinha morena dentro da cabina abraça a garrafa de *Cîroc* ao peito e posa para uma fotografia, com a língua de fora. Sinto que o Adam se contorce com a expectativa.

— Deixa-me falar com elas primeiro — diz o Cameron, acotovelando o Adam para o afastar. — Vais assustá-las se fores para ali babar-te dessa maneira. Weston, apoia-me.

Meu Deus, quem me dera ter uma bebida na mão. O que hei de fazer com as mãos e porque é que estou tão consciente de todos os meus movimentos? Sigo o Cameron até à barreira que rodeia a cabina, mas já há outros tipos a pairar por ali, provavelmente com as mesmas intenções que nós. Isto é tão estúpido. Pergunto-me quanto tempo mais terei de ficar aqui até poder sair sem que se note. Se a discoteca não estivesse tão cheia esta noite, talvez pudesse ter-me divertido.

Há umas oito raparigas na cabina. Dou-lhes uma vista de olhos e reconheço que são todas atraentes, mas não há como lutar contra o meu desinteresse. Ninguém se pode comparar com a Charlotte, e sinto um aperto no peito quando me dou conta, mais uma vez, de que talvez nunca mais volte a beijar aqueles seus lábios.

Levo a mão automaticamente ao telemóvel, mas o Cameron dá-me um encontrão forte antes que eu possa seguir o impulso.

— Weston, ouviste o que ela disse? Chama-se Elena — diz o Cameron, fitando-me com um olhar severo por estar a ser tão claramente grosseiro e distante. Quando é que ele conseguiu chamar a atenção dela? É a moreninha em que o Adam está de olho. — Desculpa o meu amigo. Ele tem umas cenas a preocupá-lo neste momento.

— Desculpa. Olá — digo. E, como não consigo pensar numa única coisa para dizer àquela vaga rapariga que está inclinada sobre a barreira na nossa direção, entro em modo de parceiro para o engate. — Estás a ver aquele tipo ali? De nariz

partido, cabelo encaracolado? És mesmo o tipo dele. Posso garantir que as piadas dele compensam a camisa horrorosa que traz vestida.

A Elena ri-se, mas o som do riso de qualquer rapariga que não seja a Charlotte faz-me sentir um pouco doente.

— Porque não convidas o teu amigo de nariz partido, cabelo encaracolado e camisa horrorosa para vir até cá?

Viro-me e faço sinal ao Adam e ao Brooks para se juntarem a nós, e eles vêm logo sem qualquer hesitação. Nós os quatro ficamos do outro lado da barreira à mercê das decisões bêbedas desta rapariga. Será que nos vai deixar juntar a elas ou pôr-nos a milhas por tentarmos pateticamente entrar na cabina delas?

— Os teus amigos dizem-me que sabes piadas boas — diz ela ao Adam, cruzando os braços contra a barreira e sorrindo para nós os quatro.

O Adam encosta-se à barreira e semicerra os olhos, numa atitude de desafio.

— Deixa-nos juntarmo-nos ao grupo e talvez ouças algumas.

E, claramente, há qualquer coisa num tipo convencido que deve ser do agrado da Elena, porque é quanto basta para a convencer a convidar-nos para a cabina. As outras raparigas trocam olhares confusos quando nos instalamos ao lado de todas elas, mas rapidamente se entusiasmam com a ideia de ter alguma companhia masculina. Oferecem-nos alguma da vodca e dos sumos, mas já temos o privilégio de ocupar o seu espaço VIP e não vamos gastar-lhes a bebida também. É apenas o serviço de bar rápido que queremos. Chamamos uma empregada de mesa e pedimos um balde de cervejas.

— Isto não é nada bom — murmura o Brooks, puxando a gola da camisa, a sentir a pressão de estar tão perto de oito mulheres bonitas. Senta-se entre mim e o Cameron, de modo que só corre o risco de roçar a mão nas *nossas* coxas, e fixa os olhos no palco, recusando-se a estabelecer contacto visual com qualquer uma das raparigas. Está, de facto, totalmente empenhado na relação com a namorada. A culpa apunhala-me ainda mais fundo.

Enquanto o Adam e a Elena pairam em volta da mesa de bebidas e conversam, uma rapariga de cabelo ruivo senta-se ao lado do Cameron e pergunta-lhe se estamos de visita de fora da cidade. Ela parece um nadinha excessivamente feliz quando ele lhe diz que somos de São Francisco (elas também são), e ele parece ainda mais feliz por estar a ter aquela conversa. As raparigas sentem-se sempre atraídas por ele — é todo músculos. Quando descobrem que é *personal trainer* num ginásio no centro da cidade, oh pá. Caem sempre redondas.

A empregada de mesa chega com o balde de cervejas e pousa-o na mesa. Levanto-me para ir buscar uma garrafa e, quando estou a abrir a tampa, ouço o final da conversa do Adam com a Elena.

— Oh, ele é polícia. Tem algemas. Alguma das tuas amigas gosta desse tipo de coisa? Ele precisa de arranjar outra para esquecer a ex-namorada. De

preferência, imediatamente. Não costuma ser assim tão aborrecido.

Estendo a mão que tenho livre para o peito dele e agarro-lhe um punhado da camisa.

— Pá. Para com isso.

— Oh, isto é *perfeito*! — guincha a Elena. Afasta-se aos tropeções nos seus saltos altos, deixando o Adam a olhar para mim com total despreocupação. Ele é tão casual às vezes.

Arranca-me a mão da camisa.

— Que foi?

— Eu não *quero* arranjar outra. Se não passasse metade do meu tempo nos copos contigo, talvez a Charlotte não se tivesse ido embora. Por isso, que tal calares o raio da boca?

O Adam semicerra os olhos escuros para espelhar o meu olhar fulminante e, por uma fração de segundo, penso partir a minha garrafa de cerveja contra o seu crânio. No entanto, se há uma coisa que a minha formação na polícia me ensinou, foi a ter paciência e a manter a calma em situações de alta pressão. Relaxo os ombros e recuo um passo, mas continuamos a fitar-nos. Paira uma ameaça entre nós.

A Elena reaparece, a empurrar a amiga à sua frente. O Adam continua a jogar ao sério comigo, e eu com ele.

— Gracie, quero apresentar-te... — diz a Elena, mas para de falar quando se apercebe de que não sabe o meu nome.

— O Weston — acaba o Adam por ela. O canto da boca dele contrai-se com um sorriso cruel, e continua a olhar-me nos olhos enquanto acrescenta: — Mas não tenhas muitas esperanças, querida. Ele não sabe como tratar bem uma rapariga. Pergunta à ex-namorada.

Que se lixe a minha paciência.

O meu punho acerta no maxilar do Adam antes mesmo de ele pronunciar a última palavra. A Elena e a amiga gritam quando o Adam recua e esbarra contra elas, atirando uma ao chão. Sob as luzes intermitentes, tudo é um borrão. O Adam arremessa-se para mim e, aos socos e a agarrarmo-nos um ao outro, aterramos na mesa no meio da cabina. Vidros estilhaçam-se à nossa volta, líquidos encharcam-nos a roupa. Todas as raparigas estão a gritar agora. O Brooks agarra o Adam, o Cameron agarra-me a mim. Separam-nos, mas a nossa adrenalina está a bombar e estamos descontrolados, desesperados por encaixar mais um soco. Os impulsos do Adam podem estar a ser alimentados pela bebida, mas eu estou cheio de dor psicológica e de raiva.

— Weston. *Weston*! — sibila-me o Cameron ao ouvido, com os seus braços enormes à volta dos meus ombros, a manter-me manietado. O meu peito sobe e desce com cada respiração pesada que faço. — Não podes comportar-te assim.

O Brooks fez o Adam recuar para o lado oposto da cabina, e a distância é suficiente para me sacudir da minha raiva repentina. Há estilhaços por todo o lado. A rapariga que caiu ao chão é ajudada a levantar-se ao mesmo tempo que outra rapariga desatina, furiosa com o sumo de arando derramado no seu vestido branco. A Elena grita obscenidades na cara do Adam.

Os seguranças da discoteca invadem a cabina numa questão de segundos. Um segurança torce-me o cotovelo com tal ferocidade que, se *eu* fizesse isso a um arruaceiro, seria acusado de brutalidade policial. Arrasta-me para fora da cabina.

— Todos para a rua! JÁ! — ouço um dos outros seguranças ordenar, e ele começa a encaminhar as raparigas para fora da cabina também, contra o que, claro, elas protestam.

— Esta é a nossa cabina!

— Eles nem sequer estão connosco!

— Nós nem os conhecemos!

O segurança riposta:

— TODOS!

É humilhante ser fisicamente arrastado por esta discoteca diante das multidões que *não* perderam o autocontrolo. O Adam não está muito atrás de mim. Somos conduzidos até uma das saídas de emergência em que eu já tinha reparado e atirados para um beco nas traseiras da discoteca. O Cameron, o Brooks e o grupo de raparigas em estado de choque seguem-nos voluntariamente.

— Tu e tu — diz um dos seguranças, apontando para mim e para o Adam. — Não voltem a mostrar as vossas caras por aqui. Estão banidos.

A porta fecha-se com força, e o eco percorre o beco até se desvanecer no ar frio da noite. Ninguém diz uma palavra, todos ali imóveis, a processar o que se passou. O Cameron acende um cigarro e encosta-se à parede, perplexo, e eu atrevo-me a trocar um olhar com o Adam.

Tem a camisa encharcada e ostenta uma ligeira vermelhidão no maxilar. A expressão dos olhos dele deixa bem claro que passaria a um segundo *round*, portanto, cerro os dentes e viro as costas ao grupo para me afastar. Devia saber que não era boa ideia meter-me numa luta, e agora tenho mais uma coisa para me recriminar. Porque não consigo controlar-me?

— Seu grande *idiota*! — grita uma das raparigas nas minhas costas. Não está errada.

Ouçó uns saltos a martelar o cimento do passeio, alguém a correr para me alcançar. É a Elena. Ultrapassa-me e põe-se à minha frente, com a mão levantada para me deter. Tem batom no queixo, e o seu olhar bêbedo esforça-se por se focar em mim.

— Fazes alguma ideia de quanto custou aquela cabina? Arruinaste a nossa noite toda!

— Dá os teus dados aos meus amigos. Eu pago a conta. Está bem?

— Não! Tu arruinaste a nossa noite!

— Não foi a única coisa que arruinei — murmuro, e depois contorno-a e estugo o passo.

Irrompem mais discussões no beco atrás de mim, com a voz do Adam misturada com o que parece ser a voz de todas as raparigas ao mesmo tempo. Eu não sou um total e absoluto filho da mãe. Sinto-me mal por ter feito com que estas raparigas fossem expulsas da sua própria cabina, especialmente quando é o *aniversário* de alguém, mas o Adam não resistiu a provocar-me além dos limites.

Quando chego à rua, pego no telemóvel, cheio de esperança de que talvez a Charlotte tenha tentado ligar-me antes de ir dormir esta noite. Porém, é quase uma da manhã e não há chamadas perdidas nem novas mensagens. Sinto um nó no estômago e passo para a aplicação do Uber.

Vou para casa. Vou para a cama, ficar a olhar para o teto durante a noite toda, e depois trato desta ressaca de manhã.

GRACIE

Isto é perfeito. Estava a rezar para que a discoteca fosse evacuada devido a um acionamento acidental do alarme de incêndio. Que diabo, até uma emergência *real* teria sido bem recebida por mim. Só consigo ignorar até um certo ponto a dor no fundo do estômago e estava a perder a capacidade de manter o sorriso no rosto. Queria que a noite acabasse e, graças a um par de idiotas desconhecidos, tive a saída assegurada.

A Elena, por outro lado, está a espetar um dedo com uma manicura perfeita no peito do tipo com quem tinha estado a namoriscar, fazendo-o saber que agora acha que ele é um parvalhão. A Maddie tira um pedaço de vidro do cabelo, com a sua personalidade sensível a significar que está à beira das lágrimas, e o resto do grupo está acororado à volta da Camila e do seu vestido branco, a esfregar impiedosamente o tecido manchado com punhados de guardanapos. As tentativas de salvarem o vestido são inúteis. É sumo de arando! Que esperança têm elas?

Enfio a mala debaixo do braço e dou dois passos para o lado. Como ninguém repara, dou mais alguns. Olho para a rua. O tipo que deu o primeiro murro, aquele a quem a Elena me estava a forçar a dizer olá, acabou de desaparecer ao dobrar da esquina. Teve a ideia certa. Também quero sair daqui.

Discretamente, tiro os sapatos e estremeço quando os pés descalços tocam no cimento frio e nojento do passeio. Se as minhas amigas ouvirem o martelar dos meus tacões a correr para a liberdade, não duvido por um segundo de que me perseguirão. Já passa da meia-noite. A noite ainda é uma criança e há outras discotecas para onde me podem arrastar.

Baixo a cabeça, seguro os sapatos contra o peito e dou à sola. Na rua principal, aquele tipo ainda lá está. Anda de um lado para o outro, diretamente sob a luz de um candeeiro, com o rosto iluminado, e lança olhares entre o ecrã do telemóvel e a estrada.

Aproximo-me dele e só nesse momento, no ar fresco da noite, todas aquelas vodcas com sumo de arando fazem efeito. Os meus passos não são lá muito firmes.

— Estás à espera de um Uber?

— Estou.

— Posso partilhá-lo contigo?

O tipo levanta os olhos do telemóvel, e a expressão dele quando olha para mim é mais vazia do que confusa.

— Queres meter-te num Uber comigo depois de eu ter estragado a festa de aniversário de uma das tuas amigas?

— Quero.

Ele não diz se concorda ou não. Encosto-me à parede e cruzo os braços no peito, sentindo o frio mais do que nunca. Daí a um minuto, o Uber para à nossa frente e o silêncio é quebrado quando o tipo se vira para mim e diz:

— Está bem.

Entramos os dois para o banco de trás, e estou demasiado toldada para me importar com não só estar a entrar num carro com um estranho, mas também com o estranho que acabou de fazer com que eu e as minhas amigas fôssemos expulsas da discoteca. Claramente, ele ferve em pouca água, mas preciso de uma boleia para casa e ele pode pagar. Além disso, quem vem a conduzir o Uber é uma mulher, o que ajuda sempre.

— Um segundo. Preciso de adicionar outra paragem — diz-lhe o tipo, e depois passa-me o telemóvel para as mãos com total indiferença e desvia o olhar para a janela.

A aplicação do Uber parece um pouco esfumada quando adiciono a morada do meu apartamento como uma das paragens. Devolvo o telemóvel ao meu novo companheiro, mas, como ele não se dá ao trabalho de o aceitar, pouso-o no assento entre nós. A motorista arranca, e, claramente, o silêncio neste veículo é sufocante para ela, porque liga o rádio.

Enquanto atravessamos o centro da cidade, passando pelas multidões noturnas que ainda se encontram nos passeios junto às discotecas e aos bares, observo o senhor Lutador pelo canto do olho. Ele apoia o cotovelo na janela, descansando a cabeça na palma da mão, com a mente claramente noutro lugar. Sinto o cheiro a álcool que lhe embebeu a camisa.

— É o *meu* dia de anos — digo. Bem, já passa da meia-noite, por isso, já não é realmente o meu dia de anos.

— Hã?

— Era o meu aniversário que estávamos a celebrar.

Ele geme e baixa o braço da janela, lançando-me um olhar de fugida.

— Feliz aniversário, suponho — diz, sem querer minimamente saber.

Resfolego.

— O pior aniversário de *sempre*.

— Desculpa lá.

— Oh, não te preocupes com isso. Eu já estava a ter o pior aniversário de sempre. — Tento falar na brincadeira, tento até rir-me, mas o som é oco, e, de repente, sinto que a torrente de lágrimas que tenho estado a conter a noite toda vai explodir.

Devia ser o Luca sentado ao meu lado neste Uber. Nunca fui para casa, para o nosso apartamento vazio, sozinha. Nós fazíamos *tudo* juntos, e parece que esse era o problema para ele. A cada viagem bêbeda de Uber para casa, ele estava ao meu lado, a lançarmos olhares sedutores um para o outro no banco de trás, sabendo que daí a pouco estaríamos na cama juntos.

— Estás... *a chorar*?

Tremem-me os meus lábios, os olhos enchem-se-me de lágrimas. Não choro com muita graciosidade, muito menos quando estou bêbeda. Inclino a cabeça para baixo e não consigo evitar soltar uns gemidos horrorosos. Tudo dói tanto, tanto.

— Ela está bem? — pergunta a motorista do Uber.

— Como é que eu hei de saber? Nem sequer a conheço — resmunga o tipo, e depois vira-se para mim. — Como é que te chamas?

— Gracie. A minha amiga estava a tentar apresentar-nos quando tu... — Estremecem-me involuntariamente os ombros enquanto soluço, tentando recuperar o fôlego entre as lágrimas. Só quero o Luca.

— Está bem, Gracie, eu sou o Weston — diz o tipo. — Acho que estás mais bêbeda do que eu, porque estás a chorar forte e feio num Uber com um estranho, portanto, talvez... não faças isso.

Levanto abruptamente a cabeça e fito-o com os olhos semicerrados, furiosa, antes de dizer, muito pão, pão, queijo, queijo:

— O amor da minha vida deixou-me.

O olhar do Weston permanece firmemente pregado no meu. Deixa que o silêncio se instale no ar antes de dizer:

— O meu também.

— Então, que tal um pouco de compreensão?

Ri-se asperamente e abana a cabeça.

— Não quero criar laços contigo por causa de o teu namorado te ter deixado, OK? É uma chatice para ti, e eu percebo, mas só quero ir para casa. A que distância fica o teu apartamento?

A motorista do Uber olha-me nos olhos pelo espelho retrovisor.

— Vocês não se conhecem?

— Não — digo, cruzando os braços e lançando um olhar fulminante de soslaio ao Weston. Nem sinal de compreensão da parte dele. Que é que o amigo dele disse para o deixar tão irritado? Algo sobre não tratar bem a namorada? Se esta é a atitude dele, rabugento e indiferente, não me admira que ela o tenha deixado.

— Sente-se segura neste momento? — pergunta-me a motorista.

O Weston solta uma gargalhada sarcástica.

— O que quer dizer com «se ela se sente segura»? Vamos para casa, cada um para o seu apartamento. Eu *não* sou um predador, como está a insinuar. Sou um agente da polícia.

Inclino a cabeça para ele.

— O Assassino do Golden State também era polícia.

— É verdade — concorda a motorista, acenando rapidamente com a cabeça.

— Ela é que entrou no *meu* Uber! — protesta o Weston, e de seguida aponta-me um dedo acusador. — Se calhar, tu é que és uma predadora.

— É improvável — diz a motorista.

— Quer que lhe dê gorjeta ou não? — riposta o Weston.

A motorista volta a concentrar-se na estrada, eu retomo o meu colapso emocional e o Weston fica a fumar com uma fúria implacável. No que diz respeito a viagens de Uber, esta é a mais estranha que já fiz. Quando paramos em frente ao prédio onde moro, enxugo as lágrimas e saio do carro. A minha urbanização, embora incrivelmente segura, parece estranhamente intimidante no escuro. Nunca voltei para casa desacompanhada assim tão tarde, e a minha ansiedade aumenta só de pensar em atravessar aquelas portas sozinha, sem o Luca à minha espera do outro lado.

Enfio a cabeça novamente no carro.

— És mesmo agente da polícia? — pergunto delicadamente ao Weston.

— Sou — diz ele.

— Juras?

O Weston suspira e belisca a cana do nariz.

— Juro que sou um agente efetivo da Polícia de São Francisco. Ora bem, de que é que precisas?

— Não te importas... Não te importas de me acompanhar até à minha porta?

Ardem-me as faces de embaraço mal faço aquele pedido. Tenho a cabeça num autêntico caos. A vida parece-me muito aterradora de repente.

— Já me sinto meio aturdido neste carro, e só quero ir para casa. Tu consegues entrar sozinha no teu prédio, com certeza? — O Weston vê o meu olhar entristecido, e, à medida que os segundos passam, a sua expressão suaviza-se gradualmente e algo muda nos seus olhos escuros. — Está bem.

Desliza pelo assento traseiro e sai do carro, pedindo à motorista do Uber que

espere cinco minutos, e depois acompanha-me até à entrada do prédio. Não dizemos mais nada um ao outro enquanto eu destranco as portas, e ele segue-me até ao elevador. Quando subimos até ao quarto andar, apercebo-me de como isto é estúpido.

— Desculpa. Não tens de me acompanhar até à porta do apartamento. Eu posso ir sozinha — digo-lhe, tentando ao mesmo tempo olhá-lo nos olhos e evitá-los. Mesmo com os sapatos de salto alto calçados, ele é muito mais alto do que eu, mas a maioria da população também o é.

O Weston comprime os lábios e encosta-se ao corrimão.

— Os meus instintos de polícia estão a entrar em ação. Não é incómodo nenhum acompanhar-te à porta.

— Obrigada.

Há uma pausa no ar quando o elevador passa pelo terceiro andar, e o Weston encosta o queixo ao peito, de olhos postos no chão. Ainda tem a camisa húmida de todas as bebidas derramadas.

— Desculpa lá ter sido um idiota no Uber e ter feito com que fosses expulsa da discoteca — murmura sem olhar para cima, e, embora possa estar bêbedo, fala de um modo claro e conciso. — Juro que normalmente sou muito mais simpático. Só estou a ter uma noite difícil, não tinha a intenção de descarregar em ti. Especialmente visto que é o teu dia de anos.

As portas do elevador abrem-se, mas nenhum de nós se mexe. Os nossos olhos encontram-se agora; os meus desfocados pelas lágrimas, os dele injetados das muitas cervejas que bebeu esta noite. O canto da boca dele contrai-se numa tentativa de fazer um sorriso a pedir desculpa.

— Vou acreditar na tua palavra — digo, roçando acidentalmente o braço nele quando saio do elevador. — Que costumás ser mais simpático.

O Weston ri-se enquanto segue alguns passos atrás de mim pelo corredor até à porta do meu apartamento. Observa-me atentamente quando enfio a chave na fechadura e abro a porta para revelar a escuridão do apartamento. Acendo a luz, e a nossa casa, minha e do Luca, aparece-me desoladora à frente. Todas as fotografias emolduradas de nós juntos e apaixonados. O sofá que ele sempre detestou, porque eu queria estofos de tecido, ele de couro, e, por isso, claro, comprámos o de tecido. A máquina de café na cozinha é dele. Suponho que a levará quando se mudar oficialmente.

Nunca mais vou voltar para casa e tê-lo à minha espera.

Fico imóvel à porta, e o Weston aclara a voz.

— Em casa, sã e salva — diz. — Ficas bem?

O meu coração bate dolorosamente, mas forço-me a avançar para a sala de estar.

— Sim — minto.

A perspetiva de mais uma noite a dar voltas sobre voltas porque a cama não me parece normal sem o Luca ao meu lado é insuportável. Apoio uma mão no braço do sofá para me segurar enquanto descalço os sapatos, e sinto os pés imediatamente mais confortáveis no tapete macio. Atiro a mala para a mesa de apoio aos sofás, ao lado dos postais de aniversário. Estou *tão* cansada. De tudo. Este apartamento já nem me parece a minha casa, e ainda sinto vontade de lhe pegar fogo, mais do que antes.

Da soleira da porta, o Weston diz:

— OK, bem... Boa noite.

— Espera — digo abruptamente, virando-me para o encarar. — Queres uma camisa nova?

Ele levanta uma sobrancelha com um ar divertido.

— Acho que vou sobreviver aos cinco minutos daqui até minha casa, mas obrigado.

— Tudo bem. É que tenho um armário cheio de roupas do Luca e... Não importa — digo, mas num tom desanimado.

Atravesso a sala para a cozinha e abro a torneira, porque, por muito tarde que seja ou por muito bêbeda que esteja, não consigo ir para a cama com pratos sujos no lava-louça. Com o meu minivestido, mergulho as mãos na água quente e fecho os olhos. Tenho as lágrimas minimamente controladas.

— Estás bem? — pergunta o Weston baixinho.

Agarro-me à beira do lava-louça, de costas para ele.

— Escapou-te a parte em que te disse que o amor da minha vida me deixou? Só aconteceu na segunda-feira, e ainda estou rodeada de todas as coisas dele, por isso, não. *Não* estou bem.

— Pois, eu também não — diz ele. — A minha namorada acabou comigo ontem à noite.

Viro-me do lava-louça, com água a pingar das mãos. O Weston ainda está à porta, com as mãos encostadas à ombreira, o rosto contorcido. Parece tão destroçado como me sinto.

— Podes entrar, sabes — digo. A distância entre nós parece demasiado grande.

Ele hesita um pouco e, quando penso que vai abanar a cabeça para recusar, avança para dentro do apartamento. Há incerteza na forma como se move quando se aproxima de mim na cozinha e se encosta ao balcão com um pé cruzado sobre o outro. Olha fixamente para o chão de vinil, engolindo o nó na garganta.

Ainda não me tinha realmente focado nele. Tem a linha do maxilar bem definida, com um leve vestígio de barba por fazer, e um sinal mesmo no meio da face esquerda. Um dos braços está completamente coberto de tatuagens, das costas da mão a debaixo da manga da camisa, cada padrão intrincadamente entrelaçado.

— Porque é que a tua namorada te deixou? — pergunto. Não há uma maneira delicada de formular aquela pergunta.

O Weston não levanta os olhos do chão. A angústia pulsa dele quando admite:

— Ela não se sentia amada por mim, mas a verdade é que acho que só ontem à noite é que me apercebi do quanto a amava. E isso é cerca de quatro anos demasiado tarde. Ela já nem me atende as chamadas. — Cerra o maxilar e ri-se sarcasticamente para esconder a dor enquanto acena com o telemóvel, impotente. Não há notificações no ecrã. Ele respira fundo. — E tu?

— O contrário — digo, mas falo numa voz ofegante. — O Luca acha que me amou *demasiado*, e agora quer ser egoísta. Quer encontrar-se a si próprio... O que quer que isso signifique.

A confusão que me assombra há dias regressa, pairando sobre mim como uma nuvem de tempestade. Continuo a não perceber o que o Luca quer, e penso que é por esse motivo que a separação está a ser tão difícil. Não porque passei sete anos da minha vida com esta pessoa, não porque o meu futuro desapareceu numa fração de segundo, mas porque não *compreendo*.

O Weston levanta a cabeça. Fixa os olhos em mim, com uma dor demasiado familiar a vir ao de cima, e depois reduz a distância entre nós. Põe-se diante de mim, puxa-me contra o peito, com os braços à volta do meu corpo.

— Que é que tu?... — murmuro contra a camisa húmida dele, com os braços a penderem frouxamente ao lado do corpo.

— Que diabo, abraça-me também — diz.

Encosto o rosto ao peito dele e passo os braços à volta das suas costas. Ele é grande e musculoso, e quando me abraça com força, o chão debaixo dos meus pés estabiliza-se finalmente. O mundo para de girar e sinto-me estável.

O queixo do Weston está pousado no topo da minha cabeça, com a respiração suave dele a perder-se no meu cabelo. Quando o momento dura um nadinha de mais e tento soltar-me dele, ele não me liberta. Agarra com mais força ainda.

— Precisava disto — segreda.

Então, desenhencilhamo-nos um do outro e afastamo-nos imediatamente. Volto a mergulhar as mãos no lava-louça, e o Weston recua da cozinha. Foi demasiada intimidade para partilhar com um estranho, e agora é embaraçoso. Insuportavelmente embaraçoso.

— É melhor eu voltar para o Uber — diz, mas a voz dele atravessa o apartamento e apercebo-me de que já deve estar à porta. — Boa noite... — E depois, com determinação, com *peso*, acrescenta: — Gracie.

Engulo o nó que sinto na garganta.

— Boa noite, Weston.

A porta fecha-se com um estalido e ele vai-se embora.

WESTON

Fogo. *Fooooogo*.

Juro por Deus que nunca mais vou beber. Nem sequer valeu a pena. A tequila fez-me esquecer a Charlotte? Não, não fez. Que desperdício de dinheiro só para me sentir como se a morte tivesse vindo chamar o meu nome.

Os azulejos da casa de banho parecem-me gelo quando me debruço na sanita, a tremer nos meus boxers, com as entranhas a arder com ácido. Tenho bagas de suor na pele. De todas as vezes que tento sair da casa de banho, uma nova onda de náuseas apodera-se de mim e dou por mim de novo neste mesmo sítio, a rezar por um milagre. A prometer a Deus que nunca mais vou beber se ele me curar agora mesmo.

Consigo controlar-me o tempo suficiente para tomar um duche. Visto umas calças de fato de treino, abro todas as janelas do apartamento para respirar ar fresco e ponho uma frigideira no fogão. Porém, quando tiro a caixa de ovos do frigorífico, sinto arrancos de vômito e desisto imediatamente da ideia do pequeno-almoço. Estou demasiado ressecado para comer.

Já passa das onze e ainda não encontrei o meu telemóvel, o que é um problema. E se a Charlotte estiver a tentar contactar-me? Quando acordei esta manhã e estendi o braço para a mesa de cabeceira, a minha mão não pousou imediatamente no telemóvel. E ele está sempre ali, sempre a carregar. Abri os olhos de repente e, num frenesim, dei um pontapé a livrar-me dos lençóis, procurei nos bolsos das calças de ganga no chão e vasculhei o resto do apartamento. Como é um *estúdio*, à partida, não há muitos sítios onde se possa

perder um telemóvel.

Sei que o tinha quando saí da discoteca, porque pedi um Uber. Então, se o telemóvel não está aqui, só *pode* estar em dois sítios.

No Uber ou no apartamento daquela rapariga.

Meu Deus, aquela rapariga da noite passada. Nem me lembro do nome dela, de tão bêbedo que estava, mas tê-la abraçado atormenta-me. Quão patético é? Apetece-me morrer sempre que penso nisso. Que diabo se passou comigo? Não pude vê-la entrar naquele prédio, sozinha e de coração partido, quando me pediu especificamente para a acompanhar até à porta.

Porque eu nunca acompanhei a Charlotte até à porta. Deixava-a na berma e dava-lhe um beijo de despedida no carro. Quando analiso todas as ações erradas que me levaram a perdê-la, sinto-me cheio de aversão por mim próprio ao aperceber-me de que nunca esperei que ela chegasse à porta do prédio. Simplesmente, arrancava. Acho que nem sequer olhava para trás na maior parte das vezes.

Portanto, talvez seja a lição a retirar da noite passada. Uma oportunidade para aprender com os meus erros.

Mas aquele abraço. Fogo, aquele abraço. Eu precisava dele.

E agora tenho de lá voltar.

Entre sentir-me demasiado ressecado para conduzir e não estar disposto a manobrar o carro para fora da garagem, dou comigo a ir a pé à procura do telemóvel. Posso não me lembrar do nome dela, mas sei exatamente em que prédio vive. É em Hayes Valley, que por acaso também é um bairro da divisão onde estou destacado para a formação no terreno, portanto, estou habituado a fazer a ronda nestas ruas. Quando parámos à porta da casa dela no Uber, reconheci a zona. Já lá tinha estado algumas semanas antes para responder a uma chamada.

O céu está limpo, o sol brilha, mas é claro que há uma brisa. Caminho com as mãos enfiadas no bolso da frente da *sweatshirt* com capuz e, quando passo pelo Zeitgeist no caminho, penso no Adam. Ele é previsível. Vai acordar esta manhã (sentindo-se absolutamente bem) e arrepender-se imediatamente de todas as merdas idiotas que disse e fez. Vai enviar-me uma mensagem a pedir desculpa. Vai deitar as culpas na tequila. E vou perdoar-lhe, como sempre faço. Talvez também eu seja previsível.

Encontro o prédio. É luxuoso como tudo. Moderno e construído para habitação, com alguns apartamentos com janelas do chão ao teto, outros com varandas. *Caro*. Deixo-me ficar junto a uma das portas, e, assim que alguém sai, entro para o pátio. Está bem tratado, com uma tonelada de arbustos, para a qual a

maior parte dos apartamentos tem vista. Interpelo uma senhora que se dirige para o centro de *fitness* atrás de mim. Porque é que o meu prédio não tem o seu próprio ginásio?

— Bom dia — digo. — Desculpe incomodar, mas estou à procura de uma pessoa. Uma rapariga de vinte e poucos anos. Vive neste prédio, mas decididamente não no primeiro andar.

Lembro-me de termos apanhado o elevador, mas em que andar saímos? Olho para cima, a contar. Só há cinco andares.

A senhora ri-se.

— Talvez precise de ser um pouco mais específico.

O que raio aconteceu às minhas capacidades de observação? É uma das coisas mais importantes que me ensinaram na formação até agora — memorizar todos os pormenores de cada pessoa que encontro. As suas características distintivas, as roupas que traz vestidas, a altura e o peso. Contudo, eu nem sequer sei dizer de que cor é o cabelo da rapariga que procuro.

— É mais baixa do que eu — digo, coçando a cabeça. Envolvi-a facilmente nos braços, encaixou perfeitamente no meu peito. — E vive aqui com o namorado, mas acabaram de se separar.

— Penso que todas as mulheres deste prédio são mais baixas do que o senhor — diz a senhora com um sorriso, e depois dá-me uma palmadinha compreensiva no ombro. — Espero que a encontre.

Enquanto ela se dirige para o ginásio e eu pondero comprar um telemóvel novo, uma voz grita:

— Por acaso está a falar da Gracie Taylor? E do Luca Hartmann?

Viro-me. É o zelador do prédio, portanto, é claro que posso contar com ele para conhecer todos os moradores. A *Gracie*. A palavra instala-se dentro de mim, quente com familiaridade.

— Sim, penso que sim. Pode dizer-me em que apartamento mora?

— Lamento, mas não posso dar essa informação — diz ele com um encolher de ombros. — Questões de privacidade.

Aceno com a cabeça. Ficaria preocupado se ele dissesse o número do apartamento de uma jovem a um completo estranho que tivesse entrado na urbanização, portanto, compreendo. Ele continua a atravessar o pátio, e pergunto-me quanto tempo me levaria a procurar em todos os pisos. Talvez reconhecesse a porta do apartamento dela se a visse.

— Weston?

Sobressalto-me ao ouvir o meu nome. Não me dá a sensação de ser o meu nome. Viro-me e ela está a vários passos de mim, petrificada e cheia de medo de se aproximar. Fogo, ela lembra-se do meu nome, e isso é muito mais do que me lembro sobre ela.

Memorizo-a agora, como devia ter feito na noite passada. Cabelo acobreado à luz do sol, com uma franja a emoldurar-lhe o rosto, e o resto puxado para trás. Sardas. Um monte delas, espalhadas pelo nariz e pelas faces. Pestanas tão compridas que estou convencido de que não são naturais. É ainda mais baixa do que me lembrava, e fico espantado com os sacos de supermercado que carrega nos braços. Se já conseguiu ir ao supermercado, então, claramente, consegue lidar melhor com a bebida do que eu.

— Pareces estar a sentir-te muito melhor do que me sinto esta manhã — digo, na esperança de quebrar o gelo.

Mas o gelo permanece sólido.

Ela continua a olhar para mim, impávida.

— Estás aqui para vir buscar o teu telemóvel?

Solto um suspiro audível de alívio.

— Nem me lembro de o ter pousado.

— Bem, pousaste-o, e eu tenho-o.

— Desculpa se tem estado a tocar muito. Estava à espera de que me ligassem de volta.

A Gracie arqueia uma sobrancelha e há um brevíssimo clarão de pena no seu olhar.

— Ninguém ligou.

Aquela doeu. A Charlotte *ainda* não me ligou de volta? É mais um murro no estômago. Tentar falar com a Charlotte é como comunicar com uma parede de tijolo reforçada com aço, mas não posso desistir. Preciso do telemóvel imediatamente para poder continuar a tentar.

— Posso?...

A Gracie acena com a cabeça e dirige-se para o elevador, ainda a equilibrar os sacos de compras nos braços enquanto carrega no botão para o quarto andar. Alguma vez levei algum dos sacos da Charlotte? Há muitas coisas que não fiz, e todas me parecem tão óbvias agora.

— Deixa-me levar os sacos — ofereço, estendendo as mãos quando as portas do elevador se fecham.

A Gracie fita-me, cética.

— Tu estás mas é a tentar roubar-me o abacate.

— Eu nem gosto de abacate — digo, e, de seguida, tiro-lhe os sacos dos braços. Fico ao lado dela, ambos virados para a porta do elevador, em silêncio. Pelo canto do olho, vejo que agora não sabe o que fazer com as mãos. Começa a balouçar as chaves do apartamento à volta do indicador.

As portas do elevador abrem-se e refazemos o percurso da noite passada, só que agora estamos sóbrios. O apartamento dela fica ao fundo do corredor, mesmo no canto. Os apartamentos de canto são sempre os mais caros. Destranca a porta e

sigo-a para dentro.

— Deixa esses sacos ali — diz ela, apontando na direção do balcão para os pequenos-almoços incorporado na cozinha. Faço o que pede e de seguida fico parado quando a vejo avançar pelo apartamento.

É enorme. Tipo, mais de noventa metros quadrados, o que faz com que os meus patéticos vinte e oito metros quadrados de espaço pareçam ainda mais claustrofóbicos do que já pareciam. A Gracie endireita um vinco na manta dobrada sobre o sofá, depois desloca o vaso com uma planta que está em cima da mesa de apoio aos sofás um milímetro para a esquerda. Tão picuinhas.

— Posso perguntar-te o que fazes?

Ela olha para cima.

— O que faço?

— Sim. No que trabalhas.

— Não trabalho. Acabei de me formar na Universidade Estadual de São Francisco.

— OK, então, que é que o Luca faz?

Contraí-se, com a mão num dos postais de parabéns de ontem. Baixa a voz.

— Lembras-te do nome dele?

— O zelador do prédio lá em baixo lembrou-mo.

Nem sequer me lembrava do teu.

— Nada. Também acabou de se formar — murmura ela. Com um gesto, junta uma braçada de postais de parabéns e atira-os para o lixo.

— Os dois são recém-formados, sem emprego, e *este* é o vosso apartamento? — digo, incrédulo, a abanar a cabeça. — Ele é traficante de droga, não é? Devias denunciá-lo a mim. Vou tratar do caso amanhã logo de manhã.

A Gracie ri-se. É um som suave e animador. Põe-se ao meu lado e abre o primeiro saco de compras, acenando-me com um abacate gigante.

— Ele *não* é um traficante de droga. Nós somos... — Cora e inclina o queixo para baixo, e a franja cai-lhe em frente dos olhos. — Somos influenciadores.

— São o quê?

— Influenciadores — repete, tímida.

— Que raio é um influenciador?

A Gracie para de tirar as compras dos sacos e cruza os braços, olhando-me de cima a baixo com as sobrancelhas franzidas.

— Quantos anos tens?

— Não sou tão velho como o teu tom indica que me achas. Tenho vinte e três.

— Então, devias saber o que é um influenciador — diz ela. — Sabes, nas redes sociais?

Abano a cabeça.

— Não uso redes sociais.

Semicerra os olhos. São de um azul-pálido, muito parecidos com os da Charlotte. Sinto um aperto no peito. *Porque é que ela, pelo menos, não me ouve?*

— Um influenciador é alguém que tem poder sobre o seu público-alvo. Podemos influenciar as suas decisões de compra, por exemplo — explica a Gracie, quebrando o contacto visual. Depois de uma pausa, suspira. — Deixa-me mostrar-te.

Só me apercebo de que quer que a siga quando atravessa o apartamento e faz um gesto para eu me aproximar. Abre uma porta, revelando um escritório. Eu *sabia* que era um apartamento de dois quartos. Quanto dinheiro é que esta rapariga ganha? Muito, ao que parece.

Numa enorme secretária de carvalho que dá a volta à divisão, há três computadores. Há prateleiras na parede, com uma série de diferentes câmaras. Há um projetor profissional num suporte ao canto. E agora percebo.

— Oh, fazes pornografia — digo.

A Gracie entreabre os lábios, horrorizada.

— *Não.*

Senta-se na cadeira giratória toda especial em frente ao computador, liga o ecrã e vai ao YouTube. Inclino-me por cima do ombro dela enquanto abre um canal que está cheio de miniaturas de vídeos dela a sorrir, com a face encostada à de um tipo qualquer.

— Nós fazemos vídeos no YouTube. Eu e o Luca. Começámos quando tínhamos quinze anos, só a fazer uns vídeos meio palermas. Mas, tipo, foram um sucesso — explica, lançando-me um olhar rápido por cima do ombro. — Essencialmente, fazemos vlogues da nossa vida inteira. Somos pagos para promover marcas. Convidam-nos para eventos fixes. E o nosso Instagram também se tem saído muito bem nos últimos tempos.

Não percebo. De todo. A pequena faixa no topo da conta diz que têm mais de seiscentos mil seguidores.

— Porque é que as pessoas iriam querer ver a vida de outra pessoa?

Inclina-se para a frente para desligar o computador e depois recosta-se, soltando um suspiro carregado.

— Porque a nossa vida era perfeita.

Esta rapariga está mais destroçada do que eu pensava. Duvido de que uma relação possa alguma vez ser verdadeiramente perfeita, e, muito claramente, a deles não era, senão não teria acabado. Ela estava a soluçar no raio do Uber ontem à noite.

— Gracie, acho que estás a iludir-te — digo.

Ri-se, sarcástica.

— Weston, acho que estás a criticar. — Afasta-se da secretária, batendo-me com a cadeira, e depois abre uma gaveta. — Toma. Carreguei a bateria — diz,

enfiando-me o telemóvel na mão. — Ia entregá-lo mais tarde na esquadra da polícia de Fillmore. Achei que era a minha melhor hipótese de to devolver.

— Na verdade, essa é a minha esquadra, acredites ou não.

Olho para o ecrã inicial. O nome da Charlotte não está lá, mas há mensagens do Adam e do Cameron, como esperado.

— Trabalhas nesta zona?

— Por agora, sim. Talvez me mudem para outro lugar quando acabar a formação.

A Gracie abre a boca para dizer qualquer coisa, mas ambos nos sobressaltamos com o som da porta do apartamento a abrir-se. Trocamos um olhar.

— Gracie? — diz uma voz. Uma voz masculina. Deve ser o Luca.

— Fogo — diz a Gracie, mas a sua voz é demasiado suave para soar áspera.

Volta a encaixar a cadeira debaixo da secretária e põe um dedo sobre os lábios, a pedir-me para não falar.

— Fica aqui dentro — segreda.

Aceno com a cabeça, resistindo à vontade de revirar os olhos. Só vim buscar o meu telemóvel. Não quero meter-me entre esta rapariga e o ex-namorado, mas agora estou aqui preso neste escritório. Ele chama o nome dela outra vez, e encosto-me à secretária, de braços cruzados. Quem sabe quanto tempo tenciona ficar?

A Gracie vai para sair do escritório, mas o Luca aparece diante dela, a bloquear-lhe a saída.

— Que estás a fazer aqui? — pergunta ele, mas os seus alarmes disparam instantaneamente quando a Gracie parece demasiado empenhada em o empurrar de volta para a sala de estar. Dá mais um passo para dentro do escritório e arregala os olhos quando me vê. — Mas que raio? Quem diabo é este tipo?

Endireito-me, afastando-me da secretária, e levanto as mãos inocentemente.

— Ei, pá. Só vim buscar o meu telemóvel. Ontem à noite apanhei uma grande bebedeira e deixei o telemóvel na discoteca. A tua namorada encontrou-o. Ou a tua colega de apartamento.

Sou bastante bom a desanuviar situações, mesmo que para isso seja necessário distorcer ligeiramente a verdade. Acho que não ia cair bem ao Luca se ele soubesse que já estive no apartamento na noite passada, quando eu e a Gracie estávamos bêbedos.

O Luca fulmina-me com um olhar cético e, de seguida, vira-se para a Gracie.

— Foste sair ontem à noite?

— Era o meu aniversário. A Elena e a Maddie não me deram escolha — responde, mas tem um tremor na voz que me faz questionar imediatamente porque parece tão assustada. Quão má foi a separação deles?

— Merda. Pois era — murmura o Luca. Passa-lhe até um clarão fugidio de

culpa na cara, mas é rapidamente substituído por irritação quando a sua atenção se desvia para mim, o intruso na casa deles. — Já tens o teu telemóvel. Podes pôr-te fora do meu apartamento agora?

— Luca — diz rispidamente a Gracie, e estende a mão para o bíceps dele.

Avalio-o. É um sujeito magro, mas atlético. O tipo que se poderia derrubar, mas de que se perderia o rasto se desatasse a fugir. Detesto os que fogem. Quase nunca os apanho.

— Não te preocupes, vou-me já embora — digo.

Enfio o telemóvel no bolso das calças de fato de treino e saio do escritório, embora sinta a pressão do olhar do Luca a fazer-me buracos no crânio. Quando passo pela Gracie, olho para ela e formo com os lábios as palavras «Ficas bem?».

Ela faz-me um pequeno aceno de cabeça que é tudo menos convincente.

O Luca segue-me até à porta do apartamento e faz grande alarde de me fechar nas costas e a aferrolhar. Fico no corredor por um instante, não necessariamente para escutar, mas apenas para me tranquilizar. É só quando não ouço vozes altas nem gritos que saio. Não me devo envolver.

GRACIE

— Porque estás aqui, Luca?

Dói olhar para ele, a pessoa que amo do fundo do coração. Olhar para ele e saber que ele queria outra coisa que não eu é uma agonia. Como se pode estar com alguém durante tanto tempo e depois mudar de ideias, ao que parece de um dia para o outro? Porque é que ele não se apercebeu mais cedo? Meu Deus, perdemos tanto tempo. Investi tudo na nossa relação, e agora não me resta nada. Dei-lhe demasiado de mim.

O Luca está nervoso. Coça a palma da mão, o hábito que tem quando está ansioso.

— Vim buscar mais algumas das minhas coisas.

Lança um olhar final para a porta, claramente afrontado por ter encontrado o Weston no apartamento, mas ele não vai voltar nunca mais.

— Então, vais mesmo sair de casa? — pergunto, e fico com a voz imediatamente embargada. Tenho tantas perguntas que ficaram sem resposta na semana passada e tantas dúvidas sobre o meu futuro.

— Não sei — diz o Luca, mas as suas ações dizem o contrário.

Tira a mala do armário, e pestaneja rapidamente quando vejo a etiqueta da bagagem dele, porque é a outra metade de um conjunto igual ao meu. Já fizemos tantas viagens juntos, a última ao Havai, na primavera.

Maui era tão bonito. Fizemos caminhadas maravilhosas, mergulhámos na baía de La Perouse, comemos marisco caro e passámos todas as noites nos braços um do outro. Na última manhã, antes do voo de regresso à Califórnia, fomos ver as

montras de uma joalharia de luxo, e admirar os anéis de noivado. O Luca era só sorrisos e eu só piscadelas de olho, quando o lembrei, mais uma vez, de que, quando (sempre *quando*, nunca *se*) me pedisse em casamento, era bom que fosse com um anel com um diamante em forma de lágrima.

Porque era esse o plano. Casar. Por que outra razão estaríamos a namorar se não planeássemos que fosse para sempre? Falámos muito sobre isso nos últimos dois anos. O Luca prometeu que me pediria em casamento depois de terminarmos o curso, e, então, aproveitaríamos o nosso ano sabático em êxtase romântico, viajando pelo Sudeste Asiático e depois para a Austrália. No ano seguinte, teríamos o casamento perfeito num rancho rústico no Sul da Califórnia, rodeados pela família e pelos amigos que nos viram crescer juntos desde a adolescência, e depois passaríamos a lua de mel nas Bahamas. Sempre concordámos em ter dois filhos, mas só quando comprássemos a nossa casa para sempre no Midwest. Primeiro, trabalharíamos por alguns anos aqui em São Francisco. O Luca na área da tecnologia, eu, no ensino.

A cerimónia de formatura foi em maio, há mais de um mês. Em vez do noivado que me foi prometido, fiquei com o coração partido. É cruel, agora que penso nisso. Foi-me vendido um sonho que se desfez em chamas.

Quando o Luca se dirige para o quarto com a mala, sigo-o, pateticamente desesperada por conseguir compreender.

— Não achas que devíamos falar sobre isto?

Ele não olha para mim enquanto abre as portas espelhadas do armário. Agarrou um punhado de roupas quando se foi embora, mas agora está a pegar no resto com um ar de urgência. O meu coração acelera quando me apercebo de que está a levar *tudo*.

— Falar sobre o quê?

— Sobre o apartamento. O canal. Temos a festa de aniversário de casamento dos teus pais no próximo fim de semana — digo, sentando-me na beira da cama e observando-o com um vazio no peito ao mesmo tempo que ele enche a mala ao meu lado. — Tens de lhes dizer que não vou.

— Presumo que já saibam que não vais. — O Luca encosta a cabeça à parede, respirando fundo. — Quanto ao canal do YouTube, publica algumas gravações que nunca tenhamos usado ou coisa do género. Ninguém vai saber que não é recente. E podes ficar com o apartamento por enquanto.

— Queres mentir a toda a gente?

— Que outra coisa podemos fazer? — diz ele, com a frustração a pulsar entre cada palavra. Fecha a porta do armário e vai até à gaveta da mesa de cabeceira do lado dele. A sua partida não parecia permanente até agora. — O nosso canal acaba se anunciarmos que já não estamos juntos. Limita-te a deixar que o dinheiro entre em caixa por agora, está bem?

Não concordo, mas também não *discordo*. O canal do YouTube é a nossa fonte de rendimento há anos, poupando-nos a ter de trabalhar em *part-time* numa loja durante toda a faculdade, como o resto dos nossos amigos. Permitiu-nos arrendar este apartamento incrível, fazer as viagens da nossa vida e poupar para o futuro que era suposto termos. Pôr fim à nossa fonte de rendimentos parece um suicídio financeiro, mas também parece muito errado mentir aos nossos seguidores e parceiros de marca.

— Luca... Não quero que te vás embora — gemo. — Podes, por favor, pensar um pouco mais sobre isto? Só estás com medo porque ambos sabemos qual é o nosso próximo passo, e é um grande passo, eu sei, mas podemos resolvê-lo. *Por favor*.

— Aquele tipo — diz o Luca, fechando a gaveta da cabeceira com força. Fixa os olhos em mim. — Trouxeste-o da discoteca para casa? Ele ficou aqui ontem à noite?

— Não — respondo, encolhendo-me com o tom da voz dele. Nós estávamos sempre tão felizes, era raro o Luca ser tão brusco. — Achas que ele foi para a discoteca de calças de fato de treino?

— Não sei, Gracie. Só me parece suspeito como o diabo que tenhas saído ontem à noite e que te tenha encontrado na manhã seguinte com um estranho no apartamento — diz. Fecha o fecho da mala e arrasta-a para fora da cama, pondo-a em pé. — Então?

Fico a fitá-lo em silêncio, chocada com o quanto ele está errado.

— És *tu* quem quer dormir com outras pessoas, não eu.

— Não foi isso que eu disse — diz o Luca com um suspiro.

— Disseste que querias ver o que mais havia por aí, e ambos sabemos que isso significa que queres ver *quem* mais há por aí.

Levanto-me da cama e ponho-me diante dele, de braços cruzados. Desafio-o a negar que ver outras pessoas é o que quer. *Desafio-o*.

Os seus olhos azul-acinzentados fixam-se nos meus, e penso em como poderia pintar cada centímetro dele de memória com os olhos fechados. O Luca Hartmann é tudo o que sempre conheci.

Aquelas maçãs do rosto que eram bochechudas no secundário, mas que depois se tornaram afiadas e definidas durante a faculdade, nas quais eu deposei tantos beijos. O cabelo louro, que já teve centenas de penteados diferentes ao longo do tempo, da melena atirada para trás ao penteado à escovinha que eu detestava, e em que nunca me cansava de passar os dedos. A maneira como me sorri sugestivamente, a marca de nascença na anca que eu sempre admirava, o eco do seu riso.

Como posso começar sequer a esquecê-lo?

— Gracie... — diz, em voz baixa agora, sentida. — Só penso que devemos a

nós próprios viver as nossas vidas um sem o outro. Estamos juntos desde os quinze anos. Desde os *quinze*. Nunca tivemos a oportunidade que todas as outras pessoas têm de descobrir quem são como indivíduos, porque sempre fomos *nós*. E não estou a dizer que acabou de vez. Talvez volte, mas preciso de espaço para respirar antes disso. Não quero pedir-te em casamento agora e, vinte anos depois, arrepende-me de ter sacrificado a minha juventude.

As suas palavras não são nada que não tenha já dito na segunda-feira, exceto aquela frase final. Essa última frase é um choque total. Fico de boca aberta.

— Achas que estar comigo foi um *sacrifício*?

O Luca dá um passo em frente e agarra-me os pulsos.

— Não, mas tenho medo de um dia me sentir assim, e é por isso que preciso de fazer isto *agora*. Por favor, deixa-me tirar tudo do meu sistema, e depois acho que estarei pronto para estar contigo para sempre.

— *Achas?* — Cuspo a palavra e solto os pulsos. Não reconheço a pessoa que está à minha frente, muito menos a compreendo. — Não podes fazer-me isto, Luca. Não podes deixar-me, fazer a merda que quiseses e depois voltar a rastejar. Se realmente me amasses, não *precisarias* de espaço para respirar. Eu sinto-me tão... completa... estando contigo. É por isso que não consigo entender porque não te sentes assim também.

O Luca afasta-me o cabelo para trás das orelhas, segura-me o rosto com as mãos em concha e pressiona os lábios na minha testa.

— Eu amo-te — diz, e encosta a testa à minha e olha-me profundamente nos olhos. — Tu sabes que te amo. Mas tenho de fazer isto.

Levanto as mãos para as dele e afasto-o de mim, fechando os olhos com força. Não posso deixar que me magoe desta maneira, que entre e saia da minha vida sempre que lhe apetece, que me faça questionar porque não fui suficiente para o fazer ficar. Mereço mais do que isto. Mereço melhor do que ele.

— Se fores embora agora —segredo—, *não* vais voltar. E estou a falar a sério, merda.

As feições do Luca contorcem-se. Lança um olhar à mala, depois a mim. Quando começo a pensar que a ameaça de me perder para sempre pode fazê-lo mudar de ideias, pega na mala, e o meu coração despedaça-se mais uma vez.

— Quero que também te encontres, Gracie — diz, e, quando desabo na cama, a arquejar, levanta-me o queixo. Beija-me o canto da boca. Passa o polegar delicadamente pela minha face. E depois sai da minha vida tão, tão facilmente.

WESTON

Preciso de ver a Charlotte. Imediatamente. Porque não aguento nem mais um segundo deste silêncio. Ela pode ignorar as minhas mensagens, os meus telefonemas, as minhas mensagens de voz, mas não pode ignorar-me quando eu estiver mesmo diante dela. Ainda há muita coisa que tenho para lhe dizer. Muita coisa de que pedir perdão.

É por isso que, quando vou a meio do caminho para o meu apartamento, decido apanhar a linha verde do metro. A Charlotte e eu costumamos ir de carro para nos visitarmos um ao outro, mas sinto-me ainda demasiado frágil depois da noite de ontem para *pensar* sequer em conduzir. Encontro um lugar isolado no comboio e tombo nele, com as mãos enfiadas no bolso da frente da minha *sweatshirt* com capuz e a testa encostada à janela. É mais de uma hora de viagem até North San José, e, apesar do cansaço e da facilidade com que poderia adormecer, forço-me a ficar sentado direito e leio as mensagens do Adam e do Cameron.

O Cameron só quer saber se fui mesmo para casa ontem à noite e se estou vivo. Envio-lhe uma mensagem e digo-lhe que estou a caminho de San José para ver a Charlotte, e ele responde com um *emoji* de uma palma da mão na cara.

Ao Adam, no entanto, decido telefonar.

— E aí, mano? ‘Tás bem? — pergunta despreocupadamente, respondendo ao último toque.

— Estou bem. E tu?

— Deste-me cabo do maxilar. Tenho a nódoa negra mais horrenda de sempre

— diz com uma gargalhada que rapidamente se transforma num suspiro. — Sabes que não queria dizer o que disse. Sou um bêbedo horrível.

— Pois és.

— E lamento muito.

— Devias.

— E merecia levar na cara.

— Não, não merecias — admito.

O Adam não tem culpa de a Charlotte me ter deixado. Passo muito tempo a ir a bares e a ser o seu parceiro de engate, mas não é por estar a fazer-lhe um favor. Saio porque quero, porque preciso de música alta e de muitas garrafas de cerveja para descomprimir depois do trabalho. Não posso culpá-lo pelas minhas prioridades erradas, e não devia ter desatinado como desatinei ontem à noite.

Em pano de fundo, ouço uma voz feminina murmurar:

— Pergunta-lhe se sabe para onde foi a Gracie.

Encosto o telemóvel ao ouvido para tentar ouvir melhor.

— Quem é?

— É a Elena — diz o Adam, e tenho de pensar antes de me lembrar de quem é a Elena.

Ela estava na discoteca ontem à noite, era uma das raparigas a celebrar o aniversário da Gracie. A rapariga pequenina de cabelo escuro em quem o Adam tinha o olho, a que teve um ataque de fúria.

— Quando saí, ela estava a gritar contigo.

— A isso chamam-se preliminares, Weston.

Consigo imaginar o sorriso dele neste momento, e reviro os olhos, apesar de isso me fazer piorar a dor de cabeça.

— Lembra-te de lhe pedir os dados para eu transferir o dinheiro. Eu estava a falar a sério sobre pagar pela cabina.

Dar um soco no Adam na noite passada vai custar-me quase mil dólares, imagino, o que não vale de maneira nenhuma a pena, embora me tenha sabido bem na altura.

— E diz-lhe também que a Gracie chegou a casa perfeitamente. Eu certifiquei-me disso.

— Fizeste-a passar um bom bocado, hem?

— Saíste cá um parvo.

Há um roçar do outro lado da linha e uma conversa abafada que não consigo ouvir, e depois:

— OK, mas passaste a noite com a Gracie?

É a Elena, que parece desidratada como o diabo. O Adam é o tipo de parvalhão egoísta que se esquece de oferecer água a uma rapariga, e, sinceramente, não sei como o Cameron aguenta ter raparigas estranhas no apartamento dele todos os fins

de semana. É por essa razão que vivo sozinho. Numa caixa de sapatos, é certo, mas sozinho.

— Não — digo à Elena.

É normal as raparigas preocuparem-se tanto com se as amigas dão uma queca? Com o Adam, percebo, porque ele é um neandertal do caraças. Talvez a Elena também seja. Provavelmente, foi assim que acabaram na cama juntos.

— Oh — diz a Elena. — É uma pena. O tipo com quem ela namorava desde sempre deixou-a sem mais nem menos, e tenho estado preocupada com ela toda a semana... Acho que precisa de alguém novo para o esquecer, sabes?

— É exatamente o que ando a dizer ao Weston — comenta o Adam em fundo, e reviro os olhos *outra vez*.

— Pensei que serias o tipo perfeito para essa missão — continua a Elena. — Já que estão no mesmo barco e tudo. O Adam contou-me que a tua namorada te deixou esta semana, portanto, que me dizes a eu dar-te o número da Gracie?

— Ou que me dizes a — digo — deixarem-nos os dois em paz? Que me dizes a isso?

— Como queiras. De qualquer modo, a Gracie não gosta de parvalhões — resmunga a Elena, e desligo antes que me possa passar de novo ao Adam.

Só quero a Charlotte. Mais ninguém.

*

Quando o comboio chega a North San José, sinto-me apenas ligeiramente mais humano depois de uma sesta rápida de meia hora. Corro pela escada da estação acima e irrompo na luz do dia, cheio de determinação para reconquistar a minha miúda, e oriento-me pelas ruas a pé.

Não vou deixar que a Charlotte deite fora a nossa relação. Passámos quatro anos juntos, e isso é demasiado tempo para simplesmente desistir assim. Ainda me lembro do primeiro momento em que a vi, no segundo ano na Universidade de San Diego, quando ela bateu no meu ombro na biblioteca e perguntou se eu tinha um marcador de texto. Não tinha. Ela passou para a pessoa seguinte. Daí a duas semanas, vi-a na festa de uma república.

— És a rapariga do marcador na biblioteca — disse-lhe.

Ela enrugou a testa, perplexa, antes de trocar um olhar com a amiga que significava claramente «Este tipo é um cretino».

Porque, para ela, aquela interação na biblioteca tinha sido insignificante e nada memorável. Para mim, foi o princípio de uma paixoneta. Não consegui evitar. Ela falava baixo, tinha um sorriso delicado, olhos convidativos e um espaço entre os dentes da frente que era atraente como o diabo. Como nunca mais a tinha encontrado na biblioteca, cruzar-me com ela naquela festa parecia um milagre, até

que abri a boca e tornei tudo esquisito.

Encontrámo-nos de novo num canto sossegado da república, pouco depois da meia-noite. Ambos bêbedos e sem inibições. Ela disse-me o nome, eu disse-lhe o meu. Falámos durante muito tempo e depois acompanhei-a até à residência dela. Só me fui embora na manhã seguinte.

Divertimo-nos imenso na universidade. Estudávamos para os exames finais juntos enquanto tentávamos manter as mãos longe um do outro, íamos a festas com os amigos, explorávamos San Diego aos fins de semana. Depois de nos formarmos no ano passado, ambos voltámos para a nossa zona, a Bay Area, e penso que foi aí que as coisas mudaram. A vida tornou-se séria, e talvez eu me tenha deixado absorver demasiado pelos meus problemas em vez de planear um futuro com ela. Simplesmente não sabia que era capaz de fazer tão mal as coisas.

Hesito no passeio à porta do apartamento da Charlotte. Talvez devesse tê-la avisado de que vinha, mas, de qualquer modo, duvido de que ela tivesse lido a mensagem. Como ainda tenho as chaves dela junto às minhas no porta-chaves, entro no prédio e começo a temida subida até ao quinto andar, desviando-me de embrulhos espalhados pela escada. Nunca me agradou que vivesse aqui. Nunca me pareceu lá muito seguro, mas também não me lembro se alguma vez lhe expressei essa preocupação.

Do lado de fora do apartamento, bato à porta em vez de entrar sem avisar. Provavelmente, nem sequer está em casa. Tenho a certeza de que disse qualquer coisa sobre ir para casa dos pais por uns tempos.

— Charlotte? — chamo baixinho, encostando o ouvido à porta à escuta de qualquer sinal de vida do outro lado. — Por favor, abre a porta se estiveres aí. Sou eu.

A fechadura faz um clique e afasto-me da porta, com o corpo tenso. Procuro na mente todas as coisas que gostaria de lhe dizer, mas são tantas que as palavras se confundem e entro em pânico com a perspectiva de não conseguir dizer nada.

A Charlotte entreabre a porta. Espreita pela fresta e diz em voz baixa:

— Weston.

Sinto um aperto no peito quando ouço a voz dela a dizer o meu nome.

— Posso entrar para conversar? — pergunto, embora o meu tom seja cauteloso, porque, neste momento, estou a caminhar por um campo minado. Um movimento errado e bate-me com a porta na cara.

É uma tortura vê-la a debater consigo mesma se me deixa ou não entrar. Por fim, abre a porta para trás e volta para o sofá, evitando deliberadamente o contacto visual comigo quando entro no apartamento e fecho a porta atrás de mim. A Charlotte põe-se a fitar a televisão. Está a ver *Friends*, o programa que a reconforta.

— Não te sentes — diz, levantando a mão quando vou para me sentar ao lado dela. — Não vais ficar.

Isto vai ser difícil. Pressiono o rosto, com as mãos a abafar um gemido, e ponho-me em frente da televisão para a forçar a olhar para mim. O que ela faz, com relutância.

— Tenho-te telefonado. Ouviste alguma das minhas mensagens de voz?

— Sim, e há uma razão para estar a ignorá-las — diz, de braços cruzados e expressão impassível.

Tem o cabelo louro puxado para trás e está sem maquilhagem; parece sempre tão novinha. E adorável como tudo. Se não estivéssemos separados agora, beijava-a até ela ficar com os lábios inchados.

— Nada do que digas agora muda seja o que for — diz.

Frustrado, sento-me na mesa baixa em frente dela e pego-lhe desesperadamente nas mãos.

— Eu fiz merda, eu sei. Esquece os meus amigos. *Tu* vens em primeiro lugar a partir de agora. Tu és o que eu quero, Char. Sempre foste o que eu queria.

— Não percebes — diz a Charlotte, tentando libertar as mãos. Eu aperto-lhas com mais força. — Tu andas a vaguear pela vida agora, sem tomar uma única decisão, porque *não* sabes o que queres. Detestas o teu trabalho, mas ninguém te *obrigou* a escolhê-lo. Só não querias desiludir o teu pai, portanto, agora vais passar o resto da tua vida a queixar-te disso em vez de *fazer* alguma coisa. Embebedaste com o Adam nos fins de semana de folga porque *tens* de descomprimir enquanto eu fico aqui sozinha! Quando foi a última vez que fizemos alguma coisa que não fosse apenas ficar no teu apartamento, Weston?

Cada palavra dela é tão cortante que quase me sinto demasiado ferido para pensar numa resposta.

— Fomos jantar ao Perbacco no nosso aniversário, não fomos?

— Isso foi há dois meses! — Arranca as mãos das minhas e não ofereço resistência quando me empurra para longe dela. Levanta-se do sofá e atira a cabeça para trás, exasperada. — Tu precisas de crescer! Já não estamos na faculdade! Quero alguém que saiba o que quer da vida, e essa pessoa não és tu.

— Charlotte... — digo com a voz trémula, mas tudo dentro de mim está a desmoronar-se.

Nunca vi uma expressão tão horrível nos olhos dela, algo tão dorido, tão feio, tão irreconhecível. Ela está a falar a sério, e não há como a convencer do contrário.

— Tomaste como certo que eu estaria sempre aqui, mas mereço melhor do que isso, Weston — diz, soltando um suspiro quase inaudível. Quando os nossos olhos se prendem, a voz dela desce para um sussurro. — Eu mereço melhor do que tu.

Entro numa espiral de pânico.

— Sinto muito. Sinto tanto, tanto, nem fazes ideia.

Cum caraças, estou a chorar? Fecho os olhos com força, e o meu maxilar cerrado descai com um tremor.

— Weston — diz a Charlotte, mas as emoções que tem estado a reter vêm à tona e o meu nome parte-se ao meio. Começa a soluçar e perde as mãos no meu cabelo enquanto pressiona o seu corpo contra o meu. Ainda sentado na mesa de café, ponho os braços à volta do seu corpo delgado e puxo-a para mais perto de mim. Enterro o rosto na barriga dela, agarrando-me ao tecido da sua *T-shirt*.

— Por favor — imploro, mas ela abana a cabeça contra o topo da minha. — *Por favor*.

— É demasiado tarde — segreda.

Todo o meu corpo treme incontrolavelmente contra ela enquanto tento controlar a porcaria das lágrimas, e ela segura-me com firmeza, a acalmar-me, até que todo o meu arrependimento se infiltra em mim. Não tenho outra escolha a não ser permitir-me senti-lo, o remorso e a culpa. E só depois de estar entranhado no meu âmo é que a Charlotte decide que está na altura.

Alisa-me o cabelo ao mesmo tempo que desembaraça os dedos. Afasta-se, e eu deixo-a afastar-se. Doem-me os olhos como tudo quando levanto a cabeça para olhar para ela, mas não tenho tanta certeza como isso de que ela pareça estar melhor do que eu. Não era assim que devia ser, olharmos um para o outro com tanta mágoa a pulsar entre nós.

— Vai para casa, Weston — diz, limpando as lágrimas. Esfrega as têmporas, cansada, e volta a tombar no sofá, já sem me olhar bem nos olhos. — Por favor, não me telefones nem venhas cá a casa. Quero uma separação definitiva, e preciso das minhas chaves de volta.

Levanto-me da mesa de apoio aos sofás, mas as minhas pernas parecem gelatina. Fiquei literalmente sem chão. Derrotado, tiro o porta-chaves do bolso e retiro lentamente as chaves do apartamento da Charlotte. Tenho o coração na garganta quando lhas passo para as mãos.

Ela abraça uma almofada ao peito e acena com a cabeça para a porta.

— Agora, vai-te embora. Por favor.

Mas não vou. Observo uma última vez o rosto dela, a memorizar cada pedacinho, a gravar as suas feições na mente, porque não quero esquecer uma única coisa sobre ela. Amo-a, mas agora tenho de lhe dar o que quer, uma vida sem mim.

Se, pelo menos, eu tivesse atinado. Se a tivesse amado mais, mais cedo.

Vou-me embora.

Deixo o apartamento dela, o prédio dela, deixo-a a ela.

E depois procuro no Google o bar mais próximo que esteja aberto assim tão cedo a um domingo.

GRACIE

Preciso de me esforçar mais para me recompor. Já se passaram cinco dias desde que o Luca saiu do apartamento de um modo tão final, e quase duas semanas desde que se foi embora pela primeira vez. As coisas não estão a ficar mais fáceis. Continuo a não conseguir sacudir o entorpecimento e sinto-me presa num limbo, como se estivesse à espera de alguma coisa. Porém, isto não é uma falha temporária na matriz, é a minha nova situação normal, e preciso de aceitar que agora estou por minha conta. Preciso de aprender a sobreviver.

— Amanhã vou voltar ao ginásio — anuncio, interrompendo a conversa da Elena e da Maddie, que deixei de seguir há cinco minutos. — Querem vir?

— Num sábado? Quando vai estar cheio de tipos giros que me querem ver a levantar cento e cinquenta quilos? — diz a Maddie com um sorriso. — Sem dúvida.

A Elena ri-se sarcasticamente e ajusta os óculos no nariz.

— Exercício, faço-o com homens.

— E nós não o sabemos? — diz a Maddie, e a Elena atira-lhe com o biscoito da sorte do restaurante chinês.

— Vou começar a comer refeições saudáveis outra vez — continuo com uma determinação férrea. Como já me sinto enfartada, empurro o meu recipiente de *chow mein* e depois remexo nos restos com um pauzinho. — Não esta porcaria.

— Dizes isso como se houvesse algo errado em mandar vir comida todas as noites — diz a Elena. — É o que faço. E sinto-me bem.

— Penso que também está na altura de aprender a conduzir.

A Maddie engole o frango com laranja que tinha na boca e troca um olhar

surpreendido com a Elena.

— A sério?

— Sim. Tenho de poder deslocar-me sozinha. Já é hora.

Nunca houve necessidade de tirar a carta de condução até agora. Os transportes públicos são eficientes para me deslocar na cidade e o Luca conduzia sempre que precisávamos de fazer viagens, como quando eu visitava a minha mãe. Contudo, como não há transportes públicos diretos para Santa Cruz, a não ser que eu aprenda a conduzir imediatamente, vai demorar algum tempo até poder voltar a visitar a minha mãe. Além disso, talvez seja bom ganhar alguma independência.

— Acho que tudo isso parece um ótimo plano — diz a Elena —, mas falta uma coisa. Temos de te pôr no Tinder. Ou no Bumble. Ou no Hinge. Em todos eles, na verdade.

— Elena... — gemo de frustração, estendendo a mão para o meu copo de vinho. É alarmante a facilidade com que estes copos se esvaziam. — Ou namorar de novo quando estiver pronta, o que vai ser daqui a muito, muito, muito tempo.

— Posso apenas reiterar pela milésima vez que *não* estou a dizer-te que namores — diz a Elena com um suspiro dramático, e, de seguida, fita-me com os olhos semicerrados e um sorriso. — Estou a dizer-te para ires para a cama com alguém.

— *Não*.

— Tenho a certeza de que uns amassos rápidos no banco de trás de um carro te tiravam essa teimosia.

A Maddie tenta abafar uma pequena gargalhada.

— Desculpa, Gracie, é só que... Meu Deus, Elena, tens mesmo jeito para as palavras. Vais ser uma advogada fantástica.

— Obrigada — diz a Elena, sacudindo os ombros. Olha para mim, a fazer beicinho. — Está bem, desculpa. Vou deixar que te ponhas em forma durante uns tempos, mas, se daqui a três meses ainda não tiveres dado uma queca, vou ter de intervir por preocupação genuína com o teu bem-estar.

A Elena tem boas intenções, mas de modo algum alguém a quem nunca partiram o coração pode *começar* sequer a compreender o quanto estou a sofrer. Esquecer o Luca não é assim tão fácil. Encosto-me para trás e deixo a cabeça tombar na almofada, mas sinto instantaneamente náuseas quando o teto gira por cima da minha cabeça. Já vamos na segunda garrafa de vinho.

Juntámos as camas da Maddie e da Elena, criando uma cama gigante, e estamos as três esparramadas nelas, em pijama. O vinho flui, os recipientes de comida chinesa estão entre nós e sai música das colunas de som.

O *Rogue* entra no quarto, o gato de rua que a Maddie encontrou no *campus* há alguns anos, raptou e trouxe para casa (para grande indignação da Elena), e que agora vive aqui. Salta para a cama e enrosca o corpo à volta da minha cabeça.

— Uh — digo, afastando a cauda dele da minha cara.

A Maddie suspira, estende a mão para o agarrar, aperta-o contra o peito, protetora, e beija-lhe a testa, apesar de ele já ter estado infestado de pulgas em tempos.

— Não lhe dê ouvidos, *Rogue*. Não há nada de *uh* em ti.

— Odeio mesmo aquele gato — resmunga a Elena.

Sorrio e estendo a mão para o meu copo de vinho. Há muito tempo que não passava uma noite como esta com as minhas melhores amigas. Os fins de semana eram sempre passados principalmente com o Luca, exceto um fim de semana por mês em que passávamos algum tempo com os nossos respetivos amigos, portanto, sempre que eu estava com a Elena e a Maddie, era uma ocasião especial. Agora sinto-me quase de luto por todas as noites com elas que perdi, a passarmos tempo juntas, a mandarmos vir comida e a bebermos vinho em pijama. A Elena e a Maddie passam todos os serões juntas, e agora vivo sozinha num apartamento com demasiados metros quadrados, aterrada com todos os barulhos que ouço a meio da noite.

— Obrigada por me deixarem passar cá a noite — digo, e apoio-me no cotovelo para poder beber um gole de vinho, esvaziando o copo. — Não me estou a dar muito bem a viver sozinha pela primeira vez em... Bem, em toda a minha vida.

O *Rogue* ronrona encantado enquanto a Maddie lhe acaricia a pequena mancha branca por cima do nariz.

— És mais do que bem-vinda se quiseres mudar-te para cá. Podia ser divertido!

— Maddie, nós já partilhamos o único quarto que esta espelunca tem — lembra-lhe a Elena. — Gracie, és mais do que bem-vinda se quiseres mudar-te para cá, mas vais dormir no sofá.

— Tudo bem, malta — digo com uma gargalhada, avistando a terceira garrafa de vinho fechada em cima da cómoda. Estar sozinha é algo a que preciso de me adaptar, quer me agrade, quer não. — Muito bem, meninas. É uma noite de sexta-feira. Estamos a fazer uma festa do pijama. Sentimo-nos enfartadas por termos comido de mais e estamos toldadas. Agora, podemos pôr a música mais alta ou quê?

Talvez não devêssemos ter ignorado o aviso. Quando o velhote do apartamento ao lado apareceu à meia-noite para nos mandar calar, se calhar, devíamos tê-lo feito. Quando se está bêbeda e a gritar as letras das nossas canções favoritas do princípio dos anos 2000, é difícil refrearmo-nos. E agora há mais pancadas na

porta do apartamento, embora agora duas vezes mais agressivas.

— Vou despachar este gajo — diz a Elena, e salta da cama, com os punhos já cerrados e pronta para confrontar um idoso. Estamos todas sem fôlego por termos feito a atuação das nossas vidas, saltando em cima das camas, sacudindo o cabelo como estrelas de *rock* e usando as garrafas de vinho vazias como microfones.

A Maddie puxa o cabo do altifalante, tirando-o da tomada, e, quando as três entramos na sala, ouve-se outra pancada na porta e, por trás dela, uma voz anuncia:

— Polícia de São Francisco.

Ficamos paralisadas, com o riso a dissipar-se imediatamente.

— Oh não, ele não fez isso — diz a Elena num tom sibilante, com as feições contorcidas com raiva. — O velho maluco chamou a polícia!

A Maddie, como a mais sensata das duas, corre para a porta antes que ela seja arrombada. Quando a abre, a Elena e eu ficamos exatamente onde estamos, com os nossos melhores sorrisos perfeitamente inocentes afivelados. Ainda assim, é incongruente ver um homem fardado à porta.

É um polícia mais velho, com o cabelo grisalho e o porte de superioridade de alguém que fez isto toda a vida. Pousa uma mão no cinto, apoia a outra na ombreira da porta e inclina-se para a frente para observar o apartamento por trás da Maddie.

— Recebemos uma queixa de barulho — diz ele, numa voz grossa. — Que se passa aqui esta noite?

Agora, a Elena, que é a que tem mais lábia das duas, dá um passo em frente.

— Oh, senhor agente, peço imensa desculpa. Estávamos a fazer muito barulho? É apenas uma noite de raparigas. Aqui não há nenhuma festa. É uma pena que o isolamento acústico deste prédio seja tão mau, não é? Não fazíamos ideia de que estávamos a fazer barulho suficiente para justificar a sua visita.

O agente não cede. A sua expressão permanece habilmente neutra.

— Creio que um vizinho já tinha exprimido a sua queixa.

— Oh? Isso é novidade para nós — mente a Elena.

— Baixem o som. Ou, melhor ainda, desliguem a música por completo. Já é tarde — riposta o agente, e é evidente que preferia, de longe, estar na ronda a fazer cenas de valentão a lidar com outra queixa banal de ruído.

— Mas é fim de semana! O senhor agente parece ser alguém que gosta de se divertir ao fim de semana, tenho razão? — A Elena sorri, a tentar amaciar o polícia.

Ele semicerra os olhos, e a sua carranca ainda não deu sinal de se desvanecer.

— Qual das senhoras é a arrendatária?

A Elena aponta para si própria e, de seguida, para a Maddie, ao seu lado.

— Nós as duas.

— Mostrem-me os vossos documentos de identificação imediatamente.

A Elena suspira, desiludida por não o ter conquistado, e ela e a Maddie afastam-se da porta para irem buscar as carteiras. Há uma nova voz no corredor lá fora, alguém a resmungar queixas, e apercebo-me de que o velhote da porta ao lado saiu para entrar na brincadeira.

O polícia esfrega a testa e vira-se para tratar do intrometido, mas também diz a alguém:

— Verifica a identificação delas.

É então que me apercebo de que há um segundo agente. Aparece à porta, ocupando o espaço que o agente mais velho acabou de deixar. Descai-me o queixo com a humilhação.

Solto um arquejo.

— Weston.

É ele. O tipo do fim de semana passado. Só que agora, em vez de partir garrafas durante uma briga no meio da discoteca, está de *farda*. Calças e camisa azul-escuras, cinturão à volta da cintura, rádio junto ao colarinho, botas militares. O braço cheio de tatuagens está escondido por baixo das mangas compridas da camisa, mas consigo entrever alguma tinta nas costas da mão. Há um crachá dourado que diz W. REED.

— Olá — diz o Weston, com os lábios firmemente fechados para conter um sorriso. Ele não ultrapassa a soleira da porta. Não pode. Cruzando um pé sobre o outro, encosta o ombro à ombreira da porta, e os seus olhos bailam divertidos com o pânico estampado no meu rosto.

— Pareces diferente — são as únicas palavras que consigo dizer.

Na discoteca, estava encharcado em vodca. Na manhã seguinte, estava com a barba por fazer e de calças de fato de treino. Agora, tem o maxilar perfeitamente liso, o cabelo escuro penteado com gel e um aspeto surpreendentemente intimidante. É a farda de polícia.

O Weston olha-me de alto a baixo, e o seu sorriso torna-se cada vez menos subtil.

— Podia dizer o mesmo de ti. Estás um pouco bêbeda, Gracie?

— Não é crime estar bêbeda — lembro-lhe, mas também cruzo os braços sobre o peito, numa tentativa de me esconder dele. Este conjunto de calções e *top* de alças não é a visão mais atraente do mundo, especialmente quando combinada com um puxo despenteado e uma falta extrema de rímel. Porque me parece tão embaraçoso que ele me tenha apanhado assim?

— Aqui está a minha identificação — diz a Elena, regressando à sala —, mas permita-me salientar que tirei esta fotografia num dia em que estava doente com amigdalite, por isso é que pareço pálida e subnutrida.

Para quando levanta os olhos do documento de identificação e se apercebe de

que o polícia mais velho que estava a tentar tão arduamente encantar foi substituído por um agente muito mais novo.

O Weston franze a testa enquanto a observa, e de seguida estala os dedos em sinal de reconhecimento.

— Elena, certo? O Adam passou-me os teus dados para eu fazer a transferência. Recebeste o dinheiro que enviei para pagar a cabina na discoteca?

A Elena olha para ele extremamente confusa, depois para mim e depois para ele de novo. É difícil lembrarmo-nos das caras de pessoas que conhecemos quando estamos bêbedos.

— Espera... És o amigo do Adam da discoteca? — Fecha os lábios e fita-o com desdém. — Então, és realmente polícia, e mesmo assim meteste-te numa briga? Isso é sequer permitido?

O Weston ri-se, finge verificar por cima do ombro e depois encosta um dedo aos lábios.

— Claro que não — diz em voz baixa, e, de seguida, aclara a voz. — Mas mesmo assim preciso de verificar a tua identificação.

A Elena fita-me com uma expressão peculiar enquanto se dirige para a porta para entregar ao Weston a sua identificação, e, nesse momento, a Maddie sai a correr do quarto a acenar com a sua. Não reconhece o Weston de todo, mas não chegou a interagir com ele naquela noite na discoteca. Ele verifica as duas identificações tão rapidamente que duvido de que tenha passado das fotografias, e, de seguida, devolve-as.

— Para onde foi o teu colega? — pergunta a Elena.

— Está a acalmar o vizinho que vocês enfureceram — diz o Weston num tom reprovador, mas as suas feições relaxadas deixam claro que acha a cena hilariante. — E o Bill só queria verificar as vossas identificações para se lembrar dos vossos nomes se formos chamados aqui uma segunda vez. Não deixem que isso aconteça.

A Maddie acena com a cabeça, a concordar.

— Não o faremos, senhor agente.

— Se eu voltar cá esta noite... — O olhar do Weston dirige-se para mim, fixando-se por um momento, e o canto da boca contrai-se. — Terei de te multar, Gracie.

O nosso contacto visual intensifica-se. Talvez seja o uso do meu nome, talvez o sorriso provocador, talvez aquela farda de novo, mas sinto que o estômago me dá uma volta, e não sei exatamente porquê. O olhar fixo só é interrompido quando Maddie pergunta em voz alta:

— Como é que ele sabe o teu nome?

— Oh, meu Deus, Madison — diz a Elena, batendo-lhe no ombro como se para a fazer compreender. — É ele. O tipo que fez com que fôssemos todas expulsas do Temple. O... *amigo* da Gracie.

— Não te atrevas — aviso a Elena, fulminando-a com um olhar.

Se ela piscar o olho sugestivamente, esgano-a aqui mesmo, na presença de um agente da polícia. Eu *morro* se ela disser mais alguma coisa.

O Weston ri-se junto à porta.

— Não te preocupes com isso, Gracie, ela também já fez a mesma coisa comigo ao telefone na semana passada.

— *Elena* — refilo, constrangida.

A Elena encolhe os ombros, aceitando a culpa.

— Eu só *penso* que...

O outro agente aparece por trás do Weston. Lança um olhar ríspido para dentro do apartamento.

— Está tudo bem por aqui?

— Tudo bem — confirma o Weston. — Vou ter contigo ao carro.

Quando o agente se põe a caminho, o som do seu rádio a crepitar ecoa pelo corredor, e permanecemos em silêncio e imóveis até ele estar fora do alcance dos nossos ouvidos. Depois, o Weston enfia os polegares no cinturão e volta a olhar-me nos olhos.

— Vem cá fora por um segundo — diz, uma ordem, mas, de alguma forma, é delicada. É difícil ignorá-la.

A Elena e a Maddie quase explodem. Fulmino-as com um olhar e vou ter com o Weston ao corredor, onde me ponho nervosa diante dele, com os braços ainda cruzados no peito. De perto, ele parece ainda *mais* intimidante. Os emblemas da Polícia de São Francisco nos ombros da camisa, a arma no coldre no cinturão. Engulo em seco com força.

— Que é que queres? — forço-me a dizer.

— Considera isto uma verificação de bem-estar — diz. O seu sorriso perdeu o ar de provocação e suaviza-se agora com sinceridade. — Como estão as coisas com o Luca? Eu não tinha a certeza se devia deixar-te sozinha com ele no domingo, mas também não era da minha conta. Estás bem?

Fico surpreendida, para começar, por se lembrar do nome do Luca, mas também porque espera pela minha resposta com uma quantidade incrível de paciência. Pelo canto do olho, reparo que a Elena e a Maddie estão a ouvir do interior do apartamento, portanto, fecho a porta.

— Acabou de vez — digo, sem emoção.

Houve momentos na semana passada, enquanto a separação ainda estava crua, em que acreditei genuinamente que o Luca perceberia o enorme erro que tinha cometido e que me puxaria para os seus braços, cheio de desculpas e de declarações de amor, mas tudo isso mudou no domingo. O fim da relação tornou-se evidente, e, agora que já não resta qualquer esperança, é mais fácil dizê-lo em voz alta. *Estamos mesmo acabados.*

— Podes não acreditar, mas não chorei esta semana. Mas também não está a ficar mais fácil, e aquelas duas ali dentro nunca tiveram uma relação séria, muito menos passaram por uma separação, por isso, não percebem. Mas o vinho ajuda. Como vão as coisas com a Charlotte? Ela chegou a devolver-te as chamadas?

Há um clarão no olhar do Weston. Podíamos estar bêbedos quando partilhámos aquele abraço na minha cozinha, mas é muito claro para ambos agora que nos estávamos a ouvir um ao outro naquela noite.

— Fui a casa dela e conversámos. Também acabou definitivamente para mim — diz ele, num tom tenso. — É uma lição difícil de aprender.

— Que é?

— Que preciso de atinar e de deixar de ser tão egoísta.

— Não pareces egoísta — digo.

Ele deu-me aquele abraço no meu apartamento quando era óbvio que eu precisava de um abraço, e agora está a perguntar-me como estou. No entanto, *foi* um bocado idiota no Uber. Só o vi três vezes, por isso, suponho que não posso ter a certeza.

— Bem, mas sou — diz, e depois pega no rádio quando soa uma voz.

É o parceiro, a dizer-lhe para se despachar; acabaram de ser convocados para o incidente seguinte. Tenho a certeza de que vai ser mais emocionante do que esta queixa de ruído.

— Estou a caminho — diz para o rádio, e depois olha atentamente para mim.

— Saio às sete. Vou tomar o pequeno-almoço ao Eddie's, na Fulton Street, antes de ir para casa dormir uma eternidade. Encontramo-nos lá?

— Quê? — Recuo um passo, perplexa. — Porquê?

— Acabaste de dizer que as tuas amigas não percebem. Eu percebo.

— Mas...

— Mas o quê? — interrompe-me. — É só um pequeno-almoço e uma conversa, Gracie. Não há muito a perder, pois não?

Quando se afasta, resigno-me a ficar de boca aberta a olhar para as costas dele. Tem um andar que é quase arrogante, com o cinturão a balançar nas ancas. Antes de dobrar a esquina, lança um olhar breve por cima do ombro para apreciar a minha expressão de espanto mais uma vez.

WESTON

Talvez devesse ter deixado mais claro que *queria* que a Gracie se encontrasse comigo. Passam vinte minutos das sete e ainda não há sinal dela. Agito os restos do café de filtro dentro da caneca, lutando contra a exaustão do turno da noite, e, de seguida, viro-me para a montra. O turno da noite dá sempre cabo de mim. Enquanto a cidade está a acordar para o dia, eu descomprimo. Passam mais carros, mais peões enchem as ruas, e uma série de clientes entra e sai do café. O Eddie's Café é um restaurante minúsculo da velha guarda na esquina que serve os melhores pequenos-almoços por aqui, e os *hash browns* são a única coisa que me faz aguentar os turnos de doze horas. Não é dos sítios mais sofisticados, mas não precisa de o ser.

Estou cansado e faminto, e não há maneira de a Gracie chegar. Arranco os olhos da montra e pego no menu, apesar de o meu pedido nunca mudar, e aceno à pobre empregada a quem já disse várias vezes para me dar mais um segundo. É óbvio que eu estava à espera de alguém, e ainda mais óbvio que essa pessoa não apareceu. A empregada aproxima-se toda despachada com uma cafeteira para me voltar a encher a caneca, e peço uma omeleta Denver e *hash browns*. Um bom pequeno-almoço é sempre quanto basta para eu adormecer mal chego a casa.

Contenho um bocejo e bebo um gole do café feito de fresco, mas paro com a caneca ao nível dos lábios. A sineta por cima da porta toca no momento em que a Gracie entra. Está de óculos de sol, apesar de o tempo estar nublado, mas reconheço a estatura pequena e o cabelo louro-acobreado. Observa o café pequeno e movimentado e relaxa visivelmente os ombros quando me avista numa mesa perto da montra mais distante.

Abre caminho apressadamente por entre as mesas e senta-se à minha frente. As primeiras palavras que lhe saem da boca são:

— É tão cruel convidares-me para me encontrar contigo aqui a esta hora. Lembras-te de que estava bêbeda há sete horas, certo?

— Bom dia — digo, mantendo uma expressão casual. Prefiro não deixar a Gracie perceber que a péssima aparência dela me diverte. — Eu não sou o único que precisa de café neste momento. Queres comer alguma coisa? — Levanto novamente a mão para chamar a empregada.

— Um café parece-me bem — murmura a Gracie, mas recua quando empurro um menu sobre a mesa. Deve estar mesmo com uma ressaca se até *fotografias* de comida a fazem ficar enjoada, embora não me tenha parecido que estivesse perdida de bêbeda ontem à noite. Toldada, com certeza. Talvez aguentar mal a bebida. De facto, é *mesmo* pequenina.

— Café para ela também, por favor — digo à empregada, que regressa com uma caneca e serve à Gracie a tão desejada cafeína. Ela pega na caneca e engole metade do café enquanto eu a fito com uma sobrancelha levantada. — É assim tão mau?

— É assim tão mau — confirma. Envolva a caneca com as mãos para as aquecer, leva-a ao peito e recosta-se na cadeira. Os óculos de sol permanecem firmemente colocados sobre os olhos. — Como foi o resto do teu turno? Apanharam alguns mauzões?

— Oh, sim, sem dúvida. Um par de multas de trânsito, atirámos uma mulher qualquer para a cela dos bêbedos, levámos para a esquadra um tipo que tinha um mandado de captura. Coisas muito empolgantes — digo com um entusiasmo teatral. Não faz ideia de que a queixa de ruído contra ela foi o ponto alto do meu turno. Vê-la ficar toda embaraçada quando pôs os olhos em mim e a corar... Incrível.

— Parece... interessante — diz.

— Não foi. — Imito-a, recostando-me, pondo-me confortável. Ainda estou surpreendido por ela ter aparecido. São sete e meia de um sábado, e é pedir muito a uma perfeita estranha que se encontre comigo aqui a esta hora. — Não pensei que viesses. Já fiz o pedido sem ti.

— Eu não vinha. Há vinte minutos, estava a dormir — admite, encostando os lábios à borda da caneca. Mesmo por trás dos óculos de sol, sinto os seus olhos fixos cuidadosamente nos meus. — Mas fizeste uma observação válida. És a única pessoa que conheço neste momento cujo mundo acabou de explodir, e talvez...

— Talvez?... — digo.

Bebe uns goles de café antes de responder:

— Talvez não fosses a pior pessoa para me ensinar uma coisa ou duas. Na verdade, acho que poderias ser a pessoa perfeita.

Agora estou confuso.

— Ensinar-te uma coisa ou duas? — repito.

As nossas vidas tomaram rumos semelhantes e a Gracie foi a única pessoa com quem me senti à vontade para falar da Charlotte, apesar de os momentos terem sido breves e fugazes. O Cameron é compreensivo na maior parte das coisas e não tenho motivos para esconder os meus sentimentos ao pé dele, mas com uma estranha é simplesmente mais fácil. As palavras fluem melhor. Como pode haver medo de ser julgado quando nem sequer se conhece a pessoa? Foi por isso que convidei a Gracie para vir cá. Pensei que podíamos desabafar um com o outro, mas agora ela foi numa direção diferente.

— Disseste que eras egoísta. Que te punhas em primeiro lugar — diz ela, e semicerro os olhos quando aquilo me é lembrado. É verdade, mas não quero que ela acredite. — Bem, eu preciso de aprender a fazer isso. Nunca me pus em primeiro lugar, e está na hora de viver para mim e para mais ninguém.

Fito-a com os olhos semicerrados, a tentar interpretar a expressão dela. Tem os maxilares cerrados com determinação, como se já se tivesse decidido há algum tempo. Endireita os ombros e comprime os lábios numa linha firme. A minha falta de reação frustra-a, mas não faço ideia do que raio ela quer de mim.

— Bem? És capaz, Weston?

Há peso por trás do meu nome, e não sei porque fico tenso ao ouvi-lo. Embora a voz dela seja doce, macia, o meu nome soa feroz. A minha curiosidade em relação a ela aumenta.

— Porque disseste o meu nome assim?

— Queres dizer da mesma forma que disseste o meu nome na noite passada? Como um desafio?

Pousa a caneca na mesa com um tilintar e, de seguida, apoia os cotovelos na mesa e levanta os óculos de sol. Aqueles olhos azul-pálidos tão parecidos com os da Charlotte fixam-se em mim, mas são inescrutáveis.

A empregada interrompe-nos. Chega com a minha comida e coloca-a à minha frente, mas ainda não desviei os olhos dos da Gracie. Um sorrisinho brinca no canto dos seus lábios cheios, e ela baixa os óculos de sol, a escudar novamente o olhar.

— Esses *hash browns* são capazes de me fazer vomitar — diz ela, enrugando o nariz à minha comida.

— Para tua informação, são a minha comida de conforto — digo, apontando-lhe a faca defensivamente.

Estou demasiado esfomeado para não atacar a comida imediatamente, e ela olha com repulsa, com a mão sobre a boca.

— Esta omeleta curava-te a ressaca — digo daí a algum tempo. Já despachei os *hash browns*; portanto, esses, ela não vai comer. — E como agora estou a

esforçar-me tanto para *não* ser egoísta, até te deixo comer um bocado. — Empurro sugestivamente o prato com o restante da omeleta na direção dela.

A Gracie dá um pequeno suspiro de derrota antes de empurrar os óculos de sol para o cabelo e puxar o prato para si. Quando leva a primeira dentada à boca, respira fundo. É como se eu lhe estivesse a oferecer carne de animais atropelados na autoestrada.

— Come lá isso.

Ela geme, depois enfia a garfada de omeleta na boca e mastiga à velocidade da luz com os olhos fechados. Ameaça vomitar, e desato a rir antes de puxar o prato para mim.

— Não te vou deixar desperdiçar comida boa, mesmo que te comportes como se te custasse fisicamente comê-la.

— Mas *custa-me* mesmo comê-la — argumenta. Estremece teatralmente e limpa os lábios a um guardanapo.

Depois de despachar o resto da omeleta e de beber o resto do meu terceiro café, empurro a louça para o lado. Agora que estou alimentado e com a minha dose de cafeína, vamos ao assunto. Inclino-me para a frente e cruzo os braços sobre a mesa.

— Podemos rebobinar um segundo? A razão pela qual te convidei para vir aqui é porque me sinto estranhamente... à vontade. Contigo. E sinto que és alguém com quem posso conviver sem ter de fingir que está tudo bem neste momento. Mas a razão pela qual *tu* vieste é porque queres que eu te ensine a ser egoísta? — Levanto-lhe de novo uma sobancelha, à espera de confirmação.

— Parece insultuoso, desculpa — diz, mordendo timidamente o lábio inferior. — E também um bocado estúpido. Sabes que mais? Ignora-me. Não faço a mínima ideia do que estou a fazer neste momento.

— Não, eu percebo — digo, lançando um olhar ao meu regaço. Sinto-me sempre nu quando estou fardado mas sem o cinturão. — Tu precisas de te pôr em primeiro lugar e eu preciso de pôr... outra pessoa em primeiro lugar.

— Estou disposta a ser a tua cobaia.

Reviro os olhos.

— Falo a sério — diz a Gracie. Fica com uma expressão incisiva.

— Quê?

— Acompanhaste-me à porta no fim de semana passado — diz —, e pareceu-me que querias mesmo saber quando perguntaste ontem à noite como estavam as coisas com o Luca. Isso leva-me a crer que és capaz de ser um namorado decente, seja para a tua ex-namorada ou para outra pessoa qualquer, não sei. Mas podes praticar comigo.

Não escondo o riso, mas controlo-o quando a sua expressão solene não vacila. Esta rapariga está cheia de ideias malucas que não fazem muito sentido para mim.

— OK, sinto-me demasiado cansado para ter *esta* conversa contigo. Vou para

casa dormir.

A Gracie dá um estalido com a língua e abana a cabeça, consternada.

— Vês, é aqui que precisas de alguma orientação. Tens uma rapariga de ressaca à tua frente. Pensa, Weston. O que faria um homem que se importasse?

— Levava-te a casa, ao teu apartamento? — tento adivinhar.

De onde veio este exame? Não acho que tenha sido o pior namorado do mundo. Egoísta, mas nunca insensível. Importava-me com a Charlotte — só não o demonstrava.

— Uma sugestão razoável — diz a Gracie, e de seguida inclina a cabeça para o lado, com um olhar suavemente confiante. — Mas eu preferia, de longe, mais café.

Suspiro, ainda bastante confuso com o que ela espera de mim agora. Estou demasiado cansado para jogar este jogo, mas talvez não seja a *pior* ideia do mundo. Com certeza que sou capaz de pôr alguém em primeiro lugar.

— Gracie — digo com um sorriso —, queres vir a minha casa tomar mais um café?

— Agora estás a entender. Vamos — responde.

Quando se levanta da mesa, faz um sorriso radiante. Tem-me mesmo onde me quer, e é a primeira vez que a vejo fazer um sorriso assim tão rasgado. Deixa-me estonteado, ainda sentado à mesa, a olhar para ela com uma sensação de espanto. Ela tem um sorriso lindo como tudo. Alastra-lhe até aos olhos, com o azul-pálido a cintilar.

— Vamos lá, agente Reed — diz, batendo palmas para me apressar.

Olho para o meu crachá, como se me tivesse esquecido do meu próprio apelido. Estou simplesmente cansado. Atiro algumas notas para cima da mesa e forço-me a levantar-me. Como é que vou conseguir dormir em condições se a Gracie vem comigo para minha casa?

— Estou estacionado ao dobrar da esquina — digo-lhe enquanto nos dirigimos para a porta, e certifico-me de que a abro e a seguro para ela sair. — Mas se te atreveres a vomitar no meu carro, podes esquecer esta tua ideiazinha.

Quando ela sai, olha para mim por baixo das suas pestanas compridas e diz:

— Se eu vomitar, fica a saber que um homem carinhoso me seguraria o cabelo.

GRACIE

O Weston vive no Mission District, que não é lá muito longe da minha zona. Somos praticamente vizinhos.

— Devias mesmo limpar o teu carro — digo, tirando o copo vazio do Starbucks da consola central e segurando-o para que o Weston possa olhar para ele pelo canto do olho quando conduz. Mexo com os pés no lixo no chão. — Eu nem sequer tenho carro, mas sei muito bem que, se tivesse, ele nunca ficaria assim.

— Não te obriguei a vires comigo — lembra-me o Weston, tirando-me o copo da mão e colocando-o de volta no suporte. — Se não estás contente com o serviço, pede um Uber.

Reviro os olhos e mantenho a atenção assestada no Weston enquanto nos dirigimos para o subsolo, para a garagem do prédio dele. São quase oito da manhã e ele ainda está fardado, sem o cinturão, e tem o cabelo mais despenteado agora do que na noite passada. Há linhas de exaustão gravadas à volta dos seus olhos. Por um momento, sinto-me culpada. O pobre homem só quer cair na cama e dormir o resto do dia, mas obriguei-o a receber uma estranha em casa.

Contudo, o que o Weston disse no café tocou-me. Ele sente-se confortável comigo, e isso faz todo o sentido, porque eu também me sinto à vontade com ele. Quando me abraçou na minha cozinha, era algo de que eu estava a precisar muito. Éramos estranhos, mas soube-me bem. E não me criticou pelo meu choro incessante, o que é um bónus. Portanto, se quiser falar sobre a Charlotte, eu ouço-o.

— Preciso mesmo de dormir — diz o Weston, rematando com um forte

bocejo. Desliga o motor e tira as chaves da ignição. — Mas dou-te um café primeiro.

— Aprecio o gesto.

Sáímos do carro e atravessamos a garagem até à escada, subindo-a até ao segundo andar do prédio. Não é lá grande coisa. Mais velho, com uma preocupante falta de janelas no corredor e apenas uma luz amarela fraca na parede para compensar. Não julgo, porque o Luca e eu tivemos uma sorte incrível com as nossas finanças em circunstâncias excecionais, e nunca me esqueço da sorte que temos em ter o apartamento na urbanização. Ou melhor, só eu, agora.

Como se me lesse a mente, o Weston hesita com a mão no puxador da porta do apartamento.

— Atenção: é um estúdio, e parece uma caixa de sapatos comparado com a tua mansão.

Pestanejo com indiferença.

— Abre mas é a porta.

— E não estava à espera de ter visitas — acrescenta, antes de me deixar entrar no apartamento.

É pequeno, mas que estúdio não é? A cozinha consiste em três armários, e a cama, que está encostada à parede, fica a menos de dois metros do sofá, mas o apartamento está decorado com bom gosto e limpo, o que é muito mais do que posso dizer do carro dele. Dou uns passos, a sentir-me embaraçada de repente.

Não consigo lembrar-me do que vim fazer aqui.

O Weston passa por mim para fechar as cortinas, mas não são *blackout*, portanto, a luz no apartamento fica apenas menos forte. Como consegue dormir aqui depois das noites de trabalho, não faço ideia. Escapa-lhe outro bocejo, e leva os dedos aos botões da camisa, mas para.

— Gracie — diz em voz baixa. Uma réstia de luz vinda de uma fresta das cortinas ilumina um lado do seu rosto. — Preciso de dormir... E não durmo fardado.

Sobe-me um calor às faces.

— Certo.

O apartamento parece tão intensamente silencioso e sossegado, e o riso cansado do Weston é como um sopro quando me viro de costas para ele. Mexo nas unhas e concentro-me no chão enquanto ele muda de roupa, mas, pelo canto do olho, vislumbro-lhe o reflexo no espelho da parede. Sinto um nó na garganta quando o vejo desabotoar a camisa, revelando uma camisola interior preta por baixo. As tatuagens estão expostas agora, aquele braço pintado de escuro do ombro às costas da mão. Nunca pensei que gostasse assim tanto de tatuagens, mas ficam bem ao Weston. Descalça as botas, despe as calças e tira a camisola interior.

Agora engulo em seco. Está a alguns passos de mim, sem mais nada além de

um par de boxers pretos justos. É de facto musculado, como já tinha adivinhado pela forma como as roupas lhe assentavam, e tem linhas definidas gravadas no estômago que continuam além da cintura dos boxers. Estou hipnotizada, não necessariamente por *ele*, mas pela visão de um homem quase nu. O Luca é o único homem que alguma vez vi nu, e, de repente, é como se eu tivesse catorze anos de novo, corando por causa de miúdos em tronco nu. Território desconhecido.

— OK — diz o Weston enquanto veste umas calças de fato de treino. — Café. Tomas com leite?

Sinto as faces a arder quando me viro, e tenho a certeza de que ele vê isso, porque curva os lábios num sorriso divertido. Gostava de que tivesse vestido uma *T-shirt*. Sinto a cabeça a andar à roda e a garganta seca.

— Importas-te de me trazer antes um copo de água? — digo, inconscientemente a tocar com os dedos no pescoço. — Penso que estou desidratada.

— Sim. O vinho tem esse efeito. — O Weston vira-se para a sua pequena cozinha e enche-me um copo de água da torneira. Sinto que está gelada quando me passa o copo para as mãos. — Queres paracetamol?

Abano a cabeça e bebo um gole de água, saciando a sede. Por cima da borda do copo, vejo que o Weston contém à força um bocejo, num esforço para ser delicado. Está cansado; eu estou cansada. Agora não é o momento para ter mais conversas enquanto tomamos café.

— Desculpa, devia ir-me embora e deixar-te dormir um pouco — digo, pousando o copo na mesa baixa e preparando-me para sair a toda a pressa. — Também preciso de dormir mais um pouco.

— Tenho todo o gosto em que fiques aqui — sugere o Weston, e, depois de um momento, acrescenta: — no sofá. — Sorri timidamente.

Não é a pior ideia do mundo. O sofá do Weston parece confortável, e eu preferia de longe ficar aqui a ir para casa, para o meu apartamento vazio que está cheio de demasiadas memórias dolorosas.

— Está bem. Obrigada.

O Weston tira uma manta de dentro de uma caixa estofada aos pés da cama dele e passa-ma para as mãos. A proximidade quase me faz morrer enquanto me esforço para evitar que os meus olhos se puguem no seu peito nu.

— Vou tomar um duche rápido — diz, e depois desaparece na casa de banho.

Expiro com força, recomponho-me e, de seguida, ponho-me à vontade. Descalço os *Nike*, enrosco-me no sofá e puxo a manta sobre o corpo para me aquecer. Estou com calças de ioga e uma *sweatshirt* grande, porque tinha toda a intenção de me encontrar com o Weston no café e depois arrastar-me para o ginásio, onde a Maddie me vai gritar para levantar pesos mais pesados apesar de os meus braços parecerem esparguete, mas dormir uma sesta aqui é um uso muito

melhor do meu tempo.

Despacho uma mensagem rápida para a Maddie a adiar a nossa sessão para a tarde e, depois, enfio o telemóvel num dos meus ténis e aconchego-me debaixo da manta. O pulsar do chuveiro é como um ruído branco, mas só dura uns dois minutos.

O Weston sai da casa de banho, com a pele corada do calor do chuveiro, o cabelo escuro húmido e despenteado. Está agora de boxers cinzentos. Quando atravessa o pequeno apartamento, espreito-lhe o rabo. Para fins educativos. E é um belo rabo.

Ele deita-se na cama e enfia-se debaixo do edredão.

— Boa noite, Gracie — murmura. — Ou talvez seja bom dia.

Vira-se para a parede, de costas para mim. Ficamos ambos em silêncio, com a nossa respiração superficial misturada com o ruído do trânsito na rua lá em baixo. No princípio, penso que é o som mais irritante do mundo, o guincho dos travões e o zumbido dos motores, mas depois torna-se reconfortante. Como o ruído branco do chuveiro, penso que será suficiente para me adormecer.

No entanto, o Weston não adormece logo. Dá voltas sobre voltas e depois vira-se para mim.

— Olá — diz.

— Olá.

Na penumbra do apartamento escuro, os nossos olhos prendem-se. Traço mentalmente linhas no rosto dele, pintando a curva dos lábios, a espessura das sobrancelhas, o sinal na face. Os seus olhos escuros brilham, e pergunto-me se estará a examinar as minhas feições da mesma forma que estou a estudar as dele. O contacto visual tão intenso com um estranho não deveria dar a sensação de ser tão íntimo, no entanto...

— Não tenho dormido muito desde que o Luca se foi embora — segredo, com um arrepio a percorrer-me a espinha. — Não gosto de dormir sozinha.

— Então, vem cá.

O Weston afasta-se para o outro lado da cama e levanta o edredão. Espera pacientemente, mas não demoro muito tempo para tomar a decisão. Desembaraço-me da manta e cubro a pequena distância entre o sofá e a cama. Não respiro uma única vez enquanto me enfio debaixo do edredão, de costas para ele.

— Assim está melhor? — pergunta o Weston, com a voz cansada e rouca.

Aceno com a cabeça para a almofada. Ele aproxima-se mais, pressionando o peito contra as minhas costas. Irradia calor, e ajusta o corpo à forma do meu. Sinto a sua respiração contra o meu cabelo, e ele passa um braço à volta da minha barriga. Há algo na sua voz quando segreda:

— E isto?

Sinto-me estonteada. O apartamento gira à minha volta, com estrelas a

aparecer no escuro. Não tinha percebido até agora o quanto ansiava pelo toque de outra pessoa. Tenho-me sentido tão sozinha desde que o Luca se foi embora. Estar em segurança nos braços de uma pessoa e partilhar o peso do mundo com ela tem sido a coisa mais difícil de que prescindir, e ardem-me os olhos com a emoção acumulada. Sinto a falta dele. Tanto, tanto.

Fecho os olhos com força e estendo a mão para a mão do Weston que está pousada na minha barriga. Entrelaçamos os dedos, suavemente no início, depois com mais força. Contenho a vontade avassaladora de chorar. De novo. Não há palavras para descrever como eu precisava desesperadamente disto — da simplicidade de partilhar a cama com outro ser humano, do calor dos nossos corpos a inflamarem-se como um fogo, da minha mão na dele.

Um grito de mágoa dorida escapa-me involuntariamente dos lábios. Soltando a mão do Weston, viro-me nos seus braços para ficarmos face a face. Os nossos peitos estão juntos, o braço dele ainda à volta da minha cintura, os nossos olhares apenas a centímetros de distância.

Partilhamos um acordo silencioso na forma como olhamos um para o outro.

Preciso dele e acho que ele precisa de mim.

Portanto, dou o salto.

Pego no rosto do Weston entre as mãos e pressiono os lábios nos dele.

Ficamos imóveis durante um momento insuportavelmente longo enquanto apreendemos a sensação das nossas bocas juntas, nova e nada familiar. Depois, o Weston beija-me mais profundamente. A sua mão viaja da minha cintura para o meu maxilar, depois desliza para o meu cabelo ao mesmo tempo que a sua língua trabalha avidamente com a minha. A dor do coração alimenta o nosso desespero. Empurro-me com mais força contra ele e sinto como ele está pronto para mim.

Os nossos movimentos tornam-se erráticos. O Weston deita-se de costas, levando-me com ele. Sento-me ao colo dele, espalhando o corpo contra o seu peito e beijando-o com toda a força. A pele formiga-me com um milhão de arrepios e o coração bate-me dolorosamente no peito.

Nunca beijei, nunca toquei, nunca senti ninguém a não ser o Luca. Ele foi o meu primeiro *tudo*. É tudo tão estranho para mim, o cheiro da pele de um novo homem, os contornos diferentes de um outro corpo, a forma como um novo par de lábios se encaixa de forma única nos meus. É assustador, mas preciso disto. Preciso de intimidade.

O Weston passa as mãos por baixo da minha camisola, com as pontas dos dedos a queimar-me as costelas. A minha pele está tão sensível que um arrepio me percorre a espinha em reação ao toque. Ele passa os braços à volta do meu corpo e senta-nos direitos, ainda a segurar-me no colo. Está tão duro debaixo de mim. Ponho a mão sobre os boxers dele, sentindo-o inchar, a pressionar-me a palma da mão.

Agarra-me o pescoço e inclina o meu queixo para cima enquanto arrasta os lábios do canto da minha boca ao longo do maxilar. Balanço as ancas para trás e para a frente no seu colo, com um calor a subir-me entre as pernas, cheia de expectativa. O Weston geme e agarra-me a *sweatshirt*, tirando-a apressadamente. Enquanto se ocupa com o fecho do meu sutiã, beija-me os seios, e enfio as mãos no cabelo dele, puxando as pontas com um pouco de força de mais e contendo um gemido. *Fogo*. Isto dá uma sensação perigosamente incrível.

— Se estás cansado, não temos de fazer isto — murmuro, com a cabeça para trás, a revirar os olhos. O meu sutiã está no chão agora.

— Pareço-te cansado agora? — diz o Weston.

Pega-me na mão e leva-a de volta para os boxers. Os seus braços musculosos agarram-me de novo e manobram-nos com facilidade, deitando-me de costas.

É insuportável agora, até que ponto anseio por o ter dentro de mim. Sou uma mera casca agora, vazia e oca, e sei que ficarei um pouco mais inteira novamente se puder apenas *senti-lo*.

O Weston beija-me do peito até ao estômago, e, de seguida, despe-me as calças de ioga. Olha para mim com uma sobrancelha arqueada e um sorriso a combinar quando percebe que não trago roupa interior e mordo com força o lábio inferior enquanto ele põe uma mão em concha entre as minhas pernas para sentir o quão molhada estou para ele. Esta ânsia de estar perto dele faz-me sentir insaciável.

Ele tira os boxers e estica-se por cima de mim para abrir a gaveta de cima da mesinha de cabeceira, e procura um preservativo. Sinto um nó de nervos no estômago quando o vejo rasgar a embalagem com os dentes, depois colocar o preservativo e reposicionar-se. Passa uma mão por baixo da minha coxa. Os nossos olhos encontram-se e a apreensão preenche o espaço entre nós. Um momento de interrogação. De dúvidas.

— Tens a certeza disto, Gracie?

— Não tenho a certeza de nada ultimamente, mas sim — segredo. — Por favor.

O Weston agarra-me a coxa com mais força e cerro os dentes quando entra em mim devagar, com cuidado, e depois completamente. Arquejamos em sincronia. Há alguns segundos de quietude enquanto me adapto a ele dentro de mim e ele apreende a minha sensação. Levo as mãos ao rosto, fecho os olhos.

— Não te escondas — diz o Weston. Pega-me nas mãos e afasta-as, e a força magnética do seu olhar atraindo-me de volta para ele. De alguma forma, parece-me tão reconhecível. — Está tudo bem. Nós estamos bem.

Mantém uma mão entrelaçada na minha, e as suas investidas são cautelosas e ternas no começo, mas depois acelera o ritmo quando sente como o meu corpo responde bem ao dele. Atiro a cabeça para trás, para a almofada, e arqueio as costas, gemendo de prazer à medida que me penetra nas profundezas do meu

âmbito. A sua mão livre está entre as minhas coxas, tocando-me em todos os sítios certos. À medida que a intensidade aumenta, agarro-me aos lençóis e o meu corpo contorce-se. A respiração do Weston está pesada, e é incrível saber que sou desejada desta forma, que um homem me quer tanto que fica sem fôlego.

O Weston abranda o ritmo, inclina-se para a frente e enterra o rosto no meu pescoço. O calor do seu hálito enche-me o ouvido, deixando-me louca. Arrasto as unhas pelas suas costas e balanço as ancas em sincronia com as dele. A forma como geme contra a pele macia do meu pescoço é quanto basta para me fazer desatinar. Estar com alguém novo é tão estimulante que não sei quanto tempo vou aguentar. O prazer aumenta para uma dor divinal, e sei que estou perto.

— Acho que talvez... — digo ofegante, mas o Weston emudece-me com as investidas.

Investe mais rápido de novo, mais forte do que antes, arrancando-me sons de que não fazia ideia de que era capaz. Bagas de suor escorrem-lhe pelas faces, pelo peito, tornando-lhe a pele quente e húmida. Aquela dor divinal intensifica-se, tão insuportável mas tão, *tão* boa. Contorço-me, as minhas coxas tremem enquanto as aperto, tentando empurrar o Weston, mas a rezar para que ele não se atreva a parar. Não aguento nem mais um segundo.

— *Weston* — guincho, mas a minha voz atinge uma oitava, o arquejo rasga-se-me da garganta.

Uns formigueiros de espasmos musculares disparam através de mim, com o meu corpo a contrair-se e depois a soltar-se com uma satisfação insuperável.

Um grunhido solta-se do Weston. Ele fica tenso dentro de mim, a pulsar com ondas de prazer, e deixa cair a cabeça na curva do meu pescoço quando também atinge o seu pico. Respira profundamente contra a minha orelha, e eu enfio os dedos no cabelo dele, apertando-o contra mim. Os nossos peitos sobem e descem enquanto tentamos a custo recuperar o fôlego.

— Agora preciso mesmo de dormir — murmura. Afasta-se de mim, voltando a passar a mão pelo cabelo húmido e sentando-se na beira da cama. Dá-me a sensação de que vejo estrelas, como o princípio de uma enxaqueca, mas não deixo de admirar a definição das costas dele, as linhas gravadas à volta das espáduas.

Então, ele lança-me um olhar, e sinto que me desfaço em mil pedaços. Ele não é o Luca. Quando me apercebo disso, apercebo-me de que tudo o que quero é o Luca.

— Gracie? — diz o Weston, com a expressão a distorcer-se com preocupação.

Treme-me o lábio inferior quando as minhas emoções explodem descontroladas. Agarro o edredão e puxo-o para cima do corpo, a escudar-me do Weston e virando-me de costas para ele, para que não veja a primeira de uma torrente de lágrimas a brotar nos meus olhos. Isto é humilhante.

— Fogo, Gracie. — O Weston aconchega-se atrás de mim, com o edredão a

separar-nos, enquanto me dá um abraço terno. — Desculpa. Nós não devíamos ter...

— Não. Não és tu — interrompo, pressionando o rosto na almofada para apanhar algumas das lágrimas. — Estou um caos neste momento. Sinto que é tão novo para mim estar aqui... contigo... e não com o Luca.

— Eu sei — diz ele com um suspiro compreensivo, e pergunto-me se sente a mesma coisa. Eu não sou a Charlotte. Também sou nova para ele. — Desculpa.

— Para de pedir desculpa. Eu é que estou a chorar na tua cama.

— Não te preocupes com isso. Já choraste forte e feio no Uber, lembras-te? — recorda-me, e aquilo tira todo o peso da situação. Consigo dar uma pequena gargalhada e enxugo os olhos aos lençóis.

— Eu precisava daquilo — admito depois de o momento de silêncio passar.

— Eu também precisava daquilo — diz o Weston.

Continua encostado às minhas costas, ainda do outro lado do edredão, mas com um braço a envolver-me o corpo. Não dizemos mais nada enquanto ele adormece primeiro, mas só porque não fazemos ideia *do* que dizer. Muito francamente, não faço a mínima ideia do que tenho andado a fazer desde que o Luca me deixou.

WESTON

Um domingo por mês, o nosso pai recebe os filhos em casa para comermos os hambúrgueres caseiros mais loucos. Tem sido a nossa rotina desde que ele se aposentou e se mudou da Bay Area há três anos. Se não tivéssemos sempre a data seguinte na agenda para nos encontrarmos, o tempo fugiria de nós com demasiada facilidade. Há muito tempo que não comparecemos todos. Muitas vezes, sou o único que pode ir, mas o meu irmão mais velho e a sua família vão fazer a viagem de três horas hoje para se juntarem a nós em Bodega Bay.

Há sempre tanta tranquilidade aqui, e, embora não me agradasse a ideia de o pai se mudar, sei que um lugar como Bodega Bay é exatamente onde ele precisa de estar para desfrutar da aposentação. É uma vila costeira minúscula, com menos de mil habitantes, e tem um campo de golfe, uma marina e percursos pedestres fantásticos. Ele passa a maior parte dos dias a pescar junto ao porto. Está apenas a uma hora e meia a norte de São Francisco, mas, mesmo assim, a ideia de não conseguir contactá-lo rapidamente em caso de emergência deixa-me inquieto.

Hoje está calor, portanto, o pai tem o grelhador ligado no caminho da garagem. A frente da casa dá para a baía e tem uma vista deslumbrante. A relva estende-se até à praia, a praia desaparece nas águas calmas da baía. Tranquilidade, foi para isso que veio para cá.

— A Lily acabou de enviar uma mensagem. Estão a cinco minutos daqui — digo ao pai enquanto guardo o telemóvel e me recosto mais na cadeira de campismo, esticando as pernas à minha frente.

O pai entra em ação. Nunca consegue estar quieto, e está mortinho por pegar nas pinças e começar a grelhar os hambúrgueres. Não é velho, ainda não fez

sessenta anos, e está em ótima forma física. No entanto, ando sempre preocupado com ele.

— Precisas de ajuda com alguma coisa, pai?

— Não. Relaxa — diz, arredando-me com um aceno vago enquanto se dirige para dentro de casa. Na mesa desdobrável no meio do caminho, há uma série de taças de salada, pães de hambúrguer, *imensos acompanhamentos*, uma mala térmica cheia de cervejas e uma pilha de pratos e de garfos descartáveis. Já estava tudo pronto antes de eu chegar, portanto, agora sinto-me inútil.

Bebo um gole de cerveja gelada e olho para os lados da baía. O céu está azul e a luz do sol brilha sobre a água. Normalmente, a Charlotte estaria aqui comigo, mas disse ao pai que ela não podia vir devido a compromissos de trabalho. Preciso de lhe contar a verdade, que acabámos e que não há como salvar a relação, mas tenho vergonha de o admitir. Ele vai ficar desapontado: fazia-me muitas vezes indiretas subtis sobre pedi-la em casamento. Eu ignorava sempre a sugestão.

O pai sai pela porta da frente com um tabuleiro de hambúrgueres, sempre temperados na perfeição. Agora também tem vestido o avental de cozinheiro, o que a minha irmã lhe ofereceu num ano no Dia de Ação de Graças, personalizado com: «O Mark é o dono do grelhador.»

— Acho que estou a ouvi-los — diz, parando para se pôr à escuta.

E também o ouço, o ronronar crescente de um motor a aproximar-se à distância. O SUV da *BMW* desce a rua daí a um momento e estaciona na entrada do caminho da garagem, atrás do meu *Honda* velho ao qual eu já devia ter mudado o óleo. Preciso mesmo, mesmo, de um apartamento maior e de uma carripana nova. O Keaton está muito mais bem encarreirado do que eu.

— Ei, ei! — diz alegremente o Keaton quando sai do carro. Como não puderam vir ao encontro do mês passado, há algum tempo que não via o meu irmão. Entretanto, deixou crescer um bigode horrível.

— Que é isso? — Aponto com a garrafa de cerveja para a cara dele.

— Não gostas?

— Parece o pai — digo.

Contudo, o Keaton sempre se pareceu mais com o pai, mesmo sem bigode. Têm as mesmas feições suaves e arredondadas, ao passo que eu e a Peyton saímos à nossa mãe e partilhamos as suas feições mais aguçadas e definidas.

— O que significa que ele está lindo de morrer! — diz o pai, coçando os pelos que tem por cima do lábio superior. Percorre o caminho da garagem com os braços abertos para abraçar o Keaton e lhe dar uma forte palmada nas costas como só os pais dão.

A mulher do Keaton, a Lily, sai do carro e ajuda a filha, a Sophia, a sair do banco de trás. A blusa da Lily está bem esticada sobre a sua barriga redonda. O bebé deve chegar no próximo mês, e mal posso esperar para ter um sobrinho. Sem

ofensa para a Sophia, mas não tenho jeito nenhum para desempenhar papéis em brincadeiras com as bonecas dela. Contudo, não deixo de dar o meu melhor.

— Lily, estás com ótimo aspeto! — digo, levantando-me da cadeira de campismo e juntando-me a eles. O pai pega na Sophia ao colo e põe-na a andar à roda, e as gargalhadas infantis dela descarregam serotonina no ar.

— Oh, obrigada, Weston, mas estão-me a começar a inchar os pés e, acredita, não é um aspeto nada recomendável. Daí estes — diz ela, levantando o pé para mostrar os *Crocs* que traz calçados. Perscruta rapidamente o caminho da garagem e pergunta: — Onde está a Charlotte?

— Não pôde vir — respondo.

A mentira deixa-me um sabor amargo na boca. Viro-me apressadamente para o pai e arranco-lhe a Sophia dos braços, erguendo-a no ar acima da minha cabeça. Sempre que a vejo, ela está maior, e ainda me lembro de como parecia frágil quando peguei nela ao colo pela primeira vez, quando era recém-nascida, há três anos. Agora, atiro-a ao ar como se fosse inquebrável.

— Ei, fofinha!

— Tio Wes — diz ela, e faço-lhe má cara na brincadeira.

— *Weston* — corrijo. Detesto que me abreviem o nome para Wes. Faz-me parecer que tenho cem anos.

— Weston — repete a Sophia, e baixo-a para o peito para a poder abraçar.

— Posso começar a grelhar os hambúrgueres agora? — pergunta o pai, juntando as mãos com impaciência, e todos lhe fazemos sinal com o polegar para cima.

Pouso a Sophia no chão, e a Lily leva-a para dentro de casa para ir buscar alguns brinquedos para ela brincar no quintal. Entretanto, o pai põe hambúrgueres no grelhador e o Keaton abre uma cerveja gelada.

— É bom ver-te — diz ele, batendo com a garrafa de cerveja na minha. — Como está a correr a formação?

Terrível como o caracas, acho. Detesto aquilo. E não presto. E nunca quis ser polícia, para começar.

— Bem — minto. Volto a sentar-me na cadeira e bebo um gole de cerveja para preencher o silêncio. — A vida na base continua a tratar-te bem?

O Keaton arrasta outra cadeira para o lado da minha e desaba nela, mas mantém os olhos fixos na porta da frente da casa, e a Lily e a Sophia reaparecem com uma caixa de brinquedos.

— Nunca estive melhor — diz, e depois suspira pesadamente. — Mas estou a temer o dia em que serei destacado outra vez. As coisas agora são diferentes. Não sei se serei capaz de as deixar.

O Keaton trabalha em cibernética na Força Aérea, e ele e a Lily vivem e trabalham na base de Beale. Há anos que não é destacado para missões no

estrangeiro, desde antes do nascimento da Sophia, e tem um horário confortável. No entanto, a qualquer momento pode ser enviado sabe Deus para onde. Há mais em jogo agora, com mulher e filha e um filho a caminho.

— Pois. Tens tido notícias da Peyton ultimamente? — pergunto, começando a descolar o rótulo da garrafa de cerveja. — Pergunto-me como estará.

— Não, mas penso que ela telefonou ao pai há umas semanas. Está bem, mas com saudades de casa — diz o Keaton, e fazemos uma pausa momentânea para nos permitirmos processar a nossa preocupação.

É inevitável preocuparmo-nos com a Peyton. Para o Keaton, ela é a sua irmã mais nova. Para mim, é a minha irmã mais velha. Isso torna-nos aos dois protetores, mas ficamos sem préstimo quando ela está destacada a milhares de quilómetros, no Kuwait. Mas é também a pessoa mais dura que conheço, e não duvido da sua capacidade de olhar por si mesma lá. Afinal, está-nos na massa do sangue seguirmos carreiras fisicamente exigentes.

Culpo o pai. Antes de se aposentar, era o subchefe de operações no terreno da Polícia de São Francisco. Um grande polícia. Sempre equilibrado e justo, sempre destemido. Até levou um tiro no braço uma vez quando eu era miúdo, e mal podia *esperar* pela alta médica para voltar ao trabalho. Embora nunca o tenha dito explicitamente, havia uma certa pressão para que nós, os filhos, fôssemos igualmente resilientes.

O Keaton, sendo o mais velho, foi evidentemente o primeiro a provar o que valia. Concorreu à Força Aérea logo a seguir ao liceu, foi destacado várias vezes para o Japão e acabou por enveredar pela cibernética. A Peyton tinha de o superar. Alistou-se no exército, arrasou no teste de aptidão e conseguiu uma carreira de especialista em desativação de engenhos explosivos. Não há nada mais perigoso do que isso, portanto, ela supera-me a mim e ao Keaton no que diz respeito a resiliência.

Depois dela, foi a minha vez, mas não tive coragem para escolher as forças armadas. Não tinha bem a certeza *do que* queria, por isso, fui o primeiro a ir para a faculdade. Formei-me em Justiça Criminal, o que o pai aprovou fortemente. E, apesar de o Keaton e de a Peyton terem subido a fasquia no que diz respeito a proteção e serviço ao país, nem um nem outro seguiram as pisadas do pai, e eu sabia que isso o deixaria mais feliz do que tudo. Portanto, decidi ser eu a fazê-lo, ser um vulgar polícia de cidade.

Nunca lhe poderei dizer agora que detesto o trabalho.

— A Peyton ligou-te, pai?

— Sim, e está bem — tranquiliza-me o pai, acenando com as pinças casualmente por cima do ombro. — E não perguntes quando volta para casa, porque ela ainda não sabe.

Suspiro. A Peyton está destacada há quase um ano, e começo a sentir realmente

a falta dela. Posso falar com o pai e com o Keaton sobre quase tudo, mas o melhor conselho vem sempre da minha irmã. Com a Peyton, não há tretas; diz-me as coisas como elas são. Se ela estivesse aqui neste momento, eu teria alguma ideia de como sair desta confusão.

Provavelmente, devia começar por contar a verdade sobre a Charlotte.

— Há uma coisa que preciso de vos contar — anuncio, aclarando a voz. O pai vira-se do grelhador, o Keaton olha-me de lado e a Lily levanta a cabeça, de onde está a ajudar a Sophia a instalar as bonecas no caminho da garagem. Não arrasto o momento de *suspense*. Digo-o apenas. — A Charlotte e eu acabámos.

— Quê?! Como é que isso aconteceu? — pergunta o Keaton, coçando a testa com aparente confusão. — Pensei que iam ficar noivos em breve. Namoram há anos.

Levo a garrafa de cerveja aos lábios, mas apercebo-me de que está vazia. Evitando o contacto visual com todos, levanto-me e atravesso para a mesa para ir buscar outra.

— Não lhe posso dar o que ela quer — admito em voz baixa. Detesto ter estragado tudo, e não quero que o pai e o Keaton pensem mal de mim por causa disso. — Não a tenho posto em primeiro lugar, e ela diz que é demasiado tarde para emendar isso.

As pinças de grelhar pendem da mão do pai, e ele fita-me, visivelmente chocado. Também fiquei chocado quando a Charlotte me deu a notícia. Tinha tomado como certo que seria minha para sempre, e acho que o pai acreditava que um dia ela seria a sua outra nora.

— Lamento sabê-lo, Weston. Vou ter saudades de a ver por cá — diz ele. — Estás bem?

Encolho os ombros, tentando parecer indiferente, mas o nó que me sobe à garganta trai-me.

— É uma adaptação. Estou principalmente chateado comigo mesmo.

Quando volto a sentar-me, o Keaton inclina-se para me apertar o ombro em sinal de compreensão.

— Ei, tu ainda és novo. Eu só conheci a Lily aos vinte e quatro anos!

— É verdade — diz a Lily. — Tens tanto tempo para conhecer outra pessoa, Weston. Dá tempo a ti próprio para a esqueceres primeiro.

Olho fixamente para a borda da garrafa de cerveja e penso na Gracie. Não sei se saltar para a cama com outra rapariga tão cedo foi a coisa certa, mas fez imenso sentido para mim naquele momento. Ainda *não* esqueci a Charlotte, e, decididamente, a Gracie também não esqueceu o ex-namorado, portanto, nem um nem outro estávamos a pensar com clareza. Houve apenas um desejo avassalador de intimidade de que ambos precisávamos. Não sei o que sinto em relação a isso neste momento, em relação ao que aconteceu.

Já passou uma semana e não tive qualquer contacto com a Gracie desde que ela acordou na minha cama e saiu a correr porta fora. Há muitas emoções para processar, por isso, talvez não possamos ser amigos agora, não depois do que aconteceu, mas gostaria que fôssemos amigos. Podemos ser vulneráveis um com o outro, e preciso realmente disso neste momento. A Gracie pode não ser a Charlotte, mas estar com ela, sentir essa proximidade... Dava a sensação de ser tão natural, tão certo. A Gracie não me parece uma estranha, mas talvez eu tenha estragado as coisas agora. Espero que ela não se arrependa do que aconteceu, porque estivemos lá um para o outro num momento em que precisávamos mesmo um do outro, e isso não é de desprezar. Nem sequer tem de se tornar um grande problema. Podemos esquecer o assunto e seguir em frente, porque continuo a querer estar lá para ela durante este momento difícil da sua vida. Quero ajudá-la a aprender a pôr-se em primeiro lugar, e quero provar que posso preocupar-me com outra pessoa e ser altruísta.

Só espero que ela ainda queira o mesmo.

GRACIE

Cai-me o coração aos pés enquanto passo em revista os comentários mais recentes. Os nossos seguidores sabem que alguma coisa não bate certo. As nossas contas nas redes sociais estão inativas há três semanas, o que é fora do normal para nós. Normalmente, publicamos um novo vídeo no YouTube todas as terças-feiras. Novos *posts* no Instagram todos os dias. O silêncio total levou os nossos seguidores mais dedicados a teorizar sobre a causa do nosso desaparecimento. Talvez alguém próximo de nós tenha morrido e estejamos de luto, ou um de nós tenha ficado doente, ou talvez o nosso apartamento tenha sido assaltado e todo o nosso equipamento tenha sido roubado. No entanto, a maioria dos nossos seguidores acredita que eu e o Luca nos separámos. Têm razão, claro, mas não podemos deixá-los saber isso.

Normalmente, edito os vídeos no escritório do apartamento, mas tenho aproveitado todas as oportunidades para não ficar em casa sozinha, portanto, peguei no *MacBookAir*, fiz uma caminhada de meia hora até à Union Square e encontrei um canto agradável num dos muitos Starbucks que existem por aqui. Estou no segundo *mocha* gelado e ainda me falta adicionar outro clipe de introdução para o princípio do vídeo.

Não sei como fazer passar gravações antigas por recentes, e detesto que o Luca esteja a obrigar-me a ser a única a vasculhar cliques antigos de nós os dois juntos quando a dor do rompimento ainda está tão crua. Encontrei algumas fotografias que não usámos, tiradas no Pier 39, no Fisherman's Wharf, na primavera. Estamos na ponta do cais, junto ao gradeamento de madeira, com a ilha de Alcatraz à distância atrás de nós. Escolho uma fotografia minha e do Luca a olharmos um

para o outro, com a minha mão a agarrar-lhe o queixo de forma brincalhona e as mãos dele na minha cintura. Por sorte, estava um dia invulgarmente quente, por isso, não estávamos de casaco. Podia passar por uma fotografia tirada agora, no verão. Edito a coloração e de seguida publico-a na conta do Instagram com a legenda «a vida é melhor contigo», seguida por uma série de *emojis* fofinhos que me fazem franzir o sobrolho ao telemóvel.

Estas fotos deveriam ser espontâneas, mas não são. Todo o nosso *feed* do Instagram é arquitetado com cuidado para ser o mais esteticamente agradável possível, e por trás de cada fotografia há um plano. Como a Maddie é ótima com a máquina fotográfica quando se trata de captar os ângulos perfeitos, muitas vezes saíamos os três apenas para tirar fotografias. Outras vezes, colocávamos a câmara num tripé com um temporizador. A nossa relação era genuína, mas a forma como a apresentávamos aos outros era um pouco exagerada.

Enquanto vejo os «gosto» e os comentários desfilarem no novo *post*, sinto-me uma fraude total.

Por quanto tempo conseguirei manter esta fachada? Pode ser a nossa fonte de rendimento, mas não podemos mentir para sempre. As imagens de vídeo e as fotografias acabarão por se esgotar, e, sem material novo disponível para usar, teremos de confessar.

Por agora, no entanto, é terça-feira. O que significa que é necessário um novo vídeo muito em breve.

Cerro os dentes, ouço os The 1975 a todo o volume pelos auscultadores e começo a juntar imagens. Edito de um modo descuidado, preguiçoso, porque não me sinto empenhada. Os cortes notam-se, não me dou ao trabalho de acrescentar música de fundo durante uma secção em câmara rápida, e o vídeo não segue propriamente um conceito. É apenas um vlogue trivial de mim e do Luca às compras, e depois incluo um excerto de um ano totalmente diferente, comigo a saltar de uma esquina e a pregar-lhe um susto de morte.

A música para abruptamente quando o *AirPod* da esquerda me é arrancado do ouvido.

— Ei! — digo, levantando a cabeça do ecrã do portátil.

É o Weston. Paira sobre mim, com o meu *AirPod* preso entre o polegar e o indicador. Desta vez não está de farda, logo, não anda a patrulhar o Starbucks à procura de criminosos. Veste apenas umas calças de ganga e uma *T-shirt* simples, com o braço das tatuagens à mostra. Tem na mão um saco de compras da Zara.

— Olá — diz. — Que coincidência encontrar-te aqui.

O sorriso que está a tentar conter diz-me que é tudo *menos* uma coincidência, portanto, levanto uma sobrancelha, desconfiada.

— Há cinco Starbucks num raio de cinco quarteirões e escolheste, por acaso, aquele em que estou. Como sabias que eu estava aqui, Weston?

O sorriso dele solta-se, e devolve-me o *AirPod*. De seguida, levanta o saco da Zara.

— Estava a comprar de novo um dos meus casacos preferidos, porque, como o original está na casa da Charlotte, é provável que nunca mais o recupere — explica —, e uma amiga tua atendeu-me na caixa registadora. A Madison Pullman.

— Como sabes o nome completo da Maddie? — pergunto, e depois esbofeteio-me mentalmente quando me ocorre a resposta. — Oh. Verificaste a identificação dela na noite da queixa do barulho. *OK*, adiante. E depois? Ela mandou-te cá?

— Perguntei-lhe como estavam as coisas contigo.

— Sim?

— E ela disse-me para vir cá perguntar-te pessoalmente. — Pousa as mãos no topo da cadeira vazia ao meu lado e inclina-se para a frente enquanto baixa a voz. — Então? Como estão as coisas contigo?

A minha pulsação acelera e sinto-me insuportavelmente consciente dos batimentos sob cada centímetro da minha pele. É tão difícil olhar para ele diretamente nos olhos depois do que aconteceu da última vez em que estivemos juntos. Sei qual é a sensação do corpo dele contra o meu, do seu hálito quente contra a minha orelha. Como olho para este estranho sabendo exatamente como ele geme na cama?

— Estou...

— Importas-te que me sente contigo um bocado? Ou estás ocupada? — Aponta para o portátil, mas o que não sabe é que eu me sinto grata pela interrupção. Depois, aponta para os meus copos vazios. — E posso trazer-te outro café? Que estás a beber?

Já estou a chocalhar com cafeína, mas mais um não faria mal. Mantém-me a funcionar quando tudo o que quero fazer todos os dias é dormir para esquecer a dor.

— Tomava outro, se não te importas. Um *mocha* gelado com caramelo e espuma fria de creme doce de baunilha.

O Weston semicerra os olhos, perplexo, e passo à defensiva.

— Eu sei, eu sei... Uma bomba de açúcar total, mas ainda não tive uma única cárie.

— Não, não é isso. — Faz uma pausa, baixando os olhos para o chão, e, quando volta a olhar para cima, há uma ponta de saudade por trás deles. — Essa também é a bebida da Charlotte.

— Oh. — Mastigo o lábio. Não era minha intenção lembrá-lo da ex-namorada. — Desculpa lá.

Ele arreda o meu pedido de desculpa com um gesto e reposiciona a boca num

sorriso.

— Volto já.

O Weston deixa o saco das compras debaixo da mesa e pega nos meus copos vazios para os deitar fora a caminho da caixa. Enquanto espera na fila, observo todos os seus movimentos. Inclina a cabeça para trás para examinar os cartazes do menu, com as mãos nos bolsos, e, quando faz o pedido, conversa delicadamente com a empregada. Fica à espera na ponta do balcão e transfere aquele mesmo sorriso para o outro lado do café, para mim, enquanto as nossas bebidas estão a ser preparadas. É um polícia, tem o braço coberto de tatuagens, e, no entanto, há algo doce e vulnerável nele. Talvez seja porque sei que está a passar por um momento difícil. Se não o soubesse, talvez não visse além do exterior de durão.

— Uma bomba de açúcar — diz o Weston quando pousa a bebida à minha frente. Instala-se na cadeira ao meu lado com o seu café, um café quente que imagino que é básico, tipo café de filtro com leite. — Então, como é que estão as coisas? — pergunta outra vez.

— Ainda esquisitas — respondo. — A minha cabeça está... uma confusão. E tu?

— Ainda esquisitas. A minha cabeça está uma confusão — copia, e reviro-lhe os olhos, bebendo um gole do *mocha* para preencher o silêncio. Ele aponta para o meu portátil. — Deixa-me adivinhar: estás a trabalhar em conteúdos neste momento?

O ecrã ficou preto devido à inatividade, portanto, passo o polegar sobre o *touchpad* para o trazer de volta à vida. Viro o portátil para o Weston e revelo o vídeo que tenho estado a editar.

— Apanhaste-me. Sou uma fraude, eu sei.

— Quanto tempo achas que conseguirás manter as aparências? Fingir que ainda estás com ele?

— Não muito tempo — respondo, fechando o portátil. Afasto-o e afundo-me na cadeira. A minha cabeça anda constantemente às voltas com todas as perguntas para as quais não tenho resposta, todos os «e se». Quem me dera poder desligar tudo isso. — Não há vídeos suficientes para durar mais do que um mês ou dois, por isso, acho que vou ter de apagar todas as nossas contas em breve, depois de revelarmos o que aconteceu.

— E depois? Terás de arranjar um emprego a sério?

Fulmino-o com um olhar. Se ele soubesse o quanto me esforcei para aprender a editar quando era adolescente.

— A criação de conteúdos é um trabalho a sério.

— Está bem, então, outro trabalho.

— Tirámos os dois um ano sabático antes de começarmos as nossas carreiras. Sempre foi esse o plano, e, mesmo que os rendimentos desapareçam, fomos

especialistas. Temos poupanças. Investimentos. Íamos viajar durante o inverno, mas acho que agora esse plano está fora de questão.

O Weston inclina a cabeça para um lado, ouvindo atentamente como se de facto se importasse com o triste estado de coisas em que a minha vida se tornou.

— Porque não podes ir tu?

— Não vou viajar para o outro lado do mundo sozinha, Weston — declaro, cruzando os braços. Eu? Viajar sozinha? Nem sequer consigo dormir sozinha no raio do meu apartamento!

— Há muita gente que viaja sozinha — diz.

— Eu não. Esqueceste-te da parte em que nunca fui independente? Tipo, nunca? Sempre tive os meus pais ou o Luca à minha volta. Esta é a primeira vez que estou sozinha, e se achas que sou capaz de viajar sozinha daqui a três meses, então...

— Então o quê? — desafia, com um sorriso trocista. — Então estou a ser demasiado otimista ao pensar que vais aprender a ser autónoma nos próximos três meses? Está bem. Chama-me otimista, porque vou ensinar-te a ser egoísta. Como me pediste.

Franzo as sobrancelhas. Surpreende-me que o Weston se lembre da nossa conversa no café há mais de uma semana. Quando penso nessa manhã, penso apenas no seu toque e em mais nada antes desse momento.

— Eu estava de ressaca nessa manhã — digo, a desvalorizar o meu pedido. — Não sabia do que estava a falar.

O ambiente à nossa volta muda. O ar torna-se mais pesado à medida que a tensão se aproxima.

Ambos estamos a pensar *naquela* manhã e em todas as coisas que não abordámos.

O Weston baixa o olhar e traça um círculo à volta da tampa do seu copo. Entreabre os lábios, mas não suporto ouvir o que tem para dizer.

— Não — atalho, quase num murmúrio. — Não digas nada sobre isso. Por favor.

Ele levanta o queixo e os seus olhos suaves encontram os meus.

— Posso perguntar uma coisa? — Espera que eu o mande parar, que levante a mão e lhe implore que não fale sobre termos dormido juntos, mas a minha ausência de resposta é uma resposta. Espero que ele pergunte:

— Arrependes-te?

E não é uma pergunta que não tenha já feito a mim própria. Seguiu-se um turbilhão de emoções na semana desde que fugi a sete pés do apartamento do Weston, e tenho tentado decifrar exatamente o que tenho andado a sentir desde então. Só sei uma coisa com certeza: não é arrependimento.

— Não — respondo, fingindo que não se passa nada e forçando-me a olhá-lo

nos olhos. — No momento, foi exatamente o que eu queria, mas é só que...

— Sentes-te culpada? — termina o Weston.

— *Sim*. — Liberto audivelmente a respiração que estava a sustentar e sacudo a tensão dos ombros. — Culpada, como se tivesse traído o Luca.

— Sinto-me exatamente da mesma maneira.

Reconforta-me sabê-lo, apesar de, logicamente, *sabermos* que nenhum de nós traiu. Os nossos relacionamentos acabaram. Somos ambos livres, mas é claro que ainda há emoções complexas envolvidas. Os meus sentimentos pelo Luca vão persistir para sempre, acho eu. E, claramente, o Weston ainda sente amor pela Charlotte.

— Não podemos deixar que aconteça de novo — digo baixinho, e o Weston acena com a cabeça a concordar.

— Podes não ter falado a sério no café — diz —, mas eu sim. Aquela coisa de sermos amigos... ainda acho que poderíamos sê-lo. *Devíamos* ser amigos.

Apoia os cotovelos na mesa e entrelaça as mãos, depois encosta o queixo nelas. Pacientemente, dá-me tempo para considerar a ideia de sermos mais do que apenas dois estranhos com a nossa dor de coração em comum. Há um clarão de esperança no seu olhar suave.

— *Apenas* amigos — concordo, e depois surpreendo-me a mim mesma quando acrescento: — Decididamente, amigos não coloridos, porque não somos suficientemente fortes do ponto de vista emocional para isso, claramente.

Não suportava a ideia de discutirmos o termos feito sexo; agora estou a dizer piadas sobre o assunto. É esquisita, a facilidade com que me sinto à vontade com ele. É quase uma reminiscência de como me sentia ao pé do Luca quando tinha quinze anos, no princípio. Natural. Sem pressão. Com algumas pessoas, há simplesmente um clique mais fácil do que com outras.

O Weston revira os olhos e tira as mãos do queixo. Aponta novamente para o meu portátil fechado.

— Tens as tuas próprias contas?

— Não.

Nem sequer faz um esgar. É como se soubesse qual seria a resposta. É assim tão óbvio para toda a gente à minha volta que sou dependente?

— O primeiro passo para se ser egoísta — diz, estendendo a mão por cima da mesa para pegar no meu telemóvel e entregando-mo. — Cria o raio da tua própria conta no Instagram, Gracie.

— Mas...

— Mas nada — interrompe. — Faz isso. Agora mesmo.

— *Tu* nem sequer tens Instagram — lembro-lhe.

Ele nem sequer sabia o que *era* um influenciador quando lhe falei do assunto pela primeira vez, porque diz que não usa as redes sociais. Na nossa geração, isso

parece-me absolutamente bizarro.

— Então, eu também crio uma conta. — O Weston bebe o café e saca do telemóvel. O som do leite a ferver e as conversas casuais de outros clientes servem de ruído de fundo. Após alguns instantes, o Weston vira o ecrã do telemóvel para mim, e vejo que a aplicação do Instagram está a ser descarregada.

— Estás contente?

— Serei a tua primeira seguidora — digo-lhe com um sorriso.

— E eu serei o teu.

Abro o Instagram no meu telemóvel e cai-me o coração aos pés quando vejo todas as novas notificações sobre aquela fotografia minha com o Luca que publiquei. Rapidamente, vou às definições e abro uma nova conta, mas preciso de um nome de utilizador. O meu nome completo já está ocupado por outra Gracie Taylor, assim, acrescento uns sublinhados e uns números. Não é esteticamente agradável, mas é meu.

Olho para o Weston por cima do telemóvel.

— Feito.

— Há muitos Weston Reeds no mundo; todos os nomes de utilizador estão ocupados — murmura, e rio-me porque também há muitas Gracie Taylors. — OK. Feito.

Mostramos um ao outro os ecrãs dos nossos telemóveis ao mesmo tempo. Dois perfis de Instagram completamente em branco. O Weston também foi forçado a adicionar uma sequência de símbolos ao nome de utilizador, e eu procuro-o e sigo-o. Ele segue-me a mim.

— Achas que talvez possa... — envergonhado, volta a estender o telemóvel.
— Posso ficar com o teu número também?

Pego no telemóvel dele e adiciono o meu número aos contactos, e, ao passar-lhe o aparelho, entrego-lhe o meu.

— Achas que também posso ficar com o *teu* número? Já que agora somos amigos.

Um sorriso repuxa-lhe o canto da boca. Escreve o número dele no meu telemóvel, e depois ambos bebemos mais um gole dos nossos cafés, sem saber bem o que se segue nesta conversa. Eu devia acabar de editar este vídeo e carregá-lo no canal, mas não quero mandar o Weston embora. Foi simpático ter vindo ver como eu estava. Custa-me acreditar que era egoísta quando se tratava de pôr a Charlotte em primeiro lugar.

Pousa o café em cima da mesa com um pequeno baque.

— O que vais fazer esta noite?

— Chorar sozinha no meu apartamento, provavelmente.

Com severidade, olha para mim por baixo das pestanas. Já devia ter passado a fase do choro, eu sei, mas é imparável.

— Queres vir jantar comigo? — pergunta. — Só volto ao trabalho na quinta-feira, e sei que vou acabar no bar com o Adam a beber *shots* de tequila esta noite se não fizer outros planos.

— Alguma vez cozinhaste para a Charlotte? — pergunto, e o Weston pisca os olhos com surpresa perante o que parece ser uma pergunta aleatória, mas ela tem uma razão de ser, se a resposta for não.

— Não.

— Porque não? Não sabes cozinhar?

O Weston continua de olhos semicerrados, perplexo.

— Sei cozinhar a um nível aceitável. Só não me lembrei de cozinhar para ela, acho eu. Íamos sempre comer fora.

— Janto contigo esta noite — digo, com um sorriso presunçoso a desenhar-se no meu rosto —, mas tens de cozinhar. É isso que significa fazer um esforço. Agora estás a treinar para que, quando conheceres o próximo amor da tua vida, possas ser o *melhor* namorado.

— Hum. — A expressão do Weston torna-se brincalhona, e sei instantaneamente, pela faísca no seu olhar, que alinha totalmente que eu o aconselhe. — Na minha casa, por volta das sete?

— Não como carne de porco e gosto de vinho branco.

— Entendido. — Arrasta a cadeira para trás e levanta-se, com a cabeça inclinada enquanto acaba de beber o café. — Não te atrases, Gracie Taylor.

Esvoaça alguma coisa no meu estômago quando ele se vira e se afasta sem dizer mais nada, deixando-me apenas com a expectativa do jantar esta noite. Vai ensinar-me a ser feliz sozinha e vou ensiná-lo a fazer com que uma mulher se sinta especial. Dois amigos a ajudarem-se mutuamente a curar os seus corações partidos, é tudo.

WESTON

— Acende umas velas antes de ela chegar — diz o Brooks.

— Não tenho velas.

— Não compraste algumas?

— Por que diabo compraria velas?

O suspiro do Brooks ecoa pela linha.

— És mesmo mau nestas coisas.

Tenho o telemóvel entalado entre a orelha e o ombro, as mãos ocupadas a descascar batatas. Olho de relance para o relógio de parede e vejo que ainda me restam vinte minutos até às sete. Para ter em conta a possibilidade de a Gracie chegar tarde, optei por *não* ter o jantar pronto à sua chegada. Cozinho os bifes depois de ela chegar.

— Recorda-me mais uma vez como faço o molho — peço ao Brooks.

— Tira os bifes da frigideira, junta as chalotas, aloura-as e depois acrescenta o vinho. Redu-lo, baixa a temperatura, junta a manteiga fria e bate bem. Acrescenta a salsa e depois serve por cima dos bifes — explica, e faz uma pausa. — Compraste salsa, não compraste? Porque sinto que és do tipo que pensa que não tem importância, mas tem, Weston. A salsa *importa*.

Reviro os olhos e atiro a última batata descascada para a panela.

— Sim, comprei a salsa.

— E, por amor de Deus, não te atrevas a oferecer-lhe uma cerveja ao jantar. Compraste vinho, certo? E tens copos de vinho para o servir, não tens?

— Obviamente. — Avanço para a ponta da bancada e abro a embalagem de

espargos, espalhando-os numa tábua de cortar. — Já agora, obrigado. Isto é muito melhor do que o frango com parmesão que estava a pensar fazer.

— Não tens de quê — diz o Brooks. — Espero que corra tudo bem, mesmo que não seja um encontro a sério, como dizes.

As palavras dele destinam-se a provocar-me, e sei que devia ter mantido a boca fechada sobre a minha situação com a Gracie, mas precisava realmente do conselho dele esta noite. É o único dos meus amigos com uma namorada de longa data que está loucamente apaixonada por ele, portanto, é óbvio que faz as coisas bem. Cozinhar jantares românticos é fácil para ele. Faz cenas dessas a toda a hora.

— *Não* é um encontro a sério — digo, cortando as pontas dos espargos. Pego no telemóvel, que tinha entre a orelha e o ombro, e ponho-o em alta-voz, pousando-o no balcão da cozinha. — A Gracie está a pôr-me à prova para eu saber exatamente onde fiz asneira com a Charlotte. É isso.

— Hum — responde, pouco convencido. — O Adam sabe?

— Nem pensar. Se descobre que vi a Gracie algumas vezes desde aquela noite na discoteca, nunca mais se cala. Nem sequer contei ao Cameron, por isso, não te atrevas a dizer nada.

Não é que me sinta embaraçado por ser amigo da Gracie. Só não quero que os rapazes — o Adam em especial — me chateiem com isso. Vão partir do princípio de que estou interessado nela, de que andamos a dormir juntos, de que estou a tentar recuperar da separação. E OK, tudo bem. Posso já ter dormido com a Gracie, mas foi em circunstâncias únicas e não voltará a acontecer. Eles nunca ficarão a saber.

— Não digo nada — promete o Brooks, e engulo em seco com alívio. — Mas, ao fim e ao cabo, não deixas de estar a preparar bifes para um jantar com uma rapariga que é solteira. Diverte-te. E, pelo amor de Deus, deita lixívia na sanita, se ainda não o fizeste.

Rio-me quando ele desliga. O meu apartamento pode ser desarrumado, mas, decididamente, não está imundo. Eu limpo a casa, embora admita que tenho andado a desleixar-me ultimamente, por razões óbvias. Ter a Gracie cá em casa esta noite foi o empurrão de que precisava para fazer uma limpeza a fundo. Depois de a deixar no Starbucks, liguei ao Brooks para me aconselhar sobre o que cozinhar e fui diretamente ao supermercado. Comprei duas garrafas de vinho branco, uma garrafa de tinto para o molho que tenciono fazer, dois bifes do lombo, espargos, batatas, chalotas. Ah, e salsa. Depois, levei tudo para casa e fiz uma limpeza com os produtos que tinha à mão. A casa de banho está impecável, há lençóis novos na cama, todos os cantos e esquinas do chão estão aspirados. Até sacudi o raio das almofadas do sofá.

Tomei um duche, passei gel no cabelo, borrifei-me com água-de-colónia, talvez um pouco de mais. Estou a usar o polo novinho em folha que o meu pai me

ofereceu no meu aniversário há alguns meses e sinto-me bastante bem. Fiz um esforço.

Acabo o trabalho de preparação da comida, ponho as batatas a cozer, ando em círculos pelo apartamento e depois meto o tabuleiro dos espargos no forno. As sete horas aproximam-se, e começo a ficar ansioso. Tento descontrair-me no sofá, mas não consigo ficar sentado o suficiente para aguentar mais do que um minuto antes de me pôr de novo de pé, a verificar as batatas e a espreitar para dentro do forno.

Batem à porta. Embora esteja a contar com isso, sobressalto-me.

A caminho da porta, olho de relance para a mesa que pus no meio do apartamento. Tenho uma mesa e duas cadeiras, mas estão permanentemente dobradas no armário de arrumação por causa da severa falta de espaço no raio deste apartamento. Esta noite, a mesa faz uma aparição. Até comprei individuais no supermercado. Embora o Brooks talvez tenha razão — decididamente, também devia ter comprado velas. É bastante evidente que falta à mesa um centro de mesa, e parece um pouco patética agora que olho para ela. É também um murro no estômago quando me ocorre que nunca, nem uma vez, tirei a mesa do armário para a Charlotte. Sempre que comíamos aqui, sentávamo-nos no sofá com os pratos no regaço. Fogo. Sou do piorio.

Sacudo a sensação de culpa e abro a porta.

— Olá — diz a Gracie.

Mesmo sob a luz fria do corredor, a Gracie está com bom aspeto. Sem uma luz forte para realçar os tons ruivos, o cabelo parece mais louro do que castanho-arruivado, e assenta-lhe um pouco perfeito de mais sobre os ombros, em caracóis. Está maquilhada, mas não muito, apenas o suficiente para acentuar os olhos. O meu olhar percorre-lhe o corpo, atraído pela sua cintura, realçada pelo vestido de verão vermelho que traz. Tem um casaco de ganga pelos ombros para a proteger da brisa de São Francisco.

Sinto um aperto no peito. Devia ser a Charlotte à minha porta, porque é a única mulher para quem quero cozinhar um jantar. A desilusão penetra-me tão intensamente que se torna óbvia na minha expressão. O sorriso da Gracie vai-se desvanecendo aos poucos.

— Estás bem?

— Tu não és ela — digo, e de seguida sacudo a cabeça como se quisesse retirar as palavras. Belisco a cana do nariz, fecho os olhos e respiro fundo. — Desculpa. Fui mal-educado. É claro que estou contente por estares aqui, mas é só que...

— Eu sei — diz a Gracie, e a sua voz é suave e compreensiva. — Posso entrar?

Ainda a recriminar-me interiormente, dou um passo para o lado e faço-lhe um gesto a convidá-la a entrar. Esta noite não é sobre a Charlotte. A minha *vida* não pode ser sobre a Charlotte. Dei cabo disso, e não há reparação possível. Tenho de seguir em frente e de aprender a ser melhor para outra pessoa.

— Puseste a mesa — observa a Gracie, e tiro à força da cabeça o adorável sorriso com um espaço entre os dentes da frente da Charlotte enquanto fecho a porta do apartamento e me concentro em quem está mesmo à minha frente, que é a Gracie.

A mesa parece ainda *mais* patética agora.

— Sim. Não há muito espaço aqui, espero que não te importes de ficar entre o sofá e a cama enquanto comemos.

— Não faz mal. O que há na ementa?

— Bife com molho de manteiga e vinho tinto, puré de batata e espargos assados — digo, cheio de verve, e a Gracie acena com a cabeça em aprovação. — Devia começar a fritar os bifés. Como gostas da carne?

— No ponto.

Atravesso para a cozinha acanhada e verifico de novo as batatas e os espargos. Estão quase prontos, portanto, devia *realmente* começar a fritar os bifés. Tiro-os do frigorífico, já temperados com sal e pimenta, e ponho uma frigideira no fogão a aquecer. A Gracie anda pelo apartamento, tira o casaco dos ombros e deixa-o no sofá, depois vem juntar-se a mim na cozinha. Encosta-se à bancada, a observar-me.

— Sem pressão — digo na brincadeira, e, depois de derreter manteiga na frigideira, começo a fritar os bifés. Tenho as chalotas picadas e a garrafa de vinho tinto ali à mão, e fico de olho no relógio enquanto os bifés cham. — Queres beber alguma coisa?

— Só se for daquele — diz a Gracie, acenando com a cabeça para as duas garrafas de vinho branco na outra extremidade da bancada.

Pego numa garrafa, tiro-lhe a rolha e sirvo dois copos. Passo um à Gracie e deixo-me ficar na frente dela, a fazer girar o vinho no meu copo. Ela também ainda não bebeu um gole do dela. Estamos os dois à espera de alguma coisa

— Devíamos fazer um brinde? — pergunto.

— Provavelmente.

Penso por um segundo, deixando que o meu olhar encontre naturalmente o dela. Ainda há fragilidade por trás dos seus olhos, um azul-pálido que parece estar a perder o brilho.

— Um brinde a nós — digo, erguendo o copo —, por sermos uns tristes do caraças, mas de alguma forma sobrevivermos, e na esperança de que em breve possamos voltar a sentir-nos bem.

A Gracie sorri, mas é tão dolorosamente triste que quase me arrependo de ter dito fosse o que fosse.

— Sim — concorda ela, e bate com o copo no meu. Bebemos um gole, mantendo o contacto visual. — Hum. Escolheste bem.

— Ainda bem que aprovas — digo, e, de seguida, pouso o copo e viro-me para o fogão.

Tiro a panela das batatas do lume, escorro a água e começo a esmagá-las. Acrescento manteiga, leite, sal e pimenta. Faço com estas batatas o puré mais fofo e amanteigado que a Gracie alguma vez provará. Entre uma coisa e outra, viro os bifés e tiro os espargos do forno.

— Parece que sabes o que estás a fazer — comenta a Gracie atrás de mim.

Rio-me enquanto emprato o puré de batata e os espargos, repetindo mentalmente as instruções do Brooks.

— Nem por isso. Um amigo meu ajudou-me, e estou a esforçar-me muito para não estragar tudo.

Pego nos bifés e ponho-os nos pratos, e, depois, aplico-me na parte mais crucial: o molho. A Gracie vem para o meu lado para poder ver de perto. Finjo-me confiante quando ponho as chalotas na frigideira, despejo o vinho tinto e depois acrescento a manteiga. Quando está pronto, deito o molho por cima dos bifés.

— Tem um ótimo aspeto, Weston — diz a Gracie, lambendo os lábios.

É sempre tão incongruente ouvi-la dizer o meu nome, e não faço ideia porquê. É como se fosse demasiado pessoal.

— Senta-te — digo-lhe.

A Gracie e o seu vinho dirigem-se para a mesa. Sigo-a, pondo os dois pratos em cima dos individuais baratos que comprei. Está demasiado silêncio no meu apartamento, ligo a coluna que tenho no parapeito da janela ao Spotify. A música aquece o ambiente. Sento-me com a Gracie.

— Lamento que não haja velas — digo, e ela ri-se.

— Está tudo bem como está — tranquiliza-me, e depois dá a primeira dentada no bife. Recosta-se na cadeira e fecha os olhos enquanto mastiga, quase como se fosse divinal. — Isto está... tão bom. Vês? — As pálpebras dela estremecem e voltam a abrir-se. — Tu és *capaz* de fazer este tipo de coisa.

Graças a Deus, a refeição tem a aprovação dela. Provo, e tenho de admitir: afinal, sou um ótimo cozinheiro. Devo uma cerveja ao Brooks por esta receita.

— Eu sei *como* ser romântico — digo, bebendo pensativamente o meu vinho.

— Fazer jantares como este. Surpreendê-la com flores. Acompanhá-la até à porta. Fazer planos com antecedência e dizer-lhe apenas a que horas deve estar pronta.

A Gracie observa-me atentamente enquanto falo. Talvez a minha autorreflexão seja interessante.

— Mas não fizeste nenhuma dessas coisas pela Charlotte?

Abano ligeiramente a cabeça.

— Esqueci-me de que o romance não devia parar depois de conquistar a rapariga. Depois de começarmos a namorar, depois de ela ser minha... Não compreendi que tinha de continuar a esforçar-me.

Franzo a testa a olhar para o prato, desfocado. Vagas de aversão por mim mesmo inundam-me. Analisar as minhas falhas em voz alta só faz com que

pareçam muito piores. Fiz tudo tão mal. Coisas fáceis, simples, óbvias. E não sei o que diz sobre mim como pessoa, ser alguém que tem dificuldade em fazer as coisas fáceis da vida, como dar o mínimo dos mínimos à mulher que se ama.

— Não se trata apenas de gestos românticos, sabes — diz a Gracie num tom suave, delicado, porque, claramente, tem medo de ferir os meus sentimentos. — Agradam-nos essas coisas, é claro, mas não é o que mais queremos. Queremos alguém que saiba pressentir quando estamos perturbadas e nos tome imediatamente nos braços e nos pergunte como estamos. Alguém que nos tranquilize quando duvidamos das nossas ambições. Alguém que apoie e encoraje os nossos objetivos. Alguém que esteja sempre do nosso lado, mesmo quando pensa que estamos erradas. Trata-se de nos sentirmos seguras, porque sabemos que, aconteça o que acontecer, eles nunca deixarão que nada de mau nos aconteça. — Prende o lábio inferior entre os dentes e inspira fundo, a lutar contra as lágrimas. Não está a falar de «alguém»; está a falar do Luca e de todas as coisas que ele fez em tempos por ela. — Portanto, receber flores pode ser agradável — diz com um sorriso de lábios fechados —, mas prefiro, de longe, um bom e velho abraço de urso.

Penso no abraço que partilhámos na noite em que nos conhecemos. Ela estava perturbada, bêbeda e emotiva, e eu sentia-me exatamente como ela. Foi assim que soube que ela precisava de um abraço naquele momento, porque *eu* precisava de um abraço.

Pouso os talheres no prato e levanto-me da cadeira. Estendo a mão para a mão da Gracie e puxo-a a levantá-la. Com grande confusão e alguma resistência, ela põe-se de pé.

— Que estás a fazer?

Lembro-me de ela ter dito exatamente as mesmas palavras quando a abracei naquela primeira vez.

— *Alguém que saiba pressentir quando estamos perturbadas e nos tome imediatamente nos braços.*

Repito-lhe as suas palavras e depois aconchego-a perfeitamente contra o peito. Ponho os braços à volta dos seus ombros, a mão na parte de trás da sua cabeça, apertando-a contra o peito. É a primeira vez que toco nela desde que dormimos juntos, e só agora percebo o quanto tenho ansiado por voltar a senti-la.

— Ficaste perturbada quando pensaste no Luca, portanto, estou a dar-te um abraço. É o que estou a fazer.

A Gracie relaxa contra o meu corpo. Aconchega-se mais, com o rosto encostado à minha camisa.

— Sinto-me sempre perturbada em relação ao Luca — murmura. Passa os braços em volta das minhas costas e abraça-me com a mesma força enquanto a música continua a tocar baixinho à nossa volta. Quando se solta do meu abraço,

fita-me por baixo daquelas suas pestanas compridas e diz: — Dás uns abraços mesmo bons, Weston.

Não costumo receber elogios, mas aquele tornou-se o meu preferido.

— Vou buscar mais vinho — digo, e vou buscar a garrafa aberta à cozinha. Regresso e encho os copos de ambos, e depois sento-me para terminarmos a refeição. Esqueço-me de que, quando abri a porta, queria ver a Charlotte. Agora, sinto-me mais do que bem em ter a Gracie sentada à minha frente. — Não te parece estranho? Jantar com alguém que não é o Luca?

A Gracie engole o último bocado de puré de batata.

— Surpreendentemente, não. Sinto-me à vontade contigo.

Faço um sorriso irónico. A piada escreve-se praticamente sozinha.

— Talvez porque saltámos dez passos na outra manhã. Não se pode ficar mais à vontade com alguém do que o que fizemos juntos.

A Gracie mantém-se impassível.

— Obrigada. Preciso de mais disto agora. — Pega na garrafa de vinho e enche o copo até cima, depois fulmina-me com um olhar, na brincadeira, levando precariamente o copo aos lábios.

Nem sequer contenho a gargalhada. Quando se transforma num sorriso, digolhe:

— Fico muito contente que te sintas à vontade comigo.

A Gracie cora um nadinha.

— Deixa-me lavar estes pratos num instante — digo, pegando no prato dela e pondo-o em cima do meu.

— Eu seco.

Há uma certa polidez nesta rapariga que é incrivelmente atraente. Um tipo de honestidade doce que é uma característica que também reconhecia na Charlotte. Talvez simplesmente me atraiam as mulheres que me sinto inclinado a proteger, não por achar que *precisam* de que olhem por elas, mas porque não quero que alguma vez percam a sua natureza delicada.

Encho o lava-louça com água e detergente, e a Gracie fica ao meu lado, armada com um pano da louça.

— Quando é o teu próximo turno a enfrentar os mauzões de São Francisco? — pergunta.

Lanço-lhe um olhar pelo canto do olho e rio-me.

— Na quinta-feira. Voltei aos turnos de dia, portanto, fico livre às sete. É muito melhor.

— O outro polícia que estava contigo quando responderam à queixa de ruído contra nós... É o teu parceiro? Parece um bocado rabugento.

— O Bill? — Mergulho uma panela no lava-louça e ponho-me a lavá-la sem grande entusiasmo. A outra metade da minha atenção está na Gracie. — É o meu

agente de formação no terreno, tenho mais dez semanas com ele em cima de mim antes de ser destacado para o meu posto permanente. Preferia fazer outra vez o curso na academia a ficar sentado num carro-patrolha com o Bill enquanto ele desatina porque me esqueci de um código de rádio.

A Gracie seca uns talheres.

— Foi divertido? A *academia*? — Acentua a palavra, como se a academia de polícia fosse algo fixe e mágico.

— Não.

— Não foi?

— Detestei — admito, e depois paro por um segundo para ponderar até que ponto devo ser sincero na minha resposta. Podia inventar algumas mentiras que me fizessem parecer muito mais duro do que sou, mas para quê? Ela vai acabar por perceber que detesto ser polícia, e ainda nem sequer acabei a minha formação no terreno. — Foram nove meses de inferno. O treino físico foi arrasador, e recuso-me a fazer mais um único agachamento na minha vida. Levei com gás-pimenta nos olhos e pensei que tinha ficado cego. Levei com uma descarga elétrica de um *taser* e quase parti o tornozelo quando caí. Mas o treino de armas de fogo foi divertido, e agora sou um verdadeiro profissional a prestar primeiros socorros. Mas detestei especialmente o treino de reação a um atirador ativo.

— Porquê?

Viro-me para a Gracie, com os lábios bem fechados.

— Porque achas que foi?

O que não lhe digo é que não detestei o treino de reação a atiradores ativos apenas porque é algo que todos os polícias esperam nunca encontrar durante a sua carreira, mas também porque me apercebi naquele dia de que, se alguma vez me deparasse com um atirador ativo, não teria coragem de correr na sua direção. Não teria coragem de entrar num edifício. Não protegeria ninguém a não ser eu próprio.

Foi nesse momento que percebi que tinha cometido um erro. Não fui feito para ser polícia, e não merecia usar a farda e o distintivo. Olhando para trás, devia ter desistido da academia nesse dia, mas pensei no meu pai e em como ele estava orgulhoso de mim por eu ser o seu único filho a seguir-lhe diretamente as pisadas.

Quando lhe dei a notícia de que me ia candidatar à Polícia de São Francisco, ele levantou-se da poltrona e abraçou-me com tanta força que quase me doeu. Verificou três vezes a minha candidatura antes de eu a enviar. Passei com toda a facilidade no exame escrito, no teste físico e na entrevista, e, a cada passo que dava, a minha ligação com o meu pai tornava-se um pouco mais forte. Partilhávamos uma coisa que ele não tinha com o Keaton e a Peyton, o que tinha um valor inestimável para mim. Antes da academia de treino básico, o pai passou horas a preparar-me. Falou-me de todos os cenários que teria de representar diante

dos outros recrutas, fez-me aperfeiçoar a redação de relatórios e levou-me ao campo de tiro todos os fins de semana. Eu estava confiante de que, com a ajuda de um subchefe aposentado, estaria sempre um passo à frente do programa, mas a academia deu-me um pontapé mais forte no rabo do que alguma vez eu tinha imaginado.

Não fui capaz de desiludir o meu pai. A humilhação de desistir, de ir visitá-lo em Bodega Bay para admitir que não era capaz, que não era um homem tão forte como ele... Não conseguia encarar a vergonha disso. Por isso, a sentir-me uma fraude, passei à justa, formei-me na academia e fui empossado como agente da Polícia de São Francisco. Agora, a formação em exercício é ainda pior. A cada chamada para entrar em ação, rezo por que não seja algo que me assuste de morte.

A Gracie para de secar o prato que tem nas mãos e inclina a cabeça, com uma expressão tão solene como a minha.

— Queres mesmo ser polícia?

— Vais achar-me patético se disser que não? — Abana a cabeça. — Então, não, não quero ser polícia.

Suspiro, viro-me para o lava-louça, esvazio-o e seco as mãos. Detesto admiti-lo. Eu *quero* querer ser polícia. Quero ser destemido como a minha irmã, inteligente como o meu irmão, durão como o meu pai e compassivo como a minha mãe. As quatro qualidades de que um polícia precisa, quatro qualidades que me faltam. Sou o fracote da família.

— Preciso de mais um copo — digo, pegando na segunda garrafa de vinho.

Sentamo-nos no sofá, mas a televisão mantém-se desligada. Os nossos copos estão novamente cheios, e já perdi a conta a quantos bebemos. Talvez tenha sido o vinho que me tornou tão franco esta noite.

Pouso um braço sobre as costas do sofá e afundo-me nas almofadas.

— Então? E tu?

— E eu? — pergunta a Gracie. Está na outra ponta do sofá, com um espaço enorme entre nós.

— Disseste-me que ias tirar um ano sabático — digo, recordando a nossa conversa no Starbucks esta manhã. — E depois disso? Que curso tens?

O olhar da Gracie baixa por um breve momento para o regaço. Quando volta a olhar para cima, há um sorriso tímido a bailar-lhe nos lábios.

— Desenvolvimento da criança e do adolescente — diz. — No próximo ano, vou voltar a estudar para obter o certificado de competências pedagógicas.

— Queres ser professora? — Espelho o sorriso dela, porque não estou minimamente surpreendido com essa escolha de carreira.

Mulheres doces, sensíveis e inteligentes como a Gracie foram feitas para ocupações de serviço à comunidade como o ensino, e, quando olho para o outro lado do sofá, para ela, consigo imaginar isso. A figura pequenina da Gracie diante

de uma sala de aula, esticando-se nas pontas dos pés para apontar para o ecrã, com a franja acobreada a cair-lhe sobre os olhos.

— Mas e a cena toda de influenciadora?

A Gracie encolhe os ombros e vira-se um pouco mais para mim.

— Os nossos conteúdos são totalmente próprios para crianças. Eu e o Luca certificámo-nos sempre disso e concordámos que, quando chegasse a altura, retiráramos todas as nossas contas caso se tornasse um problema. Como *tu* dirias, os nossos empregos «a sério» passariam a ser a prioridade.

Reviro os olhos, depois deito-me a adivinhar:

— Ensino secundário?

— Básico — corrige a Gracie, e sinto uma pontada de mágoa.

O meu sorriso desvanece-se e desvio o olhar dela, traçando inconscientemente um padrão numa das almofadas do sofá com o dedo indicador.

— A minha mãe também dava aulas no ensino básico, mas também trabalhou num infantário durante algum tempo.

— Não acredito! — diz a Gracie. A nota de entusiasmo na voz dela só intensifica a dor que sinto no peito. — Ainda dá aulas ou já está aposentada?

Engulo o nó na garganta e as palavras são como lixa quando lhe digo:

— A minha mãe morreu há alguns anos.

— Oh, Weston — diz a Gracie num murmúrio, e pousa o copo de vinho na mesa baixa e aproxima-se de mim. Estende a mão para o meu joelho. — Lamento imenso.

Forço uma gargalhada e sacudo a única lágrima que se forma.

— Fogo, este vinho está-me a fazer coisas estranhas. Já há algum tempo que não digo isto em voz alta, é tudo.

A Gracie comprime os lábios em sinal de empatia.

— Não precisas de te justificar. Queres falar sobre ela?

Desta vez, olho-a nos olhos, tão próximos de mim agora e suavizados com preocupação. Estou extremamente consciente da mão dela na minha perna, e, por baixo das calças de ganga, começo a ficar com pele de galinha. É por isso que começo a falar — para manter a mente ocupada.

— Bem, ela morreu quando eu tinha dezoito anos. Cancro da mama. Foi-lhe diagnosticado numa fase tão tardia que mal tivemos tempo com ela antes de morrer. Foi duro. Como trabalhou na mesma escola durante toda a carreira, agora há lá uma placa em memória dela. Todas as turmas a que deu aulas a adoravam. E, como podes imaginar, ser professora também fez dela uma ótima mãe. Ela sempre nos compreendeu. Sempre soube manter o equilíbrio certo entre dar orientação e conter-se para nos permitir aprender com os nossos próprios erros. Ela era... fantástica. Mesmo, mesmo fantástica.

A Gracie sorri, o que me alivia a pressão no peito.

— Parece ter sido encantadora.

— Era, mas é óbvio que só me apercebi disso quando nos deixou — concordo, lançando um olhar absorto ao apartamento. Cerro os dentes, a ficar com a visão toldada. — É um mau hábito que tenho. Só me apercebo de como as pessoas são especiais quando já é demasiado tarde.

Quando a mãe morreu, a minha relação com a Charlotte tinha apenas alguns meses. Ainda não tinha havido obstáculos, só os bons momentos, e, de repente, fui-me abaixo. Teria sido mais fácil para ela deixar-me nessa altura, mas ficou. Ficou e ajudou-me a pôr-me de pé. A nossa ligação fortaleceu-se incrivelmente, e, pouco tempo depois, disse-lhe que a amava.

Pestanejo, desviando a atenção da parede para a mão da Gracie no meu joelho. O calor do seu toque sobe-me pela coxa acima. A maneira como falo com a Gracie recorda-me de como costumava falar com a Charlotte no princípio. Franca e vulnerável, aberta e sem rodeio. Não sou propriamente um tipo falador, mas, não sei como, consigo falar com a Gracie.

E a única outra rapariga com quem me senti tão à vontade, apaixonei-me por ela.

Aclaro a voz. Delicadamente, pouso a mão sobre a da Gracie. Entrelaço os dedos nos dela. Sinto o calor da sua pele. Ela olha para cima, com os lábios entreabertos de surpresa. Não retira a mão de baixo da minha.

Quando abro a boca para falar, algo vibra. A Gracie dá um salto e a mão dela desaparece quando a estende para o casaco ao seu lado e tira do bolso o telemóvel, que está a tocar. Fita o ecrã e o seu rosto empalidece como se tivesse visto um fantasma.

— É o Luca — diz. A voz treme-lhe ao dizer o nome dele. Hesitante, encosta o telemóvel ao ouvido, levanta-se e atravessa para a cozinha. — Luca?

Viro a cabeça para a observar, sem me preocupar em disfarçar que estou a escutar a conversa. O meu apartamento é demasiado pequeno para permitir privacidade. Ela anda de um lado para o outro nervosamente enquanto escuta o Luca.

— Está bem. Está bem. Já vou — diz. Termina a chamada e apressa-se a voltar para o sofá, pegando no casaco e continuando a mexer no ecrã do telemóvel. — Lamento imenso, Weston, mas tenho de ir. Obrigada pelo jantar.

Levanto-me, preocupado.

— Está tudo bem?

— O Luca está bêbedo e está à porta do nosso apartamento, mas perdeu as chaves. Preciso de o deixar entrar. Pedi um Uber.

Passa a mão pelo cabelo, nervosa, põe o casaco pelos ombros e dirige-se para a porta. Eu não estava a contar que ela se fosse já embora.

— Sabes que não tens de continuar a correr atrás dele — lembro-lhe.

Quando a Gracie estende a mão para o puxador da porta, lança-me um olhar duro.

— Eu amo-o, Weston. Não largarias tudo para ajudar a Charlotte, se ela precisasse de ti?

Não respondo, porque ela tem razão. Se a Charlotte ligasse, eu também sairia daqui a correr. Não a posso julgar por fazer exatamente a mesma coisa que eu faria.

— *OK*. Tens o meu número agora, portanto, podes avisar-me quando chegares a casa, para eu saber que chegaste bem?

A Gracie acena com a cabeça e sai para a luz amarela fraca do corredor. Quando me ocorre acompanhá-la até lá fora para esperar pelo Uber, ela já se foi há muito tempo. Esfrego a mão na cara com um gemido, depois pego no vinho que resta na cozinha e volto para o sofá. Desta vez, bebo diretamente da garrafa.

GRACIE

Perdi a conta a quantos copos de vinho bebi esta noite, mas calculo que tenham sido muitos, dado o enjoo que sinto durante toda a viagem de regresso a casa. A distância entre o meu apartamento e o do Weston não é grande. Dez minutos, no máximo, mas parece uma eternidade quando sei que o Luca está à minha espera.

Quando salto do Uber, inspiro o ar fresco e corro para dentro do meu prédio, apanho o elevador até ao quarto andar e depois desato a correr, numa espécie de corrida patética, pelo corredor. Descaem-me os ombros de alívio e abrando o passo quando ponho os olhos no Luca.

Está sentado no chão à porta do apartamento, com as costas contra a porta e os joelhos encostados ao peito. Levanta a cabeça e sorri.

— Estou tão contente por te ver, embora não consiga ver grande coisa neste momento. Estás um bocado desfocada, Gracie.

Rio-me ironicamente e estendo-lhe a mão. Ele pega nela, e esqueço-me de que, apenas quinze minutos antes, era a mão do Weston que eu sentia.

— Porque é que estás tão bêbedo? É só terça-feira — digo, içando-o do chão.

— E depois? É verão. Todas as noites podem ser uma festa. — O Luca levanta e baixa as sobrançelas, e aquele seu sorrisinho que adoro faz-me sentir o estômago aos saltos. Está despenteado, tem a camisa amarrotada e só metade enfiada nas calças. — Bebi demasiados *shots*. Estou-me a arrepender disso agora.

— Como é que vieste para cá?

— Vim a pé.

Olho-o de lado com reprovação enquanto enfio as chaves na fechadura. Que

idiota, vir a pé para casa quando está bêbedo e sozinho.

— *Porque* vieste para aqui? Estás na casa do teu primo.

— Força do hábito — responde, com um sorriso envergonhado. — Posso ficar? Não quero dormir outra vez esta noite no sofá do Paul. Ele ainda está no bar, de qualquer forma.

Foi para isto que ele me deixou. Para ser descontrolado e livre, para ficar bêbedo numa noite de terça-feira qualquer. Foi *isto* que escolheu em vez de mim, mas, mesmo assim, deixo-o entrar em casa.

Acendo algumas luzes, atiro o casaco para o sofá, descalço os ténis. O Luca vagueia pelo apartamento, fascinado, como se nunca o tivesse visto antes, muito menos tivesse *vivido* aqui. Agarra as cortinas e depois passa os dedos pelas bancadas da cozinha. Na última vez em que esteve aqui, disse-lhe que ele nunca mais voltava. Tenho a espinha dorsal de uma minhoca.

Encostada à bancada dos pequenos-almoços, cruzo os braços e observo-o com desdém. Talvez seja o vinho que me faz ter a coragem de perguntar:

— Então? Beijaste alguém esta noite?

O Luca vira a cabeça.

— O quê?

— Queres ser solteiro. Queres ser livre para fazer o que quiseses sem consequências. Por isso, estou a perguntar-te: beijaste alguém esta noite?

Fulmino-o com o olhar, a sentir um nó no estômago, e, por mais que me apeteça encostá-lo à parede, também não posso suportar ouvir a resposta. A ideia de o Luca *namoriscar* sequer com outra mulher faz-me gelar o sangue.

No entanto... eu dormi com o Weston. Portanto, não tenho realmente a razão do meu lado neste momento. O Luca passava-se se soubesse. Sempre foi do tipo ciumento e de ferver em pouca água, mas raramente era um problema. Nunca houve nada de que ter ciúmes. Eu só tinha olhos para ele.

— Ignora-me — murmuro, abanando a cabeça. — Não importa. Não quero saber.

No silêncio do apartamento que já foi tão cheio de risos, o Luca encurta a distância entre nós. Aproxima-se, inclina-se para me olhar nos olhos e toca-me nas pontas do cabelo. Torce uma madeixa à volta dos dedos e solta um suspiro, e o cheiro a vodca é inconfundível.

— Ninguém se compara a ti — diz.

Fico com a garganta seca, e até os joelhos me vacilam. As palavras dele podem ser pensamentos de bêbedo, mas apego-me a elas. Agarro-me à ténue esperança de que talvez tenha percebido que a alternativa não é melhor, que cometeu um erro, que quer voltar para casa. E devia afastá-lo por me ter partido o coração. Devia empurrá-lo da minha frente por me fazer passar pela dor que me tem feito passar nestas últimas três semanas, mas, quando olho para os seus olhos azul-

acinzentados e sinto o coração a inchar com todo o amor que tenho por ele, a única coisa que quero fazer é puxá-lo para mim e beijá-lo.

— Só dizes isso porque estás bêbedo — digo a custo. Estou a lutar pela minha vida, a tentar não tocar nele, quando tudo o que quero é voltar a afundar-me no seu abraço e recordar como era quando estávamos juntos.

O Luca sorri e pressiona a testa na minha, com a mão enfiada no meu cabelo.

— Não, Gracie. Estou a falar a sério. *Ninguém* se compara.

— Não podes... — As palavras ficam-me presas na garganta. A boca dele está quase a roçar a minha.

Olha-me tão fixamente nos olhos que é como se estivesse a ver dentro da minha alma.

— Sinto a tua falta — segreda, e fecho os olhos quando encosta os lábios delicadamente nos meus. Afasta-se por uma fração de segundo, e depois beija-me de novo. — Sinto tanto a tua falta.

E, assim, sem mais, o Luca é outra vez meu. Abro os lábios e beijo-o mais profundamente, ao mesmo tempo que lhe seguro o rosto com as mãos em concha. Os nossos movimentos são sempre tão perfeitamente sincronizados depois de tantos anos juntos. Talvez sejamos ambos simplesmente previsíveis nesta fase, mas não há hesitações. Tem as mãos no meu cabelo e empurra-me com mais força contra a parede, colando o corpo ao meu. Preocupava-me que pudesse nunca mais sentir o toque do Luca, mas ele ainda me deseja. O meu coração bate desatinado com um alívio avassalador.

Os beijos ternos tornam-se ferozes e apaixonados quando o Luca me morde o lábio inferior, o pescoço, o lóbulo da orelha. Baixa a mão do meu cabelo e percorre-me as curvas do corpo antes de desaparecer por baixo do meu vestido. Passa as pontas dos dedos pela pele macia da minha coxa acima, um toque tão leve e provocante que me deixa o corpo em fogo, e depois desliza a mão para dentro das minhas cuecas.

Pega-me no queixo com a mão livre, inclinando-me o rosto na direção do seu e forçando-me a encontrar os seus olhos enquanto me dá prazer.

— Também sentiste a minha falta, não sentiste?

— Hum — suspiro, enterrando o rosto na curva do seu pescoço e agarrando-me com força. As minhas pernas fraquejam. Desabo em cima dele. Tinha-me esquecido da sensação maravilhosa que os dedos dele dão.

O Luca ri-se contra o meu ouvido.

— Põe-te de pé, Gracie, e diz-me o quanto sentiste a minha falta.

Tento recuperar alguma força nas pernas para me estabilizar. O Luca sabe exatamente onde e como me tocar, com a quantidade certa de pressão e o ritmo ideal. Uma arte que aperfeiçoou ao longo dos anos.

Atirando a cabeça para trás, fixo os olhos nos dele e deslizo a mão sobre a sua

nuca, guiando-lhe os lábios até aos meus.

— Senti a falta de tudo em ti — segredo. Enquanto o beijo, gemo suavemente na sua boca.

O Luca passa as mãos por baixo das minhas coxas e levanta-me. A sua figura esguia engana — pertenceu à equipa de luta livre durante todo o secundário, e a sua força apanha-me por vezes desprevenida. Leva-me ao colo pelo apartamento, e eu beijo-o descontroladamente, desesperadamente, e depois deita-me no sofá. Estendo o braço e espalmo a mão sobre a protuberância nas calças de ganga dele, sentindo como está duro. Desabotoo o botão e engancho o indicador no cós das cuecas dele.

— Quero-te tanto — murmuro.

O Luca agarra-me o pulso para me segurar a mão. Aproxima o rosto e, com a mão oposta, enfia-me o cabelo atrás da orelha. O polegar roça-me suavemente na face.

— Então, que é que se diz?

Meu Deus, sinto a falta do seu domínio na cama. Deixaria o Luca fazer tudo e mais alguma coisa, estou apaixonada por ele a esse ponto. Olho-o docemente nos olhos e imploro:

— Por favor, Luca.

Não sei como o faz tão rapidamente, mas, de repente, estou virada no sofá, deitada de barriga para baixo. Nem sequer nos despimos. O Luca liberta-se, com as calças de ganga nos tornozelos, e levanta-me o vestido à volta da cintura. Tira-me as cuecas, inclina-se sobre mim e morde-me a orelha, e o seu hálito é quente e sensual. Enterro o rosto numa almofada e fecho as mãos com força enquanto o Luca me penetra por trás. Não sei quem geme mais alto, só sei que adoro que os nossos corpos se entrelacem como um só, porque amo este homem mais do que qualquer outra coisa na minha vida.

— Sabes tão bem, porra — sibila o Luca quando me penetra devagar e com força.

Pressiona as mãos no fundo das minhas costas, mantendo-me presa debaixo dele. Não consigo manter a boca fechada. A almofada abafa os meus gemidos de prazer enquanto mordo o tecido. Quando o Luca altera o ritmo, agarra um punhado do meu cabelo e puxa com força, a levantar-me o rosto da almofada e a curvar-me a coluna, permitindo-lhe assim ir ainda mais fundo dentro de mim. Dói de todas as maneiras certas.

— Senti tanto a tua falta, querida — sussurra-me ao ouvido quando me solta o cabelo, e afundo-me de novo nas almofadas. Bate-me no rabo uma, duas, três vezes. — Senti tanto a tua falta que nem consigo aguentar mais. — Baixa-se contra mim, com o peito pressionado contra as minhas costas, os lábios na minha têmpora, e todo o seu corpo fica tenso quando se vem dentro de mim com um

gemido baixo e prolongado. O som do Luca a vir-se será sempre o meu som preferido no mundo.

Exala pesadamente e sai de cima de mim. Viro o pescoço para olhar para ele, à espera de mais, mas sinto o corpo a esvaziar-se quando o vejo puxar as calças de ganga para cima. Nós *nunca* acabamos até que ambos nos tenhamos vindo, porque o Luca nunca foi um amante egoísta — até este momento exato. Passa a mão na testa e vai à cozinha buscar um copo de água para si. Está apenas bêbedo e dominado pelo momento. O que é realmente importante, recordo a mim mesma, é que ele está aqui. Ainda me quer, ainda me ama. Vai ficar tudo bem. *Nós* vamos ficar bem.

— Posso ficar, certo? — pergunta o Luca, aproximando-se com um copo de água para mim também. Antes de pegar no copo, ajeito o vestido e as cuecas, sentando-me direita.

— É claro que podes ficar — digo com um suspiro de alívio.

Ele quer voltar para casa. Sabe que cometeu o maior erro da sua vida, e talvez tenham sido necessárias demasiadas vodcas para o perceber, mas não quero saber *como* chegou a essa conclusão. Tudo o que me interessa é que chegou a ela. Posso ter-lhe dito que se ele se fosse embora nunca mais o deixaria voltar, mas não posso manter essa ameaça. Partiu o meu coração e pisou todos os estilhaços, mas é o único que me pode sarar novamente.

O Luca senta-se no sofá ao meu lado. Passa os dedos pelo cabelo despenteado e bebe um gole de água, a piscar os olhos, desfocado.

— Meu Deus, a sala está a andar à roda — murmura, e depois lança-me um olhar de soslaio. Tem os olhos injetados, vidrados. — Onde estavas quando te liguei? Sabes a vinho.

— Estava com as minhas amigas — respondo. Sem hesitação. De modo *nenhum* vou admitir que outro homem estava a cozinhar-me bifes para o jantar. Pode ser perfeitamente inocente, mas o Luca não o veria dessa forma. A minha amizade com o Weston tem de acabar agora. — Vamos lá. Vou-te levar para a cama.

Bebo um gole da água que o Luca me trouxe e, de seguida, levanto-me do sofá e puxo-o para cima. Ele envolve-me com um braço à volta dos ombros e planta-me uns beijos na cara enquanto nos dirigimos para o quarto, e sinto-me profundamente aliviada por não ter de voltar a dormir sozinha. Por não ter de chorar até adormecer. Por nunca mais estender a mão para o Luca no meio da noite e sentir o coração cair-me aos pés quando encontro o espaço ao meu lado vazio. Ele está de novo onde é o seu lugar.

— Tive saudades da nossa cama — diz o Luca, e depois deita-se de bruços no colchão com um suspiro de contentamento.

Dispo-lhe as calças de ganga, tiro-lhe a *T-shirt* pela cabeça e depois meto-o debaixo do edredão. Já tem os olhos fechados. Vou à casa de banho para me limpar

e, quando volto, já está a ressonar suavemente. Alastra-se-me um sorriso no rosto quando me meto na cama ao lado dele. A sua pele irradia calor, e aconchego-me às costas dele, sentindo-me finalmente bem de novo pela primeira vez em três semanas.

Só acordo porque pressinto movimento. Uma réstia de luz do sol entra no quarto por uma fresta das persianas, e pisco os olhos a ajustá-los à luz. O Luca está aos pés da cama, a abotoar a camisa de ontem à noite. Não foi um sonho. Ele voltou mesmo para casa.

Espreguiço-me, bocejo e dou uma palmadinha no espaço vazio e quente ao meu lado.

— Volta para a cama.

— Não. Devia ir andando — diz o Luca, aclarando a voz. Está rouca, desidratada por causa do álcool. Enfia a camisa dentro das calças de ganga e acama o cabelo.

— Quê?

— Devia ir andando — diz de novo, sem me olhar nos olhos.

E, talvez porque sou ingénua, talvez porque estou absolutamente cega, digo:

— Para ires buscar as tuas coisas? — Porque, na minha cabeça, o Luca está a mudar-se de novo para cá. Só vai sair para ir buscar a roupa dele à casa do primo. Volta daqui a uma ou duas horas, e depois preparamos um *brunch* juntos.

O Luca coça a palma da mão.

— Não, Gracie.

Cai-me o coração aos pés, e sento-me direita na cama.

— Mas ontem à noite... Tu disseste que sentias a minha falta...

— Eu sinto a tua falta — diz, forçando-se a olhar-me nos olhos. A culpa que lhe contorce as feições diz-me tudo o que preciso de saber. — Mas a noite passada não muda nada. Nós acabámos na mesma.

Fito-o, com a boca aberta. O meu coração estilhaça-se todo outra vez. Não sabia que era possível que se partisse ainda mais. Deixo cair a cabeça nas mãos e respiro fundo, abanando a cabeça, incrédula. Ele continua a não querer estar comigo. Por entre os dedos, murmuro:

— Então, porque te deste ao trabalho de vir aqui ontem à noite?

— Sinto muito — diz o Luca. — Sabes como fico excitado quando bebo.

Levanto a cabeça para olhar para ele. *Raiva*. É tudo o que sinto agora. Raiva ardente, que consome tudo.

— És um porco de merda, Luca — cuspo, atirando para trás o edredão e saltando da cama. Espeto um dedo na direção dele, com uma fúria tão intensa que

estou a tremer. — Sai do *meu* apartamento.

— Gracie...

Pego numa almofada da cama e atiro-lha. Depois numa segunda.

— *Rua!*

— Está bem, está bem!

O Luca levanta as mãos em sinal de rendição e solta um suspiro de derrota. Enquanto ele caminha às arrecuas para fora do quarto, persigo-o, com o dedo ainda apontado. Como é que se atreve? Nem sequer consigo *olhar* para ele.

— Lamento muito — diz de novo quando chega à porta.

— Não. Não lamentas nada. Rua — ordeno, e contorno-o para abrir a porta. Qualquer coisa para facilitar que me saia da minha frente. — Eu disse *rua*.

O Luca baixa a cabeça, envergonhado, e sai para o corredor. Fecho imediatamente a porta atrás dele, e depois ponho-me a andar pelo apartamento de um lado para o outro com as mãos na cintura enquanto respiro fundo para combater a sensação repentina de náusea.

Sou uma idiota chapada. O Luca usou-me ontem à noite, e eu amo-o tanto que nem me apercebi. Significou tudo para mim, mas nada para ele. Como é que me pôde magoar *outra vez*?

Viro o olhar para os lírios murchos e moribundos no vaso da cozinha. A minha mãe mandou-os entregar no dia a seguir ao Luca ter acabado comigo, com uma mensagem amorosa, prometendo-me que as coisas iam ficar bem. Já não a vejo há algum tempo. E a minha irmã sente claramente a minha falta, porque está sempre a marcar-me em vídeos hilariantes do TikTok. Devia ir visitá-las. Faz-me falta um abraço da minha mãe neste momento, mas também não sei conduzir. O Luca levava-me sempre que eu ia a casa, a Santa Cruz.

Meu Deus, preciso mais do que nunca de tirar a carta de condução.

Envio uma mensagem à minha mãe a perguntar se não há problema em passar por lá hoje, e, claro, não há problema nenhum. Nunca haveria. Sou sempre bem-vinda, não é preciso convite. Ela promete ter burritos prontos para o almoço. O meu prato preferido.

De seguida, procuro o número do Weston, que ele adicionou aos meus contactos ontem no Starbucks, e ligo-lhe antes de me acobardar. Só toca duas vezes antes de ele atender.

— Obrigado por me dizeres que chegaste bem a casa ontem à noite — diz ele, num tom com laivos de sarcasmo.

Estremeço, porque me esqueci de tudo sobre ele assim que pus os olhos no Luca.

— Oh, bolas. Desculpa. Esqueci-me.

O Weston suspira suavemente do outro lado da linha, como se me perdoasse.

— Correu tudo bem com o Luca?

— Não. Foi muito mau — é tudo o que lhe digo. Não *posso* dizer-lhe mais nada. Como me sinto muito humilhada por ter sido tão facilmente enganada, apresso-me a passar à verdadeira razão pela qual lhe telefonei. — Sei que só regressas ao trabalho amanhã, mas já tens planos para hoje?

— Provavelmente, ia ao ginásio e depois ia beber umas cervejas com a malta esta noite. Porquê?

— Hum. Que achas de me levares de carro a Santa Cruz? — pergunto, e sustenho a respiração, à espera. É quase rude da minha parte fazer um pedido desses. O Weston não me deve favores.

— O que há em Santa Cruz?

— A minha mãe. Preciso mesmo de um abraço dela — digo, e depois mordo com força o lábio inferior quando me ocorre a conversa que tive com o Weston ontem à noite. A mãe dele já não está cá, mas não tive a intenção de ser insensível. Apresso-me a aligeirar o tom e acrescento: — Vais poder comer uns burritos. E eu pago a gasolina.

— Porque é que não podes ir sozinha?

Dou comigo a corar, e fico aliviada por ele não estar aqui para o ver. Quantos jovens de vinte e dois anos não sabem conduzir? Não muitos, aposto.

— Eu ainda não tirei a carta. O Luca sempre me levou aonde eu precisasse de ir que não fosse servido por transportes públicos. Mas vou fazer o exame de condução em breve, juro.

O Weston ri-se, trocista.

— Eu levo-te a Santa Cruz — diz —, mas numa condição.

— Qual é?

— Quando regressarmos, vou levar-te ao escritório da DGV para tirares o raio da carta.

A gargalhada que solto alivia-me a dor no peito. Só um pouco, mas o suficiente.

WESTON

O Cameron chama-me preguiçoso por cancelar a ida ao ginásio com ele. O Adam chama-me um chato de merda por não ter a certeza se vou ao bar com ele esta noite. Quando um e o outro perguntam o que vou fazer, minto. Digo-lhes que vou visitar o meu irmão à base aérea de Beale, que fica duas horas a norte de São Francisco. Na verdade, porém, estou na garagem do prédio da Gracie.

Tamborilo ansiosamente o volante, depois de lhe enviar uma mensagem a avisar que estou aqui. É mais de uma hora de viagem até Santa Cruz, e, embora me sinta à vontade com a Gracie, ainda não ficámos metidos num carro juntos. Quando chegarmos a Santa Cruz, não faço ideia do que esperar. Deixo-a lá e vou-me embora? Quer que eu conheça os pais dela?

Um movimento chama-me a atenção. A Gracie atravessa a garagem na minha direção e faz-me um pequeno aceno, com um sorriso envergonhado. Retribuo o sorriso e paro de tamborilar nervosamente o volante. Ela é gira como o caraças, e não faz realmente de propósito. Traz o cabelo preso num rabo de cavalo, com umas madeixas a emoldurar-lhe o rosto, e pendem-lhe das orelhas umas argolas enormes. Balouçam-se com o andar.

Quando abre a porta do carro, tento arranjar uma saudação espirituosa, mas acabo por me ficar por um patético «olá».

— Limpaste o carro! — exclama a Gracie toda animada quando se instala no lugar do passageiro. Um aroma floral e frutado segue-a para dentro do veículo. Aponta para o espaço no chão e para os suportes para copos vazios, e depois sorri-me. — Fizeste isso por mim?

— Não me tinha apercebido de que, provavelmente, a Charlotte detestava andar neste monte de lixo até tu entrares aqui na outra semana e me chamares a atenção — admito. — Por isso, fiz o esforço de o limpar para ti.

— Vês? Estás a começar a perceber!

— Estou a tentar. Então, Santa Cruz?

— Por favor — diz.

Saio da garagem. O prédio da Gracie tem uma localização perfeita para o acesso à autoestrada, portanto, subo a rampa para sair da garagem e dirijo-me para sul. O sol brilha num céu límpido e azul, por uma vez. O tempo perfeito para uma viagem de carro. Aumento o ar condicionado e ligo a música, mantendo o volume baixo. Lanço um olhar de soslaio à Gracie. Ela fita em silêncio a máquina fotográfica que tem nas mãos.

— Porque é que trazes isso?

A Gracie suspira, mas não levanta a cabeça para olhar para mim.

— Pensei que podia fazer um vlogue hoje. Já filmei algumas coisas aqui e ali. Vou só fingir que o Luca está para fora, o que não é *demasiado* invulgar. Às vezes, fazíamos os nossos próprios vlogues sem o outro. — Enfia a câmara no compartimento de arrumação da porta. — Obviamente, não te vou filmar a *ti*.

— Obviamente.

Olha para mim e sucumbe ao meu sorriso trocista. O riso dela é como uma lufada de ar fresco. Leve, frágil, quase impercetível. Mas está lá.

— Sabes, vou realmente sentir falta disto tudo quando acabarmos por fechar todas as contas. Das filmagens. Da edição. De partilhar a minha vida.

— Não podes começar do zero? Com um tema novo? Gracie Taylor e Gracie Taylor *apenas*.

A Gracie morde o lábio e diz baixinho:

— Mas sem o Luca sou um tédio.

— Não acho que sejas um tédio — digo. Provavelmente, não significa muito vindo de mim, mas é a verdade. Esta rapariga faz-me deslocar-me até Santa Cruz do pé para a mão, afinal de contas. Ela é tudo menos um tédio.

Concentro-me na estrada à minha frente enquanto mudo de faixa, mas sinto os olhos da Gracie pregados em mim.

— Obrigada, Weston — diz com sentimento, e fico dolorosamente consciente da minha pulsação.

Não me agrada a forma como o meu corpo fica tenso sempre que ela diz o meu nome. Não me agrada a forma como me faz sentir, porque me faz sentir alguma *coisa*.

— Então, ontem à noite com o Luca... — digo, aclarando a voz. — Estás bem?

A Gracie senta-se mais direita, com uma atitude mais defensiva.

— Que queres dizer com isso?

— Disseste que as coisas estavam más — relembro-lhe, recordando a nossa conversa breve ao telefone hoje de manhã. Levanto uma sobranceira perante a reação dela e disparo-lhe um olhar cheio de preocupação. — Quão más? Porque, neste momento, a tua cara diz-me que foi *realmente* muito mau.

A Gracie abana a cabeça, relaxando a expressão tensa.

— Tivemos uma discussão. Pu-lo na rua.

— Provavelmente, à partida, não foi uma boa ideia deixar o teu ex-namorado voltar bêbedo ao teu apartamento.

— Apercebi-me disso um pouco tarde de mais — murmura, antes de ficar terrivelmente calada. Fita os ténis, com as mãos juntas no regaço, e sei que há mais coisas que não me está a contar. Está embrenhada nos pensamentos.

O silêncio prolonga-se, prolonga-se enquanto conduzo. Olho repetidamente da estrada para a Gracie. Observo a boca dela descaída aos cantos, como pestaneja delicadamente, a forma como entrelaça os dedos. Olho para ela vezes sem conta antes de finalmente ganhar coragem para pensar: *Que se lixe*.

Estendo o braço sobre a consola central e pego numa das suas mãos. A sua pele está quente e, suavemente, ela aperta a minha mão. Deixamo-las unidas no regaço dela, e não digo nada. Ela também não. Não precisamos de o fazer.

Sáímos de São Francisco em direção a sul, um percurso que me é extremamente familiar. Ia sempre por esta autoestrada quando visitava a Charlotte em San José, mas não é para lá que me dirijo hoje. Nunca mais me vou dirigir para lá, mas, neste preciso momento, a ideia não me incomoda. Ainda não estava preparado para a Charlotte, e não me parece que isso faça de mim uma má pessoa. Ainda tenho muito tempo para perceber as coisas.

A Gracie vira-se mais para mim. Com a mão livre, toca-me no braço, traçando as linhas das minhas tatuagens enquanto conduzo. O seu toque é tão leve como uma pena e tão reconfortante que os pelos do meu braço ficam eretos. Começa nas costas da minha mão, traçando cada detalhe do lobo que tenho tatuado ali, depois sobe lentamente pelo resto do braço. Não falha um único ponto.

Quando já não aguento mais, lanço-lhe um sorriso a provocá-la e olho-a de soslaio.

— Sim, Gracie?

— Desculpa — diz, corando. A mão dela para mesmo acima do meu cotovelo.

— Nunca tinha olhado realmente para as tuas tatuagens. O que são estas?

Olho para baixo. Ela acaricia o par de chapas de identificação que tenho tatuadas ali, uma com a bandeira dos Estados Unidos e a outra com a data de nascimento da Peyton.

— É a minha irmã. Ela está no exército — respondo.

Os dedos da Gracie deslizam sobre a minha pele.

— E as asas da Força Aérea?

— O meu irmão.

— Esta é óbvia, só que não é. — Toca no crachá da Polícia de São Francisco que está na parte de trás do meu bíceps, apontando para a data de nascimento incorporada na tatuagem, que é claramente demasiado antiga para ser a minha.

— Pelo meu pai. Ele era subchefe da polícia antes de se aposentar.

A Gracie diz:

— Ah.

Talvez agora faça sentido para ela porque escolhi a carreira que escolhi. A mão dela sobe mais pelo meu bíceps, parando na tatuagem que desaparece debaixo da manga da *T-shirt*. Puxa a manga para trás para ver a imagem completa. É um par de mãos unidas, segurando flores. — E esta?

Engulo em seco com força.

— A minha mãe.

A Gracie olha-me nos olhos, intensa e focada. Diz:

— Porque os professores são carinhosos. — Não é uma pergunta. Sabe exatamente o que essa tatuagem representa, e o meu sorriso diz-lhe que tem razão.

— O teu tema é a família.

— Sim — digo, e sinto-me um pouco comovido.

Ela volta a passar a mão pelo meu braço abaixo, por cima de todas as outras tatuagens relacionadas com os meus avós, com as minhas tias e os meus tios, com os meus primos, com a minha sobrinha.

— Adoro essa. Mas que é esta? — Desce novamente para as costas da minha mão, para o lobo.

Encolho os ombros.

— Oh, essa? Só a fiz porque tem um aspeto fixe como o caraças.

A Gracie ri-se agora e recosta-se no assento, mais descontraída. Ainda estamos de mãos dadas, e ficamos assim durante todo o caminho até Santa Cruz. Ela até me olha nos olhos de vez em quando, e a minha pulsação acelera sempre.

GRACIE

Como o Weston não está muito familiarizado com Santa Cruz, oriento-o pela autoestrada até à saída correta e pelas ruas por onde andei de bicicleta quando era miúda. O lar da minha infância ainda é a mesma casa em que a minha mãe vive, ao fundo de uma rua residencial tranquila no Eastside. Por muito que sempre considere Santa Cruz a minha terra, nunca voltarei a viver aqui. Agora, sou uma rapariga de São Francisco.

— Esta — digo, apontando para a casa onde me criei. O Weston vira para o caminho da garagem e estaciona atrás do *Mini Cooper* azul-turquesa da minha irmã. Envergonha-me que a minha irmã mais nova tenha tirado a carta antes de mim.

— És daqui? — pergunta o Weston, desligando o motor.

— Sou. Cresci nesta rua — digo-lhe, e depois saio do carro para o sol quente e estico as pernas.

A minha casa não mudou nada desde que eu era criança, mas reparo que o casal de idosos que sempre viveu na casa ao lado começou a fazer obras desde a última vez em que vim cá. Há carros ao longo da estrada, estacionados à sombra de árvores altas, e passa uma senhora com o seu chihuahua. Sempre foi uma rua tranquila e descontraída. Segura.

— O Luca também é daqui — acrescento quando o Weston vem pôr-se ao meu lado. — Andámos juntos no secundário.

O Weston enfia as mãos nos bolsos da frente das calças de ganga e não me segue até ao alpendre. Quando lhe lanço um olhar por cima do ombro, pergunta:

— Tens a certeza de que me queres aqui? Posso ir ver a praia ou coisa do género. Venho buscar-te daqui a umas horas, quando estiveres pronta?

Inclino a cabeça para o lado.

— Weston, gostava que entrasses comigo — digo-lhe com sinceridade. — Quero apresentar-te à minha mãe. Ela adora que eu traga amigos para a visitar. Mas se *tu* não te sentires à vontade...

Ele dirige-se para o alpendre e apanha o jornal desta manhã do degrau, franzindo as sobrancelhas na brincadeira.

— Vamos lá ver se esses tais burritos são mesmo tão alucinantes como os descreveste.

— São — riposto, e empurro a porta da frente a abri-la. — Mãe?

A casa cheira a carne de vaca e a especiarias, e o Weston funga com apreciação. Atravesso a sala de estar em direção à cozinha, à procura da minha mãe, que com certeza vou encontrar debruçada sobre o fogão, mas o barulho atroador de passos a descer a escada faz-me parar.

— Finalmente! — exclama a Verity. Salta da escada diretamente para os meus braços, desequilibrando-me. Ela pode ser quatro anos mais nova do que eu, mas quem não nos conhece pensa sempre que é a irmã mais velha. É doze centímetros e meio mais alta do que eu. Não é justo.

— Ei, ei. Vem cá — digo, equilibrando-nos às duas para poder abraçá-la em condições. Pressiono o rosto no ombro dela e ela aperta-me com demasiada força. Não é o nosso abraço habitual. É mais longo, mais apertado, cheio de amor. É a primeira vez que a vejo desde a separação.

Sem deixar de me abraçar, a Verity inclina-se para trás para mirar o Weston, que está atrás de mim.

— Hum. Olá.

— Este é um amigo meu. Chama-se Weston — digo, e o Weston sorri educadamente. — Esta é a minha irmã, a Verity.

A Verity lança-me um olhar divertido e pouco convencido. Somos ambas naturalmente louras, mas, desde que comecei a aplicar reflexos acobreados há alguns anos, já não somos assim tão parecidas.

— Desde quando é que tens amigos homens? — pergunta.

— Desde que o Luca já não está em cena para ficar com ciúmes — respondo com uma ponta de azedume na voz.

Afasto-me da Verity e ignoro o olhar do Weston, que me fita com atenção.

— Bem. Olá, Weston — diz a Verity. — Eu sou de abraços. Desculpa.

Puxa o Weston para um abraço, e ele abraça-a desajeitadamente enquanto eu formo com os lábios um pedido de desculpas silencioso.

— Gracie! — ouço a minha mãe cantarolar.

Ela aparece da cozinha, com os braços estendidos e um sorriso tão rasgado que

se lhe alastra até aos olhos. Vê-la faz-me desatar imediatamente a chorar.

— Mãe — digo, com a voz a falhar.

Encontro-me com ela a meio caminho e desabo na segurança dos seus braços, abraçando-a como costumava fazer quando era criança e o mundo parecia tão assustador. Não importa o quão más as coisas ficam quando a tua mãe está lá para te garantir que tudo vai ficar bem.

— Oh, querida. Está tudo bem. Está tudo bem — segreda ela numa voz tranquilizadora, acariciando-me o cabelo e abraçando-me protetoramente. Eu e a Verity seremos sempre as suas meninas pequenas, tenhamos que idade tivermos. Quando soffremos, ela também sofre. — Vais sair disto mais forte do que eras antes.

Também é difícil para a mãe. O Luca era como um filho para ela, parte da família. Falávamos muitas vezes com entusiasmo dos meus planos de casamento. Considerávamos hipóteses de espaços para o casamento, procurávamos o vestido dos meus sonhos e até chegámos a escrever rascunhos da lista de convidados. Era só uma questão de esperar que o Luca me pedisse em casamento.

Mas ele não o fez, e agora tenho de reconstruir toda a minha vida.

— Olha, mãe. A Gracie trouxe um novo *amigo* — observa a Verity.

Eu e a mãe soltamo-nos. Enxugo uma lágrima e disparo à Verity um olhar de reprovação pelo sarcasmo dela.

— Mãe, este é o Weston. E nós *somos* apenas amigos — digo.

As sobrancelhas da mãe erguem-se com surpresa. As únicas pessoas amigas que trago cá abaixo são a Elena e a Maddie. O Weston é obviamente uma adição muito recente à minha vida e, provavelmente, ele ser *homem* não ajuda. Não é um bom momento ele entrar na minha vida imediatamente após o meu rompimento com o Luca. Admito que consigo perceber por que razão a Verity está cética.

— Bem, olá, Weston. Chamo-me Erica — diz a mãe, um pouco insegura. Estende a mão ao Weston para ele lha apertar, o que ele faz com firmeza ao mesmo tempo que lhe entrega o jornal do alpendre. — Espero que tenhas fome, porque são burritos para o almoço.

— A Gracie teceu louvores aos seus burritos durante toda a viagem — diz ele, e a mãe sorri com orgulho. É uma ótima cozinheira, e se alguém dissesse o contrário, ficaria destrozada.

O Samuel espreita da porta da cozinha, com um pano da louça por cima do ombro. Antes de ter tempo de dizer uma palavra, o Weston avança para lhe apertar a mão.

— E o senhor deve ser o pai da Gracie. Prazer em conhecê-lo.

A Verity ri-se trocista e tento não me juntar a ela, porque o pobre do Weston está a dar o seu melhor para ser bem-educado numa casa cheia de estranhos, e não posso criticá-lo por um simples erro.

— Weston, este é o Samuel. O marido da minha mãe — digo-lhe, pousando delicadamente a mão no seu bíceps. — *Não* é o meu pai.

— Oh, desculpe — diz o Weston, e fica corado.

— Tudo bem — diz o Samuel. Desvia-se do Weston para me dar um abraço reconfortante.

Sei que é difícil para qualquer pessoa saber o que dizer sobre o Luca. Palavras de conforto não ajudam. É o tipo de dor que temos de aguentar e de lidar com ela. Por fim, acabará por se tornar simplesmente parte de mim. Por agora, os abraços são bons.

— Entrem, malta, entrem! — diz a mãe, entusiasmada, conduzindo-nos a todos para a cozinha. A mesa está posta apenas para quatro, e, quando ela tira outro individual de uma gaveta, apercebo-me de que devia ter avisado de que ia trazer o Weston. Mas a mãe cozinha sempre o suficiente para toda a gente se servir uma segunda vez, por isso, há comida que chegue para todos. — Sentem-se!

— Aqui — digo ao Weston, apontando-lhe o lugar vago ao lado do meu. Posso ter-me mudado há quatro anos, mas ainda tenho o meu lugar reservado à mesa. O Weston senta-se ao meu lado e faz uma careta quando me vê sacar da máquina fotográfica. — A propósito, hoje vou filmar — anuncio à mesa.

Normalmente, não é nada de especial. A minha mãe e a Verity estão habituadas a aparecer nos meus vídeos de vez em quando. O Samuel é um pouco mais tímido, por isso, tende a sair do enquadramento. É perfeitamente normal eu ter sempre uma máquina fotográfica na mão. Hoje, no entanto, deparo-me com olhares de perplexidade. Estão a perguntar-se como raio vou criar conteúdos sem o Luca, quando toda a nossa marca é sobre *nós* enquanto casal.

— Aquele vídeo que carregaste ontem é tão obviamente falso — diz a Verity, dando um estalido com a língua em sinal de desaprovação. — E mesmo assim continuas a filmar coisas novas? Sem o Luca? Os teus seguidores não são estúpidos, Gracie. Vão juntar dois mais dois.

Arredo o argumento dela com um aceno despreocupado e empunho a máquina de filmar, com a lente virada para mim. Ela tem razão, claro, mas insisto, com uma ingenuidade forçada.

— Malta, já passou algum tempo desde a última vez em que viram a Verity, mas aqui está ela! — digo à objetiva. Inclino-me para a Verity, posicionando-a no enquadramento comigo. Ela acena, depois afasta-se de novo, porque é dolorosamente claro que não quer participar na minha narrativa falsa. — A mãe fez burritos e o Luca *adora* os cozinhados da minha mãe, mas vou ter de comer a dobrar por ele. Agora a sério, malta, *olhem* só para isto. — Viro a câmara para mostrar o *guacamole* caseiro da minha mãe enquanto ela pousa a taça na mesa.

Uma risadinha escapa do Weston. Paro imediatamente de gravar e fulmino-o com um olhar. Tem os lábios firmemente fechados, a conter o riso.

— *Weston!* Agora tenho de fazer isto outra vez!

A Verity semicerra os olhos, como se ainda não tivesse percebido bem quem é o Weston. Não está a acreditar nesta história de amigos, mas é a verdade. Nós *somos* amigos.

— Nunca a viste a fazer o vlogue, pois não?

— É a primeira vez — admite o Weston, e, de seguida, faz-me beicinho e forma com os lábios a palavra «desculpa».

— Vais habituar-te — diz o Samuel, e ajuda a mãe a trazer o resto da comida. *Tortillas* quentes, carne picada perfeitamente cozinhada, arroz e feijão, molho, queijo, vegetais... Vem-me água à boca enquanto filmo o clipe de toda a comida.

A mãe distribui latas de refrigerante pela mesa e senta-se para se juntar a todos nós.

— Então, não são amigos há assim tanto tempo — pressiona a Verity, com o queixo apoiado na palma da mão. Fito-a com um olhar de morte e polvilho jalapenos no burrito que estou a fazer. — Como se conheceram?

— Sim, Gracie — diz a mãe com um aceno sugestivo em direção ao Weston. — Como se conheceram?

— As minhas amigas levaram-me a sair no meu aniversário, e o Weston pôs-se à pancada na nossa cabina e estragou a noite toda. Fomos todos expulsos — confesso a verdade. Olho para ele e sorrio. — Nega isso. Desafio-te.

O Samuel ri-se quando a minha mãe parece alarmada.

O Weston coça a têmpora com um sorriso envergonhado.

— Bem, isso *é* verdade... — diz. — Mas sou um tipo decente, juro. Foi um caso isolado. Normalmente, sou um grande cumpridor das regras... Sou polícia. Na verdade, respondi a uma queixa de barulho feita contra a Gracie e as amigas dela. — Pisca-me o olho a provocar-me. Vingança.

— Gracie! — exclama mãe.

— Demasiado vinho — murmuro, e depois dou uma cotovelada nas costelas do Weston.

Ele ri-se e diz:

— Safaram-se com um aviso.

Enquanto preparamos os nossos burritos e lhes ferramos o dente, o Samuel fala com o Weston sobre a vida na polícia, a mãe faz-me perguntas cuidadosas e inofensivas que contornam o tema do Luca e a Verity não se cansa de me disparar olhares céticos. Termos o Weston sentado a jantar connosco não é tão embaraçoso como poderia ter sido. Ele integra-se perfeitamente.

Como sempre, a Verity e eu tratamos da arrumação da cozinha a seguir. Eu lavo a louça, ela seca-a. Fita-me com os lábios franzidos quando estou a passar um prato por água.

— Que foi?

Lança um olhar por cima do ombro para a mesa de jantar, onde a mãe e o Samuel estão a conversar com o Weston, e depois aproxima-se mais de mim. Tem uma expressão estranhamente solene quando pergunta baixinho:

— O Luca acabou contigo porque conheceste outro? Podes contar-me a verdade, Gracie.

Recuo um passo, chocada. Como é que pode fazer uma tal acusação? Muito francamente, magoa-me que a Verity possa sequer *considerar* a ideia de eu ter traído o Luca. Eu amava-o com todas as fibras do meu ser. Estou completamente destroçada sem ele.

— É claro que não, Ver. Como podes sequer perguntar-me isso?

O olhar da Verity desvia-se lentamente para o Weston, e ela diz:

— Tu olhas para ele como sempre olhaste para o Luca. É qualquer coisa nos teus olhos. Tipo, parecem *suaves*. Não sei. Pensei que talvez...

— Pensaste mal — interrompo-a, esfregando uma taça com fúria. Pouso-a com força no corredor da louça e viro-me para a minha irmã. — Achas mesmo que, se o Luca me tivesse deixado porque eu tinha encontrado outra pessoa, eu traria esse homem cá a *casa* para o exhibir diante da mãe? Nós somos amigos. A namorada dele também o deixou e estamos a ajudar-nos mutuamente num momento difícil. É *tudo*.

A Verity levanta o pano da louça a pedir desculpa.

— Está bem! De qualquer forma, não achava que ele fosse o teu tipo.

Rio-me com sarcasmo e acabo de lavar os pratos que faltam. O Weston nunca teria feito o meu género antes, mas acabei por gostar das tatuagens. Até a barba por fazer com que anda nos dias de folga é atraente. Eu sempre fui uma rapariga só de louros, mas agora já não tenho tanta certeza.

Olho por cima do ombro e os olhos do Weston encontram os meus.

Não é mau tipo. Nem sequer acredito que seja egoísta, francamente. É óbvio que ainda não sabe bem o que quer da vida e que, provavelmente, perder a Charlotte é o empurrão de que precisava para pensar bem no que quer. Não me parece que seja uma questão de estabelecer as suas prioridades corretamente — ele precisa de descobrir quais *são* as suas prioridades. Neste momento, parece não ter nenhuma.

— Estás a fazer isso *outra vez* — sibila a Verity, e chicoteia-me a perna com o pano da louça.

Empurro-a e digo:

— És tão irritante — digo, apesar de a adorar. A Verity e eu sempre fomos muito próximas como irmãs. Melhores amigas mais do que qualquer outra coisa. Vou ter saudades dela quando ela for para a faculdade, em setembro.

— Gracie — diz a mãe, acenando-me a chamar-me à mesa. — O Weston disse-me que abandonaste os teus planos de viagem! Porquê? Não tens os voos

marcados?

Suspiro e apoio as mãos nas costas da cadeira dela.

— Ainda não tínhamos reservado nada. E *de maneira nenhuma* quero ir sozinha. A Maddie não se pode dar ao luxo de viajar durante seis meses, e a Elena não consegue pensar em nada pior do que comer algo que não seja do McDonald's. Com certeza tu não queres que eu viaje sozinha?

— Há muita gente que viaja sozinha — diz a mãe, e o Weston acena com a cabeça como se a dizer: *Eu bem te disse*.

— Não sei bem *o que* hei de fazer agora — murmuro, e a mãe estende a mão por cima do ombro para me apertar a minha, a reconfortar-me. Beijo-lhe o topo da cabeça. — As pessoas não dizem sempre que, depois de uma separação, temos de nos concentrar em nós próprios? Cuidar de nós mesmos e aperfeiçoarmo-nos e tudo isso. O Weston vai levar-me à DGV. Vou tirar a carta e vou comprar um carro. É um bom começo, certo?

Talvez *eu* também precise de definir algumas prioridades. Este vai ser um ano muito longo se não encontrar uma maneira produtiva de preencher o tempo. Se ao menos o prazo de inscrição no programa de formação de professores ainda não tivesse passado, eu descartaria totalmente o ano sabático e começá-lo-ia neste outono. Contudo, agora é demasiado tarde para isso. Portanto, vou aprender a conduzir, vou tornar-me mais consistente no ginásio, vou aprender novas receitas, talvez troque as madeixas de louro-acobreado por algo novo. É tudo o que *posso* fazer. Aprender a sentir-me feliz e contente sozinha.

A mãe e o Samuel concordam que tirar *finalmente* a carta de condução é um primeiro passo sensato, e, depois de vários minutos a lançarem-me mais ideias, peço licença para eu e o Weston sairmos da cozinha. Tenho a sensação de que a minha cabeça pesa mil toneladas, e preciso simplesmente de um momento de silêncio. O Weston segue-me até ao quarto da minha infância. Está sempre como o deixei há quatro anos. As minhas fotografias estão penduradas nas paredes, a colcha continua a ser a mesma, até há algumas camisolas velhas ainda penduradas no armário. Pode ser usado como quarto de hóspedes para as amigas da Verity quando passam a noite cá em casa, mas ainda é todo meu.

Atiro-me para cima da cama e abro os braços com um suspiro desolado.

— Sinto saudades de ser criança — digo. — A vida nunca era complicada nessa altura, pois não? Não havia corações partidos.

O Weston examina o meu quarto, e apoio-me nos cotovelos para o observar enquanto ele semicerra os olhos atentamente para cada uma das fotografias emolduradas nas paredes. Estão a ganhar pó. Endireita a moldura de uma fotografia minha e do Luca no nosso baile de finalistas do liceu, com a gravata dele a condizer com o azul do meu vestido.

— Não mudaste nada — diz o Weston.

— Ótimo. Obrigada — respondo com sarcasmo, e ele ri-se.

— É uma coisa boa. Vais deixar estas fotografias nas paredes?

Franzo o sobrolho ao dardejear os meus olhos de fotografia em fotografia. Nem *todas* incluem o Luca. Há fotografias com os meus melhores amigos da escola do terceiro ciclo, fotografias com a mãe e a Verity, fotografias com os meus avós. Essas vão ficar, de certeza, mas as do Luca *têm* de desaparecer.

— Queres ajudar-me a limpar este quarto de tudo o que é Luca Hartmann?

O Weston faz um sorriso um pouco excessivamente rasgado.

— Precisas realmente de perguntar?

Salto da cama e arranco da parede a fotografia do baile de finalistas. Passo-a ao Weston, depois pego noutra para mim — uma do Luca com um ar pateta e a boca cheia de comida. Tiramos as fotografias das molduras e depois passamos às seguintes, retirando gradualmente todas as recordações do Luca da parede do meu quarto de infância.

Depois de termos expurgado metade das fotografias antigas, abro o gavetão de baixo da cómoda. A única coisa lá dentro é uma velha caixa de joias. É exatamente o que eu procurava. Mas não contém joias, contém recordações. Todas as pequenas coisas insignificantes que guardei quando era adolescente e me apaixonei pelo Luca, porque sabia que um dia significariam alguma coisa. Os bilhetes de cinema do nosso primeiro encontro, o porta-chaves foleiro que o Luca ganhou numa máquina no salão de jogos, o recibo da primeira refeição que fizemos juntos num restaurante *a sério*. Eu sabia que um dia seriam recordações sentimentais, porque sempre soube que o Luca era o tal.

Sento-me na beira da cama enquanto vasculho a caixa, e o Weston fica sentado em silêncio ao meu lado, sem se atrever a comentar como é embaraçoso que eu tenha guardado todas estas coisas. No fundo da caixa, encontro uma fotografia virada para baixo. Viro-a, à espera de ver o Luca, mas os meus lábios entreabrem-se com a surpresa.

É uma fotografia muito, muito antiga, do pai comigo e com a Verity ao colo quando éramos crianças, uma de cada lado dele. Não faço ideia de como veio parar aqui. Livrei-me de todas as recordações do meu pai há anos quando ele se foi embora.

O Weston aproxima-se um pouco para ver a fotografia.

— É o teu pai? — adivinha.

— É mais, tipo, o meu dador de esperma — corrijo, revirando os olhos com azedume. Fecho a mão à volta da fotografia, amarrando-a com desprezo. A Verity também não ia querer que eu ficasse com ela. — Não falo com o meu pai há... Hum. Há quatro anos, acho eu. Ele já não faz parte da minha vida.

— Porquê?

— Optou por não fazer parte dela. — Encolho os ombros como se isso me

fosse indiferente agora, mas, por Deus, ainda dói. Vai doer sempre. — A minha mãe deixou-o, mas adiante. Não eram felizes juntos, portanto, foi uma espécie de alívio quando finalmente se decidiram. O meu pai ia arranjar casa aqui perto, e eu aceitava a ideia de manter relações separadas com ele e com a minha mãe, mas depois ele simplesmente... foi-se embora. Nem sequer nos disse para onde se tinha mudado, e, mesmo agora, ainda não faço ideia de onde está. Penso que queria um novo começo, e eu e a Verity fomos um dano colateral.

Cerro os maxilares. Enfurece-me a dor que o pai causou. Nunca o vou perdoar, e nunca, jamais, em tempo algum o vou deixar voltar a pôr os pés na minha vida. Não há redenção para um homem que não põe os filhos em primeiro lugar.

Nos primeiros meses, fiquei absolutamente incrédula. Era impossível contactá-lo, e agora percebo que deve ter sido porque ele mudou de número de telemóvel. Não *queria* ser encontrado. Tantas noites me deitei neste mesmo quarto e chorei até adormecer, perguntando-me porque não era suficiente. Como é que, depois de nos ter criado a nossa vida inteira, tinha sido capaz de nos tirar de cena tão facilmente, como se fôssemos descartáveis? Ele andava sempre a dizer-nos como tinha orgulho em nós. Tranquilizava-nos sempre que nos dirigíamos a ele com qualquer preocupação. Podemos ser adultas agora, mas ainda precisamos do nosso pai. Como pode simplesmente não se importar? Muitas vezes, pergunto-me se alguma vez vê os meus vídeos e do Luca para ter um vislumbre da minha vida. Por vezes, *quero* que ele veja os nossos vídeos para ver que estou perfeitamente bem sem ele. Só que, noutras vezes, ainda me assombra saber que o meu pai está vivo e bem, mas que não está na minha vida por opção. O mais difícil de tudo, porém, é saber que um dia não terei um pai para me levar ao altar. Não vai haver discurso do pai da noiva no meu casamento, mas suponho que esse é outro sonho que foi por água abaixo...

— Gracie? Ei! — A mão do Weston roça na minha quando me solta os dedos da fotografia amarrotada. Põe a fotografia de lado e vira o corpo para mim, com a testa franzida de preocupação. — Ele é que ficou a perder. Não te atrevas a chorar por ele.

— Eu não estou... — Fungo, a abanar a cabeça. Os meus olhos *estão* cheios de lágrimas, mas não são pelo meu pai. Levanto o queixo para olhar para o Weston, e a sua expressão carinhosa deixa-me completamente desorientada. Escapa-me um soluço da garganta. — O Luca esteve lá sempre e prometeu-me que o meu pai seria o primeiro e o único homem a partir-me o coração. — Pateticamente, enxugo as lágrimas à medida que me caem dos olhos e rio-me com sarcasmo. — E olha agora. É um mentiroso.

Pego na caixa de recordações e atiro-a para o outro lado do quarto. Espalha-se tudo pelo chão, e viro-me, levando as mãos à cara para abafar os meus gritos de dor. O Weston aproxima-se imediatamente e puxa-me protetoramente para o seu

peito. Já está tão habituado aos meus soluços feios que nem me esforço por parecer graciosa quando sujo a camisa dele com lágrimas.

— Eu dormi com ele ontem à noite — segredo, e sinto o peso dissipar-se do peito quando confesso. É um segredo que guardei durante o dia todo com medo de ser julgada. Se contasse à Elena e à Maddie, não entenderiam como fui tão facilmente enganada, mas elas nunca estiveram apaixonadas. O Weston, sim. — Pensei que ele sentia a minha falta. Pensei que tinha percebido que cometera um erro. Pensei...

— Pronto, pronto — diz o Weston, com a mão encostada suavemente à minha nuca. Parte de mim espera que me afaste um pouco, mas ele aperta-me contra o peito. — Está tudo bem, Gracie. Tu ama-lo.

— Sou tão *estúpida*. Sinto-me a maior idiota do mundo — gemo, encostando a cabeça ao ombro dele. — Acordei tão feliz esta manhã, só para o Luca me partir o coração outra vez. Serei assim tão ingénua para acreditar que ele podia mudar de ideias? E serei assim tão estúpida que estivesse disposta a aceitá-lo de volta se ele tivesse mudado de ideias?

Inclino o rosto para olhar o Weston nos olhos. O espaço entre nós é tão pequeno que é quase inexistente. Pergunto-me o que pensa de mim agora, tão desesperadamente apaixonada por um homem que, é óbvio, acha que não vale a pena ficar comigo. O Luca é exatamente como o meu pai, deixou-me para aproveitar mais a vida. Porque sou sempre eu que me sacrifico, em vez de serem feitos sacrifícios *por* mim?

— Porque é que nunca sou suficiente, Weston?

O Weston estremece como se as minhas palavras o tivessem magoado fisicamente. O seu olhar suaviza-se quando desce até à minha boca e depois volta delicadamente aos meus olhos.

— Tu serás tudo para a pessoa certa. — Ainda estou com a cabeça apoiada no ombro dele, e ele passa suavemente o polegar na minha pálpebra inferior para apanhar outra lágrima que cai. — Penso — murmura — que precisas de deixar de amar o Luca e de começares a amar a Gracie.

Fecho os olhos, concentrando-me na sensação da pele dele a roçar-me a face. Aconchego-me um pouco mais a ele. Há algo no Weston que me faz sentir segura, e não é por ele ser polícia. Volto a abrir os olhos e digo:

— Fazes alguma ideia de como isso é difícil?

Um sorriso repuxa-lhe o canto da boca.

— Algo me diz que não é assim tão difícil.

O meu coração falha um batimento. Como é que ele sabe sempre as coisas certas a dizer? Começo a pensar que não precisa de mim para lhe mostrar como tratar bem uma mulher. Ele trata-me... perfeitamente. De alguma forma, o Weston pode ser a pessoa mais importante na minha vida neste momento. Ele é a

peessoa que mais tem assistido às minhas crises de choro, afinal de contas. Se calhar, foi o destino que determinou que ele desse cabo da minha festa de anos. Talvez estivéssemos *destinados* a amparar-nos um ao outro.

O nosso contacto visual intensifica-se, e fico com a respiração presa na garganta, o corpo imóvel. O Weston desliza o polegar até ao meu queixo e inclina-me o rosto para cima, depois encosta cuidadosamente os seus lábios aos meus. O beijo é terno e cauteloso, como se temesse que eu o afastasse, mas eu nunca poderia afastar o Weston.

Pressiono os lábios com mais força contra os dele, um sinal inconfundível de que também quero isto. Enfio os dedos no cabelo dele à medida que o beijo se intensifica com entusiasmo, tornando-se mais profundo. Os lábios dele são tão macios e delicados, mas, ao mesmo tempo, ferozes e apaixonados. Balanço o corpo e sento-me ao colo dele, aproximando os nossos peitos, e as suas mãos quentes deslizam sobre a pele macia da minha cintura por baixo da camisola. Um arrepio nervoso percorre-me a espinha. Quero que as mãos dele vão mais longe, que explorem mais.

— Só amigos, hem?

O som de outra voz sobressalta-nos aos dois. As nossas bocas separam-se e viramo-nos abruptamente para a porta, a cuja ombreira a Verity está encostada, de braços cruzados e sobrancelhas levantadas.

— Verity. — Engulo em seco, e, de seguida, apercebo-me de que as mãos do Weston ainda estão na minha cintura. Desço do colo dele e ponho-me de pé, puxando a bainha da minha *sweatshirt*. Nem sequer sei o que dizer. Esta ligação que tenho com o Weston... Eu própria ainda estou a tentar perceber o que é, mas fazê-lo na casa da minha mãe não é a altura nem o lugar certos.

A Verity sorri e faz um aceno de cabeça seco ao Weston.

— Tudo bem aí?

Troco um olhar com Weston. Ele ainda está sentado na ponta da minha cama, mas tem agora uma perna cruzada sobre a outra e as mãos propositadamente entrelaçadas sobre o regaço. Faz um esgar e diz:

— Sim.

Normalmente, não seria um embaraço de morte. Já perdi a conta às vezes em que a Verity me apanhou a mim e ao Luca quando éramos adolescentes e eu ainda vivia aqui em casa, mas sempre nos rimos disso. Isto, no entanto... Dá a sensação de que fui apanhada em flagrante a fazer alguma coisa que não devia de modo nenhum fazer. Ainda nem passou um mês desde que o Luca se foi embora, e aqui estou eu, a beijar outro homem na cama da minha infância. Não é porque tenha esquecido o Luca. Não sei se *alguma vez* esquecerei o Luca, mas o Weston... Porque me sinto tão atraída por ele?

— Então? — diz a Verity, batendo com o pé. — Vais-me contar o que se

passa?

— Não sei, Ver — digo, embaraçada. Sinto as faces quentes e o coração bate-me a um milhão de quilómetros por hora. — A sério. Não sei. Nós *somos* amigos...

— Coloridos — conclui ela.

— Não — diz o Weston.

A Verity semicerra os olhos e examina-nos aos dois, um de cada vez. Com um suspiro, levanta as mãos e diz:

— Tanto faz. Não tenho nada que ver com isso. A mãe quer-vos lá em baixo.

Como é mais do que evidente que o Weston precisa de alguns minutos antes de podermos voltar lá para baixo para ver a minha *mãe*, a Verity vai sem nós. Esperamos até ouvir os passos dela desaparecerem, e, então, ambos exalamos alto.

— Ela já achava que eu traía o Luca contigo — murmuro. Recolho do chão o conteúdo da caixa de joias e adiciono tudo à pequena pilha de lixo que se acumulou na cómoda. — E o que acabou de ver? Provavelmente, não a faz acreditar no contrário.

O Weston arregala os olhos.

— Por que diabo é que pensaria isso?

Limito-me a encolher os ombros, porque não me atrevo a contar-lhe exatamente o que a Verity disse, aquela coisa toda sobre, ao que parece, eu olhar para o Weston da mesma forma que olho para o Luca. Não tenho a certeza se olho ou não olho. O que sei de certeza é que, quando olho para o Weston, sinto-me à vontade. Tenho um fraquinho por ele.

— Eu arrumo isto mais tarde — digo, acenando com a cabeça para a pilha de coisas. — Estás pronto para voltar lá para baixo?

O Weston ri-se e descruza as pernas.

— Acho que sim.

— E obrigada.

— Pelo quê?

Quando se põe de pé, sorrio-lhe. É sincero, sentido.

— Por dizeres sempre as coisas certas.

— É algo em que estou a trabalhar — diz num tom ligeiro, e rimo-nos um pouco enquanto descemos a escada, rezando para que a Verity pare com os olhares céuticos.

WESTON

— Ei, tu também estarias a beber tequila se tivesses passado a tarde toda com o braço enfiado na sanita de alguém — resmunga o Adam, apontando para mim com o copo de *shot* antes de o beber. Ainda está com as calças de trabalho e a *T-shirt* suja. É perfeitamente normal que o Adam venha direito do emprego para o bar. — E a minha mão direita não é a mesma desde que bati naquela tua estrutura óssea incrivelmente sólida.

O Adam é hilariante, mesmo que odeie admiti-lo.

— Pois, pois — digo. — É uma pena que eu não tenha deixado nenhum dano duradouro. Um olho permanentemente pisado podia ter ficado bem bonito ao lado desse teu nariz.

O Cameron ri-se quando o Adam me mostra o dedo do meio espetado. Já passaram algumas semanas desde a nossa luta na discoteca, e, apesar de esta ser a primeira vez que o vejo desde então, não há qualquer animosidade. É fácil entrar em conflito com o Adam, mas é igualmente fácil perdoá-lo. Estou contente por ter decidido encontrar-me com ele e com o Cameron para beber uma cerveja esta noite. Já passou algum tempo, e é bom estarmos juntos de novo no nosso bar favorito. Há um pessoal fixe aqui e o ambiente é descontraído. A única coisa que falta é o Brooks, mas não é frequente que se junte a nós, de qualquer forma.

— Ora bem, quando é que voltas para o ginásio? — pergunta o Cameron, olhando para mim por cima da beira da garrafa de cerveja. — Porque esses teus braços estão a perder a definição. Vais perder a credibilidade na polícia se tiveres braços magricelas, sabias?

O Adam olha-me de alto a baixo.

— Sim, ele tem razão. Eles pararam de fornecer *donuts* no trabalho?

— Poupem-me — digo. — Tem sido um par de semanas difíceis. Volto ao ginásio em breve.

— E eu vou-te fazer sofrer — avisa o Cameron com um sorrisinho encantado.

Como *personal trainer*, vive de fazer as pernas dos clientes tremerem quando os força a treinar na máquina de agachamentos. Não está a brincar — vai *mesmo* fazer-me sofrer quando eu tiver a próxima sessão com ele.

— Ei, ainda estás a treinar aquela dona de casa boazona? — pergunta o Adam ao Cameron.

Enquanto conversam, bebo a minha cerveja e, distraidamente, dou uma vista de olhos no telemóvel. Carrego na aplicação do Instagram sem querer, saio imediatamente e depois faço uma pausa. Havia algo na minha página inicial, normalmente em branco. Abro novamente a aplicação e sorrio de orelha a orelha para o ecrã. A Gracie é a única pessoa que sigo, e, finalmente, publicou a sua primeira fotografia nesta nova conta. É uma fotografia dela e da irmã que lhes tirei hoje em Santa Cruz, com os braços à volta dos ombros uma da outra e a sorrir alegremente. A legenda diz: «Genes giros.»

— Ei. — O Cameron bate com a cerveja na mesa à minha frente para me chamar a atenção. Quando olho para cima, ele e o Adam estão a olhar fixamente para mim. — Para o que é que estás a sorrir?

— Para nada — digo, mas, antes de ter tempo de bloquear o telemóvel e de o guardar, o Adam lança-se sobre a mesa e arranca-mo da mão. — Ei! Vá lá, meu. Não sejas parvo — reclamo.

O Adam, claro, é um parvo. Olha para o ecrã e arqueia uma só sobrancelha.

— Desde quando é que tens Instagram? E a Gracie Taylor? Não é a amiga da Elena?

— Da Elena? — O Cameron olha para o Adam, perplexo. — Aquela rapariga que trouxeste para casa connosco na noite em que discutiste com o Weston? E lembras-te do nome dessa?

O Adam franze a testa com sarcasmo e diz:

— Ah, ah. Que original. Mas vamos concentrar-nos no Weston. — Vira o meu telemóvel, mostrando-nos a fotografia da Gracie, a mim e ao Cameron. — Porque é que estás a sorrir como um esquisitoide a uma fotografia de uma rapariga que disste que não te interessava? Seguiste os meus conselhos? Andas a comê-la? Se sim, choca aí. — Levanta a mão, mas é recebido com um olhar fulminante de reprovação.

Arranco-lhe o telemóvel da mão e enfio-o no bolso. O Adam faz com que seja muito fácil sentir vontade de lhe pregar uns murros na cara, mas desta vez controlo o impulso.

— Tenho-me encontrado com ela, está bem? Mas não é nada disso. Nós somos amigos. Ela é uma boa rapariga.

O Cameron revira os olhos.

— *Amigos.*

E talvez não possa argumentar com ele, porque não tenho a certeza se eu próprio continuo a acreditar nisso. Encosto a cerveja aos lábios e penso naquele beijo com a Gracie. Queria *tanto* beijá-la. Com ela nos braços, senti que era o que devia ser. Um impulso contra o qual eu não podia lutar, e via no brilho dos seus olhos azuis que também para ela era o que devia ser. Fogo, detesto quando ela chora. Desperta em mim um impulso intenso de proteção que só senti com a minha mãe, a minha irmã e a Charlotte.

Quando trouxe a Gracie para São Francisco para ir à DGV, ela estava adoravelmente estonteada e um pouco nervosa. Preencheu o formulário, passou no teste de visão, tiraram-lhe o retrato e até fez o teste do código na hora, depois de ter dado uma vista de olhos ao *Manual do Condutor da Califórnia* no telemóvel durante a viagem de Santa Cruz. Quando saiu com a carta de condução provisória novinha em folha, o sorriso parecia-lhe permanentemente gravado nas faces.

— Eu sou teu amigo, e tu não sorris ao ver fotografias minhas da mesma forma que sorriste ao olhar para a dela — diz-me o Adam, num tom de voz implacavelmente trocista.

— Isso é porque ela é gira e tu não — diz o Cameron, e aceno em concordância.

— Vou buscar outra rodada — digo-lhes, e emborco o resto da minha cerveja enquanto me levanto da mesa. É a desculpa perfeita para terminar a conversa, porque o Adam nunca recusa outra bebida.

Dirijo-me para o balcão, mas ainda está bastante cheio. Enfio-me por uma brecha na multidão e espero pacientemente com os cotovelos apoiados no balcão e o cartão de crédito na mão. Sinceramente, não me importo de esperar. O empregado do bar já está a trabalhar a toda a velocidade para servir toda a gente, portanto, deixo-me ficar a ver o jogo de basebol no ecrã.

— Não precisas de mo dizer. Não devia ter voltado lá ontem à noite, mas vá lá. Tu farias o mesmo, certo? Estás bêbedo e não há mulheres decentes no Alchemist, mas não faz mal, porque tens uma rapariga em casa que ainda está apaixonada por ti. Eu estava a ser engenhoso, e as ex-namoradas alinham sempre. Não é nada de especial.

Espeto as orelhas. Mantenho os olhos postos na televisão, mas estou agora totalmente sintonizado para a conversa ao meu lado. Soa muito familiar, e sinto a pulsação acelerar-se com adrenalina. Não é possível que existam mesmo tipos por aqui a falarem das ex-namoradas de forma tão desrespeitosa. A Charlotte pode ter-me deixado, mas eu nunca poderia dizer uma única palavra má sobre ela. Como, se

a amo?

— Eu podia tê-la de volta assim — continua o tipo, estalando os dedos —, por isso, ela ainda é uma opção. E, francamente, é provável que acabe por voltar para ela, quando me fartar.

Agora viro a cabeça para olhar, e a minha intuição estava certa. É *mesmo* o cabrão do Luca. Lembro-me da cara dele daquela manhã no apartamento dele e da Gracie, quando fui lá à procura do meu telemóvel. Estou a ficar melhor a memorizar os rostos de estranhos e a guardar essa imagem mental deles. É útil no trabalho, e está a ser útil agora.

O Luca não é um tipo muito grande, mas emana confiança, e, neste momento, arrogância pura e simples. Esta noite bebeu definitivamente mais do que duas cervejas, e está a fazer uns gestos de bêbedo enquanto fala com o amigo. Riem-se a bandeiras despregadas, e ferve-me o sangue. Estou furioso como tudo.

Olho fixamente em frente, respirando fundo. Chegou a minha vez de ser atendido, e peço mais três cervejas em piloto automático. Estou com a visão toldada de raiva quando o empregado volta com as cervejas e apresento o meu cartão de crédito.

Como é que a Gracie alguma vez pôde amar este tipo? A sério. Namoraram durante *sete* anos, e é assim que ele fala dela? Como diabo é que ela estava convencida de que a vida deles era perfeita, de que *ele* era perfeito? É um bandalho rematado.

Pego no meu cartão e assino o recibo, depois agarro as cervejas. O Luca continua a falar e, quando se ri trocista, como se os sentimentos da Gracie não significassem absolutamente nada para ele, não aguento mais. Não devia dizer nada, mas não posso simplesmente afastar-me e esquecer o assunto. Olho para o copo meio cheio no balcão diante dele e penso como seria fácil derrubá-lo. Um simples acidente. Acontece a toda a hora quando o bar está assim tão cheio. É também imaturo como tudo da minha parte, mas os meus pensamentos intrusivos levam a melhor, porque é exatamente o que faço. Quando me viro do balcão, empurro o cotovelo com força contra o copo. Ele tomba com um estrondo e o líquido salpica a camisa do Luca.

— Ei! Cuidado! — diz, saltando para trás. Cerra os maxilares, irritado, e olha para a camisa, tentando pateticamente enxugar o tecido com alguns guardanapos.

Encolho os ombros casualmente.

— Lamento, pá.

— Pois, devias — resmunga, e o amigo ao seu lado abana a cabeça ameaçadoramente e avança um passo para mim.

O que não sabem, no entanto, é que, se se atreverem a confrontar-me, há dois outros tipos do outro lado do bar que voariam até aqui num nanossegundo. O Cameron é todo músculos, e o Adam adora uma cena de pancadaria. Eu sei quem

ganharia, e não seria o Luca. É por isso que só me rio.

— Aonde é que pensas que vais? Deves-me uma bebida — diz o Luca, bloqueando-me o caminho e levantando a mão em frente ao meu peito. — Quero uma vodca com água com gás. Na verdade, quero duas.

Olho de relance para a mão dele e digo:

— Não. — Revirando os olhos, dou um passo em frente para o contornar, mas ele segue-me e bloqueia-me de forma mais agressiva desta vez. Suspiro como se me sentisse maçado, mas, na verdade, tenho a adrenalina a bombar.

O Luca semicerra os olhos e olha-me de alto a baixo intencionalmente.

— Qual é o teu problema?

E eu não devia dizer aquilo. *Não devia*. Já me meti em demasiadas lutas, e não fica realmente muito bem a um polícia fora de serviço continuar a meter-se em alterações hostis. Porém, penso em todas as lágrimas que a Gracie derramou por causa deste monte de merda, e em como ele não se importa minimamente. Portanto, digo-o:

— Tu, cabrão. Tu és o meu problema.

— Mas que porra? — O Luca abre a boca com surpresa e troca um olhar de perplexidade com o amigo, depois vira-se para mim. — Eu conheço-te?

E agora que já descarrilei, não me retraio. Estou demasiado ao rubro.

— O quê... não te lembras de mim? E se eu dissesse que tinhas um bom apartamento? Lembras-te de mim agora?

As feições do Luca endurecem gradualmente à medida que se apercebe. Eu sou o tipo que ele apanhou com a Gracie naquela manhã no apartamento deles. Embora houvesse uma razão genuína e inocente para eu estar lá, agrada-me a ideia de fazer o Luca duvidar.

— Eras tu, hem? Conheces a Gracie?

— Claro que sim. Acreditas mesmo que ela encontrou o meu telemóvel na discoteca? — Rio-me trocista, e acrescento: — Deixei-o no teu apartamento na noite anterior.

Sei que estou a insinuar que me envolvi com a Gracie na noite da festa de anos dela, depois de termos saído juntos da discoteca, e sei que não é verdade, mas quero que o Luca se sinta magoado. Quero que entre em pânico com a ideia de a Gracie seguir em frente sem ele. Quero que perceba que, afinal, talvez ela não seja o seu plano de reserva. Não vou *deixar* que ela espere por este tipo.

O Luca arremessa-se para mim com a mão fechada em punho, mas o amigo agarra-lhe imediatamente o ombro e puxa-o para trás.

— Força, sê o gajo que a consola — sibila o Luca. — Estou-me nas tintas para isso. Ao fim e ao cabo, ela vai voltar sempre para mim. — Os lábios dele curvam-se num sorriso trocista cruel. — Isto é, se eu ainda a quiser.

Seria assim tão mau se eu lhe batesse *mesmo*? Exalo entrecortadamente, furioso.

Aproximo-me, e, quase com o queixo espetado no dele, rosno:

— Eu acho, Luca, que devias fechar a porra da boca. Ela ama-te, mesmo agora, e a melhor coisa que podes fazer é manteres-te fora da vida dela. Eu nunca magoaria aquela rapariga como tu a magoaste.

Bato com o ombro no dele e finalmente afasto-me. Estou tão cego pela raiva que mal consigo encontrar o caminho de volta para a minha mesa. As cervejas tremem-me nas mãos, o coração martela-me no peito e parece que tenho a pele a arder. Olho de relance por cima do ombro para me certificar de que o Luca não me está a seguir e sinto-me aliviado quando vejo que ficou ao balcão. Está a gesticular, furioso, enquanto o amigo tenta acalmá-lo. Se estivéssemos lá fora, só nós os dois, tenho a certeza de que as coisas teriam tomado um rumo diferente. Adorava ter aquele filho da mãe esparramado no cimento do passeio, mas também preferia manter o emprego que tanto detesto. Não me apetece ter o meu sargento a tirar-me de uma cela.

— Que foi aquilo? — pergunta o Cameron quando chego junto deles.

Pouso as cervejas na mesa e desabo na cadeira. Limpo o suor da testa e foco-me na respiração por um momento. Estou tão agitado que quase sinto náuseas. Agarro a cerveja e emborco metade de uma vez, a saciar a sede.

— O ex-namorado da Gracie — respondo finalmente.

— *Amigos* — diz o Adam outra vez, com uma gargalhada. — Sim, certo. Estás mesmo a meter-te numa discussão no bar com um tipo qualquer por causa de uma rapariga de quem és só *amigo*? Não és um bom mentiroso, Weston.

Bato com a garrafa contra a mesa. Estou pronto para dar cabo de tudo e de mais alguma coisa num raio de seis metros.

— Olha, ela é uma rapariga realmente querida. Quer ser professora, como a minha mãe. Está a manter-me a sanidade mental neste momento. Eu preocupo-me com ela, *OK*? E aquele gajo... Ele é um merdas. Ela merece melhor.

— E tu és melhor, é isso? — diz o Adam no gozo.

O Cameron lança-lhe um olhar incisivo e abana a cabeça rapidamente, a mandar o Adam parar com aquilo. Consegue sempre interpretar a minha expressão suficientemente bem para saber que já não estou com paciência para ignorar as piadas do Adam. Se ele disser a coisa errada como fez naquela noite na discoteca, não será contra o Luca que vou lutar esta noite, será contra ele outra vez.

— Weston, toma um minuto para te acalmares — diz o Cameron. Franze a testa com preocupação e observa o Luca no bar. — Queres ir para outro sítio depois de acabarmos estas cervejas? Eu preciso de ir lá fora fumar um cigarro, de qualquer maneira. Adam?

— Claro. Como queiram. — O Adam recosta-se na cadeira e põe-se a ver o jogo de basebol num ecrã de televisão aqui perto, a saborear silenciosamente a cerveja, sem se aperceber dos buracos que estou a abrir-lhe no crânio com a força

do meu olhar fulminante.

Agarro a cerveja e afasto-me da mesa, galgando o bar na direção da saída. Preciso desesperadamente de ar fresco, e sinto o Cameron a seguir-me. Saímos e ponho-me a andar furiosamente de um lado para o outro no passeio enquanto bebo a cerveja.

— Estás bem? — pergunta o Cameron. Encosta-se à parede e acende um cigarro, fitando-me com os olhos semicerrados e dando uma longa passa. A nuvem de fumo espalha-se pelo ar à nossa volta.

— Porque é que ainda somos amigos dele? — pergunto. É uma pergunta genuína, porque não faço ideia da *razão* de continuarmos a conviver com o Adam. — Eu sei, eu sei. Ele é divertido, geralmente, mas nunca fala *a sério*, e aquela atitude displicente está a ficar batida como tudo.

O Cameron encolhe os ombros.

— É um adolescente preso no corpo de um homem adulto, o nosso Adam. — Fuma enquanto bebo, e, depois de alguns momentos de silêncio, levanta uma sobrancelha e diz: — Então... a Gracie.

Olho-o de soslaio com uma expressão pesada.

— Desembucha.

— Porque não me falaste dela? Nós conversamos sobre tudo, tu e eu — diz o Cameron, e há um lampejo genuíno de um sentimento de traição nos seus olhos. — Ela é mesmo só uma amiga, Weston?

— Estou a tentar perceber isso — admito. — Pensei que íamos ser *apenas* amigos, mas essa linha está a começar a esbater-se.

— E isso é uma coisa má?

Pouso a garrafa vazia no passeio e encosto-me à parede ao lado do Cameron. A minha atitude tensa mostra-lhe claramente que penso *de facto* que é uma coisa má.

— Provavelmente? — interrogo, e depois passo a mão pelo cabelo com um gemido. — Ambos acabámos de sair de relações de longa duração. Eu ainda sinto amor pela Charlotte, e a Gracie ainda sente amor por aquele falhado ali no bar. E se for apenas um caso para recuperar de um desgosto de amor?

O Cameron exala outra baforada de fumaça no ar.

— Pensas realmente que é o que está a acontecer?

Reflito por um segundo. Os casos para recuperar de um desgosto de amor devem ser casuais, divertidos, temporários. Não quero que a Gracie seja temporária, nem mesmo como amigos. Gostava muito que ela ficasse na minha vida, porque me agrada quem sou quando estou com ela. Ela ainda pode ter sentimentos profundamente enraizados pelo Luca, mas isso não significa que não possa haver uma pequena chama a arder por mim. Posso estar errado sobre isso, claro... mas também posso estar certo.

— Não consigo explicar — digo, engolindo em seco com força —, mas

realmente sinto algo por ela.

O Cameron vira a cabeça para olhar para mim, e, quando me viro para o olhar nos olhos, vejo que está com um sorriso rasgado.

— Boa, pá! A sério. Tens o direito de conhecer outra pessoa, assim, deixa de te sentires culpado por isso. Não deves nada à Charlotte.

Comprimo os lábios numa linha firme. Falar é fácil. É claro que tenho o direito de conhecer outra pessoa a dado momento, mas ao fim de três semanas... Que é que isso diz sobre mim? Posso estar realmente apaixonado por alguém e criar um laço com outra pessoa tão pouco tempo depois de ela partir? Talvez esteja a pensar de mais. Não é que me esteja a apaixonar pela Gracie. Simplesmente, agrada-me ser o ombro onde ela sente que pode encostar-se para chorar.

A porta do bar abre-se e o Adam sai desajeitadamente, a vestir o casaco.

— Certo, aonde é que vamos a seguir? Os *shots* de *Sambuca* ficam por minha conta.

GRACIE

Fico a olhar para a mensagem do Luca durante muito, muito tempo.

Diz: *Encontramo-nos para um café? Pier 39 às três? Preciso de falar contigo.*

Sinto um tremor ansioso nas mãos desde que li a mensagem pela primeira vez. Que é que o Luca querará? Porque precisa de falar comigo? O medo apodera-se de mim, porque não sei se consigo sequer olhá-lo nos olhos depois do que aconteceu na outra noite, quanto mais manter uma conversa com ele. O que há para dizer? Talvez queira pedir desculpa, mas isso é a minha ingenuidade a dominar-me mais uma vez.

Não quero ouvir o que o Luca tem para dizer. O Weston disse-me que já não tenho de correr atrás dele, portanto, tento uma coisa que nunca fiz antes — ponho-me em primeiro lugar e respondo-lhe: *Não, obrigada.* Além disso, como vou ter a minha primeira aula com um instrutor de uma escola de condução das redondezas esta tarde, não tenho tempo para me encontrar com ele, mesmo que quisesse.

O telemóvel começa imediatamente a tocar na minha mão, com o nome do Luca a aparecer no ecrã, e atiro-o para longe de mim em pânico. Deixo-o tocar até a chamada ser reencaminhada para o correio de voz, mas uns segundos depois volta a tocar. Fico a olhar para o telemóvel no sofá, com o coração acelerado. O Luca não para de ligar até eu atender.

Pego no telemóvel e encosto-o ao ouvido.

— *Que queres?* — A minha irritação é evidente.

— Porque não queres encontrar-te comigo? — pergunta o Luca abruptamente,

embora não mereça uma explicação. Brincou com os meus sentimentos, e isso *não* está certo quando já me magoou quanto baste.

— Por que razão achas que é?

O Luca tem o desplante de soltar um suspiro irritado, e quase lhe deslizo na cara.

— Tudo bem, então falo contigo agora mesmo — diz. — Aquele tipo que esteve no nosso apartamento há umas semanas, quando vim buscar as minhas coisas. Quem raio é ele, Gracie?

Fico tão surpreendida com a pergunta que nem consigo dizer nada imediatamente. Não fazia ideia do que é que o Luca queria falar comigo, mas nem por um segundo imaginei que seria sobre o Weston. Foi há semanas que apanhou o Weston no apartamento a vir buscar o telemóvel, e, apesar de o ter questionado brevemente na altura, deixou passar. Nunca mais se falou nisso, até agora.

— Porque estás a falar nisso outra vez? — digo, por fim, forçando as palavras a sair. Tenho um nó na garganta, porque o Weston não é *apenas* um tipo que veio uma vez buscar um telemóvel perdido. Aconteceram muitas coisas desde então. — Já te disse. Encontrei o telemóvel dele na discoteca no meu aniversário e ele veio buscá-lo de manhã.

— Mentirosa! — riposta o Luca.

— Desculpa? — Pisco os olhos, espantada. Estou a mentir, sem dúvida, mas como diabo sabe o Luca disso?

— És uma mentirosa — repete o Luca friamente. — Eu tive uma bela conversa com ele no bar ontem à noite.

Detesto a maneira como o coração me cai aos pés. Só menti sobre o Weston no princípio porque me preocupava que o Luca pudesse passar-se se soubesse que outro tipo tinha estado no apartamento na noite anterior, especialmente depois de eu ter estado na discoteca. Apesar de não ter acontecido nada entre mim e o Weston, não parecia bem. Fazia mais sentido fingir que tinha encontrado o telemóvel do Weston na discoteca.

Isso foi antes. Agora, estou a mentir sobre o Weston porque há de facto alguma coisa sobre o que mentir.

— Falaste com o Weston? — digo numa voz aguda.

— Então é esse o nome dele, hem? Weston — diz o Luca. — Não tive grande escolha. Ele entornou-me a bebida.

Depois de o Weston me ter trazido da DGV para casa, disse qualquer coisa sobre ir ter com os amigos ao bar para beber umas cervejas. De todos os bares da Baixa de São Francisco, quais são as probabilidades de o Luca ir ao mesmo?

— Tenho a certeza de que foi sem querer — murmuro pateticamente. Tenho tanto medo do que vai sair da boca do Luca a seguir. O que aconteceu entre ele e o Weston ontem à noite?

— Não, Gracie, não foi — diz o Luca. — Ele entornou a minha bebida e depois deixou bem claro que se passava alguma coisa entre vocês os dois. Tu és uma hipócrita, sabias? Não queres que eu explore outras opções, mas não perdes tempo quando se trata de fazeres o mesmo.

Descai-me o queixo e agarro o telemóvel com força, exasperada. *Não* estou a fazer a mesma coisa que o Luca. O Weston é... accidental. E talvez nem seja nada.

— *Não* estou a explorar outras opções, Luca — consigo dizer com uma convicção surpreendente, apesar de me sentir atordoada. — *Tu* eras tudo o que eu queria, mas foste-te embora, e agora estou a fazer os possíveis por sobreviver sem ti, percebes?

O Luca resfolega.

— E isto é sobreviver, é?

Afasto o telemóvel do ouvido e fito o nome do Luca no ecrã, incrédula por ser mesmo com o Luca, com o *meu* Luca, que estou a falar. Quando é que ele se tornou tão insensível comigo? Há um mês, este homem teria ido até aos confins do mundo por mim. Sei que as separações são feias, mas acreditei sinceramente que eu e o Luca continuaríamos a comportar-nos de um modo civilizado. Agora, é como se ele não se importasse absolutamente nada comigo, e, depois de sete anos juntos, mereço muito mais respeito do que me está a demonstrar neste momento.

Volto a colar o telemóvel ao ouvido, e percorre-me uma raiva, quente e feroz.

— Talvez eu *devesse* explorar as minhas outras opções — observo, num tom de voz provocador e pouco familiar. Nem parece meu. Eu nunca magoaria propositadamente as pessoas de quem gosto, mas neste momento... Oh, estou a ver vermelho. — Com a maneira como estás a comportar-te esta semana, Luca, acho que é altamente provável que *baja* por aí alguém que é melhor para mim do que tu.

— Faz o que quiseres, Gracie. Sinceramente, não quero saber — diz, e as suas palavras são tão credíveis que é como um murro no estômago. — Só não te armes em certinha quando és tu que já andas a dormir com outra pessoa.

Se o Luca estivesse agora à minha frente, veria toda a cor esvair-se do meu rosto. Durante um longo momento, até me esqueço de como respirar.

— O Weston contou-te? — sussurro.

— Então, é verdade?

— Luca...

— Não — diz com dureza. — Não quero ouvir nada, Gracie. Limita-te a transmitir-lhe o recado de que, da próxima vez que ele tentar meter-se comigo, não vai gostar do que vai acontecer.

O Luca desliga a chamada antes de eu poder dizer mais alguma coisa, mas não conseguiria falar, de qualquer modo. Estou chocada até ao fundo do meu ser, e a debater-me com a minha confusão. Será que o Weston perdeu o raio do juízo? Ele

tem sido tão, tão querido comigo que não consigo perceber o que o terá levado a dizer ao meu *ex-namorado* que dormimos juntos. E no meio de um bar! Eu não queria que o Luca soubesse disso.

Cheia de energia nervosa, ando em círculos pelo meu apartamento. Não sou uma pessoa irascível. Sou naturalmente calma, paciente, compreensiva... mas, ultimamente, ando a ser posta à prova. Agora também estou furiosa com o Weston.

Percorro os meus contactos até encontrar o nome dele, e, quando me preparo para lhe telefonar e descobrir por mim própria qual era exatamente a cena dele ontem à noite, lembro-me de que voltou ao trabalho hoje. Está no turno do dia, e tenho quase a certeza de que disse que saía às sete. Trabalha nesta zona, e sei que a esquadra dele é a da Fillmore Street.

Pouso o telemóvel. Não vou telefonar ao Weston. Vou emboscá-lo.

Há um McDonald's mesmo em frente à esquadra do Northern District. Sento-me a uma mesa junto à janela, a comer *nuggets* de frango e batatas fritas e a empurrá-los com um batido de morango enquanto espero que cheguem as sete horas. Até agora, o meu plano de voltar a comer refeições saudáveis tem corrido bem, mas esta noite não me apetecia mesmo nada cozinhar. Os pobres vegetais no meu frigorífico devem estar a apodrecer neste momento, mas, às vezes, do que precisamos é de comida de plástico. Além disso, andei um quilómetro e meio para chegar aqui, mereço este batido. *E sobrevivi à minha primeira aula de condução.*

Às sete horas em ponto, saio para a noite dourada e quente (mas é claro que corre uma brisa). Entro pelas portas da frente da esquadra e dobro a esquina para o parque de estacionamento nas traseiras. Há muitas viaturas da polícia estacionadas, obviamente, mas também carros normais. Há avisos de entrada proibida a estranhos, por isso, não saio para o parque de estacionamento, por muito que gostasse de encontrar o carro do Weston e acampar ao lado dele. Fico parada no passeio, entre as portas das traseiras e o parque de estacionamento, e espero. Não sei bem de que direção vai aparecer.

Finalmente, às sete e quinze, as portas abrem-se e o Weston é o agente que aparece da esquadra. Ainda está de uniforme, sem o cinturão, e está barbeado. Só dá um passo para fora da porta antes de dar um salto com a surpresa.

— Gracie? — A sua expressão ilumina-se e alastra-se-lhe um sorriso no rosto.
— Que fazes aqui?

Enquanto se encaminha para mim, o seu sorriso começa a vacilar. Tenho uma postura tensa e fechada, com os braços cruzados sobre o peito. Não o cumprimento. Vou direito ao que estou à espera de perguntar há horas.

— Que é que disseste exatamente ao Luca ontem à noite no bar?

O Weston põe as mãos nas ancas e inclina a cabeça para o lado, olhando-me com atenção. Não deixo que a farda me intimide.

— Ontem à noite. No bar. Tu. O Luca — digo, mantendo a voz forte. — Quero saber *exatamente* o que aconteceu.

— Há quanto tempo estás à espera aqui fora? — pergunta o Weston. As feições dele estão tão descontraídas que juraria que é quase como se achasse graça a isto. — Esperaste mesmo que eu sáisse do trabalho só para me perguntares o que aconteceu com o Luca?

— *Sim*, Weston. — As minhas palavras estão agora infundidas com frustração, e descruzo os braços e marcho na direção dele. Aponto-lhe um dedo acusador ao peito. — Implicaste com ele, não foi? Entornaste-lhe uma bebida em cima.

O Weston baixa o olhar para o meu dedo, depois levanta-o de novo para me olhar nos olhos.

— Vem comigo até ao meu carro — diz, agarrando-me delicadamente o pulso. Atravessamos o parque de estacionamento, passando pelos veículos da polícia, e paramos ao lado do *Honda* dele. É ele quem cruza os braços agora, encostando-se ao capô do carro. — *Sim*.

— Quê?

— *Sim*, provoquei-o.

O meu olhar furioso intensifica-se.

— *Admite-lo?*

O Weston ri-se e franze as sobrancelhas. O sol da tarde brilha dourado nos seus olhos, iluminando a escuridão e tornando-os um castanho mais suave e mais quente.

— O quê? Esperavas que negasse? *Sim*, entornei-lhe a bebida em cima. Como é que soubeste? Falaste com ele?

Engulo em seco com força enquanto fito o Weston. Sinto um aperto no peito e mexo os dedos numa tentativa de libertar alguma energia do corpo, mas, meu Deus, sinto-me, tipo... doente. Há algo tão hipnótico no brilho do sol contra o braço tatuado do Weston e o azul-marinho da sua farda, ali sentado na beira de um carro velho e cheio de pó. Tão atraente sem esforço...

— Ele ligou-me hoje à tarde — sai-me a custo. Sinto um aperto tão forte no peito que mal consigo respirar. Até o cérebro me dá a sensação de nevoeiro quando tento recordar a conversa com o Luca esta tarde. — Ele estava chateado, porque, não sei como, ficou com a ideia de que eu e tu somos... alguma coisa.

O Weston desencosta-se do carro e avança um passo para mim, e eu percebo agora exatamente porque o estômago me começa a doer. São *borboletas*.

— Queres saber exatamente o que aconteceu?

— Quero.

— Muito bem, eis o que aconteceu — diz, sustentando o meu olhar. — Eu estava a tratar da minha vida no bar e ouvi um cabrão qualquer ao meu lado gabar-se de dar trela à ex-namorada para ter um plano de reserva. Viro-me e, sim, adivinhaste, Gracie. Era o Luca.

O sangue gela-me nas veias.

— Ele disse... Ele disse isso?

— Por palavras semelhantes. — O Weston faz um esgar. — Sei que não me devia ter envolvido, mas não consegui ficar ali a ouvi-lo falar de ti daquela maneira. Ele riu-se da facilidade com que te poderia ter de volta, se quisesse. *Riu-se*, Gracie.

Soltei um suspiro lento e controlado ao mesmo tempo que apreendia as palavras do Weston. Enfiando a mão no cabelo, deixo-me cair contra a porta do carro e pestanejo rapidamente. O Luca falou tão cruelmente ao telefone esta tarde que não deveria ser nenhuma surpresa que tenha falado *sobre* mim com a mesma crueldade, mas fere-me profundamente. A dor de ele me ter deixado ainda está muito viva, e a ferida estende-se ainda mais, mais funda agora. É realmente o que o Luca pensa? Que eu sou uma qualquer falhada patética que suspende a vida e espera pacientemente para o receber em casa depois daquela sua pequena aventura de solteiro? Faz sentido agora, a indignação dele por o Weston estar na minha vida. O Luca diz que quer que eu também tome o tempo necessário para me encontrar, para explorar uma vida sem ele, mas é evidente que quer que o escolha sempre. Quer que a decisão final sobre o nosso futuro seja dele.

— Lamento ser eu a dizer-te. — O Weston pede desculpa, depois de me deixar um minuto de silêncio para processar o que me disse. Há um arrependimento genuíno no seu olhar, e encolhe os ombros, envergonhado. — Estava-me a ferver o sangue, e não podia simplesmente afastar-me. Portanto, entornei-lhe a bebida em cima.

— E?

— E chamei-lhe cabrão.

— E?

— E disse-lhe para não se meter na tua vida.

— E? — Volto a insistir, desta vez com mais força.

Um lampejo de perplexidade atravessa a expressão do Weston.

— E... Não sei? Foi isso. Fui-me embora antes de o pôr KO. — Sorri sardónico, só para ser recebido pelo meu olhar de reprovação.

— Não me estás a contar a parte mais importante.

A confusão do Weston transforma-se em exasperação.

— O quê, Gracie?

Olho à nossa volta, certificando-me de que não há mais ninguém no parque de estacionamento, e depois desencosto-me do carro. Baixando a voz, sibilo:

— Disseste ao Luca que dormimos juntos. Porquê? O que te deu para lhe contares isso?

— Não contei nada — riposta o Weston, mas depois baixa os ombros e coça a têmpora, embaraçado. — Bem, disse-lhe que tinha deixado o meu telemóvel no teu apartamento na noite anterior a ele nos ter visto juntos, o que é verdade, porque deixei... Só *insinuei* que dormimos juntos porque queria que o coração dele parasse, queria que ele sofresse, só por um segundo.

— Espera. Não lhe *contaste* sobre aquela manhã na tua casa?

O Weston abana a cabeça, parecendo abismado que eu pudesse ter acreditado em que ele alguma vez contaria ao Luca.

— É claro que não. Eu nunca faria isso.

Fito com os olhos arregalados as fendas no betão aos meus pés. O Luca só *suspeitava* de que eu tinha dormido com o Weston, e que é que eu fiz? Confirmei-o! O Weston não lhe contou nada. *Eu* é que lhe contei.

— *Weston!* — gemo, levantando a cabeça para o céu. — Pensei que já lhe tinhas contado, por isso, não neguei.

— Ei, relaxa. — O Weston põe-se à minha frente e segura-me o queixo com as duas mãos, baixando-me delicadamente a cabeça. Os nossos olhares prendem-se e o estômago dá-me um salto. Ele mantém as mãos no meu rosto enquanto sorri tranquilizadamente. — E o que tem que ele saiba? Que é que ele vai fazer em relação a isso, de qualquer maneira, hem?

Esforço-me muito, muito mesmo, para evitar que o meu olhar se fixe na boca dele.

— Ele queria que eu te desse o recado de que deves manter-te longe dele, senão não vais gostar do que vai acontecer.

O sorriso do Weston é quase travesso.

— Ele ameaçou-me? A mim, um polícia? Foi muito esperto. — Revira os olhos, e depois as suas feições suavizam-se. Com as mãos ainda em concha a segurar-me o rosto, roça as minhas faces com os polegares, e sinto que os joelhos me fraquejam. — Por favor, nunca mais volte para ele — murmura, com um desespero calmo. — Por favor, Gracie. Estou a falar a sério. Ele não te merece.

As borboletas irrompem. Há milhares delas agora, a bater as asas no meu estômago, no meu peito, nos meus pulmões. Dói-me cada centímetro do corpo com a presença delas.

Aproximo-me e fecho a mão à volta do pulso do Weston, pressionando o rosto com mais força contra as mãos dele, aceitando a sensação de proteção que dão.

— Deixar de gostar do Luca está a correr melhor do que o esperado — digo-lhe, e há um brilho inconfundível nos seus olhos castanhos quando beija a minha testa.

— Ótimo — diz, e eu, tipo, fico para morrer.

Talvez olhe para ele da mesma forma que costumava olhar para o Luca, porque estou a começar a perceber agora que o Weston também me faz *sentir* tudo o que o Luca me fazia sentir em tempos.

Faz-me sentir adorável.

E isso é assustador, porque, há um mês, nunca teria pensado que seria possível voltar a sentir-me assim.

Mordo o lábio inferior, a tentar conter um sorriso embaraçado. Estar assim tão perto do Weston é insuportável. A pele de galinha, o nó no estômago, o coração acelerado. Solto-me dele e recuo um passo. Sinto as faces tão quentes que me pergunto se estarão visivelmente coradas.

— Foi tudo o que vim realmente aqui para dizer... Peço desculpa por te ter encurralado assim à porta da esquadra — desculpo-me, com um sorriso tímido. Tencionava dizer das boas ao Weston por ele ter ousado falar com o Luca no bar, mas como posso ficar zangada com ele *agora*? Ele estava a defender-me, e isso é incrivelmente encantador.

O Weston tira as chaves do carro do bolso.

— Precisas de boleia para casa?

— Não, obrigada. Vou a pé — digo, e ponho as minhas palavras em ação e dirijo-me para a saída do parque de estacionamento. Não me importo de ir a pé para casa. Está uma noite agradável, é verdade, mas o que me preocupa é o que poderia acontecer se entrasse no carro com o Weston. Não consigo controlar estas palpitações. Quando me afasto dele, digo por cima do ombro:

— Estou a tentar ser independente, lembra-te?

O riso do Weston chega até mim, e ele responde:

— Mesmo que eu esteja de folga, Gracie, podes sempre chamar-me quando precisares de mim. Venho a correr.

WESTON

Os turnos noturnos correm sempre de uma maneira ou de outra. Ou respondemos a chamada atrás de chamada, sem pausas, ou esperamos no carro-patrolha sem ter o que fazer. Esta noite é um desses turnos mais lentos. Passaram trinta minutos desde que fomos chamados a uma disputa doméstica. Preenchemos o relatório do incidente, temos toda a papelada em dia e agora estamos a fazer a patrulha, sem rumo, no carro. Ainda é só uma da manhã, portanto, temos seis horas para cumprir antes de acabarmos o turno. Fomos buscar um café para ficarmos acordados nesta pasmaceira.

— Que progressos já fizeste na tua capacidade de orientação? — pergunta o Bill, quebrando o silêncio. Ele conduz sempre, embora talvez já seja altura de me deixar pegar no carro. — Já devias ter memorizado todas as ruas. E não apenas nesta zona, mas na cidade inteira. Não sabes onde vais acabar por ficar colocado, por isso, é melhor conhecê-las todas. Conhece-las?

Olho de relance para ele, aliviado por estar demasiado escuro neste carro para ele ver a forma como reviro os olhos. O Bill pode ser o meu agente da formação no terreno, e encarrear-me é o trabalho dele, mas é insuportável como tudo. Não vejo a hora de terminar a formação só para não ter de lidar com estes testes condescendentes.

— Bill, tu *sabes* que eu vivi aqui a vida inteira — recordo-lhe. — Conheço São Francisco como a palma da minha mão.

— Hum.

Continuamos a descer a estrada em silêncio. Mantenho os olhos abertos para detetar qualquer comportamento suspeito, mas as ruas estão mortas a esta hora.

Isto pode ser aborrecido, mas, sinceramente, não sinto falta do pânico que me invade de todas as vezes que a central nos contacta. Bebo o café em paz.

O Bill vira para uma rua transversal estreita. De repente, trava a fundo e o café entorna-se no meu regaço. Fito-o furibundo.

— Disparo. Acabei de levar um tiro. O nosso GPS está em baixo. Onde é que estamos? — pergunta, com uma sobranceira arqueada de forma desafiadora e um tom de voz cortante.

Meu Deus, como detesto quando ele me prega uma destas partidas. Enfio o copo do café no suporte para copos e, com os olhos semicerrados, fito a rua escura lá fora pelo para-brisas. Sei *onde* estamos, ou antes, em que zona estamos, mas esta rua propriamente dita? Não faço ideia.

— Hum... — murmuro.

O Bill fulmina-me com o olhar.

— Vê se descobres antes que eu me esvaia em sangue, Reed.

Furioso, abro a porta do carro e saio para o ar fresco da noite. Com o cinturão completamente carregado, o equipamento salta-me contra as ancas enquanto corro até à esquina do quarteirão. Procuro nos prédios qualquer indício de um nome de rua, mas não há nenhum, e fico ainda mais irritado quando chego ao fim do quarteirão e não há sequer a porcaria de uma tabuleta. Olho de relance para o carro-patrolha, com os seus faróis a cegarem-me. Se voltar para lá ainda sem fazer ideia de onde estamos, o Bill vai desatinar. Acelero o passo e corro para o cruzamento seguinte, e, por sorte, há uma tabuleta.

Corro de volta para o carro-patrolha, abro a porta e meto a cabeça lá dentro.

— Pixley — digo, respirando pesadamente. — Estamos na Rua Pixley.

— Demasiado tarde. Já me teria esvaído em sangue e morrido quando pedisses finalmente ajuda — diz o Bill, nas calmas. Desvia o olhar e abana a cabeça.

Sento-me no lugar do passageiro e fecho a porta com força. Em cada turno, é-me recordado como faço mal este trabalho, o que só confirma, mais uma vez, que tomei uma decisão terrível, terrível.

— Quais são as probabilidades de o GPS se desligar?

— Não é essa a questão. É suposto saberes estas coisas. O teu pai conhecia todas as ruas desta cidade, até todos os becos sem saída — diz o Bill.

O músculo do meu maxilar contrai-se. É por *isto* que o Bill me irrita tanto. Está perto da aposentação e, em tempos, trabalhou ao lado do meu pai. O Bill tem muito respeito por ele, e penso que é por isso que anda sempre em cima de mim. Pressiona-me porque espera melhor. O meu pai subiu a pulso, afinal de contas. Um grande polícia. Na mente do Bill, porque é que eu haveria de ser menos do que isso?

— Sim? Bem, eu não sou o meu pai — resmungo, pegando em alguns guardanapos para limpar o café derramado nas minhas calças. Estou demasiado

cansado para isto.

O Bill abre a boca para dizer alguma coisa, mas fecha-a instantaneamente quando a estática do rádio do nosso veículo ganha vida. A central solicita a nossa resposta imediata, mas o Bill tirou-me do sério e tenho a cabeça tão baralhada que nem sequer me lembro do que significa o código da central.

— Aperta o cinto — ordena o Bill, e ilumina a rua com os nossos azuis, vermelhos e brancos.

A única coisa boa de trabalhar à noite é a ausência de trânsito. É fácil manobrar à volta dos veículos a esta hora, e tenho de reconhecer que o Bill é um ótimo condutor. Abro a mensagem da central no computador e a minha adrenalina começa a bombar. Vamos acorrer a uma emergência médica — alguém caiu do telhado de um hotel.

O hotel fica a poucos minutos de distância, portanto, chegamos ao local num instante. A ambulância chegou antes de nós, e saem dela dois médicos, que correm na direção da pessoa esparramada no passeio. Os transeuntes ficam a assistir, horrorizados.

O Bill informa por rádio que chegámos ao local e depois desliga o motor do carro.

Olho pela janela para o edifício do hotel. Tem sete andares, e o telhado tem arame farpado à volta.

— Como é que caiu do telhado? Nem parece haver um terraço lá em cima.

O Bill para, com um pé fora da porta. Lança-me um olhar intrigado, que, numa fração de segundo, se transforma num olhar compreensivo. Está na polícia há décadas e não há uma única coisa que não tenha visto na sua carreira, mas eu? Há muitas coisas com que estou a deparar-me pela primeira vez. Ele diz inexpressivamente:

— Não caiu, Weston.

Sinto uma volta no estômago ao mesmo tempo que o Bill sai do carro. *Merda*. Isto é algo com que ainda não lidei durante as primeiras oito semanas da minha formação no terreno, mas tenho de o enfrentar como enfrento tudo o resto — recompondo-me o melhor que posso e mantendo a compostura mesmo quando me sinto aterrorizado.

Sugo o ar por entre os dentes e saio da segurança do carro-patrulha. Os hóspedes do hotel, morbidamente curiosos, correm cá para fora para assistir à cena, e o Bill abre os braços, a criar uma barreira física, e ordena às pessoas que se mantenham afastadas.

Cada passo em frente me parece pesado como chumbo. Os paramédicos abrem as suas provisões e ajoelham-se junto à pessoa no passeio, e eu aproximo-me cada vez mais até perceber que já não é realmente uma pessoa, mas um corpo severamente mutilado. Morte instantânea.

— Reed, isola a zona num raio de quinze metros — diz-me o Bill, mas estou tão paralisado de terror que nem apreendo a ordem dele.

É um homem. Acho eu. O crânio está aberto, a massa encefálica a escorrer para o cimento, o rosto já quase nem o de um ser humano. Dois membros estão definitivamente partidos. Há tanto sangue que não sei como é que alguma vez poderá ser limpo do chão. É a coisa mais horrenda que já vi na minha vida. Custa-me a crer que seja real.

— Isola a zona, Reed! — grita o Bill outra vez.

Não. Vou vomitar. Fecho a boca com força, mas continuo a sentir os vómitos. Comprimo a boca com a mão e afasto-me do corpo. Há imensa agitação frenética à minha volta, mas não consigo concentrar-me em nada, exceto na imagem grotesca que me está agora gravada na mente. *Sei* que preciso de fazer o meu trabalho, mas simplesmente... não consigo.

— *Weston!* — berra o Bill com exasperação.

Olho para ele. Sacudo a cabeça lentamente. Engulo o trauma.

Ele corre para mim e agarra-me o ombro, empurrando-me para longe da cena. Espero que me ordene aos berros que me recomponha, que vá buscar a fita à mala do carro e monte o raio do cordão de segurança, mas tudo o que diz é:

— Respira.

Não consigo. Agora estou a hiperventilar; a minha respiração está tão irregular que sinto dores no peito. O meu pai sempre me avisou de que haveria dias em que chegaria a casa e choraria baba e ranho, porque se veem coisas indescritíveis, inimagináveis neste trabalho, mas que depois enterraria essa cena no fundo da mente, me recomporia e apareceria no turno seguinte como um agente mais resiliente do que no dia anterior. Neste momento, não me consigo imaginar a aparecer no trabalho nunca mais.

— Senta-te no carro, Weston — ordena o Bill, e é a ordem mais delicada que alguma vez me deu. É o tom de voz que só o ouço usar quando está a lidar com crianças.

— Mas...

— *Senta-te no carro* — repete, abrindo a porta do lado do passageiro. O meu corpo está tão entorpecido que até tem de me ajudar a sentar-me. — O teu turno acabou.

O Bill fecha a porta do carro. Tira o cordão da mala, e fico a observá-lo através do para-brisas, pálido e sem expressão, enquanto faz o trabalho que não fui capaz de fazer. Isola o local e lida com o público curioso ao mesmo tempo que os paramédicos trabalham.

E eu, sentado no carro-patrulha, a tremer e a ofegar, enterro o rosto nas mãos e choro.

O Bill leva-me de volta à esquadra em silêncio. Passa pouco das duas da madrugada. O nosso sargento está ocupado a arquivar relatórios quando vamos ter com ele. O Bill diz-lhe que não estou mentalmente capaz de completar o meu turno. O meu sargento dispensa-me por esta noite. Diz-me para ir para casa dormir. Diz que averiguará como me sinto antes do turno de amanhã. O Bill mete o meu cinturão da polícia no meu armário, pega nos meus pertences e acompanha-me ao parque de estacionamento.

— Estás bem para conduzir? — pergunta.

Aceno com a cabeça. Sinto o corpo entorpecido com o choque, como no dia em que soube que a minha mãe tinha morrido. Estou a lutar contra as lágrimas com todas as minhas forças, e sei que, se abrir sequer os lábios para dizer uma única palavra, me irei abaixo. Portanto, mantenho-me em silêncio.

O Bill passa-me as chaves do carro para a mão. Abre-me a porta e pousa o meu telemóvel e a minha carteira do dinheiro no banco do passageiro. Observa-me com grande preocupação quando me sento ao volante.

— Liga para a esquadra se precisares de mim — diz, e depois afasta-se do carro. — Estou a falar a sério, Weston. Esta noite, cuida de ti.

Fecho a porta, aperto o cinto de segurança e ligo o motor. Não devia conduzir neste momento, quando me sinto tão combalido, mas estou em piloto automático. Sem me dar conta, já saí do parque de estacionamento e deixei para trás o Bill, que vejo no espelho retrovisor. A cada minuto que passa, pisco os olhos e pergunto-me como consegui conduzir até ali sem me aperceber. Assusta-me um pouco estar tão fora de mim.

Não quero ir para casa. Não quero ficar sozinho.

Penso na Charlotte e em como queria por tudo que ela ainda fizesse parte da minha vida. Preciso dela mais do que nunca neste momento, mas ela foi-se embora, e não tenho ninguém com quem possa desabafar.

Só que tenho.

Tenho a Gracie.

E penso que preciso dela mais do que alguma vez precisei da Charlotte.

Faço uma curva apertada. A urbanização da Gracie fica muito perto, e não quero saber que estejamos a meio da noite. Se eu for sozinho para casa, não vou dormir. Quando a mãe morreu, passei horas e horas todas as noites durante semanas a andar de um lado para o outro na minha residência universitária em San Diego. Só voltei a dormir depois de ter processado a dor e lidado com ela.

Estaciono o carro na garagem e apanho o elevador para o quarto andar. Já não preciso de tentar adivinhar qual é o apartamento dela, e, quanto mais me aproximo dela, mais desesperado fico por cair nos seus braços. Corro pelo átrio até

ao apartamento da esquina e bato com força à porta.

— Gracie? — chamo em voz baixa à porta. — Gracie, sou eu. O Weston.

Encosto a testa à porta, ofegante, e volto a ficar sufocado com lágrimas. Que raio se passa comigo? Todos os outros novatos parecem aguentar cenas traumáticas, ou, pelo menos, aguentam o tempo suficiente para acabar o turno. Talvez não esteja suficientemente desligado do ponto de vista emocional. Eu *sabia* que não era capaz de fazer este trabalho. Sempre o soube. Sou patético.

O som da corrente a abrir-se faz-me dar um salto para trás. A porta entreabre-se e a Gracie espreita pela fresta, com os olhos semicerrados na súbita luminosidade do corredor. Acordei-a, claro. Quando se apercebe de que sou só eu, abre mais a porta. Está com calções de ginástica e um *top* de alças, com o cabelo preso.

Fala num tom de voz rouco quando pergunta baixinho:

— Weston? Que fazes aqui?

— Gracie — segredo, mas não consigo aguentar-me nem mais um segundo.

Caio direito nos seus braços.

Ela é muito mais pequena do que eu, mas aguenta o meu peso. Instintivamente, envolve-me com os braços e aperta-me contra o peito, e enterro o rosto na curva do seu pescoço e choro encostado à suavidade da pele dela. Cheira a flores na primavera, e, fogo, preciso mesmo dela.

— Oh, Weston — murmura a Gracie. — Que aconteceu? Que se passa?

Juntos, avançamos para dentro do apartamento, e a Gracie fecha a porta com o pé. Agarro-me a ela como se a minha vida dependesse disso, arquejante.

— Não consigo fazer isto — gaguejo entre soluços. — Não consigo lidar com a merda deste trabalho, Gracie.

— Ei, ei. Está tudo bem — diz a tranquilizar-me, enfiando os dedos no meu cabelo. — Estás a tremer.

Ponho uma mão à volta da sua nuca, a outra no fundo das costas. Ela pode ser pequena e delicada, mas dá uma enorme sensação de segurança. O meu choro está tão cheio de dor que ecoa na escuridão do apartamento.

— Alguém saltou — são as duas únicas palavras que consigo dizer. Escapa-me um gemido de dor, deixando o seu rasto na pele da Gracie, onde as minhas lágrimas estão incrustadas.

A Gracie aperta-me com tanta força que quase me dói mais do que esta dor no meu peito. Tento aproximar-me ainda mais dela, mas estou o mais perto que é possível, e, de alguma forma, ainda não é o suficiente. Não há uma única luz acesa, mas ela puxa-me para o outro lado do apartamento com ela, guiando-me cuidadosamente à volta dos móveis. Acaricia-me o cabelo num gesto reconfortante, o seu toque perfeitamente tranquilizador. A única coisa que eu quero mais do que não a soltar nunca é que ela nunca me solte.

Entramos noutra divisão, e a parte de trás das minhas pernas esbarra contra a beira de uma cama.

— Vais ficar comigo esta noite — segreda, e aceno com a cabeça contra o seu ombro.

A Gracie empurra-me para trás até eu ficar sentado na cama, mas preciso de cada grama de força dentro de mim para me soltar dela. Com ela em pé à minha frente, estendo-lhe as mãos e tento concentrar-me na sua silhueta no escuro. Pestanejo com força e devagar, combatendo o ardor que sinto nos olhos. Ela está aqui. Comigo. E, desde que eu não esteja só, talvez fique bem.

A Gracie avança para o pequeno espaço entre as minhas pernas. Pressiona a palma da mão na minha testa, movendo-a lentamente pelo lado do meu rosto abaixo e pondo-a em concha sobre o meu maxilar. Fecho os olhos e concentro-me na suavidade da pele dela e em mais nada. Só na Gracie e no seu calor.

— Lamento que tenhas visto o que quer que viste esta noite — diz, e eu pressiono o maxilar com mais força contra a palma da mão dela. — Mas aqui estás a salvo. Sou apenas eu.

— Apenas tu — segredo, mas a Gracie nunca é simplesmente *apenas*.

Baixa a mão para a minha camisa e desabotoa lentamente cada botão no escuro. Tira-me o colete à prova de bala. A camisola interior. Ajoelha-se no chão e desaperta os atacadores das minhas botas. Tira-as, depois ergue-se um pouco apoiada nos calcanhares e estende a mão para o meu cinto da polícia. O clique da fivela ecoa por todo o quarto.

Quando se levanta do chão, agarra-me o pulso.

— Consegues levantar-te, Weston?

Tento. Ainda a tremer, levanto-me da cama e endireito-me em frente dela. A minha respiração fica suspensa quando me tira o cinto. Quando estende a mão para o fecho das minhas calças, agarro-lha. A única coisa que ouço é o som da sua respiração suave e calculada.

— Gracie.

— Weston.

Encontro o seu rosto no escuro e passo o polegar sobre os seus lábios entreabertos. Já não estou a pensar naquela cena horrenda. Estou a pensar nela, na Gracie. Imagino a luz do sol a realçar o acobreado do seu cabelo louro e a torná-lo arruivado; o salpico de sardas no nariz e nas faces; o vestido de verão que ela usava na noite em que cozinhei o jantar.

— És a única coisa que vejo neste momento — sussurro.

— Mas está escuro.

— Eu sei.

Desta vez, não penso no que vou fazer. Não o questiono nem duvido de mim, porque desta vez... desta vez, sei que beijá-la é o que está certo.

Os meus lábios encontram os da Gracie, e beijo-a com ternura, com propósito, com significado. Ela aproxima-se imediatamente, com o corpo duro contra o meu peito nu e a mão a desaparecer no meu cabelo. A tensão em todo o meu corpo dissipa-se instantaneamente, e deixo-me afundar na sensação que ela me dá e perder-me nela. As minhas mãos deslizam por baixo do *top* dela e enlaço-a pela cintura, reparando na forma como ela treme ao meu toque.

— Concordas com isto? — pergunto, com a boca a percorrer a aresta do seu maxilar.

— Beija-me com mais força, Weston. — Guia-me os lábios de volta para os dela e beija-me profundamente, apaixonadamente, com a boca a trabalhar contra a minha de formas inimagináveis. Toma o meu lábio inferior entre os dentes, de forma tão sedutora que estou quase a rebentar das calças. — Concentra-te em mim.

Puxo-lhe o *top* por cima da cabeça e atiro-o para o outro lado do quarto, beijando-a com uma fome louca enquanto lhe agarro o seio. Esta rapariga faz-me sentir coisas que ainda não entendo, mas de uma coisa tenho a certeza: sinto-me incrivelmente contente que ela tenha entrado no meu Uber há um mês. Enfio a mão nos calções dela, e ela já está muito molhada. Suspira quando lhe toco, e crava as unhas muito levemente nas minhas costas. Quando solta um pequeno gemido de prazer, gemo com ela. É tão bom fazer com que *ela* sinta prazer.

E lá se foi não deixar que isto voltasse a acontecer.

A Gracie volta a estender a mão para o fecho das minhas calças. Dispo-as, tiro os boxers, e agora sou eu que estou a sucumbir ao toque dela. Sem fôlego, tomo o rosto dela entre as mãos e beijo-a com força. Quero tanto, tanto senti-la de novo. Já nem sequer é desejo. É uma *necessidade*.

A Gracie pressiona-me o peito com as mãos e empurra-me para baixo, para a beira da cama. Despe os calções e apanha-me de surpresa quando desliza para o meu colo, com uma perna de cada lado do meu corpo. Agarro-lhe as ancas, tentando encontrar o seu olhar no escuro. Posso não ver o azul nos seus olhos neste momento, mas vejo a cintilação.

Ela desliza os lábios pela minha têmpora e agarra-me os ombros, depois baixa-se lentamente sobre mim. Ressoa um gemido na minha garganta ao mesmo tempo que ela solta um suspiro. *Fogo*. Atiro a cabeça para trás enquanto aperto ainda mais as ancas dela. Ela sabe bem como tudo. Nem sequer consigo mexer-me. Só consigo senti-la. Admirá-la. Adorá-la.

— Gracie... — gemo por entre os dentes cerrados. Encosto a testa à dela, estendendo a mão para a fita do seu rabo de cavalo, soltando-o. O cabelo dela cai-lhe sobre os ombros, e enfio-lhe imediatamente os dedos.

Um suspiro minúsculo de satisfação sai-lhe dos lábios. Prende as mãos à volta da minha nuca e balança as ancas para trás e para a frente, devagar no princípio, e

depois gradualmente mais depressa. Agarro-lhe o rabo, deixando que as minhas mãos sigam os movimentos do seu corpo.

— Fogo, Gracie, fazes isso tão bem.

A Gracie muda de ritmo, rodando agora as ancas em círculo. Ficaria convencido de que é uma dançarina profissional se não soubesse que não é. A forma como se move, com convicção e tão segura de si... É inebriante. É um lado inteiramente novo dela que ainda não tinha descoberto.

— Gostas disto, Weston? — segreda.

— Gosto de *ti* — respondo, e cubro cada centímetro do seu pescoço com beijos.

Ela inclina a cabeça para a frente, nivelando os nossos olhares. Meu Deus, como gostaria de a ver com luz.

— Gostas?

— Claro.

E é tão *sexy*, a maneira como me agarra o queixo com força e me inclina o rosto para cima, esmagando os lábios nos meus. Não me farto dela. Como é que conseguiu dissolver aquela dor no meu peito tão facilmente?

— Vais ter de parar, Gracie — gemo, fechando os olhos com força e lutando para reprimir o prazer crescente. Normalmente, é fácil distrair a mente com equações de álgebra quando estou a tentar aguentar, mas a Gracie é o único pensamento que me ocupa a mente, o que me está a levar lá ainda mais depressa.

— Eu vou...

— Então vem-te — interrompe. — Faz isso por mim.

Todos os músculos do meu corpo ficam tensos. A pressão acumula-se no mais fundo de mim, e sei que já não consigo conter-me. Não há como voltar atrás. Tudo o que posso fazer agora é aguentar um pouco mais.

— Mas e tu? — pergunto, com a respiração ofegante.

A Gracie roda as ancas mais depressa. Pressiona mais fundo.

— Isto não tem que ver comigo.

Oh, fogo.

Encontro novamente aquela covinha macia entre o pescoço e a espádua dela e pressiono o rosto nele. O meu coração dispara e sou sacudido por convulsões. A Gracie enfia os dedos no meu cabelo e abranda o ritmo enquanto umas ondas quentes e palpitantes de prazer me inundam. A última contração passa e a euforia da libertação acaba demasiado cedo. Tanto eu como a Gracie ficamos imóveis, e, mesmo agora, ela acaricia-me o cabelo. É calmante como tudo.

Não tenho palavras. Ela é hipnótica.

— Uau.

— Já volto — segreda, plantando um beijo no canto da minha boca. Sai de cima do meu colo e vai à casa de banho para se limpar.

Caio de costas na cama, soltando um suspiro. Esta noite parece um borrão, mas este momento? É cristalino. Sinto a cabeça menos confusa agora, o corpo mais estável. Estou bem. *Estou bem.*

A Gracie regressa da casa de banho. Pega nas roupas do chão, pondera por um segundo vesti-las, mas acaba por voltar a atirá-las para o chão. Deita-se na cama ao meu lado e descansa a cabeça no meu peito. Envolver-a com um braço e ela passa uma perna por cima da minha. O contacto pele com pele é tão íntimo, mas eu podia ficar assim abraçado a ela toda a noite. A intimidade com a Gracie não me deixa nervoso, faz-me sentir protegido.

— Precisava daquilo — digo-lhe. — Precisava de *ti*.

— Ainda bem que vieste ter comigo — segreda, passando as pontas dos dedos pelo meu braço abaixo. Pergunto-me se, mesmo no escuro, se apercebe de que está a traçar as minhas tatuagens com os dedos. — Podes confiar em mim, Weston, porque eu... eu gosto de ti. Muito. Mais do que pensei que podia.

— Gostas?

Sinto o sorriso dela contra mim.

— Claro.

GRACIE

Quase não quero acordá-lo. É adorável a dormir. Dorme de barriga para baixo, com o rosto enterrado na almofada, a respiração lenta.

— Weston — digo baixinho, mas ele está num sono demasiado profundo para ouvir o som da minha voz. Nem sequer se mexeu quando abri as cortinas há meia hora e deixei entrar a luz ofuscante do sol no quarto. Sento-me na beira da cama e toco-lhe no ombro. Tem a pele quente, pegajosa. — Weston — repito, mais alto.

O Weston estremece. Levanta a cabeça da almofada, com os olhos semicerrados, e apercebe-se do que o rodeia. Acho que é uma surpresa para ele ver um apartamento que não é o seu, porque se vira instantaneamente e senta-se muito direito. Tem o cabelo espetado em mil direções, mas não sei se é do sono ou da forma como enfiei os dedos nele na noite passada. Esfrega a cara.

— Olá. Fiz-te o pequeno-almoço — digo com um sorriso. Estendo o prato com ovos escalfados em pão torrado que acabei de preparar para ele. — Sem abacate, porque me lembrei de que disseste uma vez que não gostas de abacate.

O Weston pestaneja a afastar o cansaço dos olhos enquanto se adapta à luz do sol. Já passa das dez, mas *estive* no turno da noite, portanto, o seu relógio biológico deve estar baralhado.

— Tem um aspeto fantástico, Gracie — diz, pegando no prato. Passo-lhe um garfo e uma faca. — Obrigado. A sério. Obrigado.

De repente, sinto-me hiperconsciente da minha pulsação. Consigo senti-la a latejar-me no pulso. A martelar-me o pescoço. A voz matinal do Weston... É tão baixa, tão rouca. Tão *sexy*.

— Como te sentes esta manhã? — pergunto, aclarando a voz.

Sinto-me um bocado nervosa. Como já estou acordada há algumas horas, enquanto deixava o Weston dormir, tive muito tempo para organizar os pensamentos. Quando o Weston bateu à minha porta a meio da noite, estava completamente destroçado. Estava um farrapo, transtornado. Mal conseguia manter-se direito. Vê-lo assim tão de rastos até me doeu a *mim*. Tudo o que pude fazer foi abraçá-lo com toda a força que tinha em mim e deixá-lo chorar no meu ombro. De todas as portas a que ele podia ter batido, ainda bem que bateu à minha.

Nas últimas semanas, desenvolvi um fraquinho pelo Weston. No princípio, ignorei-o. Neguei-o. Contudo, na noite passada, apercebi-me do *quanto* gostava dele quando, com ele nos braços, desejei poder tirar-lhe aquela dor. Sentia, por mais louco que pareça, que era minha responsabilidade cuidar dele.

— Melhor — responde o Weston. — Não sei o que me deu. Já vi algumas coisas horríveis, mas esta afetou-me mesmo. Foi... Gracie, foi a pior coisa que já vi na minha vida. Fui dispensado do meu turno, mas não estava em condições de ir para casa. Desculpa ter-te acordado. Por favor, podes esquecer que me ouviste chorar daquela maneira? Sinto-me muito embaraçado com isso agora.

Cora ao dizer aquilo, mas estendo a mão para lhe tocar no antebraço a tranquilizá-lo. Não me esqueci de que ainda está nu debaixo do edredão.

— Não te sintas embaraçado. O que fazes não deve ser fácil — digo. — Tens de voltar hoje?

O Weston dá uma dentada na torrada, mas mastiga de forma letárgica.

— Tenho. Volto esta noite, mas somos encorajados a falar sobre estas coisas, por isso, vou falar com o Bill e com o nosso sargento quando chegar à esquadra. Estou a rezar para que haja um turno cheio de queixas de barulho. Tu e as tuas amigas podem pôr a tocar a vossa música muito alto outra vez? — Consegue fazer um pequeníssimo sorriso, e rio-me.

— Lamento. Sou uma cidadã cumpridora da lei. — Inclino-me para a frente, dou-lhe um beijo na face e salto da cama. Aponto para a cómoda, onde a farda dele está numa pilha bem dobrada. — A tua roupa está ali, mas ainda há aqui algumas coisas do Luca que podes estar à vontade para roubar.

O Weston inclina a cabeça e diz:

— Eu também sou um cidadão cumpridor da lei.

Solto uma risada teatral.

— *Está bem.* — Pego na farda do Weston e pouso-a na cama ao lado dele, passando os dedos pelo tecido. — Então, tenho planos para hoje. Planos do tipo mulher independente. Planos do tipo a Gracie a ser corajosa. — Levanto o olhar para encontrar o dele, e sinto aquelas borboletas de novo. Das que causam dor. — Vou alugar uma bicicleta e atravessar a ponte Golden Gate, porque nunca fiz isso,

apesar de sempre ter querido fazê-lo. O Luca dizia que era uma seca e recusava-se a acompanhar-me. Portanto, vou fazê-lo. Sozinha.

Weston acena com a cabeça a animar-me.

— Aí tens. Eu disse-te: podes fazer tudo o que quiseses na vida, Gracie, mesmo que signifique fazê-lo sozinha.

— *Exceto...* — Fico corada como um pimento. — Agora gostava mesmo que te juntasses a mim.

— Isso faz com que já não seja um plano de mulher independente.

— E então? Conta na mesma, porque eu *ia* fazê-lo sozinha — argumento. — Mas agora estou a convidar-te porque acho que seria bom para ti manteres-te ocupado hoje antes de voltares ao trabalho. Não concordas?

O Weston não perde a deixa. Sorri e diz:

— Gostava muito de ir contigo.

— A sério?

— Sim. Que se lixe o Luca. É definitivamente fixe — diz, e engole mais uma garfada do pequeno-almoço. — Mas importas-te que vá a casa primeiro? Não vou atravessar a ponte de bicicleta com a farda de ontem à noite.

Combinamos encontrar-nos na loja de aluguer de bicicletas ao meio-dia. Apanho o elétrico para norte, na direção da zona da Marina, a fervilhar de entusiasmo. Há anos que queria fazer isto, mas o Luca nunca alinhou na ideia. Sei que é um *cliché* e que é turístico, mas temos imensa sorte em viver numa cidade tão deslumbrante como esta, e estou decidida a ter a experiência de atravessar a ponte Golden Gate de bicicleta *uma vez* que seja na vida. Está um dia perfeito de agosto, com calor e o sol a brilhar, mas não sou idiota. Atravessar aquela ponte vai ser um gelo, portanto, vesti uma *sweatshirt*. Meti na mochila água engarrafada e barras de cereais, e trouxe a minha câmara de filmar. Não sei bem porquê. Não voltei a pegar nela desde que tentei fazer um vlogue no dia em que fui a casa a Santa Cruz, porque o vídeo ficou um desastre, e apaguei tudo com frustração. Muito francamente, não sou tão interessante como isso sem o Luca.

Como chego à loja das bicicletas um pouco mais cedo, encontro um lugar ao sol na rua e encosto-me à parede, a deixar o sol beijar-me a pele, embora vá ficar com mais sardas. Enquanto espero, verifico as nossas contas, minhas e do Luca. Publiquei *um* vídeo cuidadosamente fabricado no espaço de um mês, e não me parece que esteja a conseguir enganar seja quem for. Os nossos seguidores continuam cétricos em relação ao nosso desaparecimento das redes sociais. Embora tenha publicado mais algumas fotografias no Instagram, os nossos seguidores mais dedicados estão a ser mais espertos do que eu. Parece que a diferença de

comprimento do meu cabelo entre as fotografias (de uns meros dois centímetros e meio, devo acrescentar) torna óbvio que estou a usar fotografias antigas. Nesta fase, já deixei de me preocupar em parecermos autênticos e reais. Nem sequer me importo se o nosso rompimento for divulgado.

Então, por que raio continuo a agarrar-me a estas contas?

Abro a nossa conta do YouTube no telemóvel. Sete anos de memórias, mais de trezentos vídeos, seiscentos mil subscritores... Penso nas receitas da publicidade. Nas colaborações com as marcas. Tem sido divertido, sem dúvida, e estou muito grata pela vida que nos proporcionou, a mim e ao Luca, mas não posso ser uma fraude. Tenho mais integridade do que isso. Não resta nada da nossa relação a não ser isto, e está na altura de o encerrar.

Navego até às definições da conta. Um pequeno tremor apodera-se-me das mãos quando chego à opção de desativar permanentemente a conta. Dou-lhe cerca de três segundos de ponderação antes que os pensamentos intrusivos levem a melhor. Basta um par de cliques, é o suficiente para que seiscentos mil subscritores se evaporem no ar. Sai-me um peso de cima dos ombros e uma alegria inesperada irradia através de mim. Não posso parar agora. Passo para a aplicação do Instagram e apago também a conta. É tão fácil apagar tudo aquilo por que trabalhámos tanto... Mas também foi tão fácil para o Luca ir-se embora.

Solto um suspiro de alívio. Fechar as nossas contas faz finalmente com que tudo me pareça muito real agora. É como fechar a última página do livro. O Luca e eu terminámos. Acabou. Nunca mais o deixarei entrar na minha vida, porque o Weston tem razão: mereço, *de facto*, mais do que um homem que escolhe quando me quer em cena. Mereço alguém que não consiga suportar a ideia de alguma vez viver a vida sem mim.

— Gracie — chama o Weston.

Levanto os olhos do telefone, radiante com um sentimento renovado de alívio. O Weston aproxima-se, e não sei dizer o que é mais atraente: se ele, esta manhã, nu na minha cama, com o cabelo despenteado, ou ele, neste preciso momento, com umas calças de ganga largas de cintura descida e uma *T-shirt* branca simples que contrasta bem como tudo com a tinta preta das tatuagens no braço. Duvidava de que fosse capaz de alguma vez voltar a achar atraente outro homem depois de estar tão apaixonada pelo Luca durante sete anos. Na primeira vez em que vi o Weston, nem sequer me apercebi de que ele era bem-parecido. Demorou algum tempo até ele ficar focado, mas agora está em alta definição de qualidade superior, o que me está a fazer sentir desfalecida.

— Sabes que mais? — digo toda animada, saltando para a frente. — Acabei de apagar tudo. As minhas contas com o Luca. Foram-se todas!

O Weston agarra-me os pulsos e segura-me com firmeza.

— Boa! Combinaste isso com o Luca?

— Não.

O Weston ri-se e diz:

— Estás a ficar tão boa nisto.

Olho para as mãos dele à volta dos meus pulsos e mordo o lábio. Se bem me lembro, pode ter dito algo muito parecido na noite passada. Levanto os olhos para ele sugestivamente, e o meu olhar torna-se ardente. Ele deu-me a deixa perfeita para eu não poder deixar de dizer:

— Sou boa em muitas coisas.

O riso do Weston é lindo, mas vejo-o corar. Sei que se lembra de como me movi contra ele na noite passada.

— Bem, sei com toda a certeza que te preparas para ser mesmo boa a andar nesta bicicleta.

Agora sou eu cujas gargalhadas ecoam pela rua.

Entramos juntos na loja e alugamos duas bicicletas para o dia todo. Recebemos capacetes, cadeados e um mapa que descartamos de imediato. Conhecemos São Francisco. É um caminho fácil para a ponte a partir daqui, e, quando eu e o Weston acabamos de nos rir um do outro com capacetes patetas, partimos.

São cerca de cinco quilómetros e meio da loja de aluguer à ponte, mas vamos pela Golden Gate Promenade. É um trilho de cascalho fabuloso ao longo da água, cheio de peões e de ciclistas, com a ponte a erguer-se ao longe. Mesmo daqui, as vistas são deslumbrantes, e temos de estar sempre a desviar-nos dos turistas que param para tirar fotografias. A ilha de Alcatraz é visível à distância. Já percorri este caminho muitas vezes, mas nunca o segui até à ponte, e o meu entusiasmo aumenta à medida que nos aproximamos. Durante a maior parte do tempo, não dou o devido valor a viver na Bay Area.

O Weston pedala um pouco à minha frente e grito-lhe:

— Alguma vez fazes patrulhas de bicicleta? Ficarias muito bem a fazer isto de farda.

As suas gargalhadas dançam através da brisa e ele vira-se de repente, dando a volta e parando ao meu lado.

— Tenho os quadríceps a arder, não te vou mentir. Isto é mais um lembrete de que preciso de voltar ao ginásio o mais cedo possível, antes que o meu amigo Cameron me mate.

— As pernas começaram a doer-me há quinze minutos, mas não queria admiti-lo — digo ofegante. — Podemos parar ali em cima para tirar uma fotografia?

Falta-nos aos dois alguma força quando subimos a custo uma encosta gradual. O caminho é sinuoso à medida que sobe em direção à ponte, e receio sinceramente chegar ao outro lado e não ter resistência para voltar, mas há *crianças* a fazer isto. Quando um senhor idoso passa por nós a voar, anoto mentalmente que tenho de

me inscrever numa aula de *spinning* no ginásio.

O caminho alarga-se para criar o ponto de vista perfeito da ponte cá de baixo, e outras pessoas aproveitaram a oportunidade para (1) tirar uma excelente fotografia da ponte na sua totalidade de perto e (2) fazer uma pausa do esforço de subir esta encosta. O Weston e eu encostamos as bicicletas a um penedo gigante.

— Hora do lanche — digo com entusiasmo, tirando a mochila dos ombros e remexendo dentro dela. Passo ao Weston uma garrafa de água e uma barra de cereais, e sentamo-nos juntos na beira do penedo, a olhar para as águas paradas da baía, com a pintura vermelha da ponte vibrante à luz do sol. Sinceramente, espanta-me como o céu está tão limpo, apenas com algumas nuvens dispersas. Este é o local perfeito para tirar algumas fotografias, e o Weston não faz ideia de que estou prestes a submetê-lo a uma sessão fotográfica.

Pelo canto dos óculos de sol, sinto um par de olhos em mim. É uma rapariga nova, talvez com cerca de quinze anos, que também parou para uma pausa rápida com os pais. Olha para mim uma, duas, três vezes, e sei imediatamente que as engrenagens estão a girar na sua cabeça. Reconheço-os demasiado bem, os olhares furtivos enquanto ganham coragem para se aproximarem. Ela acotovela a mãe, acena com a cabeça na minha direção e depois dirige-se timidamente para mim.

— Olá — diz, entrelaçando os dedos ansiosamente. — Desculpa incomodar-te, mas chamas-te Gracie?

O Weston recosta-se, apoiando-se nas mãos e observando a cena com interesse.

— Olá! Sim! — digo animadamente, com um tom de voz mais agudo. Não consigo evitar. É a mesma voz alegre e efervescente que sempre usei quando gravava os vídeos. É a minha voz, apenas enfatizada. Desencosto-me do penedo e enfio os óculos de sol no cabelo, fazendo um esforço consciente para ser educada e calorosa.

— Eu vejo os teus vídeos! — diz a rapariga, e olha para a mãe, empolgada.

— Ah, muito obrigada!

Vejo a forma como ela lança um olhar furtivo ao Weston e a perplexidade que se segue.

— O Luca também está cá? Vocês são os melhores!

Os nossos seguidores são predominantemente do sexo feminino (bem, eram), e nunca me passou despercebido que, naturalmente, o Luca tendia a ser o favorito por razões óbvias. Sempre que nos cruzávamos com seguidoras em público, elas *derretiam-se* ao falar com ele. Inclonavam-se sempre um pouco mais para ele do que para mim quando tirávamos fotografias. Se o Luca continuasse a fazer conteúdos sozinho, talvez se saísse bem, já eu teria de me esforçar mais.

O Weston levanta as sobrancelhas com uma curiosidade presunçosa, a perguntar-se como vou conduzir esta conversa. Mentindo? Confessando a verdade? Dizendo a esta pobre rapariga que o Luca me tratou como um capacho no último

mês? Evito o olhar dele.

— Na verdade — digo, com um sorriso de lábios fechados —, o Luca e eu separámo-nos. Acabei de fechar as nossas contas, és a primeira pessoa a saber. É melhor para nós os dois.

A rapariga fica com uma expressão horrorizada.

— *O quê?*

— Sim, mas muito obrigada por nos apoiares. — Não deixo o meu sorriso vacilar, porque estou decidida a manter uma atitude positiva. — Mas quem sabe? Talvez eu crie o meu próprio canal!

— Por favor, faz isso — diz a rapariga, mas a alegria na sua voz desapareceu. Talvez eu devesse ter publicado uma explicação nas contas antes de as remover. Os nossos seguidores não vão fazer ideia do que raio aconteceu. — Vou deixar-vos sozinhos, mas importas-te... Podemos? — Sorri timidamente enquanto pega no telemóvel.

Tiramos uma *selfie* juntas, e, provavelmente, é a minha favorita das fotografias que já tirei com um dos nossos seguidores. Temos a ponte Golden Gate diretamente atrás de nós e o sol está a brilhar. A rapariga agradece-me várias vezes e afasta-se para voltar para junto dos pais.

— Isto acontece muitas vezes? — pergunta o Weston, e viro-me para olhar para ele. Ele está ainda tão pouco familiarizado com esta coisa dos influenciadores que o deixa fascinado.

— Talvez uma vez por mês? — digo. Baixo os óculos de sol para os olhos, e estendo-lhe as mãos. — Vamos lá. Precisamos de fotografias bonitas para adicionar às nossas novas contas do Instagram, porque *tu* ainda não publicaste nada.

— Sou tímido perante as câmaras.

Aceno-lhe para que se despache, e o Weston suspira e põe as mãos nas minhas. Quando o puxo para o levantar, ele não oferece grande resistência. De facto, está a sorrir. Um nadinha.

— Põe-te direito... — Coloco-o em posição, a situá-lo perfeitamente em frente à ponte. — ...Assim. — Recuo alguns passos, saco do telemóvel, ajusto as definições e acocoro-me, para confusão do Weston, que tira fotografias como alguém da geração *millennial*. A solução batida de apontar a objetiva e tirar fotografias. Um *tédio*.

Ele fica ali parado, adoravelmente embaraçado, como se toda a gente à nossa volta não estivesse a fazer exatamente a mesma coisa.

— Que é que eu faço?

— Nada.

— Quê?

— É uma fotografia *espontânea*, Weston. Sê espontâneo. — Tiro um par de

fotografias, de ângulos diferentes, mas ele continua a pedir instruções. — Mexe-te só descontraidamente. Olha para o lado. Toca nos óculos de sol. Enfia uma mão no bolso. Limita-te a... agir naturalmente.

Levanta os óculos de sol para me fulminar com um olhar.

— Já acabaste?

— Oooh. O olhar sedutor. Fixe. — Continuo a tirar fotografias quando se aproxima de mim, cheio de riso. Será da luz do sol? De ter apagado as contas das redes sociais que tinha com o Luca? Do Weston? Sinto-me feliz como tudo hoje.

— Mostra-me como se faz — diz o Weston, empurrando-me para a frente.

Encontro um lugar bonito, solto o cabelo e começo a alternar entre diferentes poses enquanto o Weston segura o telemóvel e tenta o seu melhor para captar ângulos diferentes.

— Estás a usar o modo quadrado? *Tens* decididamente de estar no modo quadrado para que fiquem bem no Instagram. E precisas de...

— Gracie, digo-o com todo o respeito, cala-te.

Tira-me mais algumas fotografias antes de decidirmos prosseguir. Voltamos a montar nas bicicletas e subimos o resto da colina, chegando finalmente à entrada sul da ponte. Como esperado, a brisa é forte e estamos a pedalar contra o vento. Ainda bem que vesti uma *sweatshirt*, porque o Weston parece um pouco frio com a sua *T-shirt*. Os carros passam a zunar, e o passeio está cheio de outros ciclistas, peões e demasiados cães com trelas retráteis. Estamos a centenas de metros acima da água, e as vistas são deslumbrantes. Encostamos de novo a meio da travessia.

— Vale a pena sentir os quadríceps a arder? — pergunta o Weston.

— Sem dúvida.

Encostamo-nos juntos ao gradeamento, com os braços a tocarem-se. Mesmo com o ruído do trânsito, dá uma sensação de paz olhar para a água. São Francisco ergue-se à direita, as colinas de Sausalito à esquerda. Eu sonhava instalar-me num encantador subúrbio pitoresco algures no Midwest com o Luca dentro de alguns anos, depois de termos iniciado as nossas carreiras, mas agora... Agora não faço ideia do que o futuro me reserva. Não sei onde estarei daqui a cinco anos, mas começo a aprender a aceitar isso. Quero viver o momento, e este, aqui mesmo com o Weston, a olhar para uma cidade que adoro, *este* é o momento.

— Obrigado.

A voz do Weston apanha-me de surpresa. Viro-me para ele e prendemos imediatamente o olhar. Algo me diz que estava a observar-me há algum tempo.

— Pelo quê?

— Por me convidares para vir aqui contigo hoje. Pela noite passada — diz suavemente. Toca na minha mão na beira do gradeamento, e, de repente, é como se fôssemos as duas únicas pessoas aqui. — Por me dares a oportunidade de provar que *posso* tratar bem uma rapariga... Mas talvez não concordes. Não sei. Trato? —

Engole em seco nervosamente. — Eu trato-te bem, Gracie?

— Nem sequer consigo imaginar como é que alguma vez não o fizeste.

O sorriso do Weston tem uma ponta de tristeza. Põe um braço à volta dos meus ombros e puxa-me para mais perto de si, e aconchego-me a ele, encostando a cabeça ao seu ombro. Continuo sem saber o que somos. Já não sei dizer o que é real e o que não é, e tenho demasiado medo de ouvir a resposta. É por isso que não faço a pergunta.

Limito-me a aproveitar o momento.

WESTON

Não faço a mínima ideia de como vou aguentar os próximos três turnos. O meu sargento tem sido incrivelmente compreensivo comigo, chamando-me à parte antes e depois de cada turno para ver como me estou a sentir. Até o Bill tem abrandado o regime de treino rigoroso nos últimos dias, e, em vez disso, concentra-se em fomentar-me novamente a autoconfiança. Encarrego-me de cada chamada para que somos enviados. Até conduzo o carro-patrulha. Ele farta-se de dizer «Bom trabalho. Conseguiu», mas não tenho a certeza se é verdade.

Quando acordo na segunda-feira, depois de sair do meu último turno noturno, sinto-me aliviado por ter três dias de folga. O habitual sentimento de pavor que paira sobre a minha cabeça durante as horas que antecedem um turno está sob controlo por agora. Permite-me relaxar, e fico na cama demasiado tempo, a ver cenas no telemóvel.

Adquiri o hábito de ver o Instagram da Gracie todos os dias, e ela publicou outra fotografia ontem à noite. A sua segunda na conta até agora. Enviei-lhe as fotos que lhe tirei junto à ponte Golden Gate e, claramente, não são terríveis, porque publicou uma. Na fotografia, está a rir-se naturalmente, com o seu cabelo acobreado a dançar ao sabor da brisa, e a legenda diz: «Simplesmente feliz.»

Adoro que esteja feliz.

Fico a olhar para a fotografia durante muito mais tempo do que gostaria de admitir, porque, quando o telemóvel toca na minha mão, tira-me do transe. O meu pai está a ligar.

— Olá, pai — respondo, sentando-me na cama. São quase três da tarde, portanto, devia mesmo levantar-me. Estes turnos noturnos deixam-me sempre tão

baralhado.

— Vais trabalhar hoje, pá? — pergunta-me.

— Não. Acabei de fazer uma data de noites. Que se passa?

— Estou na cidade — diz. — Podes encontrar-te comigo? Tenho uma coisa para ti.

O tom de voz do meu pai é muitas vezes impassível, o que me deixa nervoso. Nunca sei se ele está a ligar com boas ou más notícias. Suponho que a calma se tornou parte da sua personalidade devido às décadas que passou na polícia. Mantém-se firme e controlado, o meu pai. É por essa razão que entro momentaneamente em pânico quando me passa pela cabeça que pode ter vindo a São Francisco com más notícias. Depois, penso que talvez esteja a querer ver se estou bem. É muito provável que o Bill o tenha contactado e lhe tenha falado sobre o meu turno traumático.

— Claro que sim... Onde?

— Bem, queres uma cerveja ou comida?

— Não podem ser as duas coisas?

— Pago eu, por isso, não.

— Então, cerveja.

Encontro-me com o meu pai num bar em Fisherman's Wharf. Quando ele ainda vivia aqui na cidade, era o seu bar preferido, apesar de só atrair turistas, mas é disso que ele gosta. De meter conversa com os turistas e de os bombardear com os seus conhecimentos locais e oferecer recomendações. Gosta especialmente de ajudar os visitantes a perceber como andar no sistema de transportes públicos. É por essa razão que hoje escolho uma mesa bem lá atrás.

Mandamos vir duas cervejas e um prato de *nachos*.

— Não te queixes dos preços quando bebes nos bares dos pontos turísticos — digo-lhe, puxando os *nachos* para mim. Estão carregados com queijo derretido, carne de porco desfiada, jalapenos... Humm... — Lembras-te daquela tua grande casa? Lembras-te do preço que pagaste por ela? Pois. Não te atrevas a reclamar por pagar uns *nachos* ao teu filho.

O pai sorri e tira um *nacho* do prato.

— Não queres saber o que te trouxe?

— Deixa-me adivinhar: conselhos?

— Não — diz ele. — Vira-te.

Viro o pescoço e dou com alguém de pé atrás da minha cadeira. A pessoa avança e agarra-me os ombros, assustando-me de morte, e nem sequer me apercebo logo de que é ela. Porque é que eu *consideraria* sequer a possibilidade de

ser ela? Está destacada no Kuwait há um ano. Porque estaria aqui em São Francisco?

O meu pai ri-se e viro-me completamente na cadeira. Fito-a com os olhos arregalados até o choque passar e o meu cérebro reconhecer a cara dela outra vez, depois de todo este tempo.

— Peyton? — balbucio, abanando a cabeça com incredulidade. — *Peyton!*

— Voltei! — diz a Peyton, esfuziante, e levanto-me da cadeira e tomo a minha irmã nos braços. Levanto-a em peso e rodopio com ela, e as suas gargalhadas felizes enchem o bar.

— Cum caraças! Não fazes ideia de como estou contente por te ver. — Ponho-a de novo no chão, mas mantenho as mãos nela, com medo de que, se a largar, ela desapareça. — Quando diabo é que voltaste? Não me disseste que ias tirar uma licença!

— Voltei para a base no sábado, e depois apanhei o avião ontem. Queria que fosse uma surpresa — diz a Peyton, sorrindo. Parece-se imenso com a nossa mãe. As sobrancelhas escuras, as maçãs do rosto salientes, o maxilar angular. Está com um brilho especial.

— Quase me deu um ataque de coração quando me bateu à porta ontem à noite — resmunga o pai, mas está radiante.

— Não posso acreditar que estás aqui agora — digo, e tenho de a abraçar outra vez. — Tive tantas saudades tuas. Estou muito feliz por teres chegado inteira a casa.

A Peyton dá-me um murro no braço quando se solta de mim.

— Quê? Achavas que não ia conseguir? Tem um pouco de fé em mim, Weston. Eu desativo as bombas, elas não me desativam a mim.

— Tu sabes que essas piadas não me agradam, Peyton — diz o pai com um olhar de repreensão, e a Peyton pede desculpa com um beijo rápido na face dele. Embora o pai sinta orgulho nos filhos por seguirmos carreiras tão desafiantes e de alto risco, preocupa-se com cada um de nós. Constantemente. Sei como deve sentir-se aliviado por ter o Keaton e a Peyton de novo em solo americano ao mesmo tempo. Já lá vai algum tempo.

Puxo uma cadeira para a Peyton se juntar a nós e pergunto:

— Onde estavas escondida?

— Na casa de banho. — Chama uma empregada de mesa e pede um *cocktail* enorme, dos que são para partilhar. — Não merigues. Eu mereço.

— Pois mereces — concorda o pai, e nós os três trocamos sorrisos extasiados. Custa-nos acreditar que estamos aqui sentados juntos. Se o Keaton estivesse aqui também, seria perfeito.

— Então? Como é que foi? — pergunto, bebendo um gole de cerveja e instalando-me confortavelmente na cadeira.

A Peyton tem quase doze meses de histórias para partilhar connosco, e imagino que tenha algumas bem loucas para contar. Provavelmente, vamos ficar aqui durante horas.

— Já lá vamos. — A Peyton inclina-se para a frente, cruzando os braços em cima da mesa. A empregada regressa e pousa uma taça gigante com a bebida. A Peyton bebe um gole pela palhinha, lambe os lábios e depois pousa em mim o seu olhar reprorador. — O pai diz que a Charlotte te deixou porque a tratavas como merda.

Disparo um olhar ao pai, que encolhe os ombros, embaraçado.

— Eu não o disse *assim*.

— Tenho de te dar uma tarefa, Weston? — pergunta a Peyton, e respiro fundo, preparando-me para ouvir das boas. Não esperaria nada menos da minha irmã mais velha. Ela põe-me sempre no meu lugar. — Eu *adorava* a Charlotte e estou triste como tudo por ela não vir a ser minha cunhada. Que fizeste àquela pobre rapariga? É bom que eu não tenha um irmão cabrão, juro.

— *Peyton* — diz o pai, mas a reação da Peyton é simplesmente beber o seu *cocktail*. Meu Deus, como senti a falta dela.

— Eu não a tratei como merda — digo —, mas, decididamente, não a tratei *bem*.

A Peyton fulmina-me com um olhar, de dentes cerrados, a abanar a cabeça com um ar dramático.

— Estou tão chateada contigo. Idiota. Mas estás bem?

— No princípio, não estava. Foi uma lição difícil de aprender, mas estou a tentar ser melhor — admito, olhando para o rebordo do gargalo da minha garrafa de cerveja. Devo falar-lhes da Gracie? Será demasiado cedo? Talvez fiquem felizes por mim. Olho para cima e, nervoso, digo-lhes: — Conheci outra pessoa.

— *Já?* — A Peyton suspira. Range os dentes com mais força ainda. — Tu amavas sequer a Charlotte? Como é que podes conhecer outra pessoa tão depressa? O lado da Charlotte na cama ainda nem está frio.

— Não sejas tão dura com ele — avisa o pai. É a primeira vez que menciono alguma coisa sobre a Gracie perto dele, portanto, embora pareça surpreendido com a notícia, está sobretudo curioso. — Como assim, já conheceste outra pessoa?

— Não *queria* conhecer mais ninguém — digo, mas estou perturbado pelo olhar mortífero da Peyton e a minha voz está trémula. — Não tinha a certeza de como *alguma vez* poderia querer conhecer outra pessoa, mas saí com os meus amigos num fim de semana e uma rapariga, tipo... aterrou na cena. Como ela também acabou de sair de uma relação de longa duração, apoiámo-nos um ao outro. No princípio, era só isso, mas agora acho que gosto mesmo dela.

— Ena. Estás a corar — comenta a Peyton.

— Começo a pensar que gostava mais quando estavas no Kuwait.

— Não, sentes-te contente por eu estar em casa, porque precisas desesperadamente dos meus conselhos de mulher — diz, confiante, e, por fim, abandona a atitude dura e severa. Pega na taça e recosta-se, abraçando-a ao peito enquanto bebe. — Esta rapariga nova. Vou gostar dela? Só fico cá três semanas antes de ter de voltar para Fort Carson, por isso, tenho de a conhecer o mais cedo possível. Que é que ela faz? Como é que se *chama*?

— Gracie Taylor — digo, aclarando a voz. Há um mês, nunca pensei que estaria a falar ao pai e à Peyton da rapariga da discoteca de cuja festa de anos dei cabo. Convenientemente, omiti essa parte. — Acabou de fazer vinte e dois anos. Tirou um ano sabático antes de voltar a estudar para ser professora.

O pai levanta a sobranceiras e o seu tom torna-se incrivelmente suave.

— Ela vai seguir a via do ensino?

— Ensino básico — digo, e deixo as palavras pairarem no ar. A expressão do pai entristeceu-se, já a Peyton consegue fazer um sorriso. Nós os três pensamos na mãe.

— OK, muito bem. Não parece assim tão má — diz a Peyton. — Mas vou ter muitas saudades da Charlotte. Desta vez, não voltes a fazer asneira.

O pai estende a mão para me agarrar o braço.

— Pareces mais feliz hoje do que quando me visitaste há umas semanas. Espero que resulte para ti, e gostaria de vir a conhecer a Gracie também, quando estiveres pronto.

— Obrigado, pai — digo, e o meu suspiro de alívio é audível.

É óbvio que o Bill não lhe contou o que aconteceu no trabalho na semana passada, e não vou abordar o assunto. O pai parece feliz por mim. Não quero desanimá-lo dizendo-lhe que odeio a vida na polícia, assim, mantenho a boca fechada por agora. Viro-me para a Peyton e digo:

— Agora fala-me das bombas.

O pai faz um som de reprovação.

*

No caminho do bar para casa, várias horas depois, passo por uma florista. Na montra, estão expostos arranjos de flores de cores vibrantes que me lembram de todas as flores que nunca mandei à Charlotte. E a Charlotte merecia todas as flores do mundo. A Charlotte *ainda* merece flores.

Entro na loja. Cheira a terra e a flores, e uma senhora simpática vem logo em meu auxílio, porque a minha expressão de estupefação deixa claro que não sou o tipo de pessoa que costuma mandar flores. Há rosas, lírios, orquídeas, narcisos, tulipas... Não sei por onde começar.

— O que recomenda? — pergunto à florista.

— Bem, qual é a ocasião?

— Um pedido de desculpas.

Fazemos um ramo de orquídeas brancas que será entregue no apartamento da Charlotte em San José amanhã, e a florista dá-me um cartão pequeno para eu escrever uma mensagem, se quiser. Ou diz que posso manter-me anónimo. A escolha é minha. Decido enviar uma mensagem com as flores, e escrevo: «Charlotte, quero que um dia encontres o amor que não te pude dar. Mereces ser feliz. Weston.»

E descubro que as flores são muito mais caras do que esperava.

Pago e dirijo-me para a porta, mas uma caixa de rosas vermelhas gigantes no canto chama-me a atenção. Não percebo nada de flores, mas sei que as rosas vermelhas são as mais românticas de todas. É o que se deve enviar no Dia dos Namorados, afinal de contas.

Penso na Gracie e na conversa que tivemos naquela noite em que lhe fiz o jantar. *Não se trata apenas de gestos românticos.* Sendo que a palavra-chave é *apenas*. Tratar bem uma mulher não tem somente que ver com gestos românticos, mas eles desempenham um papel importante.

A Gracie é especial para mim, e preciso de que ela o saiba.

— Na verdade — digo, virando-me para o balcão —, gostaria de enviar outro arranjo. Rosas vermelhas, por favor.

GRACIE

Há um voo barato só de ida para a Tailândia na primeira semana de outubro. Não sei porque me estou a dar ao trabalho de verificar, mas uma coisa levou a outra... Li a publicação de uma mulher jovem sobre as suas experiências de viagem a solo e, três horas depois, já delineei uma rota pelo Sudeste Asiático e procurei voos. A maioria das pessoas que viajam sozinhas salta de albergue em albergue, mas o nosso orçamento, meu e do Luca, sempre incluiu hotéis de luxo e, se eu viajasse *de facto* sozinha, a minha segurança e o meu conforto tornar-se-iam ainda mais prioritários. Posso dar-me a esse luxo. Posso realmente dar-me ao luxo de viajar durante *meses* em grande estilo, mas ainda fico com um nó no estômago só de pensar em o fazer sozinha. Também fico com um nó no estômago só de pensar em *não* o fazer.

E se, daqui a trinta anos, olhar para a minha vida e me arrepender de todas as experiências que perdi, simplesmente porque tinha demasiado medo? É muito mais aterrador do que o medo de jantar sozinha na ilha de Ko Lanta.

Mesmo assim...

Não consigo fazê-lo.

Fecho o portátil e ponho-o de lado no momento em que batem à porta. A Elena está quase a chegar, por isso, corro para a porta e abro-a, já a sorrir.

— Oh — exclamo.

Não é a Elena. Está uma senhora à minha porta, com a cabeça a espreitar por cima da caixa gigante de rosas vermelhas que tem nos braços. Traz um avental com o logótipo de uma florista da Baixa.

— Olá! Tenho uma entrega para Gracie Taylor.

— *Oh* — digo outra vez. — Sou eu.

A senhora passa-me as flores para os braços, e mal consigo ver à volta do arranjo. Ela ri-se da minha surpresa, deseja-me bom-dia e vai-se embora. Entro a cambalear no apartamento, a equilibrar precariamente a caixa de rosas nos braços enquanto as levo para a cozinha. Pouso-as no balcão e fico a olhar para elas em silêncio.

São absolutamente lindas. Vinte e quatro rosas de um vermelho vibrante, perfeitamente escolhidas a dedo, sem uma única imperfeição. Encosto o nariz nelas, inalando a sua frescura. Há um envelope muito pequeno enfiado no arranjo, que tiro com cuidado. Quando tiro o cartão do envelope, a minha pulsação acelera.

Estas rosas têm de ser dele.

Quero que estas rosas sejam dele.

O bilhete diz, numa caligrafia rabiscada: «Flores ou abraços de urso? Dar-te-ei sempre ambos, Gracie Taylor. Com amor, Weston.»

O coração incha-me. Inunda-me uma sensação de felicidade, disparando-me do peito às pontas dos dedos, até parecer que estou quase a rebentar. Não há mais nenhum sítio para onde esta alegria possa ir. Dói, sentir-me como se estivesse à beira de explodir. Adoro esta sensação mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Levo as rosas para a mesa de apoio aos sofás, onde se tornam o centro das atenções, e depois sento-me no sofá e olho encantada para elas. A cabeça anda-me à roda com pensamentos profundos. O Weston enviou-me rosas. Rosas *vermelhas*. As flores mais românticas de todas. É um gesto grandioso, mas talvez seja exatamente isso que ele pretende. Um gesto com um significado romântico tão claro que não há dúvida de onde está a cabeça dele. Nunca é preciso questionar o que significam as rosas vermelhas.

Não consigo ficar quieta. Sacudo as pernas para cima e para baixo ao mesmo tempo que um guinchinho estonteado me irrompe dos lábios.

O Weston não me enviou rosas caras para provar que é capaz de ser romântico. Enviou rosas porque isto é real. Até o disse na semana passada: *Eu gosto de ti*. Algures entre o jantar que me preparou e agora, as linhas tornaram-se esbatidas. Posso ter dito ao Weston que lhe mostraria como tratar bem a próxima rapariga que entrasse na sua vida, mas nem por um segundo pensei que essa rapariga seria eu. Talvez tenha sido o destino, afinal de contas.

Tilinta uma chave na fechadura da porta do apartamento, e viro a cabeça, alarmada. Conto com a Elena a qualquer momento, mas ela não tem chave. Só pode ser o Luca.

Ele empurra a porta a abri-la e fico na sua linha de visão imediata. Precipita-se para mim, com um dedo apontado com raiva.

— Que merda é que fizeste?

— Quê?

— As nossas contas — cospe. — Onde é que estão?

É doentia, a rapidez com que tive de me adaptar a esta nova dinâmica com o Luca. Quando estávamos juntos, as nossas vozes quase nunca se levantavam. Os desacordos eram resolvidos com compreensão e resolução. Ele protegia-me sempre, acontecesse o que acontecesse, e *nunca* deixaria ninguém falar comigo da forma como o tem feito ultimamente. Que incompreensível que a pessoa que promete proteger-nos possa ser a que acaba por nos magoar mais...

Já não somos a Gracie e o Luca. Há veneno tecido nas entrelinhas da nossa relação falhada, e detesto estar agora habituada a isso.

— Não podes estar assim tão empenhado nelas, se levaste três dias a reparar que desapareceram — digo, num tom despreocupado.

— Com um raio, Gracie! — O Luca bate com o punho no balcão da cozinha e estremeço. — Porque as apagaste? Podíamos ter continuado a ganhar dinheiro até ao fim do ano, *pelo menos*. O que te deu o direito de fechar tudo sem me consultares primeiro?

Levanto-me do sofá e aproximo-me dele, com as mãos nas ancas.

— Para começar, fui eu quem sempre tratei da administração. Em segundo lugar, era eu quem fazia a maior parte do trabalho. Em terceiro, toda a nossa marca é agora uma mentira. Nós acabámos, portanto, sabes que mais, Luca? Isso significa que a nossa marca também acabou.

— Devíamos ter conversado sobre isto — rosna, abanando a cabeça furiosamente para o teto, como se não conseguisse suportar olhar para mim. — Deixo-te ficar aqui enquanto me remedeio com o sofá do meu primo, e é assim que me pagas? Deitando fora a nossa fonte de rendimento?

— É óbvio que não verificaste a nossa conta bancária recentemente — digo. — Estamos muito bem.

O Luca ri-se sarcasticamente, e, ao olhar para mim com os seus penetrantes olhos azul-acinzentados, repara numa coisa por cima do meu ombro.

— Quem é que te deu essas? — pergunta. Fita-me com um olhar duro quando passa por mim a caminho da mesa de apoio aos sofás, onde se encontra a caixa com as rosas. Arranca o pequeno cartão. — «Com amor, Weston.» Surpresa, surpresa.

— Não toques nelas — aviso.

O Luca levanta as mãos no gozo e afasta-se da mesa, avançando de novo para mim.

— Não quero saber das tuas flores. Do que quero saber, no entanto, é que os nomes dos dois estão neste contrato de arrendamento. Queres trazer um novo tipo para cá? Então, sugiro que te mudes e arranjes a tua própria casa.

— Quem és tu, Luca?

É assustador que não reconheça a pessoa que está à minha frente, apesar de

termos estado juntos durante sete anos. Ele é insensível, amargo, egoísta. É *horrível*, e isso dói. Dói que ainda haja amor por ele profundamente enraizado dentro de mim. Se, pelo menos, odiá-lo pudesse ser tão fácil como amá-lo...

O Luca pousa as mãos na beira do balcão da cozinha, uma de cada lado de mim, prendendo-me no lugar. Encolhe os ombros, com os olhos fixos nos meus, e diz:

— Este é o Luca Hartmann sem a Gracie Taylor.

Ouve-se uma tosse à porta. A Elena entra de rompante no apartamento e tira os óculos de sol, olhando-nos com desconfiança.

— Ei, estão a discutir ou a coisar?

Ponho as mãos no peito do Luca e empurro-o para longe de mim, correndo imediatamente para a Elena e puxando-a para mim para um breve abraço. Em voz baixa, digo-lhe:

— A discutir. Graças a Deus que estás aqui.

A atitude da Elena muda de displicente para serena e pronta para a guerra. Coloca-se protetoramente na minha frente e cruza os braços, com o cabelo castanho a balouçar-se quando se vira para encarar o Luca.

— Devias sair daqui.

— O apartamento é meu — contrapõe o Luca.

— Não sejas parvo, Luca — diz ela com um olhar de desprezo. — Vai-te lá embora.

O Luca fita-a com os olhos semicerrados, um momento de silêncio tenso enche o apartamento, e depois ele cede, relutante. Quando se dirige para a porta, com a Elena a queimar-lhe buracos no crânio com os olhos, diz:

— Nós acabamos esta conversa mais tarde, Gracie.

Balança as chaves do apartamento em torno do dedo indicador quando sai, e uma sensação de desconforto instala-se no fundo do meu estômago.

Mal o Luca sai, a Elena corre para a porta e desliza a corrente da fechadura. Até espregueira pelo óculo para confirmar que ele se foi embora, e eu respiro fundo. Apesar de me ter aguentado enquanto o Luca estava à minha frente, sinto-me a tremer agora.

— Que foi aquilo? — pergunta a Elena, aproximando-se.

— Ele apercebeu-se finalmente de que fechei todas as nossas contas — digo.

Encho um copo com água e bebo metade, a acalmar a irritação seca que sinto na garganta. A Elena e a Maddie ficaram encantadas quando lhes disse que tinha tomado a iniciativa de apagar todas as nossas contas nas redes sociais, mas, evidentemente, também ficaram preocupadas quando admiti que não tinha falado com o Luca primeiro.

— Não está nada contente com isso. Está... Meu Deus, Elena. Já nem sequer sei quem é.

— É um idiota, é o que é — diz a Elena, e depois suspira. — Oooh. Rosas!

Corre para a caixa das rosas, e, apressadamente, pouso o copo de água e sigo-a, estendendo a mão para o cartão que o Luca deixou em cima da mesa.

— Espera! — suplico, mas a Elena agarra-o primeiro.

Tapo os olhos com a mão, ela lê o bilhete que o Weston escreveu, porque sei que as minhas semanas de negação e omissões da verdade chegaram finalmente ao fim. O dado está lançado. Está na altura de dizer a verdade.

— O Weston? O *Weston*? — A Elena olha para mim, baralhada. — O tipo que fez com que fôssemos expulsas da discoteca? O polícia que atendeu a queixa de barulho contra nós? Disseste-me que só tinhas visto esse tipo umas duas vezes e agora ele manda-te *rosas*? Desembucha, Gracie. Agora mesmo.

Desabo no sofá com um gemido envergonhado. Era inevitável que as minhas amigas descobrissem o meu caso com o Weston, mas tenho andado a tentar ganhar algum tempo para perceber primeiro a minha relação com ele antes de falar sobre ela a mais alguém. É um facto que será agradável não ter de continuar a mentir à Elena e à Maddie sobre o meu paradeiro. Na sexta-feira, quando eu e o Weston atravessámos de bicicleta a ponte Golden Gate, disse-lhes que o tinha feito sozinha.

A Elena bate o pé impacientemente, com uma sobranceira arqueada.

— OK, apanhaste-me. Tenho estado com o Weston.

Pego numa almofada e escondo-me atrás dela, a proteger-me da série de perguntas que a Elena com certeza me vai atirar, mas ela apanha-me de surpresa quando exclama:

— Oooh!

Instala-se no sofá ao meu lado e arranca-me a almofada das mãos.

— Porque é que nunca me dás ouvidos? Eu sabia que vocês seriam bons um para o outro!

Comprimo os lábios e lembro-lhe:

— Queres dizer que pensaste que seríamos bons um para o outro para sexo depois de um rompimento.

— Bem, sim — diz a Elena —, mas se se tornou algo mais do que isso, então, ainda melhor! Ele é giro. E é polícia. Agora percebo porque é que tens andado relativamente estável nos últimos tempos... Que se lixe o desgosto de amor. Tu tens um novo homem!

Reviro os olhos e tiro-lhe a almofada, arranhando ansiosamente o tecido.

— Estou a lidar melhor com a separação do que antes, não só por causa do Weston, mas também por causa do próprio Luca. Ele transformou-se num idiota insuportável. Ele e o Weston até se pegaram num bar na outra semana. Ele estava a falar mal de mim e o Weston pô-lo no lugar.

— Hum... Um homem a defender a tua honra. Isso é *sexy*. — A Elena suspira

sonhadoramente. — Conta-me *tudo*.

E não é um pedido difícil de satisfazer, porque tenho tanto, tanto para dizer sobre o Weston. Só coisas boas, claro.

WESTON

De alguma forma, o Cameron conseguiu arrastar-nos, a mim e ao Brooks, para uma sessão de treino conjunta no ginásio. Não faço ideia de como conseguiu apanhar o Brooks, mas estou contente por ele ter aparecido. A única pessoa que está a faltar à rotina de exercício mais do que eu é o Brooks, portanto, pelo menos, há algum consolo em não estar sozinho. O Cameron está decidido a fazer-nos sofrer.

— Espera lá — diz o Brooks, sentando-se direito no banco. O suor escorre-lhe da testa. — Porque estás a pegar em mais pesos?

O Cameron enfia um peso numa das extremidades da barra.

— Porque é demasiado fácil. Não estás a esforçar-te o suficiente. Preciso de que repitas até caíres para o lado. — Adiciona um peso à outra ponta da barra.

O Brooks troca um olhar horrorizado comigo, e abano a cabeça, solidário.

— Os meus cotovelos quase se foram abaixo durante aquela série, e perdi momentaneamente o fôlego — diz ele. — Não consideras isso um esforço?

— Não.

— Odeio esta merda — resmunga o Brooks, e deita-se de costas no banco, rezando a Deus para que o Cameron nos deixe sair vivos deste ginásio. Cerra os dentes com determinação quando o Cameron se põe atrás do banco para o observar.

Como já dei tudo por tudo no levantamento de pesos, estou a descansar pateticamente os meus braços finos como esparguete e tomo um batido de proteína, mas o Cameron não está pelos ajustes.

— Não te disse para fazeres elevações laterais?

— És do piorio — resmungo enquanto me esgueiro para ir buscar uns halteres.

Apesar de me arderem os ombros, de me doer o peito e de já não conseguir sentir os braços, esta sessão não está de facto a ser *tão* má como isso. É bom estar de volta ao ginásio depois de tanto tempo, e já sinto a cabeça mais desanuviada, portanto, prometo a mim mesmo que vou tentar fazer exercício nos meus dias de folga. Vai ajudar-me a manter a sanidade mental.

Quando regresso com os halteres, dou com o Brooks perto da morte, com a barra a baixar-se perigosamente perto do peito, até que o Cameron suspira e intervém para o salvar. Ainda bem que o Adam nunca pôs o pé num ginásio e não planeia fazê-lo nunca, porque não conseguiria aguentar o regime militar do Cameron. Haveria uma luta no meio desta secção de pesos.

— Estou derreado. Estou *derreado* — balbucia o Brooks, agarrando a toalha e limpando o suor da cara.

O Cameron lança-me um olhar incisivo e começo a fazer elevações laterais para o apaziguar.

— Só vim porque queria dizer-vos uma coisa — diz o Brooks. Deixa-se ficar sentado no banco e entrelaça as mãos entre os joelhos. — Sabem que eu e a Nicole celebrámos o nosso terceiro aniversário no fim de semana... Bem, já ando a pensar nisto há algum tempo, e é decididamente o que quero. — Levanta os olhos do chão, com um sorriso. — Vou pedi-la em casamento.

Paro de fazer repetições.

— Parabéns, pá! — diz o Cameron, agarrando o ombro do Brooks.

É uma declaração empolgante para o Brooks, mas a mim dá-me a sensação de um murro no estômago. Eu e a Charlotte estivemos juntos mais tempo, mas nem uma *única* vez me passou pela cabeça casar-me com ela. Nunca pus a hipótese de comprarmos uma casa juntos, nunca a imaginei de vestido de noiva, nunca pensei em filhos com ela... Nunca pensei na Charlotte como o meu futuro, mas será que foi mais um erro meu, ou será que ela nunca esteve *destinada* a ser o meu futuro?

— São ótimas notícias — digo, afivelando um sorriso. É de facto uma ótima notícia para o Brooks, mas levanta muitas questões para mim. — Quando pensas fazer o pedido de casamento?

— Ainda este mês — diz o Brooks. — Preciso de pensar em algo único e romântico primeiro, mas tenho a certeza de que ela diria que sim mesmo que eu me ajoelhasse com um anel de fantasia.

— Oh, com certeza que vai dizer que sim. Posso ser o teu padrinho? — pergunta o Cameron.

— Depois do que me fizeste passar agora? Nem pensar.

— Não é problema meu que não venhas ao ginásio há mais de um ano. Olha

para aquela miúda ali a levantar três pesos. Ela envergonha-te. — O Cameron acena com a cabeça para o outro lado do ginásio e lança um rápido olhar por cima do ombro.

Inacreditavelmente, está ali uma rapariga a levantar seis pesos no total com toda a facilidade. Desvio o olhar com a mesma rapidez, porque, embora estivesse a fitá-la com admiração, nenhum tipo quer alguma vez ser *esse* tipo no ginásio. Depois, olho para ela uma segunda vez. Quando a rapariga termina a sua série, a amiga que está ao lado dela aplaude discretamente. Reconheço as duas.

— É a Gracie — digo, pousando os pesos que tinha nas mãos.

O Cameron empurra-me para o lado para ver melhor.

— A *tua* Gracie consegue levantar mais de cento e cinquenta quilos?

— Não. Essa é a amiga dela. A Maddie.

— Bem, então apresenta-nos! — diz o Cameron, e põe-se em movimento.

O Brooks ri-se e empurra-me para a frente.

— Fica grato pela pausa.

Em defesa deles, não tenho de me preocupar com o comportamento do Cameron e do Brooks. Os dois são tipos fixos. Se o Adam estivesse aqui, *no entanto*, ficaria muito mais nervoso por ter de apresentar oficialmente a Gracie aos meus amigos. Eles também estavam na discoteca, mas a Gracie foi apenas um pontinho no radar deles. Até no meu, é certo. Não lhe prestei nenhuma atenção na discoteca.

— Ei, olá — digo, batendo no ombro da Gracie.

Ela dá um salto de medo e vira-se, com a mão sobre o coração. O seu pânico desaparece instantaneamente quando se apercebe de que sou apenas eu, e os seus lábios entreabertos transformam-se num sorriso.

— Weston!

— Parece que decidimos estreitar-nos no ginásio na mesma tarde.

A Gracie não é a única que se tem desleixado no exercício físico nos últimos tempos, mas as separações têm esse efeito. Viram a vida do avesso, e olhar pela saúde mental torna-se a prioridade. A Gracie já mencionou mais do que uma vez os seus planos de voltar ao ginásio, mas, de *todos* os ginásios de São Francisco, qual é a probabilidade de já frequentarmos o mesmo? Calculo que a mesma de ser eu o polícia enviado para tratar de uma queixa de barulho feita contra ela. Alguma força maior está decidida a juntar-nos, mas não me queixo.

— Olá, Maddie — digo, e a Maddie sopra o ar dos pulmões e acena-me.

Ficou encantada por me ajudar no dia em que me atendeu na caixa da Zara, dizendo-me onde é que podia encontrar a Gracie, por isso, parece-me bastante fixe.

— Cento e cinquenta e sete... Ena — diz o Cameron com apreciação, contando os pesos. — Fizeste isso sem esforço.

A Maddie fica corada.

— Estavas a ver?

— É *personal trainer*, este bonito. Se levatares pesos, ele vai reparar — digo, apontando para o Cameron. O Brooks está ao lado, um pouco embaraçado, e não posso deixar de me rir. — Acabei de perceber que já nos conhecemos todos. Gracie, Maddie... Estes são os meus amigos. O Cameron. O Brooks. Eles também entraram à penetra na vossa cabina naquela noite na discoteca.

— Onde está o outro tipo? — pergunta a Maddie, ajustando os óculos. — Aquele a que deste um murro na cara.

— O Adam? Oh, ele é um preguiçoso. O ginásio é o seu pior pesadelo.

A Maddie troca um olhar sabido com a Gracie e ambas se riem. Diz:

— Para a Elena, também. Isso explica porque se deram tão bem.

Baixa-se e começa a tirar um peso que tinha colocado na barra, e o Cameron e o Brooks ajudam-na instintivamente.

— Não sabia que este era o teu ginásio — diz a Gracie, aproximando-se. — Venho aqui há anos, e penso que nunca reparei em ti.

— Nem tu nem eu éramos sequer capazes de reparar em mais ninguém até há um mês — digo, e depois inclino a cabeça um pouco para o lado enquanto a observo com um sorriso idiota como tudo.

É tão gira. Está com uns calções curtos e um sutiã desportivo, e nem sequer escondo que estou a mirá-la. O meu olhar viaja para cima e para baixo pelo seu corpo mais do que uma vez. Tem as pernas tonificadas de uma forma tão definida que me pergunto como teve de se esforçar quando subimos a encosta de bicicleta na semana passada. Está com um par de *Nike* velhos e tem um elástico azul à volta do pulso, embora o seu cabelo já esteja preso num rabo de cavalo alto, com a franja a emoldurar-lhe o rosto. Não está maquilhada, mas não precisa. A sua pele brilha com uma camada de transpiração, e não sei se são feromonas ou o quê, mas o desejo de lhe tocar, de a beijar, de a sentir torna-se subitamente incontrollável.

Um tom de vermelho tinge as faces da Gracie.

— *Weston* — diz ela timidamente, olhando de relance para os nossos amigos. Os três ainda estão a tirar os pesos da barra.

— Não me importo de vir ao ginásio se isso significar que posso olhar para ti — digo, enfatizando o ardor nos meus olhos enquanto estendo a mão para o pulso dela, guiando-a num pequeno círculo. Ela acede, rodopiando para mim. — Com os diabos.

— Alguém se está a sentir extremamente namoradeiro hoje — comenta ela, e o brilho nos seus olhos azuis é inconfundível.

— Tu torna-lo fácil, Gracie Taylor.

Deslizo a mão do seu pulso para a mão, entrelaçando os nossos dedos. Toda a gente que é importante para mim sabe agora da Gracie, o que é muito libertador.

Não sei exatamente o que a Gracie tem dito às amigas sobre a nossa situação, mas ela não tenta tirar a mão da minha na frente da Maddie, e isso diz muito.

— As rosas — murmura a Gracie, e abano a cabeça para a calar.

— Já me agradeceste mil vezes. Não te atrevas a fazê-lo outra vez — aviso.

As rosas foram entregues no apartamento dela ontem, e o gesto caiu extremamente bem, para meu grande alívio. Depois de ter saído da florista, comecei a pensar demasiado no assunto. Preocupava-me que a Gracie pensasse que estava a esforçar-me demasiado, mas, sobretudo, temi que se apercesse de que gosto *realmente* dela e de que as rosas a assustassem se ela não sentisse o mesmo. No entanto, ontem telefonou-me várias vezes a expressar gratidão. Uma luz verde.

— Está bem... — diz a Gracie. Lança outro olhar aos nossos amigos pelo canto do olho e, de seguida, puxa-me a mão. — Que tal se eu te mostrasse o quanto aprecio as rosas, então?

A sua voz sensual faz disparar para o raio do teto o desejo que sinto por ela. Puxa-me mais firmemente a mão agora, conduzindo-me pelo ginásio. Seria um idiota se não a seguisse, portanto, é o que faço, embora atordado.

— Aonde é que vocês os dois vão? — chama o Brooks.

— Assuntos importantes — digo. — Vocês fazem companhia uns aos outros e nós voltamos daqui a um segundo.

Não olho para eles o tempo suficiente para ver as suas expressões mudarem. Tudo o que me interessa é a Gracie e para onde diabo me vai levar. Contornamos máquinas e equipamentos até ao outro lado do ginásio e atravessamos a porta dos balneários unissexo. Ainda com a mão na minha, puxa-me com ela quando espreita pela fila de armários, para a esquerda e depois para a direita. Não há mais ninguém aqui neste momento.

A Gracie põe-se à minha frente, empurra-me com força contra um armário e pressiona apaixonadamente os lábios nos meus. Estou tão excitado que só preciso de um nanossegundo para processar a minha surpresa antes de retribuir imediatamente o beijo com a mesma intensidade. Não avançamos aos poucos, porque não há dúvida de quão desesperadamente nos desejamos. Inclino o queixo dela para cima, beijando-a profundamente, lentamente, a provocá-la.

— Gostas realmente de rosas, hem?

— Não — sussurra a Gracie. — Gosto realmente de ti.

A declaração dela é mais uma acha para a fogueira. Tomo-lhe o rosto nas mãos e esmago os lábios nos seus. Ela é muito mais forte do que eu pensava, porque, apesar de ser tão pequena, tem todo o peso do seu corpo pressionado contra mim, imobilizando-me contra o armário. Começa a puxar a cintura dos meus calções e afasto os lábios dos dela, ainda a segurar-lhe o rosto. Os nossos olhares prendem-se.

— Aqui? — pergunto, olhando para a esquerda e para a direita.

A Gracie sorri, marota, agarrando a ponta da minha *T-shirt* sem mangas.

— Tens medo de que nos apanhem?

— Não, é só que... Não pensei que fosses do género...

— Oh, meu Deus. — A Gracie atira a cabeça para trás e solta a gargalhada mais maravilhosa, que percorre toda a fila de armários. — Achas mesmo que sou uma menina bem-comportada, não achas?

Fito-a, impassível.

— O teu nome é Gracie. Queres ser professora do ensino básico. Sim. Acho que és uma menina bem-comportada.

— Oh, Weston — diz a Gracie, muito divertida, e o brilho sedutor nos seus olhos só se intensifica. — Estive com o Luca durante *sete* anos. Experimentei uma ou duas coisas.

— Não digas o nome dele — rosno, agarrando-a pela cintura, e empurro-a para trás, para dentro de um dos cubículos onde se muda de roupa, trancando a porta. Beijo-lhe fervorosamente o pescoço até a minha boca chegar à orelha dela. — Vou comer-te com tanta força que vais esquecer que ele alguma vez existiu.

A Gracie estremece com expectativa. Agora é a minha vez de assumir o controlo, e pressiono o peito contra o dela e seguro-a contra a parede do cubículo enquanto deslizo a mão para dentro daqueles seus calções minúsculos. Ela enrosca os dedos no meu cabelo, com a respiração entrecortada por suspiros. Morde o lábio com força, a reprimir os gemidos de prazer, que mesmo assim enchem o cubículo. Está tão molhada que humedeceu os calções. Ajudo-a a despi-los antes de tirar os meus, e depois viro-a. Ela apoia-se com as mãos contra a parede, curvada e com as costas perfeitamente arqueadas. Só a vista é suficiente para me fazer gemer. Agarro-lhe as ancas e penetro-a lentamente.

Ela arqueja, e ponho-lhe uma mão sobre a boca.

— Consegues não fazer barulho, Gracie?

A Gracie acena com a cabeça. Passo a outra mão à volta do seu rabo de cavalo ao mesmo tempo que invisto com firmeza, mordendo a língua. Gosto tanto de fazer amor com ela, mas é perigoso *como* ela sabe bem. É impossível durar muito tempo. Penetro-a com mais força, acelerando o ritmo num crescendo, e o corpo dela balança-se para a frente com cada investida. Ferra os dentes na minha mão para abafar os gemidos, mas a sensação que aquilo me dá é eufórica, e atiro a cabeça para trás, com os olhos a revirar de prazer. Vou vir-me daqui a pouco.

— Estás a ser uma menina muito boa para mim — segredo, ofegante.

Saio de dentro dela quando estou quase a vir-me e viro-a de frente para mim. Ela beija-me como se *precisasse* de me beijar para sobreviver, e passo as mãos por baixo do rabo dela e levanto-a do chão. Ela põe as pernas à volta da minha cintura, as mãos nos meus ombros e o seu olhar extasiado prende-se no meu enquanto a guio para cima de mim. É tão íntimo, estarmos assim de frente um para o outro.

— Ainda somos só amigos? — segreda a Gracie, empurrando ternamente o meu cabelo para trás.

— Não — digo num tom terminante.

Não sei como arranjo força nos braços, mas, com as mãos ainda no rabo dela, faço o seu corpo balançar para cima e para baixo, e ela adapta-se ao ritmo. Meneia-se e rebola contra mim, e, mesmo quando ouvimos a porta do balneário abrir-se, nem um nem o outro paramos. Redobramos a nossa concentração. Dou tudo por tudo para não deixar escapar um único som da boca, e a Gracie crava as unhas nos meus ombros. Não ajuda a conter a nossa respiração caótica, mas nesta fase já não quero saber. Estou prestes a explodir.

Prendo os braços em volta da cintura da Gracie e abrando o ritmo dela até parar. As pernas começam-me a estremecer quando um calor explosivo se espalha pelo meu corpo, e enterro o rosto naquela pequena cova do pescoço dela que adoro, dominado pelo prazer do meu clímax. Como mal sou capaz de nos segurar aos dois, não consigo evitar esbarrar contra a parede com ela.

Há vozes no balneário agora, mas são apenas alguns rapazes a ter uma conversa casual sobre um concerto que vai realizar-se. Ninguém suspeitou de nada, e eu e a Gracie sorrimos um para o outro, delirantes. Não era bem o exercício físico que eu tinha planeado quando vim ao ginásio hoje, mas não deixa de ser uma forma de queimar calorias.

— Sai tu primeiro — segreda a Gracie, e passo-lhe os calções do chão. — Vou-me limpar e encontro-me contigo lá fora daqui a um segundo.

Dou-lhe um beijo na têmpora enquanto visto os calções e, de seguida, destranco a porta do cubículo e saio para o balneário. Faço um aceno de cabeça aos tipos que ouvimos a conversar e volto para o salão do ginásio, passando as mãos pelo cabelo numa tentativa meio atamancada de o domar.

Eu e a Gracie só nos ausentamos por uns minutos e, durante esse tempo, o Cameron, o Brooks e a Maddie passaram para um suporte de agachamentos. A Maddie parece encantada por ter ajuda, porque o Cameron e o Brooks estão a carregar mais pesos para ela. Está a desfrutar do seu momento como personagem principal. O Cameron está fascinado a ver uma mulher levantar um peso incrível, e o Brooks está apenas aliviado por ter uma pausa dos treinos árduos do Cameron.

— Não foste capaz de tal coisa... — diz o Cameron quando me aproximo deles. Coloca outro peso na barra e depois abana-me a cabeça de uma forma severa e paternal. — Eu trabalho aqui, Weston. Vá lá.

— O quê? — Finjo-me inocente, franzindo as sobrancelhas com um ar forçado de confusão.

— Acabaste de dar uma queca no balneário!

— Pois foi. Olha para o sorriso que está a esconder — diz o Brooks, e explode em gargalhadas, olhando-me de alto a baixo. — Podias ter-te visto ao espelho

antes de voltar para aqui. O teu cabelo não estava assim há cinco minutos.

A Maddie põe as mãos nas ancas e acena com a cabeça para a porta do balneário. Olho para trás e vejo que a Gracie está a sair do balneário, a passar os dedos pelo cabelo para o pentear, com um sorriso envergonhado no rosto quando nos vê a todos a olhar para ela.

— Oh, sim — diz a Maddie, a rir-se. — Decididamente, estiveram a dar uma queca.

GRACIE

Encontro-me com o Weston para jantar na sexta-feira à noite, depois do turno dele. Embora ele ainda acredite que trabalhar na polícia é a pior decisão que já tomou, tem tido uma vida relativamente fácil nesta semana desde que apareceu à minha porta a meio da noite, traumatizado. Nenhum outro turno o afetou nem de perto nem de longe como aquele, e agora faço questão de falar com ele sempre que sai do trabalho, para o caso de haver alguma coisa sobre que queira desabafar. Pelo que ouço, o turno de hoje foi bastante sossegado, normal.

— Mas, pelo menos, o Bill está um bocado mais relaxado — diz o Weston, atirando uma batata frita para a boca, e sorrio-lhe do outro lado da mesa, como uma adolescente tontinha dominada por uma paixão de longa data. — Como correu a tua aula de condução hoje?

— Estacionei em paralelo! — exclamo, e, apesar de estacionar em paralelo ser uma competência que a maioria da população possui, o Weston não deixa de sorrir com orgulho. É apenas a minha segunda aula, mas já *sei* conduzir, portanto, é tudo uma questão de aperfeiçoamento. — Talvez tenha mais uma aula e depois faça o exame.

— E depois tens de comprar um carro.

— Queres vir comigo escolher um? Acho que gostava de um *Mercedes* preto.

O Weston revira os olhos e diz:

— *É claro* que queres um *Mercedes*. Não consigo imaginar-te num *Toyota*.

Mas sei como imagino o Weston. Imagino-o com a mão sobre a minha boca naquele cubículo apertado do balneário do ginásio, e derreto-me completamente sempre que essa imagem me passa pela cabeça. Preocupo-me com a minha

sanidade mental, porque está quase a tornar-se uma obsessão. Só penso nele.

Ele pega no hambúrguer para dar uma dentada, mas o seu telemóvel começa a tocar. Atende logo, e, depois de apenas alguns segundos, endireita-se no lugar. Bebo um gole do meu refrigerante e observo-o com curiosidade. A chamada dura apenas trinta segundos, e, depois, o Weston desliga, olha para mim com um sorriso deslumbrante e diz:

— A mulher do Keaton acabou de ter o bebé. O James. Que achas de fazermos uma viagem de carro para conhecer o meu sobrinho?

— Adorava! Parabéns, tio Weston.

Despachamos o resto da comida, pagamos a conta e saímos a toda a pressa do restaurante para o carro do Weston. O irmão mais velho dele, o Keaton, vive a umas duas horas a norte. A meio da viagem, questiono-me se devia aparecer no hospital com o Weston. Ainda não conheci ninguém da família dele. Ele garante-me, mais do que uma vez, que a sua família está desejosa de me conhecer. O pai e a irmã também estão a caminho do hospital, e terá sido uma noite longa para mim e para o Weston quando regressarmos a São Francisco. Já passa das nove.

— Aconteceu tão depressa — diz o Weston, cheio de entusiasmo nervoso, quando entramos no parque de estacionamento do hospital. — O Keaton nem sequer disse a algum de nós que ela tinha entrado em trabalho de parto. Pá, adoro a minha sobrinha mais do que tudo, mas mal posso esperar para atirar umas bolas em vez de apertar vestidos minúsculos em *Barbies*.

O entusiasmo dele é adorável. Não sabe o que fazer consigo mesmo, e, quando atravessamos o estacionamento de mãos dadas, desata a correr de repente.

— Mais devagar! — Rio-me, esforçando-me por acompanhar os seus passos largos.

Apesar de ser tarde, a ala da maternidade do hospital ainda está cheia de atividade. *Obviamente*. As enfermeiras aqui vestem batas cor-de-rosa-pálido e marcham rapidamente pelos corredores, para a paciente seguinte. Há uma sala de espera onde os visitantes esperam pacientemente por boas notícias enquanto as mães estão em trabalho de parto, mas, como o bebé do Keaton já nasceu, vamos pelo corredor à procura do quarto em que estão. O pai e a irmã do Weston chegaram antes de nós e deram-nos o número. O Weston está tão ansioso que acaba por passar pelo quarto sem o ver.

— É aqui — digo-lhe, agarrando-lhe o braço e puxando-o para trás.

Ele ri-se nervosamente, depois respira fundo antes de bater suavemente na porta, a abrir e espreitar para dentro. Sigo-o, escondendo-me ligeiramente atrás dele. Agora que estou aqui, sinto-me ainda mais como se estivesse a pisar um risco.

O quarto está em silêncio, na penumbra, sossegado. Só há um candeeiro de pé aceso no canto, mas percebo porquê. A mulher do Keaton está a dormir

profundamente na cama. Olho de relance para os outros. Há um homem mais velho, de bigode, que deve ser o pai do Weston, sentado numa cadeira ao canto com uma criança ao colo, um homem mais novo, também de bigode, que deve ser o Keaton, e uma rapariga, que deve ser, obviamente, a irmã dele, a Peyton. Os três observam-nos enquanto entramos no quarto, com as expressões de cada um deles iluminadas pela alegria. Do outro lado da cama, um recém-nascido com um gorro azul-bebé dorme profundamente no berço.

— Olá — segreda o Weston a todos. Abraça primeiro o irmão, puxando-o ao peito e dando-lhe palmadinhas nas costas. — Parabéns, pá. Como está a Lily?

— Uma maravilha — responde o Keaton, com a voz igualmente baixa. — Acabou de adormecer.

— Tio Wes! — exclama a criança, atravessando o quarto de um salto e pondo os braços à volta das pernas do Weston. *Tio Wes*. Tão fofinho. Ele pega nela ao colo e abraça-a.

— Chiu. A mamã e o James estão a dormir — lembra o Keaton à filha.

Com a sobrinha ainda nos braços, o Weston olha embaraçado à volta da sala e faz-me um aceno de cabeça, já eu paio ansiosamente junto à porta.

— Esta é a Gracie, já agora — sussurra, e depois gesticula para todos os outros, um a um. — Este é o meu pai, Mark. O Keaton. A Peyton. E esta pequena superestrela é a Sophia.

Beija a sobrinha na testa e ela ri-se. É um facto mais do que comprovado que ver um homem a saber lidar com crianças só o torna mais atraente, e posso garantir absolutamente a sua veracidade. Ver o Weston a abraçar-se à sobrinha faz-me doer um pouco o coração, e ele ainda nem sequer pegou no recém-nascido. Não vou aguentar quando o fizer.

— É um prazer conhecer-vos a todos — segredo com um pequeno aceno.

O Weston é mais parecido com a irmã. Os dois são morenos, têm feições definidas e os mesmos olhos castanhos, e consigo absolutamente imaginá-la como uma mulher-soldado durona a trabalhar no ultramar. Sinceramente, a família Reed é um bocado intimidante. O pai do Weston é polícia aposentado, o irmão é piloto, a irmã, militar... Diz muito sobre os valores e a disciplina deles, e, enquanto os observo na sala na penumbra, reparo em como cada um deles tem um porte decididamente digno. Cabeças erguidas, ombros relaxados, posturas confiantes.

— Queres pegar nele, Weston? — pergunta o Keaton, apontando para o berço.

— Por favor — diz o Weston. Pousa a Sophia e dirige-se para o berço, olhando para o recém-nascido adormecido. O seu sorriso torna-se ainda mais rasgado. — Espero que tenha um braço de arremesso forte quando for mais velho.

O Keaton ri-se. Mete as mãos no berço, levanta delicadamente o bebé e põe-no

nos braços do Weston. E sim. Não consigo aguentar.

— Ei, pequenote — diz o Weston.

O Keaton sente-se suficientemente confiante na capacidade do Weston para tomar conta do bebê durante alguns minutos, porque leva a Sophia para irem buscar um sumo a uma máquina de venda automática. O Mark e a Peyton, depois de um momento de deliberação, também decidem que lhes apetece comer qualquer coisa. Desaparecem do quarto, deixando-me a mim e ao Weston sozinhos com o pequeno James e a Lily adormecida.

— Vem vê-lo — diz-me o Weston, num tom de voz cheio de animação.

Senta-se na cadeira que o pai deixou vazia, com o recém-nascido ainda bem aconchegado nos braços e a dormir profundamente. Não consegue arrancar os olhos dele. Ponho-me ao seu lado e pouso-lhe uma mão no ombro. Adoro crianças. Sempre adorei. As crianças são tão puras e otimistas, sempre a verem o lado bom do mundo. A única coisa de que gosto ainda mais do que de crianças é de bebês, portanto, o meu coração entra em combustão quando ponho os olhos no James. Lábios carnudos, nariz de botão, dedos minúsculos. *Abbb*.

Aperto o ombro do Weston com um pouco mais de força.

— Gostavas de ter filhos um dia?

— Gostava — diz, mas o seu suspiro conta outra história. Enfia o dedo na mão de James e o bebê aperta-a delicadamente à volta dele. — Mas criei-me com um polícia como pai, e, sempre que ele fazia uma ronda, eu tinha um sentimento de pavor que me consumia. O Keaton e a Peyton não se preocupavam nada, mas eu ficava com a cara encostada à janela, à espera de que o pai chegasse a casa. Sempre que ele se atrasava mais de uma hora, a mãe começava a andar de um lado para o outro e a fazer telefonemas. Uma vez, não chegou *mesmo* a casa, porque tinha levado um tiro no braço e estava nas urgências. Chorei durante *horas*. Como na altura eu era muito pequeno, pensei que ele ia morrer. — O Weston levanta os olhos do bebê, e eles têm uma tonalidade mais profunda de castanho na penumbra deste quarto de hospital. — Portanto, sim, quero ter filhos, Gracie... mas preocupa-me que um dia possa não voltar para eles.

— Oh, Weston — suspiro. Detesto que já se preocupe assim com o futuro, e toca-me tão intensamente o coração que até sinto uma dor física a palpar-me no peito. Ajoelho-me ao lado dele e pouso a mão no seu joelho. — Acho que devias deixar a polícia. E sei que não me cabe a mim dizer-te isso, mas é evidente que é o que queres fazer, e só precisas de alguém que te diga que não faz mal. Não faz mal afastares-te de alguma coisa que não é para ti, Weston. Desiste.

— Mas o meu pai...

— Compreenderia — termino.

Nenhum pai quereria que o filho seguisse os seus passos se isso o deixasse assim *tão* assustado, mas o Weston não consegue engolir o orgulho. Precisa de

algun tempo para descubrir qual o caminho que quer seguir. Precisa de uma pausa.

— Despede-te, Weston, e vem viajar comigo.

O canto da boca dele estremece num sorriso triste. Continuamos a falar em voz baixa, e ele aconchega o James ao peito um bocadinho mais.

— Eu não posso viajar para o outro lado do mundo durante seis meses, Gracie. Esse é o *teu* desafio. Quero que o faças sozinha para provares a ti própria que és capaz de tudo, embora pense que vou sentir a tua falta... Só um bocadinho. — Solta a mão do James e toca-me no queixo, passando o polegar pela minha face.

— Se eu enfrentar o meu medo e for viajar sozinha — segredo, pressionando o rosto na palma da mão dele e absorvendo o calor de sua pele —, tu enfrentarias o teu e largarias o emprego?

— Não posso, Gracie.

A porta abre-se com um estalido, e o Mark e a Peyton voltam primeiro, com refrigerantes e pacotes de batatas fritas. Levanto-me do chão e consigo fazer um sorriso como se a minha mente não estivesse a rodopiar. Gosto tanto do Weston que, quando ele está a sofrer, também sofro.

— Posso pegar nele? — pergunta o Mark, e o Weston transfere o bebé dos seus braços para os do pai.

— Ei, Gracie — segreda a Peyton, aproximando-se de mim. — Queres ir lá para fora por um segundo para podermos falar?

— Não a submetas a um interrogatório — avisa o Weston, e a Peyton ri-se, trocista.

Oh não. Sem deixar transparecer a minha apreensão, aceno educadamente com a cabeça e sigo a Peyton para fora do quarto. O Weston já me tinha avisado de que a mais difícil de conquistar é a Peyton, por isso, não faço ideia do que vou enfrentar. E se ela não gostar de mim? O Weston é próximo dos irmãos, e calculo que a aprovação deles é importante.

A Peyton e eu encontramos umas cadeiras vazias ao fundo do corredor, e ela abre o pacote de batatas fritas e oferece-me uma. Para quebrar o gelo.

— Não, obrigada — digo. — Eu e o Weston estávamos a jantar quando ele recebeu a chamada, portanto, estamos os dois cheios. Parabéns, já agora! Deves estar tão contente por não teres perdido isto.

— Não vou mentir e dizer que não planeei a minha licença em torno da data do nascimento — admite a Peyton, atirando outra batata frita para a boca.

Tem mais ou menos a mesma altura que eu, mas o seu corpo pequeno é claramente enganador. Deve ser uma mulher durona, se sobreviveu ao treino básico do exército. Eu era capaz de desmaiar depois de uma flexão, não tenho dúvidas.

— Acho que o Weston também precisava de mim em casa. Sou eu quem o

mantém na linha. Posso perguntar como é que se conheceram? Ele foi vago sobre isso.

Então, isto é mesmo um interrogatório. Não tenho a certeza do que a Peyton sabe, mas não quero começar com o pé errado mentindo. O meu riso é de nervosismo.

— O homem com quem eu namorava há sete anos deixou-me na semana do meu aniversário e eu estava de rastos. As minhas amigas arrastaram-me para uma discoteca para me animar. Acho que os amigos do Weston tinham o mesmo objetivo para ele, porque ele também estava na discoteca nessa noite.

A Peyton franze a testa.

— Então, conheceram-se numa discoteca?

— Não, conhecemo-nos no Uber depois — digo, e apercebo-me logo de como aquilo soa. Espalha-se um calor abrasador pelo meu rosto. — Espera, não. Deixa-me recuar um passo. O Weston e um amigo dele envolveram-se numa briga e nós fomos *todos* expulsos da discoteca.

— Era o Adam, por acaso?

— Era.

— É claro — diz a Peyton, revirando os olhos. Mordisca a ponta de outra batata frita enquanto me escuta. — Continua.

— Sinceramente, só queria ir para casa, e o Weston estava a ir-se embora num Uber. Partilhei uma boleia com ele — explico, mas, embora tenha sido há apenas cinco semanas, parece que foi há uma vida inteira.

Na altura, eu encontrava-me num estado de espírito totalmente diferente, e é graças ao Weston que me sinto tão estável como me sinto atualmente.

— Eu estava a chorar muito, e ele abraçou-me. Estávamos ambos a ter uma semana difícil. Ele esqueceu-se do telemóvel em minha casa, e voltou para o ir buscar na manhã seguinte.

— Isso até é fofinho — diz a Peyton, recostando-se na cadeira. — Não te vou mentir, Gracie, eu era uma grande fã da Charlotte e estou muito desiludida com o meu irmão por ele ter estragado tudo com ela. Ainda estou furiosa com ele, e também confusa.

Aceno com a cabeça, a ouvi-la. A minha ligação com o Weston fortaleceu-se com uma rapidez incrível, e estou perfeitamente ciente de que isso pode não fazer sentido para a maioria das pessoas mais próximas de nós. Estive tão apaixonada pelo Luca durante sete anos que me resignei a ficar solteira durante muito, muito tempo antes de estar pronta para voltar a namorar, e imagino que o Weston sentisse o mesmo no que dizia respeito à vida depois da Charlotte. Não podemos alterar o momento em que nos conhecemos, mas o facto é que nos encontrámos, e agora as coisas estão a desenvolver-se de uma forma que nunca poderia ter imaginado. Novos sentimentos não invalidam os sentimentos que um dia tivemos

pelo Luca e pela Charlotte.

— Nós *éramos* apenas amigos no princípio — digo à Peyton. — Mas simplesmente fizemos clique. Entendemo-nos um ao outro, e não faço ideia de como teria sobrevivido ao último mês sem ele. Ele está a fazer-me acreditar que é possível apaixonarmo-nos de novo.

A Peyton faz beicinho.

— Oh! — exclama, e assumo a minha vulnerabilidade. Não estou a fazer joguinhos. O que sinto pelo Weston é decididamente real, e preciso de que ela acredite. — Ouve. O Weston é o mais novo de nós os três, e é também o mais sensível. Tem um bom coração — diz. — Por isso, espero que ele aprenda com os seus erros e te trate bem. Se não o fizer, avisa-me e mato-o com as minhas próprias mãos.

Rio-me, ela amassa o pacote de batatas fritas vazio e levanta-se.

— Estava preocupada que não gostasses de mim — confesso.

— Não te preocupes. Já sabia que ia gostar de ti quando o Weston me disse que querias ser professora do ensino básico — diz com um sorriso, estendendo-me a mão para me ajudar a levantar-me. Há um lampejo de afeto no seu olhar quando acrescenta: — Os professores são o melhor tipo de pessoa que há.

WESTON

Olho para o Bill pelo canto do olho.

— Posso perguntar-te uma coisa?

— Claro.

— És o meu agente de formação no terreno. Tens andado a observar-me nas últimas nove semanas. As avaliações semanais que me dás são aceitáveis. Não são ótimas, mas também não são más. São medianas. — Faço uma pausa, olhando para a estrada à minha frente enquanto conduzo o carro-patrulha no trânsito. — Na tua opinião, consigo fazer este trabalho?

Sinto que o Bill me observa e pondera a minha pergunta em silêncio. É a última hora de um turno relativamente calmo, e assumi o comando com facilidade e confiança, mas foi apenas porque não houve chamadas de alto risco. Nada que não tenha já visto, nada perigoso que nos tenha provocado uma descarga de adrenalina. Em dias como este, penso que talvez *pudesse* aguentar isto.

— Acredito que tens capacidades para ser um ótimo agente — diz o Bill, por fim, pronunciando as palavras devagar para que elas realmente me caem fundo. — Fisicamente, és capaz. Tens tato e és justo. Segues bem o protocolo. Mas mentalmente? — Dá um estalido com a língua, com pena. — Tens dificuldades. Estou a pensar prolongar a tua formação.

Ainda faltam mais sete semanas de formação no terreno, e surpreende-me que o Bill já tenha tomado a decisão de a prolongar. Tenho andado a lutar com a carga mental de um trabalho tão exigente e emocional, mas pensei que o andava a esconder bem. Tinha aperfeiçoado a minha expressão impassível, e só deixei

escapar aquele *único* turno... Mas parece que o Bill consegue ver o que me vai na alma.

— Estás a dar-me um prolongamento?

— Sim — diz ele simplesmente. — Nós cuidamos das pessoas, Weston, mas também precisamos de cuidar de nós próprios. Tens de trabalhar nisso. Não vale a pena salvar ninguém se isso significar perdermo-nos a nós próprios.

Lanço-lhe um olhar cínico.

— Estás a parecer suspeitosamente compreensivo. Não tens de o ser, sabes?

O Bill ri-se, mas não diz mais nada. Mexe no computador do carro enquanto conduz, e depois senta-se direito quando a nossa controladora de operações começa a falar pelo rádio. Ela comunica uma chamada para um possível arrombamento. Os pormenores não são claros, mas o local está seguro. Não há necessidade de acender as luzes, mas aumento a velocidade. Hayes Valley. Um condomínio de apartamentos. No quarto andar.

O meu coração falha um batimento.

É o apartamento da Gracie.

— A responder — confirma o Bill à central.

— Eu conheço-a — sai-me, e piso o acelerador. Não estamos muito longe. O nosso tempo de chegada é de dois minutos.

O Bill olha para mim de forma estranha.

— Quem? A controladora de operações?

— *Não*. A rapariga que vive nesse apartamento. É... uma amiga chegada.

— É por isso que vais em excesso de velocidade?

Ignoro-o, porque sou o agente responsável. Sou eu quem decido a rapidez com que chegamos ao local e, quando a Gracie é a pessoa que precisa da nossa ajuda, *tenho* de ir a correr para lá. É uma suspeita de arrombamento, mas a urbanização dela é segura, portanto, já estou a puxar pela cabeça, a tentar pensar em possíveis cenários. Também são seis da tarde. Ainda é de dia. Os arrombamentos ocorrem quase sempre durante a noite. Que diabo aconteceu?

Estaciono a viatura à porta de uma das entradas do prédio da Gracie e entro com o código de acesso fornecido pela central. É um método muito mais fácil do que o meu habitual de, fora de serviço, tocar em apartamentos aleatórios até alguém me deixar entrar. Subimos de elevador até ao quarto andar, com o Bill a observar-me atentamente durante todo o tempo. Nesta fase do meu treino, faço a maior parte do trabalho enquanto ele observa. Só intervém quando é necessário.

— É ali adiante — digo ao Bill quando as portas do elevador se abrem. Estou sempre determinado a chegar ao local o mais depressa possível, seja qual for a chamada, mas, quando há uma ligação pessoal envolvida, *é claro* que o empenho é ainda maior.

Atravesso o corredor em passos largos, com o Bill atrás de mim, e avisto-a.

A Gracie está à espera na porta aberta do apartamento, a esfregar as mãos com nervosismo. Está pálida, branca como a cal.

— *Weston* — arqueja, e corre para mim. Atira-se para os meus braços e abraça-a. Tenho um trabalho para fazer e sei que o Bill está a ver, mas a Gracie precisa primeiro de que a reconforte. Encosta o rosto à minha farda e murmura: — Não pensei que fosses tu a aparecer, mas ainda bem que és. Estou tão assustada.

Com as mãos na cintura dela, afasto-me e examino cada centímetro do seu corpo. Tudo o que vejo é medo nos seus olhos azuis.

— Estás ferida de alguma forma? Estás magoada?

— Não. Não — balbucia, abanando a cabeça e agarrando-me os braços. — Só estou assustada, *Weston*.

— Telefonaste a dizer que houve um assalto? Conta-me o que aconteceu exatamente.

A Gracie lança um olhar de medo para a porta aberta do seu apartamento.

— Tinha acabado de chegar a casa de outra aula de condução com o instrutor e a porta estava aberta... *Olha*.

— *OK*, fica aqui com o Bill — ordeno, trocando um aceno de confirmação rápido com o Bill. — Vou dar uma olhadela.

Solto os braços das mãos da Gracie, que está assustada de morte, e fito-a com um olhar tranquilizador enquanto me dirijo para o apartamento dela. Sinceramente, não sei do que estou à espera. Terá sido assaltada? Ela tem muitas câmaras e equipamentos informáticos caros no apartamento, e reparei que a maior parte das roupas tem etiquetas de marca. É um alvo privilegiado para os criminosos que procuram bens fáceis de transportar para ganhar dinheiro rápido.

Com a mão pousada no cinturão de polícia, espreito para dentro.

O apartamento está um caos. Completamente saqueado.

Avanço um pé sobre a soleira da porta, mas a descarga de adrenalina está a aumentar. A Gracie disse à central que o local era seguro, mas será que é?

— Gracie — chamo-a. — Já entraste e olhaste à volta?

— Não — admite ela.

Fogo. Detesto verificar a segurança do local do crime. A probabilidade de o criminoso estar escondido no local do crime é mínima, mas acontece. Há sempre a rara hipótese de alguém se arremessar contra mim do seu esconderijo no canto de uma sala, empunhando uma arma e decidido a escapar.

Entro no apartamento, com a mão pousada no coldre da minha arma de fogo, pronto para a brandir a qualquer momento. Os estores foram arrancados das janelas, as almofadas do sofá abertas à fachada, a enorme televisão tem uma cratera no centro. Espalhadas pelo chão estão as vinte e quatro rosas que comprei para a Gracie há uma semana.

Ajoelho-me, com a cabeça ainda a girar, examinando o que me rodeia, e

apanho uma das rosas do chão. O botão está esmagado, as pétalas rasgadas. É como se tivesse sido pisada. Cerro os dentes e atiro-a para o lado.

Os armários da cozinha estão abertos, mas o seu conteúdo parece intocado. O frigorífico, no entanto, é uma história diferente. As compras frescas estão espalhadas pelo chão, e enrugou o nariz ao ver frango cru a tocar nos azulejos.

Os ladrões não costumam revistar o frigorífico.

Atravesso a sala para o quarto principal, mantendo sempre as costas contra uma parede enquanto observo a sala. Aqui a costa também está livre, mas as roupas da Gracie estão espalhadas pela cama e pelo chão. Em cima da cómoda, há uma caixa de joias. Abro-a e fico ainda mais confuso. Está cheia de relógios, de brincos, de pulseiras, de colares. As joias são *sempre* roubadas. Porque é que não tocaram nisto?

— Está tudo bem aí dentro, Reed? — pergunta o Bill do corredor.

— Estou a averiguar!

Revisto a casa de banho, depois passo para o segundo quarto, que foi convertido em escritório. Quando espreito da porta, descaem-me os ombros. Tiro a mão do coldre e coço a têmpora. Decididamente, não está ninguém no apartamento, mas, meu Deus, estou confuso. Os computadores e as câmaras ainda estão todos aqui, mas danificados. Há uma racha no ecrã do computador. Um portátil aberto está caído no chão, com o ecrã para baixo. Uma máquina fotográfica está desfeita em pedaços.

Isto não é um assalto.

Quando volto para o corredor, examino a porta do apartamento. Completamente intocada, com a fechadura intacta.

Isto nem sequer é um arrombamento.

— Então? — segreda a Gracie, com o lábio inferior a tremer e os olhos arregalados.

O Bill também aguarda o meu veredicto sobre a cena, mas limito-me a abanar a cabeça.

— Isto não foi um arrombamento — digo, com as mãos nas ancas. — Também não parece ser um assalto, mas, Gracie, preciso de que me façam um inventário completo, está bem?

— Não levaram nada? — pergunta numa voz aguda, tão confusa como eu.

— Não. Parece pessoal. E parece que a pessoa tinha uma chave.

Respiro fundo, porque consigo ver pelo seu olhar aterrorizado que ainda não tinha pensado no que me preparo para lhe sugerir. As disputas domésticas são as chamadas que mais atendo, e a destruição de propriedade é comum.

— Quando foi a última vez que falaste com o Luca, Gracie?

As sobrancelhas da Gracie erguem-se.

— Achas que foi o Luca quem fez isto?

— Ponham-me a par, por favor — pede o Bill, aclarando a voz. — Quem é o Luca?

— Um ex-namorado que vivia aqui — digo, e pego no meu bloco de apontamentos e na caneta. — Gracie, concordas que as coisas têm sido hostis com ele ultimamente, não é verdade?

— Ele não faria... — diz ela, abanando rapidamente a cabeça como se não conseguisse suportar sequer a mera insinuação disso. — Eu conheço-o, Weston. Ele *nunca* o faria.

Suspiro, porque é tão óbvio para mim, mas não para ela. Quem mais, com uma chave deste apartamento, teria um motivo suficiente para se vingar pondo-o neste estado? Ultimamente, as coisas têm-se tornado cada vez mais hostis entre a Gracie e o Luca. Ele detesta que eu esteja em cena, e detesta especialmente a Gracie ter apagado as contas deles nas redes sociais. Talvez seja assim que mostra a sua fúria.

Aponto com a caneta para a câmara de videovigilância no corredor.

— O teu prédio tem câmaras de videovigilância. Vamos verificar as gravações com o administrador do prédio. Os vossos nomes estão ambos no contrato de arrendamento?

— Sim.

Gemo. Não é impossível cobrar por danos materiais quando foi o suspeito que danificou o raio dos bens que são dele, mas complica as coisas. A Gracie tem os olhos rasos de lágrimas agora, e paro de tomar apontamentos e estendo a mão para tocar na dela. O Bill semicerra os olhos ao ver o meu gesto.

— Ouve. Há ali danos de milhares de dólares — digo-lhe suavemente. — Se descobirmos que foi o Luca, ele pode ser acusado de crime de vandalismo. Mas os bens também são teus, por isso, se não queres que apresentemos queixa, não o faremos.

— Ele não o faria... — repete a Gracie, e penso que pode estar a sofrer um choque retardado. — Nós temos discutido mais ultimamente, mas ele não destruiria a nossa casa...

— Mas já não é a casa dele, pois não? — lembro-lhe. Talvez esse seja outro elemento. Talvez o Luca tenha decidido que não quer que seja a Gracie a ficar com o apartamento de luxo deles. — Nós vamos resolver isto, Gracie. Vamos verificar os vídeos e vou escrever um relatório.

— Que é que faço agora? — pergunta, numa voz tímida. Está tão vulnerável neste momento que não posso esperar que ponha os pés sozinha naquele apartamento destruído.

Passo os dedos do pulso até ao ombro dela enquanto me aproximo. Baixando a voz, digo-lhe:

— Fica comigo esta noite. Há uma chave debaixo do tapete. Vai para lá agora e estarei em casa quando acabar este turno, daqui a uma hora. Podemos

encomendar comida. Ficas bem até lá?

A Gracie acena com a cabeça, mas ainda está a tremer. Quem me dera não ter de voltar ao trabalho. Ela precisa de mim agora, mas o melhor que posso fazer é dar-lhe um sítio seguro para ficar. A sorte do Luca é ter abandonado o local do crime, porque adoraria pôr-lhe umas algemas nos pulsos magricelas. A separação deles foi tão tóxica. Eu e a Charlotte tivemos uma separação limpa, o que, no princípio, foi insuportável para mim. Nunca houve sequer uma réstia de esperança de voltarmos a ficar juntos, o que me custou como tudo, mas agora percebo que mantermo-nos afastados foi a forma mais madura de lidar com as coisas. Respeitámo-nos durante todo este tempo, e ainda gosto genuinamente dela. Foi por isso que lhe mandei aquelas flores. É uma posição agradável e civilizada para estar.

A Gracie e o Luca, no entanto... Continuaram a figurar na vida um do outro, e agora olhem para eles. O Luca entrou numa espiral absoluta. Vale mesmo a pena uma acusação de crime por uma mulher de quem queria afastar-se? Por mais que odeie pensar nisso, lá no fundo o Luca claramente ainda ama a Gracie. Como poderia não a amar?

A Gracie tranca o apartamento, deixando a confusão para trás para lidar com ela mais tarde, e percebo que ela terá de ir a pé até à minha casa. Quanto mais depressa esta rapariga comprar um carro, melhor.

— Na verdade, Bill — digo —, acho que devíamos dar uma boleia à Gracie até um local seguro.

— Concordo — diz o Bill, apesar de ambos sabermos que não é necessário. Se fosse a meio da noite, claro, nunca deixaríamos uma mulher abalada andar sozinha no escuro, mas é de dia. Ela não correrá qualquer risco, mas o Bill pode ver muito claramente que me preocupa com ela.

Nós os três descemos no elevador e procuramos o zelador do prédio. Juntamo-nos à volta de um ecrã de computador no escritório da administração e examinamos as imagens de segurança da câmara no corredor do quarto andar. A Gracie diz que só esteve fora durante duas horas, por isso, é fácil delimitar o período que precisamos de verificar, e não me surpreende absolutamente nada quando vemos o Luca entrar no apartamento. A Gracie, por outro lado, fica confrangida com traição, mágoa, confusão e descrença. Chora no meu ombro enquanto o Bill pede uma cópia das filmagens e redijo os meus apontamentos, mas é uma perda de tempo. Ela acaba por decidir não apresentar queixa do crime.

Ainda está a chorar no banco de trás do carro-patrulha quando passamos pelo meu prédio para a deixar. Faltam apenas trinta minutos para o fim do meu turno, portanto, ela sente-se reconfortada por saber que estarei com ela muito em breve. Agradece-nos profusamente, a mim ao Bill, quando sai do carro. Não mexo um músculo até ela estar em segurança dentro do meu prédio.

— Amiga chegada? — diz o Bill, observando-me do banco do passageiro com um sorriso sabido. — Podias ter dito simplesmente namorada. É mais fácil.

Ignoro a provocação dele e agarro o volante com força, arrancando.

— Aquele ex-namorado dela é má rês... Teria *adorado* ser eu a prendê-lo, se ainda estivesse por lá.

— Cuidado — avisa o Bill. — Estás a esforçar-te por *não* deixar que as tuas emoções interfiram, lembras-te? Neste trabalho, Weston, põe sempre a cabeça acima do coração. Nunca tomes decisões em frações de segundo com base em emoções. É assim que perdes o emprego.

GRACIE

Não reconheço a pessoa em que o Luca se tornou.

Ele não é o mesmo Luca que eu amava. O que a minha mãe adorava. O homem com quem eu queria criar filhos.

É impossível negar os factos nus e crus quando eles estão gravados em vídeo. O Luca entrou no apartamento que partilhámos, aquele que guarda tantas recordações, e passou dez minutos lá dentro a destruir tudo aquilo a que conseguia deitar a mão. Não tive qualquer contacto com ele desde que veio ao apartamento na terça-feira num acesso de raiva por as nossas contas nas redes sociais terem sido apagadas, portanto, o que diabo poderá ter desencadeado isto? A raiva dele ter-se-ia andado a manifestar durante toda a semana e precisava de se libertar? Terá sido esta a sua vingança? As rosas do Weston terão sido a última gota? Num primeiro olhar quando cheguei a casa foram uma das primeiras coisas que vi. As lindas rosas vermelhas que o Weston tinha mandado entregar estavam espalhadas impiedosamente pelo chão, arrancadas da caixa. Isso dói mais do que o buraco do tamanho de um punho na televisão.

Ouçou um tilintar de chaves e sento-me mais direita, a sustentar a respiração. São quase sete e meia, e passei a última hora encolhida na cama do Weston. Nem sequer liguei a televisão. Tenho estado sozinha no silêncio, a dar tempo a mim mesma para processar o comportamento do Luca, agora que o choque inicial já passou. Mande uma mensagem à Elena e à Maddie para ficarem a saber o que aconteceu e as informar de que vou ficar em casa do Weston esta noite. Telefonei também à minha mãe, que fica tão abalada como eu, mas sente-se melhor por

saber que já não estou no meu apartamento. Ninguém diz nada, mas é claro que ela passa pela cabeça de cada uma de nós, a pergunta que nos domina: E se o Luca voltar? E se *me* fizer mal?

A porta abre-se.

— Weston — digo, soltando o ar que estava a sustentar. Atiro o edredão para trás e corro para a porta ao encontro dele, avassalada pelo alívio de já não estar sozinha. Se há alguém que me pode proteger, é ele. Passo os braços à volta da cintura dele e encosto o rosto ao seu peito.

Ele abraça-me e faz-me festas no cabelo

— Estás bem? Estás bem, Gracie? Desculpa o atraso. Tinha relatórios para terminar na esquadra, mas agora estou aqui. Estás em segurança aqui comigo.

— Estou bem — segredo, mas ele aperta-me com mais força, como se eu não estivesse.

— Vá, senta-te — diz, conduzindo-me para o sofá. Envolve-me num cobertor, o mesmo com que me aconcheguei na primeira manhã em que vim ao apartamento dele, e depois traz-me um copo de água da cozinha. — Ainda estás pálida.

Aceito a água, mas começo novamente a sentir um tremor nas mãos. Réplicas, como de um sismo.

— Não esperava realmente que fosses tu o polícia a receber a chamada — digo, com a voz rouca de tanto soluçar —, mas fico tão contente que tenhas sido.

Ele senta-se no sofá ao meu lado, ainda de uniforme, e passa a mão suavemente pela minha coxa.

— Sei que ainda não verificaste, mas é mau. Todo o teu equipamento de computadores e de filmagem foi destruído.

— Foi o que supus — murmuro. A minha cabeça está a latejar. Terei de chamar uma empresa de limpezas para limpar a casa? O seguro do imóvel que eu e o Luca temos cobrirá os danos dos pertences se o próprio Luca os tiver destruído?

— Posso ser franco contigo, Gracie? — pergunta o Weston. A mão dele para no meu joelho. — Acho que é uma ideia perigosamente estúpida continuar a viver naquele apartamento quando o nome do Luca ainda está no contrato de arrendamento. Tens de sair de lá e arrendar outro sítio. E não é da minha conta como funcionava a vossa coisa das redes sociais, mas presumo que têm de dividir o dinheiro que ganharam com isso, se ainda não o fizeram. Qualquer outra coisa que ainda partilhem, separem-na. Cortem todos os laços.

Olhando para trás, eu e o Luca devíamos ter feito exatamente isso quando acabámos, mas nunca pensei por um segundo que a nossa relação se transformasse *nisto*. Acreditei que seria sempre civilizada. Cheguei a acreditar, em certos momentos, que voltaríamos a ficar juntos. Agora? Agora dou-me conta de como tenho sido ingénua.

— Talvez eu devesse voltar para Santa Cruz por algumas semanas até resolver tudo com o Luca — digo, olhando fixamente em frente, perdida nos meus pensamentos. — Assim que tiver a carta de condução e comprar o *Mercedes* que quero. — Volto a concentrar-me no Weston e consigo fazer um sorriso minúsculo.

— É uma boa ideia — concorda. Solta um suspiro cansado quando se recosta no sofá e desaberta os primeiros botões da camisa. Ser destacado para uma chamada para os serviços de emergência feita por mim teria sido a última coisa que ele esperava durante o turno de hoje, apostou. — És mais do que bem-vinda a ficar aqui, Gracie. Sei que ficaríamos um pouco apertados, mas...

Estendo a mão para ele e fecho os meus dedos à volta dos dele.

— Posso aceitar a tua oferta, Weston? Mesmo que seja só por umas noites? Vou ter de voltar ao apartamento amanhã para fazer a mala, mas tu vens comigo, não vens?

— Claro — diz. Olha para as nossas mãos entrelaçadas e sorri. — Já jantaste?

— Não. Quando estava a caminho de casa, tencionava fazer carne de vaca e vegetais no *wok*.

Ele ri-se.

— Será que uma piza serve?

Pedimos uma piza grande de *pepperoni* para partilhar. No tempo que demora a ser entregue, o Weston toma um duche e veste umas calças de fato de treino. Dá um jeito ao apartamento, arrumando algumas coisas e até acendendo uma vela.

— Comprei algumas depois da noite em que te cozinhei o jantar — diz, envergonhado, mas acho aquilo uma doçura. Ele quer que me sinta confortável aqui, mas sentir-me-ia confortável em qualquer lugar onde o Weston estivesse.

Quando a piza chega, sentamo-nos juntos no sofá com a manta por cima do regaço e a caixa da piza entre nós. Vemos episódios antigos de *Foi assim Que Aconteceu*, e é exatamente do que preciso esta noite, algo que não exija muita função cerebral. Apenas comer comida de plástico e ver programas reconfortantes na televisão.

— Gracie?

O meu olhar desvia-se da televisão para o Weston.

— Sim?

— Acho que agora tens mais razões do que nunca para ires ver o mundo — diz calmamente. — Põe as tuas coisas em ordem aqui primeiro e depois vai viajar.

— Mas tenho medo, Weston — murmuro, afastando a caixa de piza vazia. Deito-me, pousando a cabeça no seu colo e fitando o ecrã da televisão. — E se eu estiver a treze mil quilómetros e perceber que não sou capaz?

O Weston ri-se e diz:

— Nesse caso, compras uma passagem de avião para casa, sua palerminha. O

que é pior? Arrependeres-te de ter dado uma oportunidade a alguma coisa que não resultou ou arrependeres-te de nunca teres chegado a tentar? Quando começares a tua carreira, estas oportunidades não vão aparecer tão facilmente.

— Parece que te queres livrar de mim — digo a brincar.

— Nunca — diz, acariciando-me o cabelo —, mas seria egoísta da minha parte *não* te encorajar a fazer as coisas que mais te assustam, não seria? E tu sabes que me tenho esforçado muito por não ser egoísta.

Sorrio, embora ele não consiga ver a minha cara.

— *Daria* um ótimo conteúdo... Um vlogue das minhas viagens. *Gracie em Viagem*. Ou talvez *Gracie Errante*.

— Vês? Não sabias qual poderia ser o teu tema se quisesse começar do zero sozinha, mas *isto*... Este pode ser o teu novo nicho. É perfeito. E deixa-te a treze mil quilómetros do Luca.

— Mas teria de comprar uma câmara nova.

— É verdade — diz ele, e rimo-nos.

Levanto a cabeça do colo dele e volto a sentar-me direita. A televisão passa em pano de fundo, mas já nenhum de nós está a prestar atenção. Com suavidade, ponho as mãos em concha no seu queixo, com a pele acabada de barbear.

— Mas não queres mesmo vir comigo?

O Weston sorri, a pedir desculpa.

— Não, Gracie, não posso ir contigo, mas prometo que vou ver os teus vídeos. Vou ser o teu fã número um. — Pousa a mão em cima da minha no seu queixo e segreda: — Já sou.

O meu coração dispara. Ele diz sempre, *sempre* a coisa certa.

— Eu disse uma coisa à Peyton na outra noite — digo, engolindo em seco com força —, e é algo que, provavelmente, devia contar-te a *ti*.

O Weston levanta uma sobrancelha, curioso, e respiro fundo. Quando volto a olhar para os seus olhos castanho-escuros, sinto que ele é como um lar para mim. Confio no Weston com cada fibra do meu ser. Nas últimas cinco semanas, tornou-se o meu melhor amigo, impediu que o meu mundo se desmoronasse ao meu redor e, aconteça o que acontecer entre nós, ficar-lhe-ei sempre grata por isso. O Weston despertou em mim sentimentos que eu só tinha sentido com o Luca, o que me garante que vou ficar bem. Vou seguir em frente. Um dia, vou encontrar o segundo amor da minha vida. Talvez seja o Weston, talvez não, mas terei sempre um lugar especial no meu coração para ele.

Encosto a testa à dele, fecho os olhos e segredo:

— Fazes-me acreditar que posso voltar a apaixonar-me.

Ele expira. Toca no meu lábio inferior com o polegar.

— Eu já me apaixonei, Gracie — murmura. E, quando me beija, é como se eu fosse tudo o que alguma vez conheceu.

WESTON

Quando saio do apartamento às seis e meia, a Gracie ainda está a dormir na minha cama. Não a acordo para me despedir, porque dorme tranquilamente e merece toda a paz do mundo depois do incidente de ontem à noite. A última coisa que quero fazer hoje é ir para o trabalho e deixá-la, mas informei a Peyton do que aconteceu e ela ofereceu-se para passar por cá e fazer companhia à Gracie. O lado positivo, pelo menos, é que tenho os próximos quatro dias de folga. Quando chegar a casa esta noite às sete, vou levar a Gracie à casa dela para ir buscar umas roupas. Amanhã, vamos comprar o *Mercedes* que ela quer.

Ela vai ficar bem, porque vou certificar-me disso.

O Bill está à minha espera na esquadra, a beber a sua habitual chávena de café frio e a tratar de papelada. Dispara-me um sorriso quando me dirijo para o meu armário.

— Como está a tua namorada esta manhã?

— *Não é a minha namorada* — murmuro, pegando no meu cinturão. Aperto-o à cintura e tiro a arma do coldre, fazendo-lhe uma vistoria rápida antes de voltar a pô-la no seu lugar. Fecho o armário e viro-me para o Bill. — Estava muito mais calma ontem à noite, e vai ficar na minha casa por enquanto.

— Estás a dar tudo por tudo para proteger os cidadãos de São Francisco, estou a ver.

Rio-me. Eu faria *qualquer coisa* para proteger a Gracie, independentemente do distintivo e da farda.

— Quem me dera que ela tivesse apresentado queixa. Teria adorado que o juiz nos desse um mandado de prisão para aquele pedaço de...

— Por falar em mandados — interrompe o Bill antes que eu perca o profissionalismo, empurrando alguns papéis para a minha frente e batendo com o dedo na imagem da fotografia na primeira página. — A primeira coisa na agenda de hoje é apanhar este tipo. Procurado por suspeita de assalto à mão armada, por isso, vamos manter o sangue-frio, está bem? Ele tem um longo historial de fugas à detenção, prepara-te para que dê alguma luta. Ah. — Bebe os restos do café e pousa a caneca com um tilintar. — Nada acorda mais do que uma luta.

— Fantástico — comento sarcasticamente.

Passo os olhos pelos papéis enquanto nos dirigimos juntos para o carro-patrolha. Começar o turno do dia às sete não é muito mau nestas maravilhosas manhãs de agosto em que o sol já nasceu, mas estou a temer o inverno. Arrastar-me para fora da cama para um trabalho que detesto será pior em manhãs frias e escuras. E, nessa altura, estarei a trabalhar sozinho. Espero eu. Depende de por quanto tempo o Bill planeia prolongar o meu treino.

Quando nos instalamos no carro, digo à central que vamos executar um mandado de captura, verifico a morada e saio do parque de estacionamento. Apanhar pessoas com mandados de captura deixa-me sempre ansioso. Por vezes, apanhamos a pessoa procurada tão desprevenida que ela levanta imediatamente as mãos em sinal de rendição e obedece às nossas ordens enquanto a transferimos para a cadeia. Outras vezes, estamos esparramados no chão, a prender algemas em mãos que estão determinadas a dar luta. Rodo os ombros. Ainda me doem os músculos da sessão de quarta-feira no ginásio, portanto, não tenho a certeza de quanta força vou conseguir arranjar.

Enquanto conduzo, pego novamente na papelada do tabliê e dou uma vista de olhos aos pormenores. O tipo pesa quase cento e cinquenta quilos. O Bill pode estar a manter-se em segundo plano quando observa o meu desempenho, mas vai ter de me ajudar nesta coisa. De maneira nenhuma vou conseguir dominar este tipo sozinho.

— Se ele resistir, vais-me apoiar, certo? — pergunto.

O Bill ri-se sarcástico.

— Só depois de te ver utilizar todas as técnicas que te ensinei para dominar uma pessoa que resiste. *Apenas* então, se ainda estiveres com dificuldades, é que te ajudo. Quando fores enviado para chamadas sozinho, não terás imediatamente um segundo agente para te salvar se as coisas derem para o torto. Só vais poder contar contigo.

— Talvez ele nos surpreenda e ceda — digo.

— Continua a sonhar.

O endereço na papelada não é longe da esquadra, apenas uns cinco minutos, dez no trânsito da manhã. Mantenho a mente ocupada enquanto conduzo, a tentar controlar a adrenalina dos nervos. Pergunto-me se a Gracie já terá acordado. Rezo

para que este turno passe depressa. Quanto mais cedo chegar a casa, melhor.

— Bill, a tua mulher gosta de que sejas polícia?

O Bill fita-me com os olhos semicerrados. Reconheço que é uma pergunta aleatória.

— Está habituada. Orgulha-se disso. Mas não me parece que *goste*. Porquê?

— Estava só a pensar — digo.

A minha mãe também sempre detestou que o meu pai fosse polícia de giro quando era mais novo. Costumava dizer a brincar que tinha cada vez mais rugas por ser professora, mas sempre acreditei que se deviam a preocupar-se tanto com o meu pai. Quando ele se tornou subchefe e deixou de trabalhar nas ruas, ela ficou radiante. E não foi por causa do ordenado mais chorudo. Ficou delirante de alegria por a segurança dele já não estar em causa.

— A tua namorada não gosta? — pergunta o Bill.

— Mais uma vez, Bill. *Não* é a minha namorada.

Não sei o que a Gracie pensa do assunto. Ela diz-me para desistir, mas é porque sabe que *eu* detesto este trabalho. Preocupa-se comigo quando estou a fazer um turno? Se eu aparecer em casa hoje à noite com um lábio rachado por ter lutado com este criminoso, ficará horrorizada?

— Ei, acho que é aquela — diz o Bill, apontando para uma casa.

Estaciono a viatura umas portas abaixo, fora de vista. Às vezes, se um criminoso procurado vê o carro primeiro, já se foi embora antes de batermos à porta. Pego nos papéis e verifico os detalhes mais uma vez, armando-me com os factos. Informo a central de que chegámos ao local, e, depois, o Bill segue-me para fora do carro.

— Já estás à vontade quando se trata de executar mandados de prisão — diz —, por isso, para de mexer no cinturão. Sabes o que estás a fazer, Reed, age como tal.

Paro imediatamente de mexer na lanterna e levanto a cabeça mais alto, de peito espetado.

— Oh, um elogio? Fogo, Bill. Precisava de ter um colapso no turno contigo mais vezes. És um homem mudado.

— Ahh. Digamos que és o meu novato preferido. — Sorri carinhosamente.

— Não me mintas.

O Bill abana a cabeça.

— Não estou a mentir. Os novatos que ensino são geralmente demasiado autoconfiantes e tentam saltar dez passos à frente porque acham que já sabem mais. Tu és o oposto. Duvidas de ti próprio. Questionas-te. Isso faz de ti o melhor tipo de polícia a quem ensinar. E és filho do Mark, o que faz com que, de certa maneira, te sintas como meu filho também.

— Não há dúvida de que andas em cima de mim como um pai faria —

resmungo, e rimo-nos os dois.

Não me tinha apercebido de que o Bill me tinha em tão alta conta, mas, com a orientação dele, talvez eu *possa* fazer isto, afinal. Sou perfeitamente competente, mas o medo atrapalha-me. Se superasse esse medo, talvez passasse a gostar da emoção de nunca saber o que o meu próximo turno no trabalho vai implicar.

Aproximamo-nos da casa vitoriana velha, pintada de amarelo, com uma garagem por baixo e escada que leva à porta da frente. O Bill espera ao fundo da escada, com as mãos nas ancas e os óculos de sol a proteger os olhos. Acena-me com a cabeça a dizer-me para avançar.

Subo a escada e bato à porta. Passa pouco das sete, portanto, o nosso homem pode ainda estar a dormir ou nem sequer estar em casa. Ponho-me à escuta de qualquer sinal de vida lá dentro, mas não ouço nenhum movimento. Bato com os nós dos dedos na porta com mais força desta vez.

— Polícia — digo em voz alta. — Estamos aqui para executar um mandado de detenção de... — Paro de falar quando se ouve um ruído vindo do interior da casa. Aproximo-me da porta, para tentar ouvir melhor. O mandado dizia que não viviam outras pessoas nesta morada. — Senhor Jones, estou a ouvi-lo. Por favor, venha à porta.

O Bill suspira. Executar mandados de captura raramente é fácil. Se não vierem logo à porta, torna-se óbvio que a pessoa procurada está a optar pela evasão, e a evasão leva à resistência e a resistência a uma luta. Olho de relance para o Bill e faço uma careta. Também significa que talvez tenha de entrar à força.

— Eu sei que está aí dentro — digo, mantendo um tom de voz firme. — Preciso de que abra a porta ou vamos ter de a arrombar. A escolha é sua, mas eu preferia não danificar a sua propriedade, por isso, vá lá. Não dificultemos as coisas um ao outro.

Espero pacientemente, com a mão no cinturão. Embora, por vezes, a atitude amigável funcione, na maior parte dos casos as minhas tentativas de criar uma sensação de confiança são inúteis. Ninguém vem à porta, ainda. Inclino-me sobre o corrimão da escada e espreito pela janela, mas não consigo ver ninguém lá dentro. Ou o nosso homem está escondido algures dentro da casa, como se julgasse que não vamos forçar a entrada e encontrá-lo de qualquer maneira, ou vai fugir.

— Vou ver se há uma porta nas traseiras — digo ao Bill, descendo os degraus. — Mantém-te de olho na frente da casa.

Passo pela garagem e dobro a esquina para ir para o lado da casa, mas sobressalto-me com a surpresa de ver alguém a olhar para mim. É o homem do retrato no mandado, e é evidente que o acordei, porque está só com umas calças de fato de treino. Está descalço. Está a tentar fugir.

— Ei. Não vamos fazer isto — digo, levantando uma mão de forma não

ameaçadora enquanto a outra se move instintivamente para o coldre.

O sangue começa a bombear-me pelo corpo. Apanhei-o desprevenido, e ele fica paralisado, com os olhos arregalados. Mas depois a sua mão move-se em direção à cintura das calças, e abandono a treta do polícia simpático.

— Ei! *Ei!* Não te atrevas, caraças!

Agarro a minha arma, mas ele é mais rápido. Saca de uma pistola e aponta-a diretamente para mim. Salto para trás, enfiando-me atrás de um carro estacionado, e um tiro perfura aquela manhã tão tranquila.

— Oh, porra!

Saco da arma e mantenho as costas encostadas ao carro, protegendo-me enquanto ligo para a central. Soa outro tiro. Espreito e tento ver o nosso suspeito, mas só vejo o Bill acorocado atrás da escada da casa. Um terceiro tiro soa-me aos ouvidos, e é só nessa altura que me apercebo de que o nosso suspeito não está a fugir. Está a dar luta, e o Bill é que está apanhado no fogo cruzado. Ele dispara dois tiros e, de seguida, baixa-se completamente atrás da escada quando um tiro de resposta passa a silvar por ele.

Não está suficientemente protegido atrás daquela escada. Se o nosso suspeito avançar sobre ele, fica encurralado.

Porra. Tremem-me as mãos. Sou preciso a disparar quando não há pressão, mas, quando cada segundo conta, não tenho tempo para estabilizar as mãos e me focar devidamente. Ainda a tremer, levanto-me do chão e estico os braços sobre o capô do carro, com a arma apontada.

— Reed, *baixa-te!* — grita-me o Bill, mas é tarde de mais.

O nosso suspeito avista-me. Desvia a arma da direção do Bill para a minha, mas disparo primeiro. E o tiro falha, porra! O pai não vai acreditar em mim quando souber que tive um suspeito armado na mira e *falhei* o tiro! Preparo-me para um segundo disparo mais certo, mas o tiro soa antes de eu puxar o gatilho.

Uma dor cega alastra-se por mim. É como se tivesse acabado de ser atingido no peito por uma marreta. A dor faz-me perder o fôlego e atira-me de costas para o chão. Respiro fundo e olho para baixo, quase rindo de alívio quando vejo o rasgão na camisa e o colete à prova de balas a aparecer por baixo. Jesus. Porque é que o Bill nunca me avisou de que ser atingido no colete é como se nem sequer se estivesse a usá-lo? Que diabo.

Gemo quando me viro, agarro a arma do chão, mas há mais fogo cruzado em meu redor. O Bill está a ripostar. O nosso suspeito persiste. Isto está a ficar complicado. Temos de o abater antes que algum civil seja atingido. Apesar da dor no peito, tento a custo levantar-me. Vou ficar com uma nódoa negra brutal, de certeza. Talvez até com uma costela partida.

— Fica no chão, Bill! — grito-lhe. Tenho mais cobertura atrás deste carro do que ele atrás daquela escada. — Eu trato disto!

O Bill baixa-se atrás da escada. Avança ao longo do carro, estico-me por trás da porta da mala e faço pontaria.

Não sou suficientemente rápido.

Bato no chão com força outra vez.

Ui. Doeu um pouco mais. E desta vez não foi no peito. Foi na coxa.

Estendo o braço para tocar onde me dói, mas não sinto nada. Quando olho para a mão, está vermelha de sangue.

— Ah, porra, Bill...

Respiro a custo, mas dói demasiado.

A minha arma deslizou para debaixo do carro, mas nem sequer consigo mexer-me, quanto mais chegar-lhe. Os tiros continuam a soar, até deixarem de soar. Instala-se um silêncio retumbante na cena e, de repente, o Bill está de joelhos ao meu lado. Rasga-me a camisa e desafivela-me o cinturão.

— Weston — diz, ofegante, bloqueando a luz do sol quando se debruça sobre mim. Entrouxa a minha camisa e pressiona-ma na coxa, com a força de quase todo o seu peso. — Aguenta-te, camarada. Vamos tratar de ti, está bem? Aguenta-te só.

Parece tudo tão frio. As sirenes tocam ao longe, mas não ficam mais altas. Apenas se desvanecem. Cada respiração é dolorosa. Agora também há sangue nas mãos do Bill. Muito sangue. Demasiado sangue.

— Bill...

Quero dizer: *Bill, há demasiado sangue, não há?*

Quero dizer: *Bill, eu nunca quis ser polícia.*

Quero dizer: *Bill, estou assustado...*

Porra, há tanta coisa que quero dizer.

Mas simplesmente não há tempo.

GRACIE

O Weston nunca sai da esquadra exatamente no fim do turno. Há sempre relatórios para terminar. Portanto, quando ainda não chegou a casa às oito, não me parece estranho. Foi um longo dia sem ele por perto, mas mantive-me ocupada. Lavei-lhe a roupa e até fiz a cama de lavado. Tomei um duche e pedi emprestada uma das camisas dele, mas ele é tão mais alto do que eu que estou a usá-la como vestido.

Vamos ao meu apartamento daqui a pouco. Vou buscar algumas roupas. Talvez até tente arrumar um pouco a confusão que o Luca deixou, mas também não sei se consigo encarar isso ainda. Eu adorava aquele apartamento. Todas as boas recordações que alguma vez tive nele estão todas tão manchadas agora, e talvez o Weston tenha razão quando diz que devia mudar-me e encontrar um lugar que seja meu e só meu. Preciso de cortar todos os laços que me ligam ao Luca. Isso significa começar de novo.

Quando chegam as oito e meia, ligo para o telemóvel do Weston. A chamada vai diretamente para o atendedor automático, e suponho que o telemóvel está fechado dentro do armário dele. Deve ter sido um turno bastante agitado para ele, se *ainda* está na esquadra a preencher papelada.

Dou uma volta pelos canais da televisão, mas nada me interessa por aí além. Começo a sentir-me maçada. Pedi comida chinesa para o almoço, mas já é tarde e estou a ficar outra vez com fome. O Weston importar-se-ia que eu pedisse o jantar sem ele? Ele compreenderia. Já são quase nove horas!

Agora que penso nisso, a Peyton não apareceu. O Weston disse ontem à noite

que ela estaria na cidade hoje e que passaria por cá para me ver quando ele estivesse a trabalhar, mas, se ainda não apareceu a esta hora, duvido de que venha. Talvez seja melhor assim. Só estive com ela naquela vez no hospital na semana passada, portanto, imagino que ainda haja uma lista de perguntas que planeia fazer-me antes de voltar para a base na semana que vem.

Há uma pancada atroadora na porta, e penso: *Finalmente!*

Mas esse pensamento é rapidamente seguido por: *Espera lá, porque é que o Weston está a bater à sua própria porta? Ele tem chave.*

Levanto-me do sofá e endireito a camisa dele que estou a usar. Volto a reparar que cheira à colónia que ele usa sempre.

Há mais pancadas na porta. Pancadas desesperadas. Uma voz grita:

— Gracie? Gracie, ainda estás aí dentro?

No princípio, penso que quase parece a Elena. Ela sabe que vou ficar aqui uns dias. Porém, quando corro para a porta, percebo que a voz pertence de facto a Peyton. Ela sempre veio. Destranco a porta e abro-a.

A Peyton está no corredor, com a mão encostada à ombreira da porta para se apoiar, enquanto respira pesadamente. Está bronzeada, de todos aqueles meses de calor abrasador no Kuwait, mas, de alguma forma, parece pálida, ali de pé, sob as luzes fracas e tremeluzentes do corredor.

— Peço imensa desculpa, Gracie, esqueci-me de que estavas aqui... Eu ia passar por cá, mas depois voltei para Bodega Bay para estar com o meu pai quando soube, e depois lembrei-me de que estarias aqui sozinha, por isso, voltei para cá para estar contigo — balbucia, respirando ofegante por entre as palavras.

Tem os olhos inchados, e fito-a com as sobrancelhas franzidas, perguntando-me porque está tão perturbada por se ter esquecido de me visitar quando só me viu *uma vez*. Não é assim tão grave.

— Peyton — digo, pegando-lhe no pulso e puxando-a para dentro do apartamento. — Estou absolutamente bem! Cheia de tédio, mas bem. O Weston deve estar a caminho de casa.

A mão da Peyton voa-lhe para a boca.

— Oh, meu Deus. Claro que não sabes... Como saberias?

— Não sei o quê? — pergunto, mas sinto um aperto na garganta. Uma sensação horrível e avassaladora de pavor apodera-se de mim e deixa-me gelada. — Não sei *o quê*, Peyton?

A Peyton fita-me horrorizada, com os olhos arregalados e injetados.

— O Weston estava a executar um mandado de captura logo pela manhã... As coisas ficaram feias, e houve um tiroteio — diz, com a voz trémula. — Ele foi atingido, Gracie.

Não.

O coração cai-me aos pés. É por isso que ele está atrasado. Está ferido.

E eu tenho estado aqui sentada o dia todo sem fazer ideia, quando durante todo este tempo ele precisava de mim.

Atravesso o apartamento a correr, pego nos ténis.

— Em que hospital é que ele está?

Visto o casaco. Encontro a carteira do dinheiro. Calço um ténis. Depois, faço uma pausa quando me apercebo de que a Peyton não respondeu.

Permanece à porta, sem se mexer. Não há qualquer sentido de urgência nela; apenas uma dor crua e avassaladora nos olhos enquanto me observa. A Peyton é militar. Tem resistência mental. Deve ter visto coisas horríveis durante o destacamento. Os ferimentos no cumprimento do dever são algo a que está habituada, e, no entanto, está à porta do Weston, a tremer. O outro ténis escorrega-me das mãos e cai ao chão.

Não... Não, não, não...

— Ele não está no hospital, pois não? — segredo.

O rosto da Peyton contrai-se.

— Não, Gracie. Não...

E isso diz-me tudo o que nunca quis ouvir.

Tombo de joelhos, com a visão toldada. A Peyton corre para mim. Baixa-se até ao chão e envolve-me com os braços, e o seu corpo treme contra o meu. Abafa os soluços no meu cabelo e eu grito, e grito, e grito, até não me restar voz nenhuma.

GRACIE

— Gracie, posso fazer-te alguma coisa para comeres?

— Não.

— Gracie, precisas de tomar um duche.

— Não.

— Gracie, por favor, para de ver as notícias.

— Não.

— Gracie...

— Não.

A minha mãe abraça-me com força. Tem estado comigo no meu apartamento.

Arrumámos a casa. Juntámos as rosas destruídas e mandámo-las liofilizar. Estão agora numa moldura de vidro, ao lado do bilhete escrito à mão pelo Weston. O quadro está em cima da mesa de apoio aos sofás, e passo imenso tempo a olhar para ele, mas não me reconforta. Só me faz sofrer mais.

GRACIE

Estão milhares de pessoas dentro do auditório da Universidade de São Francisco. *Milhares*. Todas de pé. Uma banda de gaitas de foles e tambores de caixa escolta a guarda de honra, e o caixão envolto na bandeira é levado para a frente do auditório, e a Verity aperta-me a mão.

Encontram-se aqui polícias de toda a Califórnia. Estão todos fardados e fazem continência. Em ecrãs grandes, passam imagens. Fotografias do Weston em pequeno, dele com a família e os amigos, dele na cerimónia de fim de curso na academia de polícia, dele a prestar juramento como agente. Há uma fotografia dele com a ponte Golden Gate por trás, tirada por mim há apenas três semanas. Dei-a à Peyton para a usarem.

Todas as pessoas se sentam. Há centenas e centenas de membros do público que estão aqui para mostrar o seu apoio. O Weston é o terceiro agente a ser morto no cumprimento do dever na Califórnia este ano. O primeiro da Polícia de São Francisco em anos. Apareceu nas notícias. Nos jornais. A comunidade tem-se realmente unido. As empresas locais têm estado a angariar fundos para a família Reed. Até há jornalistas aqui.

O celebrante da cerimónia fúnebre é um pastor protestante. Num palco cheio de coroas, fala do dia trágico da passada segunda-feira.

A Elena e a Maddie estão sentadas à minha esquerda. A Verity e a minha mãe, à minha direita. A Maddie pega na minha outra mão, mas estou bem. Estou demasiado entorpecida para sentir alguma coisa. Demasiado entorpecida para chorar. Demasiado entorpecida para estar presente. Sentei-me bem atrás, porque

não conhecia o Weston há tempo suficiente para justificar sentar-me mais perto da frente.

O primeiro tributo é prestado pelo agente responsável pela formação no terreno do Weston, o Bill. Tem o braço ao peito. Também levou um tiro nessa manhã. Fala do Weston com carinho. Brinca por ter sido exigente com ele. Diz que foi uma honra ter sido seu parceiro durante dez semanas.

Um seu amigo, o Adam, presta o segundo tributo. Não consegue acabar. Fica com a voz embargada e engasga-se com as lágrimas antes de o pastor o escoltar da plataforma.

A Peyton e o Keaton levantam-se juntos para prestar uma homenagem conjunta. Ambos se mantêm fortes na plataforma em frente a todas aquelas pessoas, mas são os dois muito resilientes. Estão a sofrer, mas controlam-se. A certa altura, avisto a mulher do Keaton, a Lily, lá na frente. Tem a Sophia ao seu lado e o recém-nascido no colo. O sobrinho do Weston tem apenas onze dias. Nunca chegará a conhecer o tio, mas ficará a saber coisas sobre ele à medida que for crescendo. Conhecerá o Weston através de fotografias e de histórias. Através de memórias mantidas vivas.

O tributo final é do pai do Weston. O Mark fala de como estava orgulhoso do Weston por ter seguido as suas pisadas, e tenho de ficar aqui sentada com o coração em pedaços porque sei... *Eu sei...* O Weston nunca o quis fazer. Era por isto que não se demitia. O medo de desiludir o pai era maior do que o medo de pôr a sua vida em risco, mas o Mark teria compreendido. Claro que teria. Agora é demasiado tarde.

Sinto um peso tão grande no peito. Parece que estou a carregar o peso do mundo, apesar de o meu tempo com o Weston ter sido tão limitado. Nas cinco semanas em que o conheci, tornou-se o meu melhor amigo. Manteve-me à tona quando era tão fácil afogar-me, e tenho de acreditar que, durante as últimas cinco semanas, lhe dei a mesma amizade e o mesmo carinho que me deu a mim. As suas últimas semanas não foram só de desgosto. Houve bons momentos, e consolo-me com ter tido um papel nisso. É a única forma de conseguir dormir à noite. Saber que talvez tenha tornado a vida dele um bocadinho mais fácil, mesmo que só por pouco tempo.

O pastor encerra o serviço fúnebre com uma oração. Pede que apenas fiquem os agentes do Northern District. A esquadra do Weston. O resto do auditório vai saindo, milhares, e o sol escaldante parece injusto quando a minha alma se sente como nuvens de tempestade e trovões.

A multidão perfila-se no *campus* da universidade, a aguardar o início do cortejo fúnebre daqui até o cemitério. Haverá um serviço fúnebre privado junto à sepultura. A Peyton convidou-me, mas não posso ir. *Cinco semanas... Só fiz parte da vida dele durante cinco semanas.* Há tantas outras pessoas que merecem estar lá mais

do que eu.

A mãe agarra-me a mão com força quando o cortejo passa por nós. À frente, dois motocicletos, depois o carro funerário. Segue-se a família Reed numa limusina. Há imensos carros de polícia e motocicletos. Tantos, *tantos*. É um fluxo constante de luzes azuis, vermelhas e brancas. As câmaras estão a transmitir em direto. Os agentes fardados, a fazer continência, alinham-se no caminho para fora do *campus*.

A Elena dá-me o braço. A Maddie chora. A minha mãe aperta-me a mão com mais força. A Verity observa-me com preocupação. Não estou incapaz de sentir emoções. Estou apenas vazia. A última semana foi dura, e, depois de dias a fazer o luto, assimilei finalmente que ele tinha mesmo partido. Cheguei agora a um estado de aceitação. A um estado de determinação, até.

Porque sei exatamente o que tenho de fazer agora.

Inclino a cabeça e fecho os olhos quando o fim da procissão passa. Quem me dera que fosse mais fácil recordar todas as conversas que eu e o Weston tivemos, mas, nos momentos em que falámos, nunca percebi que estavam contados. Mas tenho uma coisa.

Tenho o bilhete que enviou com as rosas.

Aquele que diz, na sua letra: «Flores ou abraços de urso? Dar-te-ei sempre as duas coisas.»

Oh, o que eu não daria por mais um abraço de urso do Weston Reed.

GRACIE

Estão a bater à porta. Já sei que é ele. Convidei-o a vir cá, apesar de me assustar imenso. Ele ainda tem a chave, mas não entra. Inspiro profundamente antes de abrir a porta e de o encarar.

— Olá, Luca.

Está do lado de fora da nossa porta, com as feições abatidas com remorso.

— Não pensei que me quisesses ver.

— Não quero — digo.

Abro mais a porta. Um sinal para ele entrar. Quando atravessa o limiar, a minha pulsação dispara. Na última vez em que pôs os pés no nosso apartamento, destruiu-o. Fecho a porta e viro-me para ele.

— Tira-me do contrato de arrendamento. Vou-me embora. Queres dar cabo deste apartamento? Tudo bem. Força. É todo teu agora.

— Gracie... — O Luca engole em seco com força. Sente-se culpado. Tem imensa sorte que eu não tenha apresentado queixa contra ele. — Para onde vais?

— Vou voltar para casa por uns tempos — digo com um aceno seco de cabeça para as duas malas no chão. Estou quase a acabar de fazer as malas. Os únicos pertences que restam neste apartamento são dele. — E gostava de fechar a nossa conta conjunta. Dividimos tudo a meias.

— Está bem — diz o Luca. Não está em posição de discutir, e, por uma vez, não o faz. Sabe que fez asneira da grossa. Mete as mãos nos bolsos e diz: — Tinhas razão em fechar as nossas contas nas redes sociais. Não devia ter-me chateado com isso.

— E?

— E peço desculpa por ter dado cabo do apartamento. Estava bêbedo. — Quando levanto uma sobrançelha, acrescenta: — Tenho sido um idiota desde que me fui embora. Não sou o mesmo sem ti.

Quando olho para o Luca, não sinto nada por ele. Nem sequer ódio, neste momento. É uma completa e total indiferença. Passo por ele e volto para as minhas malas, ajoelho-me e dobro uma pilha de *T-shirts*.

O Luca segue-me pelo apartamento. Senta-se na beira do sofá, com a cabeça baixa de vergonha.

— Sei que agora não importa — murmura —, mas nunca deixei de te amar.

— Mas eu deixei de te amar a *ti*.

— Eu sei — diz. Quando levanto o olhar para o fitar, ele aproxima-se para me tocar na mão. Um lampejo de empatia atravessa-lhe as feições suaves. — Soube do que aconteceu ao Weston. Sinto muito, Gracie.

Desvio o olhar e aclaro a voz.

— Vou estar em Santa Cruz durante algumas semanas, e depois vou estar fora durante os próximos seis meses. Talvez mais tempo. Não sei. Estou a tentar não ter um plano para o futuro, para variar.

— Quê?

— Lembras-te daqueles nossos grandes planos? De como íamos passar este ano sabático a explorar o outro lado do mundo? — Faço uma pausa, porque, às vezes, eu própria não consigo acreditar. — Vou fazer isso. Vou viajar.

As sobrançelhas do Luca arqueiam-se com surpresa.

— Sozinha?

— Sim.

E ele parece genuinamente sincero quando diz:

— Boa, Gracie!

— Eu sei. — Viro as duas malas e fecho-as antes de as pôr direitas. Meto a mão no bolso e estendo-lhe as minhas chaves do apartamento. — Toma. Agora são todas tuas. Francamente? Acho que é melhor não nos metermos na vida um do outro a partir de agora.

O Luca pega nas chaves, hesitante, com a testa franzida.

— Peço desculpa por tudo aquilo por que te fiz passar.

— Ah, são águas passadas — digo, com um aceno displicente da mão.

O Luca levanta-se do sofá.

— Posso, pelo menos, ajudar-te a levar as malas para o Uber?

— Podes ajudar-me a levá-las para a garagem.

— Hã?

Lanço-lhe um sorriso por cima do ombro.

— Alguém tirou a carta de condução.

O Luca pega nas malas. Ao sairmos do apartamento, não olho para trás. Já não queria saber deste apartamento no momento em que o Luca se foi embora, e agora estou pronta para o próximo capítulo da minha vida. Novos começos, novas memórias.

Descemos no elevador até à garagem do prédio, e aponto para o meu carro. Um *Mercedes* preto, é claro. Comprei-o no dia a seguir ao funeral do Weston. Ele ia ver carros comigo em *stands* de automóveis, portanto, eu sabia que não queria que adiasse a compra. Fui aos *stands* de automóveis sozinha, e ele teria ficado orgulhoso de mim. Negocieei o preço sozinha. Até consegui uns pneus de oferta.

O Luca mete as malas na mala do carro e ponho-me ao volante. Antes de se afastar, bate na minha janela. Abro o vidro.

— Boa sorte, Gracie — diz, com um sorriso que eu adorava. — Talvez seja a última vez que me vês.

— É bom que seja — digo, mas o meu sorriso condiz com o dele.

Ligo o motor, saio da garagem e conduzo para casa, em Santa Cruz, pela primeira vez na minha vida.

GRACIE

Quatro meses depois

O sol põe-se na Echo Beach, na pequena cidade costeira de Canggu. Estamos em dezembro em Bali, mas ainda faz mais calor do que em São Francisco no pino do verão.

Estico-me na minha espreguiçadeira, admirando as manchas cor de laranja pintadas no céu enquanto bebo uma água de coco por uma palhinha. Estes são os meus momentos preferidos. O abrandamento do ritmo para apreciar pores do sol deslumbrantes em países maravilhosos.

Levanto a máquina fotográfica.

— Weston, gostava que estivesses aqui para ver este — digo, e depois viro a máquina para filmar a praia de areia preta e todas as cores do céu por cima dela. Digo-lhe que vou jantar em breve com outros viajantes do meu hotel. Provavelmente, vou comer marisco. Talvez seja esta noite que provo caranguejo.

Filmo quase todos os dias, mas, por vezes, é bom desfrutar do silêncio. Sem máquina fotográfica, sem partilhar o meu dia com o Weston, sem repetições. Apenas silêncio, um pôr do sol e um coco. Foi um dia muito fatigante. Tive outra aula de *surf* esta manhã, mas continuo a ser muito má. Não se torna mais fácil, mas estou a dar o meu melhor. Estou a experimentar muitas coisas novas.

Fiz *skydiving* em Singapura e chorei de nervos quando o helicóptero subiu milhares de pés, mas depois sorri durante toda a queda. O Weston nunca acreditaria que fiz aquilo, mas já fiz muitas coisas em que ele não acreditaria. Desci de caiaque o rio Nam Song, no Laos. Mergulhei com tubarões-touro na

Tailândia. Andei num balão de ar quente no Camboja.

E documentei cada segundo. Para ele, para o Weston.

Querido Weston, com Amor, Gracie está a crescer. O meu tema é viajar sozinha em memória de alguém especial, porque essa pessoa me disse uma vez para fazer as coisas que mais me assustam. Só gostava que o Weston tivesse seguido o seu próprio conselho, mas não o fez. Isso significa que eu tinha de o fazer. *Tinha* de fazer isto. Estes vídeos são para ele. Traz-me tanto conforto, sentir que ele ainda está por perto, a olhar por mim. Agrada-me pensar que está algures no pôr do sol.

Ultrapassei os cinquenta mil subscritores na semana passada. O meu envolvimento no Instagram está a ficar mais forte a cada nova publicação, mas lembrar-me-ei sempre do meu primeiro seguidor. Estou novamente a ganhar receitas de publicidade, mas doo cada cêntimo à Fundação Weston Reed. É uma instituição de caridade que o pai do Weston criou nas semanas após a morte do filho. Presta apoio a famílias de agentes mortos em serviço, e sou a sua maior apoiante. A Peyton envia-me *e-mails* de vez em quando. Por enquanto, ainda se encontra em solo americano, na base do Colorado, e vê os meus vídeos religiosamente. Gosta de me ouvir dizer o nome do Weston.

Eu gosto ainda mais de o dizer, e penso nele todos os dias. Nos dias em que sinto medo, pensar nele faz com que continue a avançar. Na noite anterior à sua morte, perguntou-me do que me arrependeria mais, de ter tentado alguma coisa e não ter dado certo, ou de nunca ter tentado. E sei qual é a resposta. Para o resto da minha vida, vou *sempre* fazer as coisas que me aterrorizam.

Há cor-de-rosa no céu agora, manchado pelos laranjas e os azuis. Todas as noites, vejo o pôr do sol, porque sei que estarão sempre lá.

Pego novamente na minha câmara e aponto-a para mim. As cores do céu brilham nos meus olhos, as minhas faces beijadas pelo sol com salpicos de sardas, e tenho mais uma coisa que preciso de lhe dizer.

— Gosto de pensar que estás algures no pôr do sol, Weston, por isso, vou persegui-los para sempre.

AGRADECIMENTOS

Alguns dos meus leitores talvez já saibam que este é o meu primeiro romance para novos adultos, depois de ter sido exclusivamente autora de ficção para jovens adultos na minha carreira de escritora até agora. Pois bem, deixem-me confessar uma coisa: estou ATERRADA. Mudar de gênero literário é assustador, mas foi uma progressão muito natural para mim. Muitos dos meus leitores cresceram comigo e, se leram as minhas obras para jovens adultos e ainda estão comigo aqui e agora, agradeço-vos um milhão de vezes do fundo do coração.

Vou continuar a dizer isto em todos os agradecimentos que escrever: tenho a melhor equipa editorial por trás de mim. E não, não estou a ser parcial. Eles são mesmo os melhores. Ali e Campbell, vocês mudaram a trajetória da minha vida ao apostarem em mim quando eu tinha apenas dezassete anos, e ficar-vos-ei para sempre imensamente grata por terem tornado realidade o meu maior sonho. A Clem Flanagan, a minha fabulosa editora, obrigada por todo o *feedback* e por me teres dado um verdadeiro impulso quando leste o meu primeiro rascunho. Thomas Ross, Hannah Walker, Tonje Hefte, Rachel Morrell — obrigada. Também um agradecimento extra a Emma Hargrave.

Um enorme agradecimento ao Starbucks da minha zona, por ser a minha segunda casa todos os invernos quando me instalo no canto do café e me encho de cafeína. Obrigada por nunca me terem posto na rua, mesmo na noite antes do final do prazo de entrega do manuscrito, quando acampeei durante oito horas, sobrevivendo à base de adrenalina e *muffins* de mirtilo.

Às minhas melhores amigas — Heather, Rhea, Bethany. Vocês são tudo o que os amigos que temos aos vinte anos devem ser — um espaço seguro. É uma prova

da nossa amizade, sentirmo-nos, sempre que estamos juntas, suficientemente à vontade para desabafar todos os pensamentos ansiosos e sermos completamente compreendidas.

Sherilyn, se alguma vez me pedissem para descrever a melhor irmã de sempre, seria exatamente tu. Já passaste por muito e continuas a ser a pessoa mais resiliente que conheço. Quem me dera ser muito mais como tu.

Anders e Jaxson, os meus sobrinhos que estão a crescer demasiado depressa, gosto tanto de vocês. Espero que um dia digam com orgulho a todos os vossos professores que têm uma tia fixe que é escritora.

Avó e avô, espero que não estejam a ler isto, porque nunca vos foi permitido ler nem mesmo os meus livros para jovens adultos, devido ao meu uso abundante de palavrões, por isso, decididamente, não podem ler os meus livros para novos adultos. Mesmo assim, dizem a todas as pessoas que encontram que a vossa neta é a melhor escritora do mundo. Obrigada por terem tanto orgulho em mim.

Mãe... Precitaria de um livro inteiro só para pôr em palavras o quanto significas para mim. A cada ano que passa, a nossa relação fortalece-se ainda mais. Tenho tanta, tanta, tanta sorte por poder recorrer a ti seja para o que for. Li algo recentemente que recomendava que tivéssemos compreensão para com a nossa mãe, porque ela também está a viver a vida pela primeira vez. Às vezes, espero que tenhas todas as respostas, mas isso não é justo — também ainda andas à procura delas.

Craig, nunca pensei que um dia o homem que me vendeu um automóvel figuraria nos meus agradecimentos! Foste a maior distração do mundo enquanto eu escrevia este livro, mas em todos os melhores sentidos. Sempre que escrevi sobre as minhas personagens a sentirem borboletas no estômago por estarem tão apaixonadas, pensei que estava a escrever para obter um efeito dramático. Só fiquei a saber como as borboletas no estômago podem ser reais quando te conheci.